

**ALESSANDRO ANTONIO SCADUTO**

**“O Teste de Apercepção Temática (TAT) em adultos: Dados normativos  
para o sistema morvaliano”**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,  
como parte dos requisitos para obtenção do  
grau de Doutor em Ciências, Área: Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Barbieri

Co-orientador: Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos

**Ribeirão Preto**

**2016**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

## FICHA CATALOGRÁFICA

Scaduto, Alessandro Antonio.

O Teste de Apercepção Temática (TAT) em adultos: Dados normativos para o sistema morvaliano / Alessandro Antonio Scaduto; Orientadora: Valéria Barbieri; Co-orientador: Manoel Antônio dos Santos. – Ribeirão Preto, 2016.

213f. : il.; 30cm

Tese (Doutorado) --Universidade de São Paulo, 2016.

1. Teste de Apercepção Temática (TAT). 2. Normas. 3. Técnicas projetivas. 4. Técnicas de Autoexpressão. 5. Avaliação Psicológica.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: SCADUTO, Alessandro Antonio

Título: O Teste de Apercepção Temática (TAT) em adultos: Dados normativos para o sistema morvaliano.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciências, Área: Psicologia

Aprovado em:

### Banca Examinadora

Profa. Dra. Valéria Barbieri

Instituição: FFCLRP-USP

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Sonia Regina Pasian

Instituição: FFCLRP-USP

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Sonia Regina Loureiro

Instituição: FMRP-USP

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria Cecília Vilhena de Moraes Silva

Instituição: PUC-SP

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Álvaro José Lelé

Instituição: CASA HOLLOS DE REPOUSO-MG

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_



## Dedicatória

Ao final de um trabalho de fôlego como a redação de uma tese de doutorado, emoções intensas não faltam: alívio, cansaço, orgulho, temor e gratidão. Também não faltou intensidade às experiências de vida durante esse período. Entre a coleta de dados, sua (exigente) análise e a redação da tese, passei por três transições de carreira (o abandono de uma instituição de ensino para me tornar bolsista e o convite de duas outras instituições posteriormente), duas bolsas de doutorado (e seu abandono para retomar meu trabalho como docente), um acidente doméstico que por sorte não me tornou paraplégico, o retorno ao funcionalismo público e o nascimento de minha primeira filha. Os últimos quatro anos foram, definitivamente, o que os norte-americanos chamam de *lifetime* – um período de vida marcante, com um começo, meio e fim relativamente definidos no tempo. Impossível não pensar que, enquanto conduzi uma pesquisa sobre um teste psicológico baseado em histórias, eu mesmo vivi uma importante e profunda história de desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal. Daí advém o sentimento de gratidão; as páginas a seguir seriam vazias de afeto sem as pessoas que conviveram diretamente comigo e meu doutorado, este companheiro de jornada a quem, nesse momento, materializado nesta tese, se torna parte desta *lifetime* que termina.

Este trabalho é dedicado primeiramente às pessoas mais importantes em minha vida, sem os quais não teria conseguido nem começar, nem terminar essa história: a meus pais Vicente e Ana, minha esposa Lara e minha filha Stella, meus sogros Nathanael (*in memoriam*) e Vera, cá está o trabalho que me tomou tanto tempo e dedicação, nasceu!

Também dedico esse trabalho a todos os professores que interviram diretamente para minha formação como pesquisador, aos quais sou grato pelo apoio, encorajamento e inúmeros exemplos de seriedade, integridade e paixão pela pesquisa científica. À Profa. Dra. Valéria Barbieri, minha especial gratidão pelo suporte, respeito e incentivo a que eu conduzisse um projeto de pesquisa num rumo diferente ao de sua própria caminhada científica/acadêmica mais recente; nesse 11 anos como seu orientando, formal ou informalmente, sou grato pelo carinho e a orientação suficientemente boa (como diria Winnicott), no sentido de estímulo ao meu desenvolvimento autônomo, aliado à presença e apoio nos momentos de necessidade e dúvida. Ao co-orientador, Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, minha gratidão pela generosidade em acolher-me num momento de necessidade (em virtude da viagem da Valéria para a França, para seu pós-doutorado, enquanto passávamos por uma mudança burocrática), pela empolgação com as conquistas que tivemos e o fantástico apoio e colaboração nos

artigos que publicamos; espero que muitos outros continuem a serem feitos! Ainda, essa tese é dedicada ao Prof. Dr. José Lino de Oliveira Bueno, meu orientador de Iniciação Científica, pelo carinho, dedicação e incentivo a que eu continuasse a carreira acadêmica, os quais persistem até hoje; obrigado, Lino, pelo encorajamento, estímulo e companhia tão agradável nos muitos almoços juntos!

Por fim (mas não em menor importância), esta tese é dedicada aos participantes da pesquisa realizada, pelo tempo e disponibilidade para compartilhar suas histórias (tanto as vida, como as criadas para o teste), a fim de que psicólogos e pesquisadores possam compreender e participar das histórias daqueles que vierem a se beneficiar do TAT.

## **Agradecimentos**

A realização do presente estudo não seria possível sem o apoio institucional a mim concedido durante o doutorado. Expresso minha gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na forma de seu programa de Bolsas de Doutorado por Demanda Social, no período de Maio de 2012 a Fevereiro de 2013; à Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP), pelo apoio na forma de Bolsa de Doutorado concedida entre Março a Outubro de 2013; por fim, também expresso minha gratidão à Editora Pearson Clinical Brasil – Casa do Psicólogo, pelo apoio à realização da pesquisa, com a concessão do material de testagem usado na mesma em Janeiro de 2012.

O estudo aqui relatado foi possível também graças a diversos colegas psicólogos (Camila Mota Paiva, Daniele Pena da Silva, Gabriel Santos, Gisele Curi de Barros, Iara de Moura Engracia Giraldi, Licia Barcelos de Souza, Mariana Fortunata Donadon, Nichollas Areco Martins, Victor de Barros Malerba), por sua colaboração para a realização dessa pesquisa, tanto na coleta de dados como para os estudos em curso relacionados aos mesmos. A esses colegas, expresso minha gratidão pela ajuda e interesse, além de meu pesar por nossa relação profissional não ter se estendido por um tempo maior para a realização dessa pesquisa, devido a mudanças em minha carreira profissional durante o doutorado.





“A layman with refined intrceptive intuitions and beginner’s luck can often, without any experience in testing, make valid and important inferences by feeling his way into the mental environment of the author of a set of TAT stories; and even an old hand at the game must rely on the same process – empathic intuition first and last, disentangled as far as possible from personal elements. No true scientist will scorn the use of a function which when properly disciplined is capable of yielding precise and pertinent information. Of course, intuition alone is highly unreliable; what is required is a rigorously trained *critical intuition*.  
“(…) The future of the TAT hangs on the possibility of perfecting the interpreter (psychology’s forgotten instrument) more than it does on perfecting the material.”

(Henry Alexander Murray; Manual do Teste de Apercepção Temática – TAT, 1943; grifo do autor)

Capa: Dreamboats, por Norman Rockwell (1938). Fonte: Finch, C. (1990). *Norman Rockwell: 332 Magazine Covers*. Nova Iorque: Abbeville Press. (Original publicado em 1979)



## RESUMO

SCADUTO, A. A. **O Teste de Apercepção Temática (TAT) em adultos: Dados normativos para o sistema morvaliano.** 2016, 213 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

No contexto da pesquisa e utilização prática das técnicas de autoexpressão, o Teste de Apercepção Temática (TAT) apresenta reconhecidas vantagens. Apesar de linhas de pesquisa bastante desenvolvidas internacionalmente, não existem estudos atuais sobre as propriedades deste instrumento no Brasil, levantando a necessidade de conhecer seus alcances e limites nesse contexto cultural. Desse modo, o desenvolvimento de normas que descrevam o desempenho típico de uma população não clínica se mostra um importante passo inicial rumo à retomada da pesquisa com o TAT e sua adoção por profissionais. Tendo em vista que a validação das técnicas de autoexpressão se refere aos sistemas de classificação e não aos instrumentos em si, o presente estudo adotou, dentre a miríade de sistemas de categorização das histórias do TAT descritos na literatura, o sistema proposto por Monique Morval, que foi desenvolvido para estudantes e profissionais com pouca experiência com o TAT, utilizando pressupostos da Personologia de Henry Murray, Psicologia Cognitiva e Psicologia do Ego, possibilitando leituras objetivas e qualitativas do material. Considerando o potencial de utilização desse sistema por parte dos psicólogos brasileiros – visto sua semelhança com o atual sistema aprovado para uso pelo Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI) do Conselho Federal de Psicologia – foram feitos aprimoramentos no assim chamado sistema morvaliano, possibilitando sua adoção no estudo normativo proposto pelo presente projeto. Tais aprimoramentos consistiram na revisão e adição de categorias e subcategorias, a partir de trabalhos brasileiros e internacionais sobre o instrumento. Desta forma, o presente estudo teve por objetivo desenvolver normas para o TAT (Sistema Morvaliano) em adultos, a partir de uma amostra não clínica, aleatória e estratificada por critérios de idade, sexo, escolaridade e nível socioeconômico (NSE) da cidade de Ribeirão Preto (SP). Os participantes foram 100 adultos (25 a 44 anos de idade), selecionados através de visita a domicílios sorteados em bairros de diferentes NSE. Foram realizadas entrevistas de avaliação psicológica individuais, utilizando um roteiro de entrevista semiestruturada, o Teste de Inteligência Geral Não-Verbal (TIG-NV) e 20 cartões do TAT, pré-selecionados de acordo com as recomendações do manual original do instrumento. As histórias do TAT foram categorizadas no sistema morvaliano revisado e seus dados passaram por análises estatísticas e sínteses qualitativas em busca de diferenças de desempenho relacionadas ao sexo, escolaridade e NSE. Os resultados mostram poucas diferenças entre os grupos que justifiquem a elaboração de normas específicas; apesar disso, foi identificada uma tendência (ainda que pequena) de o nível de escolaridade e o NSE favorecerem um melhor desempenho nas variáveis relativas à organização formal das histórias. São discutidas as implicações dos dados obtidos em termos do perfil normativo de desempenho nas variáveis do sistema morvaliano, suas evidências preliminares de validade e futuras direções para estudos sobre o TAT nesse sistema.

Palavras-chave: Teste de Apercepção Temática (TAT), Normas, Técnicas Projetivas, Técnicas de Autoexpressão, Avaliação Psicológica.



## ABSTRACT

SCADUTO, A. A. **The Thematic Apperception Test (TAT) in adults: Normative data for the morvalian system.** 2016, 213 p. Thesis (PhD level) – Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

Within the context of research and practice with self-expression techniques, the Thematic Apperception Test (TAT) presents several advantages widely acknowledged. However, in spite of well-developed research with this instrument being seen in other countries, no recent Brazilian studies have been carried out up to date. Such situation arise the need of efforts in order to show the properties of the TAT in the current Brazilian cultural context, so that its strengths and weaknesses can be known. In this sense, the development of norms on the typical performance of a non-clinic population is an important first step toward resuming the Brazilian studies on the TAT, at the same time such norms could be used by applied professionals. Considering that the validation of self-expression techniques is related to classification systems (and not the instruments themselves), the present project adopts – among the myriad of categorizing systems for TAT stories – the one proposed by Monique Morval, which was developed for students and professionals with no experience with the TAT. Such system adopts assumptions from Henry Murray's Personology, Cognitive Psychology and Ego Psychology, providing both objective and qualitative data on the stories. Due to resemblance of this system with the one currently approved for use by the Evaluation System of Psychological Tests (Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos, SATEPSI) of the Brazilian Federal Council of Psychological, there is a potential for the adoption of such system by Brazilian psychologists. In order to carry out the present project, the now called morvalian system was improved by revising and adding new categories and subcategories, which was based on both Brazilian and international studies regarding. The present project, thus, aimed to develop norms for the TAT (morvalian system) in adults from a randomized, non-clinical sample, which was stratified in terms of age, gender, schooling and social-economical levels. The study was carried out in the city of Ribeirão Preto (Brazilian state of São Paulo), with a n = 100 sample (25-44 years of age). Participants were invited to take part of the study during visits to randomly selected houses, located in regions of different social-economical levels. Participants were individually assessed, using a semi-structured interview script, a measure of intelligence (the TIG-NV - General Non-Verbal Intelligence Test) and 20 TAT cards, selected according to the original manual of this instrument. Data was compiled with the morvalian system's categories and went through both statistically and qualitative analyzes in search for performance differences related to gender, schooling and social-economical levels. The results showed few differences across the groups, which do not support for the elaboration of specific norms. However, results also showed a significant (although small) trend for better performance of groups with better schooling and social-economical levels on the variables related to stories' formal organization. Such results are discussed in terms of their implication for describing the normative performance on the morvalian system, preliminary validity evidence and future directions for the TAT within this system.

Keywords: Thematic Apperception Test (TAT), Norms, Projective Techniques, Self-expression Techniques, Psychological Assessment.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1. Categorias de análise das histórias do TAT propostas por Murray (1943/2005). ..	26
Tabela 1.2. Estudos normativos sobre o TAT.....	37
Tabela 1.3. Funções egoicas avaliadas por meio do TAT no sistema morvaliano*.....	42
Tabela 1.4. Categorias do sistema morvaliano e funções egoicas avaliadas por estas*.....	43
Tabela 1.5. Categorias referentes à Atitude durante a tarefa (Nível de participação e Fenômenos especiais) no sistema morvaliano revisado. ....	48
Tabela 1.6. Categorias referentes à Adaptação às instruções no sistema morvaliano revisado.....	50
Tabela 1.7. Índices Formais Básicos no sistema morvaliano revisado.....	52
Tabela 1.8. Escala de Qualidade de linguagem no sistema morvaliano revisado. ....	52
Tabela 1.9. Escala de Complexidade temporal no sistema morvaliano revisado. ....	53
Tabela 1.10. Escala de Integração da narrativa no sistema morvaliano revisado.....	54
Tabela 1.11. Escala de Qualidade geral da história no sistema morvaliano revisado.....	55
Tabela 1.12. Categorias referentes ao tipo de herói e seus atributos no sistema morvaliano revisado.....	56
Tabela 1.13. Categorias referentes à Força das necessidades do herói no sistema morvaliano revisado. ....	58
Tabela 1.14. Categorias referentes à Conduta do herói (Nível evolutivo; Eficácia da conduta) no sistema morvaliano revisado. ....	59
Tabela 1.15. Categorias referentes ao Estilo da conduta do herói no sistema morvaliano revisado.....	60
Tabela 1.16. Categorias referentes ao Tipo de Vivência afetiva do herói no sistema morvaliano revisado. ....	61
Tabela 1.17. Categorias referentes ao Conjunto ou Meio (Tipo de Meio e Tipo de Pressão sobre o herói) no sistema morvaliano revisado. ....	62
Tabela 1.18. Categorias referentes ao Desfecho da História (Escala de Sucesso e Autonomia do Herói) no sistema morvaliano revisado. ....	63
Tabela 1.19. Categorias do sistema morvaliano revisado.....	65
Tabela 3.1. Cartões aplicados aos participantes do presente estudo.....	72

Tabela 3.2. Aplicação do TAT – instruções para os participantes. ....	73
Tabela 4.1. Caracterização da amostra por sexo, escolaridade e nível socioeconômico (NSE), segundo a frequência absoluta e percentual.....	79
Tabela 4.2. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Nível de participação, por cartão do TAT.....	81
Tabela 4.3. Dados normativos para a escala de Nível de participação do TAT (Sistema Morvaliano revisado). ....	81
Tabela 4.4. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o número de Fenômenos especiais, por cartão do TAT. ....	85
Tabela 4.5. Dados normativos para o número total de Fenômenos especiais no TAT (Sistema Morvaliano revisado). ....	85
Tabela 4.6. Frequências médias de Fenômenos Especiais no TAT (Sistema Morvaliano revisado). ....	86
Tabela 4.7. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de <i>p</i> ) por sexo, escolaridade e NSE das Omissões e Distorções aperceptivas nos cartões do TAT previstas por Murray (1943/2005). ....	88
Tabela 4.8. Porcentagens Totais e por Sexo das Omissões e Distorções aperceptivas não previstas em Murray (1943/2005). ....	93
Tabela 4.9. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Autonomia para a tarefa, por cartão do TAT. ....	98
Tabela 4.10. Dados normativos para a escala de Autonomia para a tarefa do TAT (Sistema Morvaliano revisado). ....	98
Tabela 4.11. Comparações <i>post-hoc</i> para o nível de escolaridade na escala Autonomia para a tarefa. ....	99
Tabela 4.12. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Atendimento às instruções, por cartão do TAT.....	101
Tabela 4.13. Dados normativos para a escala de Atendimento às instruções do TAT (Sistema Morvaliano revisado). ....	101
Tabela 4.14. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Tempo de latência (em segundos), por cartão do TAT.....	103
Tabela 4.15. Dados normativos para o Tempo de latência (em segundos) no TAT (Sistema Morvaliano revisado). ....	103
Tabela 4.16. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Tempo total (em segundos), por cartão do TAT.....	105



Tabela 4.17. Dados normativos para o Tempo total (em segundos) no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	105
Tabela 4.18. Comparações <i>post-hoc</i> para o nível de escolaridade no Tempo Total. ....	106
Tabela 4.19. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Número de palavras por história, por cartão do TAT. ....	108
Tabela 4.20. Dados normativos para o Número de palavras por história no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	108
Tabela 4.21. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Índice de Velocidade de Expressão (IVE), por cartão do TAT.....	110
Tabela 4.22. Dados normativos para o Índice de Velocidade de Expressão (IVE) no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	110
Tabela 4.23. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Índice de Rapidez de Elaboração (IRE), por cartão do TAT. ....	112
Tabela 4.24. Dados normativos para o Índice de Rapidez de Elaboração (IRE) no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	112
Tabela 4.25. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Qualidade da linguagem, por cartão do TAT. ....	114
Tabela 4.26. Dados normativos para a escala de Qualidade da linguagem no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	114
Tabela 4.27. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Complexidade temporal, por cartão do TAT. ....	116
Tabela 4.28. Dados normativos para a escala de Complexidade temporal no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	116
Tabela 4.29. Comparações <i>post-hoc</i> para o nível de escolaridade na escala de Complexidade temporal.....	117
Tabela 4.30. Comparações <i>post-hoc</i> para o NSE na escala de Complexidade temporal.....	117
Tabela 4.31. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Integração da narrativa, por cartão do TAT.....	119
Tabela 4.32. Dados normativos para a escala de Integração da narrativa no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	119
Tabela 4.33. Comparações <i>post-hoc</i> para o nível de escolaridade na escala de Integração da narrativa. ....	120
Tabela 4.34. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Qualidade geral da história, por cartão do TAT. ....	121

Tabela 4.35. Dados normativos para a escala de Qualidade geral da história no TAT (Sistema Morvaliano revisado).	121
Tabela 4.36. Comparações <i>post-hoc</i> para o nível de escolaridade na escala de Qualidade geral da história.	122
Tabela 4.37. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de <i>p</i> ) por sexo, escolaridade e NSE dos Tipos de heróis nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).	123
Tabela 4.38. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Complexidade do herói, por cartão do TAT.	129
Tabela 4.39. Dados normativos para a escala de Complexidade do herói no TAT (Sistema Morvaliano revisado).	129
Tabela 4.40. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Idealização do herói, por cartão do TAT.	131
Tabela 4.41. Dados normativos para a escala de Idealização do herói no TAT (Sistema Morvaliano revisado).	131
Tabela 4.42. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de <i>p</i> ) por sexo, escolaridade e NSE das Necessidades do herói (Primária e Secundária) mais frequentes nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).	132
Tabela 4.43. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Força da necessidade primária, por cartão do TAT.	139
Tabela 4.44. Dados normativos para a escala de Força da necessidade primária no TAT (Sistema Morvaliano revisado).	139
Tabela 4.45. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Força da necessidade secundária, por cartão do TAT.	140
Tabela 4.46. Dados normativos para a escala de Força da necessidade secundária no TAT (Sistema Morvaliano revisado).	140
Tabela 4.47. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Nível evolutivo da conduta, por cartão do TAT.	142
Tabela 4.48. Dados normativos para a escala de Nível evolutivo da conduta no TAT (Sistema Morvaliano revisado).	142
Tabela 4.49. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Eficácia da conduta inicial, por cartão do TAT.	145
Tabela 4.50. Dados normativos para a escala de Eficácia da conduta inicial no TAT (Sistema Morvaliano revisado).	145
Tabela 4.51. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Eficácia da conduta final, por cartão do TAT.	146

Tabela 4.52. Dados normativos para a escala de Eficácia da conduta final no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	146
Tabela 4.53. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de <i>p</i> ) por sexo, escolaridade e NSE das categorias referentes ao Estilo da conduta nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	147
Tabela 4.54. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de <i>p</i> ) por sexo, escolaridade e NSE das categorias referentes às Vivências afetivas do herói (inicial e final) nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado). ....	153
Tabela 4.55. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de <i>p</i> ) por sexo, escolaridade e NSE das categorias referentes ao Tipo de meio nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	158
Tabela 4.56. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Tipo de pressão do meio, por cartão do TAT. ....	160
Tabela 4.57. Dados normativos para a escala de Tipo de pressão do meio no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	160
Tabela 4.58. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Sucesso e autonomia do herói, por cartão do TAT.....	163
Tabela 4.59. Dados normativos para a escala de Sucesso e autonomia do herói no TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	163
Tabela 4.60. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de <i>p</i> ) por sexo, escolaridade e NSE das categorias referentes ao Grau de preferência pelos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).....	164



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
1.1. Breve apresentação e histórico do Teste de Apercepção Temática (TAT) .....	23
1.2. Pesquisas com o TAT .....	27
1.3. O TAT como teste psicológico: Pesquisas sobre o instrumento .....	30
1.3.1. O TAT e a questão da cientificidade das técnicas projetivas .....	30
1.3.2. Sobre a padronização do TAT .....	34
1.3.3. Sobre o desenvolvimento de normas para o TAT .....	36
1.3.4. A teoria sobre o TAT: sistemas de análise das histórias .....	38
1.4. O sistema de Monique Morval de análise do TAT: vantagens e limitações .....	41
1.5. A revisão do sistema morvaliano: em busca de uma descrição nomotética do TAT .....	45
1.5.1 Tema .....	47
1.5.2. Análise formal – Atitude durante a tarefa .....	47
1.5.3. Análise Formal – Adaptação ao estímulo .....	48
1.5.4. Análise Formal – Adaptação às instruções .....	49
1.5.5. Análise Formal – Índices formais básicos .....	50
1.5.6. Análise Formal – Qualidade da linguagem .....	52
1.5.7. Análise Formal – Complexidade temporal .....	53
1.5.8. Análise Formal – Integração da narrativa .....	54
1.5.9. Análise Formal – Qualidade geral da história .....	54
1.5.10. Tipo e atributos do herói .....	55
1.5.11. Necessidades do herói .....	57
1.5.12. Conduta do herói – Nível evolutivo e Eficácia da conduta .....	58
1.5.13. Conduta do herói – Estilo da conduta e Tipo de Vivência afetiva do herói .....	59
1.5.14. Conjunto ou Meio – Tipo de meio e de Pressão sobre o herói .....	61
1.5.15. Tipo de Desfecho da história .....	63
1.5.16. Observações gerais e Grau de preferência pelo cartão .....	64
1.5.17. Considerações finais sobre a revisão do sistema morvaliano .....	64
<b>2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>67</b>
2.1. Objetivo Geral .....	67
2.2. Objetivos Específicos .....	67
<b>3. MÉTODO .....</b>	<b>69</b>
3.1. Local .....	69
3.2. Participantes .....	69
3.3. Material .....	70
3.4. Procedimento .....	73

3.4.1. Análise dos resultados .....	75
3.5. Aspectos Éticos .....	77
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>79</b>
4.1. Desempenho da amostra nas variáveis do sistema morvaliano – análise quantitativa .....	80
4.1.1. Testes de normalidade para as variáveis ordinais .....	80
4.1.2. Atitude durante a tarefa (Nível de Participação e Fenômenos Especiais).....	80
4.1.3. Adaptação ao estímulo (Omissões e Distorções aperceptivas).....	88
4.1.4. Adaptação às instruções .....	97
4.1.5. Análise formal da história .....	102
4.1.6. Tipo de herói .....	122
4.1.7. Atributos do herói.....	128
4.1.8. Necessidades do herói.....	132
4.1.9. Conduta do herói.....	141
4.1.10. Conjunto ou meio.....	158
4.1.11. Tipo de desfecho da história.....	162
4.1.12. Grau de preferência pelo cartão .....	164
4.2. Desempenho da amostra nas variáveis do sistema morvaliano – análise qualitativa dos temas das histórias .....	167
4.2.1. Histórias típicas dos cartões universais.....	168
4.2.2. Histórias típicas dos cartões específicos .....	171
<b>5 DISCUSSÃO.....</b>	<b>175</b>
5.1. Considerações sobre as diferenças entre grupos obtidas e a distribuição dos dados .....	175
5.2. O desempenho normativo nas variáveis do sistema morvaliano e suas implicações para a pesquisa e a prática.....	181
5.3. Futuras direções para o TAT no sistema morvaliano .....	185
5.4. Considerações finais .....	189
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>205</b>
Apêndice 1: Lista de necessidades do herói, adaptada a partir de Jacquemin et al. (2003).....	205
Apêndice 2: Carta de Convite aos participantes .....	209
Apêndice 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	210
Apêndice 4: Roteiro de Entrevista .....	211
<b>ANEXOS.....</b>	<b>213</b>
Anexo 1: Fac-símile da aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP .....	213

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Breve apresentação e histórico do Teste de Apercepção Temática (TAT)

O Teste de Apercepção Temática (TAT) foi desenvolvido pela equipe coordenada por Henry A. Murray na Universidade de Harvard na década de 1930, tendo sido formalmente descrito pela primeira vez no meio dessa década (Morgan, C. & Murray, 1935). Este instrumento foi proposto como um teste para o conhecimento aprofundado da personalidade e/ou como auxiliar para o planejamento de intervenções terapêuticas de curto prazo, quando “o paciente não necessita ou não tem condições de realizar uma análise completa<sup>1</sup>” (p. 306, tradução nossa). Em síntese, o TAT se constitui em uma série de cartões com figuras para os quais se solicita à pessoa examinada que elabore uma história<sup>2</sup> a partir de cada cartão. O conjunto de dados assim obtido permitiria conhecer as “fantasias mais profundas em figuras tão dramáticas e assim, revelar a direção das tensões das quais eles [sujeitos da pesquisa] não teriam tanta consciência<sup>3</sup>” (p. 293, tradução nossa).

Segundo Anderson (1999), a principal influência para Murray se dedicar ao desenvolvimento de um teste baseado em histórias a partir de cartões foi o relato de uma de suas alunas, Cecelia W. Roberts. A partir do interesse desta última em comparar as significações atribuídas a termos como “ver” em crianças cegas e não-cegas, Roberts tentou investigar as fantasias de seu filho<sup>4</sup>, sem obter sucesso num momento inicial, por este estar gripado. Roberts então tomou um livro infantil e pediu que seu filho contasse uma história sobre uma das figuras, para o qual a criança colaborou ativamente.

---

<sup>1</sup> “(...) when the patient does not need or cannot afford a complete analysis”.

<sup>2</sup> A escolha pelo termo “histórias” (ou narrativas) ao invés do mais usualmente adotado “estórias” foi feita não apenas por razões linguísticas, mas epistemológicas. Sendo o TAT um teste psicológico, o mesmo envolve “a elaboração de inferências a partir de amostras de comportamento” (ITC, 2003, p. 11). Nesse sentido, as narrativas produzidas pelos participantes durante o teste devem ser consideradas como tais amostras, ou seja, a expressão concreta de um processo mediado por variáveis psicológicas dinâmicas. Tendo em vista que só é possível fazer inferências em Avaliação Psicológica (e de forma mais ampla, em Ciência) a partir de dados observáveis, optou-se pelo termo “história”, menos sujeito a crítica que o termo “estória”.

<sup>3</sup> “(...) their deepest fantasies into such dramatic pictures and thereby reveal directional tensions of which they are quite unconscious”.

<sup>4</sup> Apesar de parecer inusitado e pouco fidedigno para os tempos atuais que pesquisadores usem os próprios filhos como participantes de pesquisas, Anderson (1999) também relata que, em um dos primeiros experimentos em Psicologia conduzidos por Murray, sua filha foi uma das participantes. Ainda nessa direção, vale lembrar que autores clássicos como Freud e Piaget (que viveram no mesmo período histórico que Murray) também incluíram relatos de observação de seus próprios filhos quando crianças em suas obras, o que parece se constituir numa característica do *zeitgeist* desse período.

No mesmo período (início da década de 1930), Murray já estava realizando pesquisas sobre o fenômeno da apercepção, termo já existente na época e referente ao processo de atribuição subjetiva de significado a um objeto previamente percebido (sendo este último guardado para o reconhecimento de impressões sensoriais “objetivas”). Murray propôs o desenvolvimento de um instrumento que suscitasse o processo de apercepção, baseado no “fato bastante reconhecido de que quando alguém interpreta uma situação social complexa, essa pessoa está apta a contar mais sobre si mesma quanto sobre os fenômenos nos quais sua atenção está focada<sup>5</sup>” (Morgan, C. & Murray, 1935, p. 289, tradução nossa).

É importante observar que a primeira referência formal ao conceito de apercepção aparece na obra do filósofo Gottfried W. Leibniz, no séc. XVII (sobre uma discussão nessa direção, vide Hirada, 2008). No final do séc. XIX, o conceito é retomado como objeto de investigação científica por Wilhelm M. Wundt (nessa direção, vide Amaral, 2009, e Honda, 2004, que discutem as ideias de ambos os autores). Desta forma, o trabalho de Murray pode ser compreendido, por um lado, no contexto da Psicologia Funcionalista norte-americana já consolidada na época (Schultz & Schultz, 2014), a qual, por sua vez, se preocupava com o desenvolvimento de aplicações práticas da Psicologia. Por outro lado, deve-se considerar a própria história intelectual de Murray, que se aproximou da Psicologia através do contato com a Psicologia Psicodinâmica e, mais especificamente, com Jung (Anderson, 1999).

É importante ressaltar que, conforme lembrado por Silva, E. (1984) e Jacquemin, Barbieri e Okino (2003), o uso de histórias como material para o acesso a características psicológicas já havia sido explorado antes do desenvolvimento do TAT. Nesse contexto, inclui-se o estudo de Freud (1907/1996a) sobre o Romance “La Gradiva”, de Jensen, além dos trabalhos de Brittain (1907), que descreveu diferenças de gênero de crianças e Libby (1908), que estudou a atividade imaginativa de adolescentes de diferentes idades, a partir da solicitação de histórias usando figuras como estímulos eliciadores. Jacquemin et al. (2003) afirmam que o instrumento antecessor do TAT foi o Social Picture Test, proposto por Schwartz, L. A. (1932), no qual oito pranchas apresentando situações de abandono e delinquência eram apresentadas a crianças e adolescentes com tal perfil, às quais se solicitava a criação de histórias, como forma de entrevista de diagnóstico e terapia. Stein e Geiser (1999), analisando o contexto histórico da criação do TAT (ainda que sem revisar o histórico de técnicas antecessoras a esse instrumento), ressaltam que o interesse prévio de Murray no

---

<sup>5</sup> “(...) on the well recognized fact that when some one attempts to interpret a complex social situation, he is apt to tell as much about himself as he is about the phenomena on which attention is focused”.



fenômeno da apercepção e em Psicanálise, além de sua sensibilidade para as artes e a influência de Cristiana Morgan, favoreceram que ele apresentasse uma contribuição original e sintética, ainda que com as características do *zeitgeist* da Psicologia do início do séc. XX.

Os estímulos do TAT consistem em 31 cartões ou figuras, sendo um destes um cartão em branco, enquanto os restantes apresentam pessoas em interação (na maior parte dos cartões) ou cenas por vezes abstratas. Tais cartões foram desenvolvidos a partir de figuras de livros e revistas, pinturas e fotos diversas, selecionados e aprimorados ao longo de quatro séries, sendo a última proposta em 1943 e usada desde então (Murray, 1943/2005). Morgan, W. (1995, 1999) descreve em detalhes a origem de cada cartão da última série, relatando que apenas a esta foi composta por cartões impressos, sendo que, nas séries anteriores, os desenhos ou fotos eram colados em folhas de papelão. A seleção dos cartões e a elaboração das séries foram realizadas a partir dos resultados de um programa de pesquisa no qual jovens adultos foram extensivamente avaliados por meio de diferentes técnicas de exame da personalidade (incluindo o TAT), selecionando-se os cartões que apresentaram maior valor informativo para a compreensão de cada caso estudado (Murray, 1943/2005; Gieser & Stein, 1999).

Apesar da referência à teoria psicanalítica no artigo original e de sua influência no trabalho de Murray como um todo, o TAT foi fundamentado na teoria de personalidade desenvolvida por este autor, chamada de Personologia. O programa de pesquisa descrito no parágrafo anterior, bem como os fundamentos dessa teoria foram apresentados na obra *Explorations in personality* (Murray, 1938). Uma apresentação mais detalhada dessa teoria em língua portuguesa pode ser encontrada em Silva, E. (1984), Freitas (2000), Silva, M. e Montagna (2008), além de no próprio manual do TAT (Murray, 1943/2005), atualmente aprovado para uso pelo Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos – SATEPSI, do Conselho Federal de Psicologia – CFP (2001). Em síntese, a Personologia é uma teoria dinâmica de personalidade (ou seja, que descreve este construto como um arranjo complexo de variáveis interligadas entre si, cujas manifestações variam de acordo com a presença e intensidade de tais variáveis), que enfatiza aspectos motivacionais na determinação de expectativas e ações dos indivíduos nos contextos em que estes se inserem. Nesse sentido, a criação de histórias usando o TAT permitiria acessar os principais motivos da personalidade e sua configuração em relação à visão que os examinandos teriam de si mesmos e de situações interpessoais variadas nos quais estes podem se engajar ao longo de suas vidas.

Desta forma, Murray (1943/2005) propôs um sistema de análise do TAT baseado em categorias derivadas de sua teoria, apresentadas na Tabela 1.1, sistema esse classicamente descrito como baseado no esquema de necessidade-pressão. Após a categorização de cada

história, a análise de seu significado psicológico é feita para cada narrativa e para o conjunto das histórias, nas quais são buscadas regularidades e incongruências ao longo de cada categoria. O conjunto de dados assim obtido, segundo Murray (1943/2005), também pode ser analisado usando não apenas a Personologia, mas outras teorias de personalidade, como a Psicanálise.

Tabela 1.1. Categorias de análise das histórias do TAT propostas por Murray (1943/2005).

Categoria	Definição
Herói	Personagem a quem o(a) examinando(a) deu mais atenção, mais descreveu ou mais se assemelha a este(a); personagem principal da história, sobre o qual a maior parte do enredo parece girar.
Motivos, inclinações e sentimentos dos heróis	Descrição das ações dos heróis, em termos de suas principais características (estilo e tipo de vivências afetivas, por exemplo).
Necessidades dos heróis	Propostas como uma sugestão para a categoria acima, consistem em motivações ou forças provindas do herói (Gieser & Stein, 1999) que impulsionam as ações deste. Murray (1943/2005) refere 28 necessidades, mas apresenta apenas 9 delas em maiores detalhes (uma descrição mais extensa das necessidades restantes pode ser encontrada em Murray, 1938, e Silva, E., 1984). As necessidades são classificadas em termos de seu tipo, além de uma escala de sua força de 1 a 5 pontos.
Forças do ambiente do herói (pressões)	Forças ou condições ambientais (aqui entendidas como circunstâncias físicas ou sociais, bem como ações de outros personagens) descritas na história, em termos de seu efeito em relação às necessidades dos heróis, considerando critérios de singularidade, intensidade e frequência. Murray (1943/2005) refere “30 ou mais pressões que fazem parte do nosso esquema conceptual” (p. 30), descrevendo 7 dessas categorias, com suas variações.
Desfecho/Desenlace	Comparação “do poder das forças que emanam do herói com as forças originárias do ambiente” (Murray, 1943/2005, p. 31), em termos da realização ou não das necessidades do primeiro e sua reação em relação às pressões do ambiente. Esta categoria também poder ser entendida como a síntese entre necessidades e pressões, do ponto de vista do herói, em termos do resultado de suas ações para a satisfação de tais necessidades.
Tema	Interação (ou conjunto de interações) entre necessidade(s) do herói, pressão(pressões) e desfecho(s).
Interesses e sentimentos	Tipo de catexe predominante (positiva ou negativa) de personagens que tenham semelhança com figuras de referência para o(a) examinando(a), tais como homens ou mulheres mais velhas, figuras de autoridade, pessoas de mesmo sexo e idade ou do sexo oposto, por exemplo.

Fonte: Murray (1943/2005).

O TAT foi incluído no clássico artigo “Os métodos projetivos para o estudo da personalidade” (tradução nossa<sup>6</sup>), por Frank (1939), como um exemplo deste tipo de instrumento, e se consagrou como ferramenta de pesquisa e estudo da personalidade nos EUA

<sup>6</sup> “Projective Methods for the study of Personality”.

e internacionalmente. Gieser e Stein (1999), por exemplo, reportam que, na década de 1950, foram publicados mais de 100 artigos científicos incluindo o TAT como ferramenta de pesquisa ou abordando o teste em si, enquanto que, 20 anos depois, esse número havia subido para mais de 1800 publicações. Ainda, segundo os mesmos autores, o teste alcançou grande popularidade entre os psicólogos clínicos e programas de treinamento de psicólogos norte-americanos desde 1946, sendo, desde então, considerando um dos cinco testes psicológicos mais usados nesse país e internacionalmente. No Brasil, informes relativamente recentes demonstram um padrão semelhante de popularidade e adoção desse instrumento (Herzberg & Mattar, 2008; Noronha, 2002), mesmo entre psicólogos comportamentais (Oliveira, Noronha, Dantas & Santarem, 2005).

Uma das características de tal popularidade consiste na ampliação e variação do uso do TAT para além da Personologia e para além da proposta de um instrumento de avaliação clínica. Ainda, ao mesmo tempo em que se mostrou um instrumento promissor, a falta de padronização de seu uso dificulta estabelecer suas propriedades como método de avaliação, tornando-o, nas palavras de Vane (1981), o prazer do clínico e o pesadelo do estatístico<sup>7</sup> (p. 319). Ainda hoje, o TAT é objeto de debates acerca de sua especificidade como instrumento de avaliação psicológica, bem como seus alcances e limites nessa direção. As principais correntes de pesquisa envolvendo o TAT são apresentadas e debatidas no próximo tópico.

## 1.2. Pesquisas com o TAT

Após a criação e relativamente rápida ascensão do TAT como instrumento de avaliação da personalidade, novas abordagens e usos do teste foram propostos e desenvolvidos. Tais linhas de pesquisa, ainda que inspiradas pelo TAT, se constituíram em campos de estudo independentes, demonstrando o potencial do instrumento para a investigação de processos psicológicos mais específicos. Nesse sentido, o instrumento foi adotado por diversos pesquisadores como ferramenta para a investigação de construtos variados em Psicologia, ora mais amplos, ora mais específicos. De um lado, tal adoção se constituiu, basicamente, no uso de alguns dos cartões do instrumento como estímulos para o eliciar respostas específicas, em termos de construtos previamente definidos. Por outro lado, diversos estudos têm investigado as características do TAT como instrumento de avaliação psicológica *per se*, visando

---

<sup>7</sup>“(…) the test is a clinician’s delight and a statistician’s nightmare”.

demonstrar seus potenciais e limitações ou propor novas abordagens para o uso deste instrumento. Ainda nessa última direção, uma miríade de sistemas de análise das histórias do TAT foi proposta, bem como outros testes derivados deste instrumento.

As pesquisas sobre o TAT no cenário internacional e brasileiro atual são, de forma sintética, apresentadas e discutidas a seguir. Cramer (2004) afirma que a história das pesquisas com o TAT nos EUA pode ser comparada a “ondas” de interesse no instrumento, nas quais diversos estudos são publicados num curto período de tempo. A primeira dessas ondas teria ocorrido na década de 1940 e início da década de 1950, caracterizada, ainda segundo Cramer (2004), por estudos predominantemente descritivos e teóricos. A segunda onda aparece no início da década de 1960, com a predominância de estudos mais sistematizados e focados no suporte empírico e maior rigor psicométrico. Tais estudos serão abordados no próximo tópico.

A mais antiga linha de pesquisa *com* o TAT são os estudos sobre tipos de motivação ou necessidades (segundo a proposta da Personologia de Murray), iniciados por David McClelland e John Atkinson na década de 1940. A partir do interesse em estudar a relação entre motivações e percepção, John Atkinson inicialmente apresentou estímulos visuais com iluminação difusa (slides em branco) a dois grupos de pessoas com diferentes níveis de privação de comida (16 horas e 1 a 2 horas sem se alimentar), pedindo que os participantes descrevessem o que observaram. Os resultados iniciais mostraram que o grupo com mais tempo sem comer apresentou mais associações relacionadas a comida, demonstrando, numa situação experimental, o efeito de um tipo de motivação na percepção, ou, como descrito por Winter (1999), “uma medida experimentalmente derivada da expressão projetiva de um motivo” (p. 109, tradução nossa). Em experimentos posteriores, Atkinson, já em conjunto com McClelland, começaram a usar o TAT como estímulo para os estudos sobre as relações entre motivações e, a partir de então, sobre o processo de apercepção. Em 1948, esses pesquisadores demonstraram o aumento da presença de temáticas de privação de comida nas histórias do TAT de pessoas com diferentes tempos sem se alimentar (1, 4 e 16 horas), conforme o aumento do tempo de privação.

Os trabalhos posteriores de McClelland e Atkinson se voltaram para a busca por uma medida padronizada, usando o TAT (e, posteriormente, outros cartões ilustrando situações mais cotidianas e menos carregadas de emoção), para a necessidade de realização (ou nAch), o que permitiu o desenvolvimento posterior de estudos sobre outras motivações com o mesmo método. Em síntese, tratava-se da evocação de um motivo e o registro apurado de sua presença nas histórias criadas a partir dos cartões do TAT, por meio da comparação de

características das narrativas de grupos em diferentes condições de evocação do mesmo motivo. Tais pesquisas, sobre a necessidade de poder (nPower), afiliação (nAff) e intimidade (nIntimacy), são brevemente descritas por Cramer (2004) e Winter (1999).

A importância das pesquisas da “tradição McClelland-Atkinson” (Cramer, 2004) foi a de demonstrar a viabilidade do TAT como ferramenta para pesquisas científicas sobre personalidade ou variáveis mais específicas deste construto, a partir de medidas derivadas empiricamente de condições controladas, o que permite o uso desse instrumento para além do contexto puramente clínico.

Outras linhas de pesquisa com o TAT (também descritas por Cramer, 2004 e Winter, 1999) abordaram temas como o medo de obter sucesso (*fear of success*), autodefinição (*self-definition*), estilos de adaptação a eventos de vida importantes (*psychological stances of adaptation*), motivações sexuais (em termos de sua expressão nas histórias, ou sua repressão) e estilos de maestria egoica para o enfrentamento do estresse (*style of Ego Mastery*).

No Brasil, as pesquisas com o TAT se constituem, em sua maioria, em descrições de características de personalidade de populações específicas ou em situações especiais. Outros estudos, contudo, adotaram estímulos do TAT ou nele se inspiraram para objetivos mais específicos. Com relação ao primeiro tipo de pesquisas, o TAT foi usado mais recentemente em estudos na área de saúde sobre a escolha da profissão médica em alunos do curso de Medicina (Milan et al., 2005) e para a compreensão de aspectos psicológicos de pessoas com quadros como insônia crônica (Rossini, 2001), indicação para cirurgia cardíaca de implante valvar (Dorneles, 2001) e transplante de medula óssea (Campos, Bach & Alves, 2003), adolescentes em depressão (Monteiro & Lage, 2004) e com câncer (Bigheti, 2005), transtorno de personalidade *borderline* (Antúñez & Santoantonio, 2004), câncer de mama e do aparelho digestório (Bandeira & Barbieri, 2007), adolescentes grávidas em hospital geral (Iwata, Rosa & Valente, 2013) e usuários abusivos de substâncias psicoativas (Scaduto, Barbieri e Santos, 2014c). Já em contextos jurídicos, o TAT foi usado em estudos sobre pessoas em processos por disputa de guarda (Castro, 2001; Lago & Bandeira, 2008).

Ainda com relação a esse tipo de pesquisas, foram encontrados outros estudos brasileiros, em sua maioria dissertações e teses, nas quais o instrumento foi adotado. Como não se pretende realizar uma enumeração exaustiva de tais estudos, são apresentadas apenas as linhas de pesquisa nas quais os mesmos podem ser agrupados e um exemplo de cada linha. Em síntese, o TAT foi usado mais recentemente em estudos sobre temas como representações de maternidade e vivências de mulheres grávidas (Barros, 2004), representações sobre paternidade (Tomé & Schermann, 2004) e vínculos conjugais (Carvalho & Paiva, 2010).

Ainda, outros estudos brasileiros usando o TAT abordaram temas variados como representações sociais de adolescentes e adultos em situação de reclusão ou aprisionamento (Catão, 2001), características de personalidade de idosos com mais de 80 anos (Mengarda, 2002), estudos experimentais em psicologia evolucionista (Souza, 2010) e movimentos oculares de pessoas com esquizofrenia (Lukasova, Zanin, Chucre, Macedo & Macedo, 2010). Souza (2004) alterou cartões selecionados do TAT, inserindo imagens de moedas e/ou sua troca, visando estudar a percepção do dinheiro em técnicas aperceptivo-temáticas. Por fim, Miranda, Furegato, Simpson e Azevedo (2007) apresentaram reflexões sobre o uso de estímulos baseados no TAT e no procedimento de Desenhos-Estórias como forma de acessar representações sociais do envelhecimento humano.

Apesar de sucinto, o panorama de estudos com o TAT aqui apresentado permite observar que os mesmos compartilham entre si de uma grande variabilidade do uso dos cartões do instrumento e de sistemas para análise dos dados, o que dificulta avaliar as propriedades dos cartões *per se* (sobre esse tema, vide o próximo tópico). Por outro lado, observa-se na pesquisa internacional com o instrumento uma maior homogeneidade em termos de linhas de pesquisa do que na literatura brasileira. Essas diferenças demonstram, por um lado, a diversidade de usos do instrumento; por outro lado, também demonstram a falta de continuidade de tais iniciativas, o que dificulta avaliar os alcances e limitações do uso do TAT como ferramenta de investigação da personalidade (ou de construtos a ela relacionados) no contexto sociocultural brasileiro.

As pesquisas sobre as características do TAT nessa direção são apresentadas no próximo tópico, assim como uma discussão de seu *status* atual no Brasil.

### **1.3. O TAT como teste psicológico: Pesquisas sobre o instrumento**

#### **1.3.1. O TAT e a questão da cientificidade das técnicas projetivas**

O uso do TAT no Brasil tem apresentado diversos desafios relacionados ao *status* das chamadas técnicas projetivas ou de autoexpressão<sup>8</sup>. Tais desafios se assemelham, por um lado, àqueles apontados na literatura internacional sobre o tema, enquanto outros se referem à especificidade do uso desse tipo de instrumento no contexto sociocultural brasileiro.

---

<sup>8</sup> Ao longo deste trabalho, tais termos serão usados de forma indistinta entre si, ainda que advogemos pelo uso do termo “técnica de autoexpressão” ao invés de “técnica projetiva”, em consonância com a proposta de Meyer e Kurtz (2006).

Um desses desafios se refere à delimitação dos alcances e limites dos métodos projetivos no contexto da avaliação psicológica e da Psicologia, num sentido mais amplo. Bandeira, Trentini, Winck e Liberknecht (2006), abordando especificamente as técnicas projetivas, relembram a importância de não se entender projeção apenas como um mecanismo de defesa, conforme definido nos primeiros artigos de Freud (marcadamente, Freud 1911/1996), mas como “o processo no qual o sujeito expressa, no meio externo, seus conflitos, pensamentos e sentimentos” (p. 131), posição também compartilhada na obra posterior de Freud, conforme teóricos da psicanálise mais recentes, como Chabert (1998/2004), que assevera que a projeção se relaciona ao desenvolvimento das noções de sujeito/objeto e subjetivo/objetivo. Além disso, as mesmas autoras propõem a complementaridade entre testes psicométricos e projetivos, bem como a necessidade de uma adequada capacitação do profissional para uma prática de avaliação psicológica com maior qualidade. Por fim, Bandeira et al. (2006) também criticam a ênfase na objetividade proclamada pelos testes psicométricos como única forma de descrever fenômenos psicológicos, advogando a importância de clarificar os pressupostos referentes ao método de investigação e ao construto a ser avaliado, independente do tipo de instrumento.

Fensterseifer e Werlang (2008), discutindo a cientificidade das técnicas de autoexpressão, descrevem o surgimento da chamada Psicologia Projetiva, influenciada pela Psicanálise insurgente, e os primeiros instrumentos desenvolvidos a partir desse modelo. Essas mesmas autoras abordam as compreensões sobre essas técnicas a partir de outras teorias que não a psicanalítica, enfatizando sua importância para a obtenção de dados idiográficos e dinâmicos sobre o examinando, relacionados à sua percepção do mundo externo, mediada por fatores internos. Por fim, apresentam um panorama das críticas a essas técnicas (fracos índices psicométricos e a baixa qualidade metodológica das pesquisas com tais instrumentos).

Um dos trabalhos mais contundentes nessa direção é o de Lilienfeld, Wood e Garb (2000), que realizaram uma meta-análise de pesquisas usando o Rorschach, TAT e o DFH – Desenho da Figura Humana, demonstrando a escassez de suporte empírico para diversas das medidas derivadas de tais técnicas. Apesar de importantes contrapontos a esse trabalho (Hibbard, 2003; Meyer, 2004) apontarem suas falhas metodológicas, não se pode negar a necessidade de pesquisas que mostrem a validade, fidedignidade e os contextos nos quais esses instrumentos se mostram mais adequados (Fensterseifer & Werlang, 2008; Primi, 2010; Villemor-Amaral, 2006).

Conforme apontado por Fensterseifer e Werlang (2008), os fenômenos que a psicologia projetiva busca descrever são necessariamente complexos, demandando técnicas de

investigação que abordem a inter-relação entre diversas variáveis (para uma discussão semelhante, vide Ainsworth, 1951 e Villemor-Amaral, 2006). Também é importante ressaltar o caráter dinâmico de tais variáveis, ou seja, sua inter-relação na determinação do comportamento, além de que (1) sua interpretação só adquire sentido num contexto específico, (2) são multideterminadas (quer dizer, relacionadas a diversos fatores) e (3) apresentam múltipla função, ou seja, não se relacionam a apenas um único resultado em termos do seu efeito nem mesmo a apenas uma fonte de motivação psíquica (Meissner, 2007).

McAdams (1995) propõe a descrição da personalidade em três níveis por ele entendidos como independentes, tanto no nível epistemológico quanto no nível conceitual. O primeiro deles (chamado pelo autor de “Psicologia do Estranho”<sup>9</sup> – tradução nossa) consiste nos traços gerais ou disposições básicas da personalidade, situando-se num nível descritivo, ou seja, em “como é” a personalidade. Para esse nível, modelos teóricos como o dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (também conhecido como modelo Big Five) se mostrariam como os mais adequados, em virtude de seu foco em características da personalidade que, ainda que gerais, permitem uma descrição inicial de pessoas em termos de suas disposições básicas. O nível II (denominado de “Preocupações pessoais”<sup>10</sup> – tradução nossa) se refere a construtos com bases motivacionais e relacionadas a períodos do desenvolvimento, além das estratégias para alcançar objetivos em contextos, momentos de vida e situações específicas. Desta forma, o nível II se constituiria em descrições do “porque é assim” da personalidade. Por fim, o nível III da personalidade, conforme descrito por McAdams (1995) consistiria na descrição da identidade na idade adulta, ou seja, na unidade e sentido da vida percebidos pelo indivíduo *como uma história*<sup>11</sup>, em termos tanto de sua adaptação ao contexto sociocultural de que faz parte quanto da percepção de si mesmo como uma pessoa única. Desta forma, o nível III consistiria da descrição de “quem sou eu” da personalidade adulta.

Para McAdams (1995), o TAT e outros métodos baseados em histórias permitem investigar as características de qualquer um dos níveis da personalidade, ainda que tais métodos pareçam ser mais adequados descrição dos níveis II e III, em virtude de sua semelhança com os construtos descritos nesses níveis. Contudo, McAdams alerta para que, ao fazer uso de tais métodos, não se confunda as histórias com os construtos em si, mas como medidas de tais construtos. Nesse sentido, a descrição da personalidade proposta por

---

<sup>9</sup> “Psychology of the Stranger”.

<sup>10</sup> “Personal Concerns”.

<sup>11</sup> A descrição da identidade como a vivência de uma história pessoal é adotada não só por McAdams, ele próprio um pesquisador do TAT, mas também por Cramer (2004).



McAdams (1995) se constitui em uma alternativa à oposição entre técnicas “psicométricas” e “projetivas” de personalidade, ao permitir entender que tais técnicas abordam construtos *diferentes* e não necessariamente o fazem com maior ou menor objetividade.

Desta forma, as técnicas projetivas se opõem à proposta de análise de fenômenos isolados ou unidimensionais, os quais podem ser mais adequadamente investigados a partir dos pressupostos da Teoria Clássica dos Testes e da Psicometria tradicional. Não se trata aqui de afirmar que as propriedades psicométricas das técnicas de autoexpressão não são passíveis de análise, mas de que as estratégias para tanto devem ser repensadas, visto que os pressupostos da Psicometria tradicional são inadequados para avaliá-las (McAdams, 1995; Cramer, 1999; 2004; Holt, 1999; Jenkins, 2008; Lundy, 1985; Teglasi, 2010).

Em seu trabalho clássico sobre os métodos projetivos, Anzieu (1965/1981) discute a validação das técnicas projetivas também recorrendo às sugestões de Ainsworth (1951). Além de enfatizar que a validação de tais técnicas se assemelha à validação de hipóteses, devido à complexidade dos fenômenos que estas abordam, Ainsworth relembra que a validação se refere aos sistemas de classificação e não às técnicas em si. Cramer (1999), por exemplo, cita trabalhos de sua autoria que partiram desse princípio, mostrando oscilações do tipo de defesas presentes nas histórias do TAT em condições de stress, demonstrando a sensibilidade do seu *Defense Mechanisms Manual* (DMM), sistema que tem mostrado evidências de validade e fidedignidade em diversos contextos (Cramer, 1999; Meyer, 2004). Para a validação das técnicas projetivas, Anzieu (1965/1981) recomenda estratégias de pesquisa nas seguintes direções: padronização de sua aplicação; estudo da relação sujeito-examinador; desenvolvimento de normas (a fim de impedir uma mera “interpretação configuracional *intuitiva*” [grifo do autor, p. 238]); análise de cada elemento na configuração global dos resultados (que poderia ser atingida por delineamentos experimentais); criação de técnicas projetivas “simples, limitadas a um aspecto da personalidade” (p. 241), cuja validação seria mais simples, e aplicações de testes projetivos de diferencial semântico.

No Brasil, a necessidade de demonstrar as propriedades do TAT como teste psicológico tem especial importância devido às especificidades deste contexto. Desde 2003, com a criação do SATEPSI (Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos) pelo Conselho Federal de Psicologia, a atualização de normas e a validação psicométrica de instrumentos de autoexpressão se tornaram uma condição necessária para seu uso em contextos aplicados. Ainda que as técnicas de autoexpressão ofereçam grande riqueza de dados ao nível idiográfico (isto é, da comparação do indivíduo consigo mesmo; Tavares, 2003), os critérios do SATEPSI para o parecer favorável de um teste incluem a apresentação de estudos de validade e precisão em nível nomotético (isto é, da comparação de grupos de indivíduos entre si; Tavares, 2003).

A distinção entre estes dois níveis de descrição (idiográfico e nomotético) se refere, em última instância, a duas ordens diferentes de informação, que tenderam a ser percebidas como opostas no debate sobre a cientificidade das técnicas projetivas ou de autoexpressão. Mais recentemente, com o parecer desfavorável de algumas técnicas de autoexpressão pelo SATEPSI (notadamente, o Teste das Fábulas e o Psicodiagnóstico Miocinético – PMK<sup>12</sup>), discussões acerca da cientificidade e validade de tais técnicas voltaram à tona, com importantes argumentos críticos aos critérios do SATEPSI para que um teste tenha parecer favorável (Alves, 2006; Silva, 2011) e recomendações para que as pesquisas sobre técnicas de autoexpressão cumpram tais critérios (Primi, 2010; Villemor-Amaral, 2006; Fernstenseifer & Werlang, 2010 e Scaduto & Barbieri, 2013). Fora do país, outros autores têm se debruçado sobre a mesma questão (Cramer, 1999; 2004 e Meyer, 2004), apontando que as técnicas de autoexpressão são importantes e confiáveis ferramentas, que necessitam, como qualquer recurso científico, de adequadas evidências de seus potenciais e limitações. Para tanto, são necessárias pesquisas de alta qualidade metodológica, a fim de abarcar a complexidade dos fenômenos que tais técnicas abordam.

Nas seções seguintes, apresenta-se um panorama da pesquisa e desafios da validação do TAT como teste psicológico, tanto internacionalmente como no Brasil. A divisão entre essas seções de baseou nas etapas para tal validação, conforme propostas por Anzieu (1965/1981).

### **1.3.2. Sobre a padronização do TAT**

As proposições de Anzieu (1965/1981) para a validação de instrumentos de autoexpressão, bem como os desafios para implantá-las, podem ser observadas na pesquisa e prática atuais com o TAT, especialmente no cenário internacional. Com relação à padronização da aplicação do instrumento, destaca-se uma importante diferença entre a prática internacional e a brasileira, referente ao número de cartões aplicados.

Aronow, Weiss e Reznikoff (2001), por exemplo, afirmam que a prática clínica com esse instrumento inclui de 10 a 14 cartões, recomendando “até menos, no interesse da

---

<sup>12</sup> Alves e Esteves (2004) e Alves (2012, comunicação por email) ressaltam que o PMK e o Teste Palográfico são técnicas expressivas e não projetivas ou de autoexpressão, tendo em vista que as mesmas não abordam dimensões de conteúdo pessoal do comportamento, mas sim da forma do mesmo. Contudo, devido ao paradigma de investigação (e validação) destas técnicas se assemelhar ao das técnicas de autoexpressão, sua menção aqui deve ser considerada com esta ressalva. Além disso, o parecer desfavorável do PMK no SATEPSI foi um importante estopim do debate entre técnicas “projetivas” e “objetivas” – usamos as aspas aqui por considerar esta divisão infértil e mesmo obsoleta, em concordância com Meyer e Kurtz (2006).

praticidade” (p. 6, tradução nossa<sup>13</sup>). Morris I. Stein, que foi assistente de pesquisa de Murray durante o desenvolvimento do TAT, reportou num relato sobre sua abordagem com o instrumento (Stein, 1999) que, para fins de psicodiagnóstico, utiliza a aplicação completa do instrumento com 20 cartões, mas que, para fins de seleção de pessoal, usa menos cartões do instrumento, incluindo outros que tenham sido desenvolvidos para fins mais específicos. Jenkins (2008) apresenta sistemas de codificação das histórias que usam entre 1 e 20 cartões para a obtenção de dados. O TAT na chamada Escola de Paris (Brelet-Foulard & Chabert, 2003/2005) utiliza 16 cartões dos 31 do conjunto, aplicando 14 deles (pré-selecionados de acordo com o sexo e faixa etária) em uma única entrevista.

No Brasil, a única forma do TAT aprovada pelo SATEPSI (Murray, 1943/2005) é a proposta pelos criadores do instrumento, que recomendam a aplicação de 20 dos 31 cartões do conjunto em duas entrevistas, além de uma terceira entrevista para discussão das histórias com a pessoa examinada. Apesar de tal recomendação técnica, as pesquisas brasileiras mais recentes com o instrumento usaram formas reduzidas do mesmo. A única exceção encontrada na pesquisa bibliográfica realizada foi o estudo de caso de uma jovem com transtorno de personalidade borderline na abordagem fenômeno-estrutural, conduzido por Antúnez e Santoantonio (2004), referindo a aplicação do TAT e outros instrumentos.

A ausência de padronização observada em tais estudos se refere, por um lado, a seus objetivos específicos, nos quais o TAT não se constituiu no objeto de estudo em si, mas serviu como instrumento para a avaliação de temáticas específicas da personalidade, conforme apresentadas em seu manual (Murray, 1943/2005). Por outro lado, tais diferenças metodológicas impedem uma apreciação do grau de generalização das conclusões a partir de estudos usando esse instrumento (Keiser e Prather, 1990; Scaduto e Barbieri, 2014; Vane, 1981). Enquanto no Brasil, a pesquisa com o instrumento faz uso de versões reduzidas do mesmo, apesar de recomendações técnicas recomendarem a aplicação do conjunto completo dos cartões, a literatura internacional mostra maior variabilidade tanto no uso aplicado como em pesquisa. Apesar disso, a escolha por tais metodologias parece se basear mais numa alegada praticidade ou preferência teórica prévia do que em evidências empíricas que justifiquem ou mesmo validem tal escolha.

Desta forma, pode-se concluir que, sem estudos atualizados que contemplem todos os cartões dessa técnica na discussão dos fenômenos que podem ser acessados pela mesma, não

---

<sup>13</sup> No original, “The present authors suggest even fewer [TAT cards], in the interest of practicality”.

é possível conhecer os alcances e limites do TAT como um todo (Fensterseifer & Werlang, 2008, Keiser & Prather, 1990; Scaduto & Barbieri, 2013, Vane, 1981).

### **1.3.3. Sobre o desenvolvimento de normas para o TAT**

O desafio em definir os alcances e limites do TAT se acirra ao se considerar a necessidade de normas para este e outros métodos projetivos. A importância de tais normas reside na possibilidade de comparação do desempenho dos examinandos com um grupo de referência, o que aumenta o valor da interpretação dos dados (Anzieu, 1965/1981), além de permitir uma apreciação mais específica do papel de cada variável no conjunto de dados obtidos com o uso de tais métodos. No caso do TAT, pode-se afirmar que a ausência de normas atualizadas se constitui em seu déficit mais significativo, especialmente no Brasil.

A Tabela 1.2 apresenta estudos normativos com o TAT realizados tanto no Brasil como no exterior, nos últimos 60 anos. As referências listadas na Tabela 1.2 foram encontradas nos bancos de dados PsychInfo, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Psi) e Scielo, assim como em capítulos de livros sobre o TAT. Para os estudos em que não foi possível ter acesso ao texto original, foram usadas as descrições dos autores que os citaram. Nessa lista, não foram incluídas pesquisas em que não foi possível acessar os dados sobre a população estudada e variáveis descritas. Outros estudos normativos são citados em Ávila-Espada (2000), Herzberg (2000) e Cramer (2004). Na Tabela 1.2, apenas são citados estudos com adultos usando a série completa do TAT (20 cartões; a única exceção é o estudo de Rosenzweig & Fleming, 1949, em que foram empregados apenas 12 cartões).

Como pode ser observado, os estudos normativos com o TAT geralmente empregam amostras pequenas, se comparados a estudos com outras técnicas de avaliação psicológica, mesmo de autoexpressão. Ainda, observa-se uma grande diferença entre os sistemas de codificação e apresentação dos dados, ainda que algumas variáveis (tais como tempo de latência e total, omissões e distorções, por exemplo) possam ser comparadas entre diferentes sistemas, visto que as instruções de aplicação não variaram entre os estudos mencionados.

Tabela 1.2. Estudos normativos sobre o TAT.

Estudo	População estudada	Variáveis descritas
Ávila-Espada (1985, apud Ávila-Espada, 2000)	49 homens, 51 mulheres (14-53 anos, sem histórico psiquiátrico, de diversas classes sociais e anos de estudo); dados coletados no final da década de 1970	Tempo de Latência (TL), Tempo Total (TT), Número de palavras, Índice de Velocidade de Expressão (1) e Índice de Rapidez de Elaboração (2), principais temas das histórias, cartões preferidos e preteridos, tonalidade emocional e desfecho das histórias.
Eron (1950, 1953)	50 homens universitários e 100 homens de três grupos clínicos (ERON, 1950); mulheres universitárias e mulheres grávidas numa clínica obstétrica (ERON, 1953)	Principais temas das histórias, identificação dos personagens e objetos (meio), tonalidade emocional, distorções, características formais incomuns e desfechos das histórias.
França e Silva 1953, 1954, apud Herzberg, 2000)	250 (França e Silva, 1953) e 500 adultos (França e Silva, 1954), de ambos os sexos (20-35 anos, atendidos em um serviço de psicologia, de população não-clínica e de uma amostra de delinquentes)	Principais temas das histórias.
Rosenzweig e Fleming (1949)	50 homens e 50 mulheres (20-40 anos, sem histórico psiquiátrico, mais de 10 anos de estudo)	TL, TT, número de palavras, principais temas das histórias, identificação dos personagens e objetos (meio), omissões de detalhes, desfecho das histórias.
Schwartz, L. e Caride (2004a, 2004b)	60 pessoas de ambos os sexos (20-35 anos, sem histórico psiquiátrico, classe média, mais de 10 anos de estudo)	Histórias banais, distorções e omissões de detalhes para cada cartão.

(1) Índice obtido através da divisão do Número de Palavras por  $(TT - TL)$ .

(2) Índice obtido através da multiplicação de 100 por  $(TL/TT)$ .

Conforme apontado por Herzberg (2000), após os trabalhos pioneiros de França e Silva na década de 50, registra-se apenas esforços pontuais em desenvolver normas para o TAT no Brasil. Mesmo nos Estados Unidos, onde, tal como no Brasil, o teste é muito popular entre profissionais clínicos, os últimos estudos normativos são do final da década de 90 (vide, por exemplo, Bellak, 1999). Num momento em que a pesquisa em Avaliação Psicológica passa por uma importante revitalização no Brasil, nota-se que a preocupação expressa por Herzberg (2000) com relação à escassez de normas para o TAT ainda se mostra atual.

Pasian (1998) e Pasian e Loureiro (2010) discutem a importância do desenvolvimento de normas, enfatizando os esforços nessa direção para com o Psicodiagnóstico de Rorschach. Além de cumprir um requisito para que se conheça as características psicométricas de um determinado instrumento, as mesmas autoras afirmam que o desenvolvimento de normas está diretamente relacionado à validade das interpretações que derivam dos dados deste, especialmente no nível nomotético (ou seja, da comparação dos indivíduos entre si). Apesar da riqueza das técnicas projetivas residir nos dados idiográficos que estas provêm, pode-se afirmar que uma apreciação completa desses dados implica na integração (e não oposição) entre esses dois níveis de descrição.

Nesse sentido, Tavares (2003) afirma que, apesar de os dados do TAT terem alto teor idiográfico, é possível estabelecer procedimentos de validade para esse instrumento. Ainda que Tavares tenha se referido ao que chamou de validade clínica, diversos estudos internacionais descrevem sistemas de codificação objetiva (permitindo análises psicométricas) sem que dados idiográficos sejam perdidos (Cramer, 1999; 2004; Jenkins, 2008).

É importante ressaltar que a integração de diferentes níveis de interpretação se constitui num dos primeiros passos no processo de validação de técnicas de autoexpressão. Nesse sentido, Davids (1973) relembra uma importante observação feita por McClelland (1966) de que esforços devem ser feitos para mostrar *sob quais condições* a associação entre pensamento e ação (ou seja, entre as respostas dadas aos estímulos das técnicas projetivas e comportamentos observáveis) é positiva, negativa ou inexistente, buscando estabelecer correlações em determinados contextos através de procedimentos que permitam observar os dois tipos de resposta adequadamente. Nesses termos, o desenvolvimento de normas permitiria um primeiro nível de descrição, possibilitando pesquisas posteriores.

Ainda, o desenvolvimento de normas para o desempenho do TAT permite atender à terceira recomendação de Anzieu (1965/1981), referente à análise de cada elemento de uma determinada técnica projetiva na configuração global dos resultados. Nesse sentido, a apreciação do valor de uma variável no contexto do desempenho de uma amostra normativa em conjunto com estudos sobre seu peso para a compreensão da personalidade em situações mais específicas se constituiria num segundo nível da articulação dos dados, sejam eles nomotéticos ou idiográficos. Com relação ao TAT, pesquisas internacionais nessa direção apresentam importantes avanços; no Brasil, observa-se uma escassez de tal iniciativa.

#### **1.3.4. A teoria sobre o TAT: sistemas de análise das histórias**

Conforme discutido por Anzieu (1965/1981) e Murray (1943/2005), não faz sentido falar em normas ou em validação dos estímulos usados nos métodos de autoexpressão, mas sim de tais esforços para sistemas de análise dos dados obtidos por meio de tais instrumentos<sup>14</sup>. No caso do TAT, o desenvolvimento e escolha por um sistema implica na consideração de diversos fatores. Fensterseifer e Werlang (2008) citam trabalhos que

---

<sup>14</sup> Apesar dessa ideia parecer específica à pesquisa com as técnicas de autoexpressão, é importante ressaltar que ela também subjaz à compreensão contemporânea de validade dos testes psicológicos, que se refere, segundo Urbina (2004/2007), ao grau de adequação das inferências feitas a partir dos resultados de um instrumento de medida acerca do de seu fim proposto, e não da adequação dos resultados em si.

identificaram mais de 40 sistemas diferentes de análise do TAT (para uma apreciação de alguns destes, vide Jenkins, 2008, por exemplo). Critérios como número de cartões a serem aplicados, tipo de variáveis codificadas, construtos avaliados e tempo gasto para a categorização dos dados variam enormemente ao longo desses sistemas, permitindo abordagens puramente idiográficas ou a identificação de aspectos predominantemente objetivos/quantitativos no desempenho dos examinandos.

No Brasil, as reflexões teóricas mais recentes sobre o TAT são esparsas, se constituindo, predominantemente, em descrições de sistemas de análise consagrados na literatura sobre o instrumento (Silva, 1988; Freitas, 2000; Silva & Montagna, 2010; Werlang, 2000), ou revisões de cunho didático (Jacquemin et al., 2003). Telles (2000) problematiza o conceito de projeção envolvido no TAT, apresentando uma metodologia de avaliação das histórias a partir de princípios psicodinâmicos e cognitivos, visando à descrição do que a autora chamou de “estrutura estruturante”, que regularia a forma como o indivíduo percebe a si mesmo e a realidade, bem como os afetos e ações pertinentes aos mesmos. A proposta de Telles (2000) se assemelha ao sistema de codificação descrito por Teglasi (2010; vide também Silva & Montagna, 2010), que parte do modelo de cognição social e da teoria dos *schemas* para estudar a forma como examinandos (especialmente crianças em idade escolar) organizam a experiência anterior e, a partir daí estruturam a experiência atual.

Parada e Barbieri (2011) discutiram a influência de fatores históricos e socioculturais na capacidade de os estímulos do TAT captarem a subjetividade dos examinandos na contemporaneidade. Além de apontar para concepções de gênero e conjugalidade implícitas nos cartões do instrumento (em última instância, relacionadas ao *zeitgeist* americano das décadas de 1930 e 1940), essas mesmas autoras lembram que as situações ilustradas nesses estímulos são frequentemente percebidas como antigas pelos examinandos, o que deve ser levado em consideração para a análise de seu desempenho, a fim de que dificuldades de descrição dos cartões não sejam entendidas estritamente como dificuldades adaptativas da pessoa examinada. Por outro lado, Silva (1983; 1988) demonstrou que, apesar da percepção dos estímulos do TAT como antigos, as histórias relatadas aos mesmos não apresentam diferenças relevantes em relação a cartões com detalhes atualizados. Ainda nessa direção, Brelet-Foulard & Chabert (2003/2005) destacam que o caráter antigo dos estímulos não se constitui numa dificuldade, já que um dos objetivos do teste, no sistema da Escola de Paris, seria o exame das *imago* fundamentais da pessoa examinada.

Na literatura internacional, duas linhas de pesquisa se destacaram nas últimas décadas, propondo medidas mais específicas a partir do TAT (e usando poucos cartões), demonstrando

adequadas propriedades psicométricas e dados úteis para contextos de avaliação clínica. A primeira dessas linhas foi a do *Defense Mechanisms Manual*, proposto inicialmente por Cramer (1987), que desenvolveu medidas da intensidade do uso de mecanismos de defesa (Negação, Projeção e Identificação). Como já exposto anteriormente, diversos estudos mostram boas evidências de validade e fidedignidade para esse sistema em diferentes populações, como crianças, adolescentes, adultos pacientes psiquiátricos (para uma síntese e apresentação de tais evidências, vide Cramer 1999; 2004).

A segunda linha de pesquisa sobre o TAT de maior relevância atual congrega os estudos de Drew Westen e colaboradores, que desenvolveram escalas para a avaliação da cognição social e das relações objetais (as chamadas SCORS, inicialmente descritas em Westen, 1991), unindo pressupostos psicodinâmicos e da psicologia cognitiva social e apresentado evidências de validade e fidedignidade satisfatórias em grupos psiquiátricos e populações não clínicas (Cramer, 1999, Meyer, 2004, Westen, Lohr, Silk, Kerber & Goodrich, 2002).

Apesar de estas pesquisas mostrarem a riqueza de possibilidades investigativas que podem ser derivadas do TAT, algumas críticas podem ser tecidas, se considerarmos a possibilidade do uso de tais sistemas de codificação no Brasil. Primeiramente, tais modelos de pesquisa foram conduzidos em sua maioria usando poucos cartões, cuja escolha quase sempre é justificada como a busca por uma temática suscitada por cartões específicos (*card pull*), com a referência a estudos normativos desatualizados ou mesmo a ausência de descrição de evidências para tanto – evidências de desatualização das normas americanas do TAT são reportadas por Alvarado (1994), por exemplo. No caso dos estudos dentro da chamada “tradição McClelland-Atkinson” (Cramer, 2004), os trabalhos iniciais consistiam da aplicação de diversos cartões, até que um se mostrasse mais sensível para suscitar a expressão de um determinado tipo de motivação. Contudo, na maior parte dos estudos mais atuais, a justificativa da escolha de cartões pelo critério “clínico” é mais regra do que exceção.

Não se pretende aqui desvalorizar o uso do senso clínico, mas sim atentar para a importância do rigor e clareza metodológica em pesquisas científicas, a fim de que resultados semelhantes possam ser obtidos em diferentes contextos. Sem uma apreciação empírica das características do desempenho em cada cartão – independente do fenômeno que se deseja estudar – a generalização dos resultados pode ser comprometida. Essa questão é importante especialmente no contexto brasileiro, em que, historicamente, a má qualidade da adaptação de instrumentos de avaliação internacionais levou ao descrédito maciço da avaliação psicológica por pesquisadores e profissionais até o fim da década de 1990 (Alves, 2009). Tal situação tem



sido revertida, sendo possível falar em um “renascimento” da área mais atualmente. Contudo, ainda são observadas importantes dificuldades para a consolidação da avaliação psicológica (e mais especificamente, do uso de técnicas projetivas), especialmente no que tange à formação de profissionais nessa área – sobre esse tema, vide, por exemplo, Alves (2009), Hazboun e Alquieri (2013), Mendes, Nakano, Silva e Sampaio (2013), Primi (2010).

Enquanto a adoção de procedimentos de avaliação mais específicos usando o TAT no Brasil demanda uma agenda de pesquisa de longo prazo, esforços prévios a essa adoção se mostram mais importantes no momento, a fim de aprimorar o uso atual desse instrumento no país. A fim de expandir as possibilidades de avaliação propiciadas pelo uso do TAT, entende-se como necessária uma etapa anterior de descrição do desempenho geral ao longo dos cartões, o que pode ser atingido através de estudos normativos desse instrumento.

Frente a esse cenário, a escolha por um sistema de análise deve considerar a simplicidade de seu uso e a possibilidade deste descrever uma gama ampla de construtos, favorecendo uma adoção mais rápida pelos profissionais. Considerando esses critérios, o presente projeto visa desenvolver normas para o TAT utilizando o sistema proposto por Morval (1982), também descrito por Jacquemin et al. (2003) e Scaduto e Barbieri (2013).

#### **1.4. O sistema de Monique Morval de análise do TAT: vantagens e limitações**

O sistema de Morval (1982), doravante também referido como sistema morvaliano, é baseado na Personologia de Murray (Freitas, 2000; Murray, 1943/2005) e nos trabalhos de Ombredane (1969) e Bellak (1971; 1999; também vide Werlang, 2000, para uma apresentação). O sistema foi proposto com a preocupação em oferecer “uma ferramenta de fácil acesso tanto para o estudante como ao profissional” (Morval, 1982, p. 7, tradução nossa), reunindo conhecimentos sobre a Psicologia do Ego (por sua vez, derivada da teoria psicanalítica) e a Psicologia Cognitiva da época.

Morval (1982) propõe a categorização de histórias do TAT em variáveis que permitam conhecer o nível de funcionamento dos mecanismos de defesa (conforme entendidos na Psicologia Psicodinâmica) e das chamadas funções egoicas, por ela entendidas como os recursos positivos da personalidade necessários à adaptação à realidade e à construção de um senso de identidade. Além de definir os construtos avaliados por esse sistema (ou seja, as funções egoicas) e expor o sistema de categorização das histórias, Morval (1982) apresenta estudos de caso e sinais psicopatológicos de diferentes quadros. A Tabela 1.3 (baseada em Morval, 1982; também apresentada em Scaduto & Barbieri, 2013) apresenta tais funções, bem como sua definição.

Tabela 1.3. Funções egoicas avaliadas por meio do TAT no sistema morvaliano\*.

Função Egoica	Definição Operacional
Teste da realidade	Capacidade de discernir entre estimulações internas e externas, percepções e ideias; exatidão da orientação temporal e espacial e da percepção de circunstâncias externas e estados interiores.
Julgamento	Compreensão e apreciação de situações reais ou hipotéticas, bem como consciência e avaliação das consequências dos comportamentos.
Sentimento da própria identidade	Compreensão de si mesmo como um ser único em termos físicos e psíquicos, assim como claramente diferenciado dos outros de seu ambiente, envolvendo o conhecimento da realidade exterior, a imagem corporal, autoestima e capacidade de empatia.
Regulação e controle das pulsões, afetos e necessidades	Grau de adaptação das expressões comportamentais das pulsões (agressiva e sexual), afetos e necessidades, levando em conta o ambiente e envolvendo as vivências de ansiedade e culpa e a eficácia do processo secundário e de tolerância à frustração.
Relações interpessoais	Natureza das relações interpessoais estabelecidas com os outros no ambiente, em termos do grau de autonomia e dependência, discriminação dos outros e de si mesmo, gratificação, tipos de conflitos e constância de objeto em tais interações.
Processo de pensamento	Nível de funcionamento da memória, atenção, concentração, formação de conceitos e linguagem.
Regressão a serviço do Ego	Capacidade do Ego de tolerar uma diminuição parcial temporária e controlada de suas próprias funções para melhor adaptação, envolvendo a transição entre processos primário e secundário e relaxamento, favorecendo o acesso a conteúdos pré-conscientes e inconscientes e o processo criativo.
Funcionamento Defensivo	Grau em que o emprego de mecanismos de defesa afeta a ideação, o comportamento e a adaptação das outras funções egoicas, em termos do seu sucesso ou fracasso em lidar com as tensões vivenciadas.
Tolerância a estimulações	Grau de sensibilidade e tolerância a estimulações diversas, tanto internas como externas.
Autonomia do Funcionamento	Grau com que funções egoicas primárias (percepção, memória, linguagem, aprendizagem) e secundárias (esquemas de comportamento habituais, habilidades, atitudes e interesses) funcionam harmoniosamente e são afetadas pela interferência das emoções ou pulsões.
Síntese/Integração	Grau com que o Ego media as exigências conflitivas do Id e do Superego e da realidade exterior, assim como incongruências do Ego em si, em termos da integração entre atitudes, valores, afetos comportamentos e representações de si mesmo e capacidade de utilizar experiências anteriores em novas situações.
Maestria e Competência	Relação entre o nível de competência real e seu sentimento; grau de iniciativa na interação com os outros e o ambiente e nível de autoeficácia.
Fonte: Morval (1982)	*Tabela originalmente apresentada em Scaduto e Barbieri (2013).

Morval (1982) propõe a categorização das histórias por meio de análises horizontais (ou seja, dentro de uma mesma história) e verticais (ou seja, ao longo das histórias do protocolo). A análise horizontal consiste na categorização propriamente dita dos indicadores de cada história, enquanto a análise vertical consiste na apreciação das variações de cada indicador ao longo de todo o protocolo. A Tabela 1.4 (também apresentada em Scaduto & Barbieri, 2013) apresenta tais categorias, bem como as funções egoicas que as mesmas avaliam.

Tabela 1.4. Categorias do sistema morvaliano e funções egoicas avaliadas por estas\*.

Categoria		Definição operacional	Funções egoicas avaliadas pela categoria
Análise formal	Atitude do sujeito	Descrição do comportamento e estado psíquico do examinando ao longo da história.	Teste da realidade;
	Adaptação ao estímulo e às instruções	Descrição de omissões ou distorções perceptivas ao longo da história, e do grau em que a mesma atende à instrução dada (trama com começo, meio e fim, com descrições sobre pensamentos e sentimentos dos personagens) atribuindo uma ordem temporal à trama da história.	Processo de pensamento; Regressão a serviço do Ego; Funcionamento Defensivo; Tolerância a estimulações;
	História	Descrição de características da história propriamente dita, tais como “a coerência, a clareza, a lógica, a ausência de uma fase, os lapsos, a imaginação, a riqueza dos detalhes, o estilo, o vocabulário, a correção verbal, o tamanho das frases” (Jacquemin et al., 2003).	Autonomia do Funcionamento; Maestria e competência.
Herói	Herói	Personagem(ns) principal(ais) da história, ou aquele com quem o examinando mais se identifica.	Identidade; Síntese/Integração; Maestria e competência.
	Necessidade(s) do herói	Motivação ou “força” principal que conduz as ações do herói.	Síntese/Integração
Conduta do Herói	Nível evolutivo	Descrição do grau em que as condutas do herói são compartilhadas com a cultura, sendo classificadas em instintivas ou de aprendizagem social.	Julgamento; Regulação e controle das pulsões, afetos e necessidades;
	Nível de Performance	Descrição do grau de organização e eficácia das condutas para a satisfação das necessidades, classificadas como afetivas, suspensivas, preparatórias, consumativas ou fictícias.	Síntese/Integração; Maestria e competência.
	Estilo da conduta	Descrição da(s) conduta(s) em termos de sua iniciativa-passividade, impulsividade-controle, força-fraqueza, coordenação-descoordenação, tenacidade-labilidade e plasticidade-rigidez.	
Conjunto ou Meio		Descrição do contexto em que a trama ocorre, como o predomínio de características físicas (descrição de objetos ou eventos) ou sociais (personagens secundários), além da pressão destes sob o herói.	Sentimento da própria Identidade; Relações interpessoais.
Desfecho		Descrição do grau em que as necessidades do herói são satisfeitas, em termos do seu sucesso-fracasso, total-parcial e voluntário-involuntário. O desfecho também pode ser classificado como ambivalente, provável, contraditório ou ausente.	Julgamento

Fonte: Morval (1982). \*Tabela originalmente apresentada em Scaduto e Barbieri (2013).

As vantagens desse sistema incluem o número relativamente pequeno de indicadores, e a influência de modelos psicodinâmicos e cognitivos, permitindo uma ampla compreensão da personalidade. Além disso, o sistema morvaliano adota o esquema pressão-necessidade da proposta original de Murray, presente no manual do TAT atualmente aprovado para uso no

país pelo SATEPSI (Murray, 1943/2005), que por sua vez também recomenda a adoção de modelos psicodinâmicos para a interpretação dos dados. Dessa forma, o sistema morvaliano aprimora a categorização proposta por Murray (1943/2005), além de integrar contribuições de diferentes correntes teóricas, tendência atualmente adotada por sistemas mais atuais (Teglasi, 2010; Westen et al., 2002).

Apesar dessas vantagens, o sistema apresenta limitações importantes para seu uso em pesquisas com grupos de participantes e validação empírica com estudos nomotéticos, como sua natureza essencialmente qualitativa, definições vagas das categorias utilizadas e sua relação com os construtos acessados pelas mesmas, codificação muito sucinta das qualidades formais da história e do meio, listagem de categorias de necessidades pouco específicas (como apresentado por Jacquemin et al., 2003) e significação pouco clara das categorias para profissionais inexperientes com o TAT (Scaduto & Barbieri, 2012; Scaduto & Barbieri, 2013).

Entende-se que tais dificuldades não apresentam limitações à interpretação do protocolo, tendo em vista que Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003) recomendam a leitura idiográfica das histórias junto com sua codificação. Tal estratégia permite uma melhor contextualização do significado de cada variável na configuração geral, resgatando dessa forma a riqueza de análise proporcionada pelo TAT em diversos níveis, discutida anteriormente. Deve-se ressaltar que o sistema morvaliano foi proposto como um sistema simplificado e válido<sup>15</sup> para alunos e profissionais com pouca experiência com o TAT, permitindo uma leitura orientada dos dados a partir de indicadores categorizáveis, complementada com sua análise qualitativa. Contudo, apesar de sua inegável riqueza, o sistema morvaliano apresenta lacunas importantes como a ausência de suporte empírico atualizado sobre seus potenciais e limitações no contexto brasileiro, além da ausência de indicadores ao nível nomotético de descrição que complementem as hipóteses formuladas ao longo da codificação e seu significado idiográfico.

Nesse contexto, foi realizada uma revisão do sistema morvaliano, com o objetivo de proporcionar uma descrição de suas variáveis ao nível nomotético, permitindo por sua vez o desenvolvimento de normas do TAT para este sistema. Com isso, pretende-se que o sistema morvaliano possa ser adotado no contexto sociocultural brasileiro, em acordo com as

---

<sup>15</sup> Holt (1999) afirma que é possível demonstrar a validade de um sistema de codificação calculando-se o grau de concordância entre juízes. Desta forma, falar em validade implica em avaliar quão ensinável é um sistema, permitindo que diferentes profissionais cheguem a conclusões semelhantes usando o mesmo. Cramer (2004), na mesma direção, afirma que a fidedignidade do TAT é demonstrada ao se obter níveis aceitáveis de concordância entre juízes, o que demonstraria a qualidade (também psicométrica) de um sistema.

exigências técnicas do Conselho Federal de Psicologia para tanto, além de permitir estudos posteriores que possam demonstrar as possibilidades e limitações desse sistema. Tal revisão é abordada no próximo tópico.

### **1.5. A revisão do sistema morvaliano: em busca de uma descrição nomotética do TAT**

Scaduto (2010) descreveu variáveis não contempladas no sistema morvaliano, a fim de comparar e agrupar indicadores dos protocolos de sete homens adultos avaliados no início e ao final de seu tratamento numa comunidade terapêutica para usuários abusivos de substâncias psicoativas, demonstrando a possibilidade de aprimorar a codificação de indicadores descritos apenas qualitativamente nesse sistema. O presente estudo adotou e revisou a definição de algumas dessas categorias, além de adicionar categorias discutidas num trabalho anterior nessa mesma direção (Scaduto & Barbieri, 2012). As novas categorias apresentadas adiante são derivadas dos trabalhos de Ávila-Espada (2000), Jacquemin et al. (2003) e Teglassi (2010), além do sistema de análise da chamada Escola Francesa do Rorschach<sup>16</sup> (Pasian, 1998). Com a adoção de tais categorias, pretendeu-se aprimorar a descrição das variáveis do sistema morvaliano, visando descrever o desempenho da amostra normativa no TAT ao nível nomotético.

A alteração inicial se refere à instrução dada à pessoa examinada para a realização do teste. A instrução sugerida por Morval (1982), traduzida por Jacquemin et al (2003) é transcrita abaixo:

*"Vou lhe mostrar alguns quadros. Para cada um deles, você vai me contar uma história, isto é, descrever o que acontece, o que as pessoas pensam e fazem, como aconteceu e como vai acabar. Compreendeu bem? Trata-se então de dizer o que aconteceu antes, durante e depois. Você terá 5 minutos para inventar uma história. Eis o primeiro quadro".* (Jacquemin et al, 2003, p.14)

A única alteração conceitual para a instrução acima consistiu na solicitação de descrição de sentimentos dos personagens, conforme presente na instrução contida no manual

---

<sup>16</sup> Deve-se ressaltar que, para este último sistema, as categorias adotadas se referem ao comportamento do examinando durante a atividade proposta e não às respostas dadas à mesma, haja vista a diferença de tarefas propostas na aplicação do Rorschach e do TAT.

original do teste (Murray, 1943/2005). Desta forma, a instrução para a aplicação do TAT no sistema morvaliano revisado é transcrita abaixo:

*"Vou lhe mostrar algumas figuras e pedir que você invente uma história para cada uma delas. Peço que você me conte o que está acontecendo na figura, o que aconteceu antes e como a história termina, ou seja, uma história com começo, meio e fim. Também peço que você me conte o que as pessoas na história estão pensando e sentindo; enquanto isso, vou anotar tudo o que você disser; também irei anotar o tempo que você leva para contar cada história. São 10 figuras; peço que você tente levar 5 minutos para cada uma delas, mas fique à vontade para levar o tempo que quiser. Você tem alguma dúvida? (Em caso negativo) Então esta é a primeira figura".*

As instruções presentes nas fontes consultadas para essa revisão preveem intervenções de apoio por parte do aplicador do teste para que a pessoa examinada crie histórias detalhadas ou contorne possíveis dificuldades durante a aplicação<sup>17</sup>.

Em vista do objetivo do presente trabalho (obter dados normativos para o teste no sistema morvaliano), as intervenções de apoio à pessoa examinanda durante a elaboração da história se restringiram aos elementos solicitados na instrução (começo, meio e fim; pensamentos e sentimentos dos personagens):

*"O que aconteceu antes na história?"*

*"O que acontece depois?"*

*"Como a história termina?"*

*"O que ele(a)(s) está(estão) pensando?"*

*"O que ele(a)(s) está(estão) sentindo?"*

*"Gostaria que você contasse um pouco mais sobre isso (o que aconteceu antes, depois, o final da história, o que os personagens estão pensando ou sentindo)."*

*"Você gostaria de contar algo mais sobre essa história?"*

Assim como recomendado por Jacquemin et al (2003), foi solicitado um título ao final de cada história. Os títulos permitiram a solução de ambiguidades no caso de algumas

---

<sup>17</sup> Nesse sentido, o trabalho de Jacquemin et al (2003) oferece importantes recomendações a pessoas com pouca experiência com o teste, em consonância ao objetivo pedagógico do texto.

narrativas e foram considerados para a composição do Tema (vide subseção a seguir), mas não foram incluídos como categoria de análise específica para a revisão do sistema morvaliano aqui proposta. Por fim, também baseado em recomendações reunidas por Jacquemin et al. (2003), foi solicitado ao final da aplicação do teste que as pessoas avaliadas selecionassem o cartão que mais gostaram e o cartão que menos gostaram, indagando em seguida sobre as razões para tal escolha. Uma apresentação dessas instruções com mais detalhes é apresentada na Tabela 3.1 (vide seção Método).

### **1.5.1 Tema**

O tema da história é definido por Morval (1982) como um resumo da narrativa que contenha sua ideia principal e cite o herói e o desfecho da história. Devido ao caráter puramente qualitativo desta categoria, ou seja, não passível de descrição em termos de medidas padronizadas, não foram feitas alterações conceituais para essa categoria na revisão aqui proposta.

Na amostra normativa descrita adiante, os temas das histórias foram elaborados incluindo o herói (vide subseção 1.5.10), sua necessidade primária (vide subseção 1.5.11) e o desfecho da história (vide subseção 1.5.15) em consonância com a definição de tema na teoria personológica (Silva, 1984; Murray, 1943/2005). Para a apresentação desses dados, os temas assim compostos foram sintetizados por meio de uma análise de conteúdo, que serviu de base para elaboração de histórias típicas (vide a seção 3.4.1 – Análise dos resultados).

### **1.5.2. Análise formal – Atitude durante a tarefa**

A análise formal agrupa as categorias referentes ao comportamento da pessoa examinada durante a tarefa proposta, bem como as características gerais da história. As categorias relativas à Atitude durante a tarefa (a qual foi denominada no sistema morvaliano original como Atitude do Sujeito – Jacquemin et al., 2003) se referem ao comportamento da pessoa examinada frente à tarefa proposta; dentre essas categorias, uma pode ser expressa em nível ordinal, enquanto as restantes são consideradas em termos de suas frequências absolutas. Tais categorias são descritas abaixo na Tabela 1.5.

As categorias relativas à aceitação ou recusa do cartão apresentado foram transformadas numa escala ordinal denominada *Nível de participação*. Já as demais categorias (descritas como *Fenômenos especiais*) se referem à manifestação de reações da pessoa

examinada à tarefa proposta, tais como comentários sobre seu desempenho ou sobre os cartões, ou expressão de lembranças, sentimentos e pensamentos suscitados pelos cartões.

Tabela 1.5. Categorias referentes à Atitude durante a tarefa (Nível de participação e Fenômenos especiais) no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Nível de participação	Grau com que a pessoa examinada se envolve com a tarefa proposta, pontuado de acordo com a seguinte escala:  0 – Recusa: Não cria história para o cartão; recusa ao estímulo apresentado; 1 – Opositorista: Apresenta pouca disposição para criar história para o cartão; faz muitos comentários críticos e/ou demanda muitas intervenções do examinador (vide abaixo); 2 – Participativo: Cria história para o cartão, atendendo às instruções e/ou demandando poucas intervenções do examinador.
Comentário crítico de si mesmo	Faz comentário depreciativo ou negativo com relação a si mesmo e/ou ao próprio desempenho (por exemplo, diz “não sou bom em contar histórias” ou “estou demorando muito”).
Comentário crítico sobre o cartão	Faz comentário depreciativo ou negativo com relação ao estímulo apresentado, descrevendo o mesmo como antigo, escuro, difícil ou triste, por exemplo.
Confabulação	Narra história paralela à solicitada ou faz comentários não relacionados à mesma.
História estendida	Continua história contada em cartão anterior (por exemplo, diz “aqui é mesma história do outro”); inclui detalhes de histórias anteriores (por exemplo, diz “aqui é a mesma pessoa daquela outra história”); repete conteúdo de história anterior, tais como atributos do herói, tipo de desfecho ou conflitiva dos personagens.
Invasão afetiva	Apresenta sinais de tensão relacionados à tarefa proposta, tais como levantar-se, fazer perguntas sobre a duração da atividade ou apresentar variação importante de atitude de um cartão para outro (aumento ou redução de tempos de latência ou total, por exemplo).
Choque afetivo	Apresenta rompante emocional durante a tarefa proposta, tal como chorar, pedir para interromper a atividade ou apresentar ansiedade elevada, por exemplo.
Projeção Direta	Cria narrativa sobre evento da história pessoal, ou alude a pessoas de sua convivência próxima como personagens (por exemplo, “essa é a história da minha família”; “aqui é uma foto dos meus pais quando eram mais novos”).

### 1.5.3. Análise Formal – Adaptação ao estímulo

A adaptação ao estímulo se refere ao comportamento propriamente aperceptivo durante a tarefa proposta, ou seja, as omissões e distorções de detalhes do cartão, que são interpretados subjetivamente pela pessoa examinada, os quais serão doravante referidas como *omissões e distorções aperceptivas*. Como parte da construção dos cartões do TAT, é esperado que os detalhes das figuras apresentadas sejam interpretados a partir da experiência anterior da pessoa avaliada, de forma a se constituir não apenas numa mera percepção das características do material de testagem, mas em uma interpretação de caráter dinâmico e de significado pessoal. Silva, E. (1984) ressalta que, nesse sentido, é possível pensar num *continuum* entre, por um lado, processos perceptivos puramente objetivos, “em que a maioria dos sujeitos concorda com a definição exata do estímulo” (p. 44) e, próximo ao outro extremo



desse *continuum*<sup>18</sup>, processos aperceptivos, cujas distorções (aqui entendidas como variações entre as pessoas avaliadas) derivariam das diferenças individuais. Desta forma, “a distorção aperceptiva é um processo natural e comum a todos os indivíduos” (Silva, E., 1984, p. 44).

Como tais omissões e distorções são específicas a cada cartão, sua descrição será feita na exposição do desempenho da amostra normativa aqui estudada, em termos de sua frequência relativa. Como referência para a identificação das omissões e distorções aperceptivas comuns a cada cartão, usou-se a descrição dos mesmos constantes no manual do teste (Murray, 1943/2005), o qual também lista as omissões e distorções mais comumente observadas.

Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003) incluem numa mesma categoria a adaptação da pessoa examinada tanto ao estímulo como às instruções do teste. Na revisão aqui proposta, a adaptação às instruções foi descrita à parte, a fim de delimitar variáveis quantitativas para tanto.

#### **1.5.4. Análise Formal – Adaptação às instruções**

A adaptação às instruções é entendida como o grau com que a pessoa examinada atende à tarefa proposta. Conforme apontado por Jacquemin et al. (2003) e Murray (1943/2005), é comum que durante a aplicação do TAT seja necessário que o examinador encoraje a pessoa examinada a oferecer mais detalhes sobre a história. Desta forma, tal autonomia consiste tanto na necessidade de intervenções do examinador para a criação da história, como da presença dos elementos solicitados na mesma, ou seja, passado, presente, desfecho, pensamentos e sentimentos do herói, conforme a instrução apresentada anteriormente (vide Seção 1.5).

O grau em que a pessoa examinada apresentou dificuldade para criar uma história, demandando intervenções do examinador para tanto (por exemplo, pedir que a pessoa examinada conte o que aconteceu antes na história relatada, ou o que as pessoas na história estão pensando e sentindo) foi transformado em uma escala ordinal de acordo com o número

---

<sup>18</sup> Para o *continuum* acima proposto, o outro extremo em relação aos processos perceptivos puramente objetivos seriam os processos projetivos e delirantes descritos por Freud (1911/1996b), no qual a interpretação do estímulo tem significado puramente subjetivo e pouco compartilhado socioculturalmente. É interessante notar que, desta forma, apercepção e projeção passam a ser entendidos como processos psicológicos próximos em termos de grau de subjetividade da interpretação dos estímulos, mas distintos em termos do seu papel no funcionamento da personalidade, passíveis de compreensão por diferentes teorias e técnicas de avaliação psicológica que não apenas as psicodinâmicas (nesse sentido, vide, por exemplo, Fensterseifer e Werlang, 2008).

de intervenções realizadas, tendo sido inicialmente descrita em Scaduto (2010). Essa escala foi denominada *Autonomia para a tarefa*.

A presença dos elementos solicitados na história (passado, presente, desfecho, pensamentos e sentimentos do herói) também foi transformada numa escala ordinal ponderada, ou seja, pontuada de acordo com a presença de todos os elementos ou da ausência de apenas um, dois ou a partir de três deles. Essa escala foi denominada *Atendimento às instruções* e, assim como a escala descrita no parágrafo anterior, é apresentada na Tabela 1.6.

Tabela 1.6. Categorias referentes à Adaptação às instruções no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Autonomia para a tarefa	<p>Grau com que a pessoa examinada realiza a tarefa proposta sem a necessidade de intervenções do examinador, pontuado de acordo com a seguinte escala:</p> <p>0: Não cria história (recusa do cartão);            1: Necessita de muitas intervenções para criar uma história (mais de três perguntas do examinador);            2: Necessita de poucas intervenções para criar uma história (até três perguntas do examinador);            3: Cria uma história sem a necessidade de intervenções do examinador.</p>
Atendimento às instruções	<p>Grau com que a história criada apresenta os elementos solicitados (passado, presente, desfecho, pensamentos e sentimentos do herói), pontuado de acordo com a seguinte escala:</p> <p>- 0: Faltam todos os elementos da história (recusa do cartão ou mera descrição do mesmo);            - 1: Faltam quatro elementos da história;            - 2: Faltam três elementos da história;            - 3: Faltam dois elementos da história;            - 4: Falta um elemento da história;            - 5: Cria história com todos os elementos solicitados.</p>

### 1.5.5. Análise Formal – Índices formais básicos

Nesta categoria, foram incluídos índices calculados a partir do *Tempo de latência* (ou seja, o tempo em segundos contado a partir da apresentação do cartão à pessoa examinada até que a mesma inicie uma história para o mesmo), o *Tempo total* (ou seja, o tempo em segundos contado a partir da apresentação do cartão até o final da narrativa) e o *Número de palavras* na história.

Ressalta-se que o registro do Tempo de latência proposto na presente revisão ressalta o tempo que a pessoa examinada leva para começar a realizar a tarefa solicitada, ou seja, contar uma história para o cartão apresentado. Desta forma, verbalizações prévias não relacionadas com a narrativa (tal como perguntas acerca da tarefa ou comentários sobre o cartão, por exemplo) não são consideradas para este registro.

Segundo por Morval (1982), o registro do Tempo de latência permite obter indicadores do “impacto afetivo” (no original, “impact émotif”; p. 20, tradução nossa) suscitado pelos diferentes cartões. Apesar disso, no estudo de caso apresentado por essa mesma autora, os registros desse tempo não foram apresentados, nem seu significado foi discutido. Jacquemin et al (2003) recomendam o registro dos Tempos de latência e total, sem, contudo, discutir possíveis significados de tais índices ou apresentar dados esperados para os mesmos. Por fim, o manual do teste (Murray, 1943/2005) não faz menção ao registro de índices temporais, ainda que recomende, na instrução da atividade, que a pessoa examinada procure usar cinco minutos para cada história. No presente estudo, o tempo de latência foi registrado para cada história, a fim de descrever suas expectativas normativas. Além disso, adotou-se por critério a realização de intervenção do examinador no caso de o Tempo de latência ser maior que 120 segundos (ou 2 minutos), como forma de investigar possíveis reações de Recusa ou de Choque afetivo, considerando-se, nesses casos, a presença de ao menos o fenômeno especial de Invasão afetiva (para uma definição destas categorias, vide a subseção 1.5.2).

Ávila-Espada (2000) propôs o cálculo de dois índices usando os registros temporais citados acima e o número total de palavras da história, como forma de contornar as dificuldades de interpretação dos últimos, tanto clinicamente como na literatura empírica sobre o teste<sup>19</sup>. Os índices propostos por Ávila-Espada (2000) foram incluídos na revisão do sistema morvaliano aqui proposta e são descritos abaixo.

O *Índice de Velocidade de expressão* (ou IVE; tradução nossa) consiste na divisão do número de palavras pela subtração do tempo de latência sobre o tempo total. Este índice informa sobre “a habilidade cognitiva para produzir narrativas, mediada pelas defesas<sup>20</sup>” (Ávila-Espada, 2000, p. 3; tradução nossa), permitindo identificar sinais de choque relacionados ao conteúdo dos estímulos e processos defensivos decorrentes. Desta forma, variações da mesma pessoa nesse índice ao longo do protocolo permitiriam identificar cartões cujas histórias sejam mais significativas em termos de seu conteúdo afetivo e possíveis variações normativas.

Já o *Índice de Rapidez de elaboração* (ou IRE; tradução nossa) é calculado a partir da divisão do Tempo de Latência sobre o Tempo Total, multiplicado por 100. Este índice informa

---

<sup>19</sup> Sobre esse tema, Cramer (2004) faz um importante contraponto a pesquisas com o TAT que usam o número de palavras sem qualquer referência ao contexto ou outras variáveis das narrativas, demonstrando a inviabilidade de se considerar esta variável isoladamente para que se conheça mais sobre o teste.

<sup>20</sup> “(...) ESI [Expression Speed Index] focuses in cognitive ability to produce narratives mediated by defenses”.

sobre “a habilidade cognitiva para produzir resolver a tarefa do TAT<sup>21</sup>” (Ávila-Espada, 2000, p. 3; tradução nossa), permitindo identificar variações idiográficas relacionadas à mobilização afetiva suscitada pelos diferentes cartões.

As definições operacionais dos índices descritos nessa categoria são apresentadas na Tabela 1.7.

Tabela 1.7. Índices Formais Básicos no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Tempo de Latência (TL)	Tempo em segundos contado a partir da apresentação do cartão até que a pessoa examinada inicie uma história.
Tempo Total (TT)	Tempo em segundos contado a partir da apresentação do cartão até que a pessoa examinada finalize a história ao mesmo.
Número de palavras (NP)	Número de palavras contido na história da pessoa examinada ao cartão apresentado, incluindo interjeições, gaguejos e verbalizações paralelas à história dentro do Tempo Total.
Índice de Velocidade de Expressão (IVE)	Índice calculado a partir da seguinte fórmula: $NP/(TT-TL)$
Índice de Rapidez de Elaboração (ou IRE)	Índice calculado a partir da seguinte fórmula: $(TL/TT)*100$

### 1.5.6. Análise Formal – Qualidade da linguagem

A qualidade da linguagem se refere ao estilo e complexidade do vocabulário usado pela pessoa avaliada durante a história. As definições operacionais dos níveis dessa categoria são apresentadas na Tabela 1.8.

Tabela 1.8. Escala de Qualidade de linguagem no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
1: Linguagem simples	Uso de linguagem coloquial/informal; presença de muitos erros de pronúncia, gramaticais e/ou de regência.
2: Linguagem clara	Uso de linguagem corrente, tendendo a formal. O estilo narrativo adotado se assemelha a uma história oral e não escrita (vide próximo nível).
3: Linguagem rica	Uso de linguagem formal e/ou rebuscada, com a presença de vocábulos ou frases pouco presentes na linguagem oral corrente. O estilo narrativo adotado se assemelha a uma história escrita.

<sup>21</sup> “(...) ERI [Elaboration Rapidity Index] provides a quantitative estimation of subject’s cognitive ability to resolve the TAT task.”

### 1.5.7. Análise Formal – Complexidade temporal

Esta categoria se refere ao arranjo temporal dos eventos da história, considerando a instrução dada para a realização da tarefa, apresentada anteriormente (vide subseção 1.5). A ordem dos eventos é citada por Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003), que ressaltam a relação desta variável com o grau de organização temporal e cognitiva; apesar disso, esses autores não discutem tal relação em maiores detalhes.

Teglasi (2010), que propõe uma análise do TAT a partir da teoria cognitivo-comportamental, (mais especificamente, na análise dos *schemas* utilizados pelas pessoas examinadas para estabelecer significado de suas experiências, compreender e se relacionar com o ambiente a seu redor e consigo mesmas), afirma que a integração de diferentes perspectivas temporais numa história é um dos componentes do que a autora denominou Integração cognitivo-experiencial dos *schemas* (tradução nossa), que consiste no nível de diferenciação de experiências (isto é, circunstâncias, pensamentos, sentimentos, intenções e relacionamentos) e coesão da integração de elementos como causas e efeitos, meios e fins, sentimentos e pensamentos e intenções e ações (Teglasi, 2010, p. 113). A partir desse conceito, foi proposta uma *escala de Complexidade temporal*, que se refere à presença de eventos descritos, bem como sua ordenação ao longo da história.

O grau de interligação e a ordem dos eventos na narrativa foram classificados de acordo com a escala descrita na Tabela 1.9.

Tabela 1.9. Escala de Complexidade temporal no sistema morvaliano revisado.

Nível da escala	Definição operacional
0: Sem ordem temporal	Ausência de história (no caso de recusas).
1: Ilógica	Ausência de inter-relação entre os eventos narrados, ou tal relação é pobre ou confusa.
2: Incompleta	Ausência de um dos elementos temporais na história (começo, meio ou fim da história).
3: Literal às instruções	Os eventos são narrados de acordo com a ordem descrita na instrução do teste (isto é, o que está acontecendo, o que aconteceu antes, como a história termina). Comumente, esse nível ocorre quando há muitas intervenções do examinador para que a pessoa examinada ofereça detalhes sobre a história (vide categoria Adaptação às Instruções).
4: Lógica (com ou sem oscilações)	Eventos narrados em ordem cronológica (começo, meio e fim), podendo incluir oscilações nessa ordem, ou seja, descrições de eventos como explicações causais para eventos do meio da história retornando ao começo da mesma, por exemplo, sem, contudo, alterar a ordem lógica dos eventos.
5: Lógica e dinâmica	Ordem predominante cronológica, além de incluir as oscilações descritas acima e outros elementos como novos acontecimentos, sentimentos e pensamentos dos personagens com relação aos mesmos e sua mudança ao longo dos eventos, tornando a história mais rica em termos da complexidade e interligação entre seus elementos.

### 1.5.8. Análise Formal – Integração da narrativa

Esta categoria consiste no grau de complexidade dos eventos, pensamentos e sentimentos dos personagens descritos pela pessoa avaliada ao longo da história, bem como da inter-relação entre tais elementos. A definição desta variável se relaciona à noção de Integração Cognitivo-Experiencial proposto por Teglasi (2010), apresentada na subseção anterior, em especial no que se refere à coesão entre causas e efeitos, sentimentos e pensamentos e intenções e ações ao longo da história. Os níveis de Integração da narrativa são apresentados na escala descrita na Tabela 1.10.

Tabela 1.10. Escala de Integração da narrativa no sistema morvaliano revisado.

Nível da escala	Definição operacional
0: Ausência de trama	A pessoa avaliada descreve pensamentos e/ou sentimentos a partir do cartão (tais como impressões acerca do estímulo ou opiniões acerca de temas suscitados pelo mesmo), sem, contudo, criar uma história. Se há recusa do cartão (vide Nível de Participação), esse nível se aplica como complemento à classificação citada, sendo interpretado no sentido literal da categoria.
1: Descrição simples do cartão	A pessoa avaliada se limita a apontar características do estímulo, tais como a presença de personagens, lugares ou objetos.
2: História pobre	A história não contém vários dos elementos solicitados (começo, meio e fim da história, pensamentos e sentimentos dos personagens), ou apresenta os mesmos sem quaisquer detalhes ou ligações.
3: História superficial	A história contém todos, ou quase todos os elementos solicitados (começo, meio e fim da história, pensamentos e sentimentos dos personagens), sem que, contudo, haja interligações entre esses elementos ao longo da narrativa. Comumente, este nível ocorre quando a pessoa avaliada narra os elementos da história na mesma ordem como descrita nas instruções (vide a Escala de Complexidade Temporal, nível 3: Literal às instruções).
4: História mediana	A história contém todos, ou quase todos os elementos solicitados (começo, meio e fim da história, pensamentos e sentimentos dos personagens), com alguma interligação entre esses elementos (por exemplo, descreve reações dos personagens em relação aos eventos da narrativa). Apesar de a história conter maior integração que os níveis anteriores, os eventos e reações dos heróis tendem a ser simplificados, ainda que mantenham relações lógicas entre si.
5: História rica	A história contém todos os elementos solicitados (começo, meio e fim da história, pensamentos e sentimentos dos personagens), com interligações dinâmicas entre si (por exemplo, descreve diferentes reações dos personagens em relação aos diferentes eventos da narrativa).

### 1.5.9. Análise Formal – Qualidade geral da história

A Qualidade geral da história se refere um juízo que inclui as três últimas categorias descritas acima (Qualidade da linguagem, Complexidade temporal e Integração da narrativa), informando sobre a presença e organização dos elementos da história, bem como a riqueza de sua interligação. Os níveis de Qualidade geral da história e sua definição operacional são descritos na Tabela 1.11.

Tabela 1.11. Escala de Qualidade geral da história no sistema morvaliano revisado.

Nível da escala	Definição operacional
1: História confusa ou desordenada	Presença de falhas lógicas (tais como contradições entre eventos e reações dos personagens ou de descrição de elementos sem relação com a história como um todo) ou de pouca integração dos elementos entre si, na forma de narrativas de difícil compreensão ou de organização geral bastante empobrecida.
2: História superficial	Narrativas em que, apesar da presença de todos ou quase todos os elementos e da relativa organização dos mesmos entre si, o nível de detalhamento geral é baixo.
3: História organizada	A narrativa como um todo apresenta coerência e interligação entre os elementos, além de incluir detalhes sobre os personagens e suas reações.
4: História rica	A narrativa apresenta riqueza e vivacidade de detalhes, com os elementos apresentando relações complexas entre si; história com qualidade similar a de produções literárias curtas, como fábulas ou contos.

### 1.5.10. Tipo e atributos do herói

O herói é definido por Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003) como o(s) personagem(personagens) central(centrais) da história, acerca do qual a trama da mesma se refere. Para fins de fluência do texto, esta categoria será descrita a seguir na forma singular, ainda que, em diversos casos, a mesma inclua mais que um personagem. Os mesmos autores oferecem critérios para a identificação do herói, tais como considerar o personagem com a qual a pessoa avaliada mais se assemelha, aquele que foi mais descrito ao longo da história, ou aquele sobre o qual ela refere detalhes importantes da história (por exemplo, necessidade e desfecho – vide adiante).

Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003) propõem que a identificação do herói também inclua os atributos do mesmo, conforme descritos pela pessoa avaliada ao longo da história. Tais atributos consistem, na descrição dos mesmos autores, nas “condições favoráveis ou desfavoráveis que o cercam quando o problema ocorre, assim como daquelas que lhe são atribuídas no fim da história. Obtém-se deste modo, uma idéia da auto-imagem atual (presente) e ideal (futura)” (Jacquemin et al., 2003, p. 24, a partir de tradução livre desses autores de Morval, 1982, p. 24).

Na revisão aqui proposta, foram criadas categorias para o tipo de herói, além da presença e tipo de atributos do mesmo. Ainda, para a revisão aqui proposta, os atributos do herói foram redefinidos como, mais especificamente, as características pessoais do herói e não as circunstâncias que o rodeiam, entendidas aqui como características do Conjunto ou Meio (vide adiante). Para os atributos do herói, foram propostas duas escalas; a primeira delas (*Complexidade do herói*) se refere ao grau de descrição dos atributos do herói ao longo da história. A segunda escala (*Idealização do herói*) se refere, mais especificamente, ao tipo de

atributos do mesmo (negativos ou positivos), entendendo-se por idealização “o processo pelo qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição” (Laplanche, 1998, p. 224). Tais categorias são descritas na Tabela 1.12, apresentada abaixo.

Como já exposto anteriormente, as categorias aqui propostas foram criadas para permitir a análise nomotética dos dados, buscando-se uma descrição sintética dos heróis nas histórias da amostra normativa. Apesar disso, tais categorias não excluem a importância de, ao nível qualitativo, se registrar mais detalhes tanto sobre o herói, quanto sobre os seus atributos.

Tabela 1.12. Categorias referentes ao tipo de herói e seus atributos no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Tipo de herói	<p>Características básicas do tipo de herói (sexo, um ou mais heróis), podendo ser composto por até três dos itens abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Projeção Direta: Herói como a própria pessoa avaliada (que narra uma história pessoal, ou em que a mesma é o personagem principal);</li> <li>- Herói(s) com nome(s) próprio(s);</li> <li>- Herói do mesmo sexo que a pessoa avaliada;</li> <li>- Herói de sexo diferente do que a pessoa avaliada;</li> <li>- Herói sem sexo definido (a pessoa avaliada descreve o herói apenas como uma pessoa);</li> <li>- Herói criança;</li> <li>- Herói não humano (animal, por exemplo);</li> <li>- Dupla de heróis (amigos, irmãos, por exemplo);</li> <li>- Casal de heróis (descreve personagens com relacionamento conjugal);</li> <li>- Grupo de heróis (muitas pessoas são os personagens principais ao mesmo tempo, tendendo a ser descritas de forma indiferenciada, tais como grupo de trabalhadores no cartão 9RH, por exemplo).</li> </ul>
Escala de Complexidade dos atributos do Herói	<p>Grau de presença de características atribuídas ao herói, pontuado de acordo com a seguinte escala:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 0 (Sem descrição): A pessoa examinada não descreve quaisquer atributos do herói;</li> <li>- 1 (Superficial): A pessoa examinada descreve apenas uma característica do herói, ou apenas um tipo de pensamento ou sentimento;</li> <li>- 2 (Pouco articulada): A pessoa examinada descreve poucas características do herói, incluindo apenas um tipo de pensamento ou sentimento;</li> <li>- 3 (Dinâmica): A pessoa examinada descreve diversas características, pensamentos e sentimentos do herói, tendendo a enfatizar mudanças de tais atributos ao longo da história (por exemplo, descreve diferentes reações do herói aos eventos da mesma).</li> </ul>
Escala de Idealização dos atributos do Herói	<p>Tipo predominante de atributos do herói, pontuado de acordo com a seguinte escala:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 0: A pessoa avaliada não descreve quaisquer atributos do herói;</li> <li>- 1: A pessoa avaliada descreve apenas atributos negativos do herói, tais como características depreciativas, ou pensamentos e sentimentos desagradáveis ou descompensados;</li> <li>- 2: A pessoa avaliada descreve atributos predominantemente negativos do herói;</li> <li>- 3: A pessoa avaliada descreve atributos predominantemente positivos do herói, tais como características socialmente desejáveis, ou pensamentos e sentimentos agradáveis ou compensados;</li> <li>- 4: A pessoa avaliada descreve apenas atributos positivos do herói.</li> </ul>



### 1.5.11. Necessidades do herói

Assim como as categorias tema, herói e desfecho da história (vide adiante), as necessidades do herói foram inicialmente descritas na Personologia de Murray (Murray, 1943/2005), mantendo-se, na revisão aqui apresentada, a mesma definição proposta por esse autor, também adotada por Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003), de necessidade do herói como um estado de tensão que motiva os pensamentos, sentimentos e ações do mesmo.

Morval (1982) propõe que a descrição das necessidades do herói seja feita usando verbos, e não substantivos, como forma de destacar o seu caráter dinâmico e ativo, citando como exemplo a diferença entre descrever uma necessidade como de afiliação em relação à necessidade de amar (ou ser amado). Jacquemin et al. (2003), por outro lado, preferiram a adoção de categorias previamente definidas, apresentando uma lista de necessidades inicialmente descrita por Bernstein (1964). Como forma de conciliar ambas as argumentações, a lista de necessidades de Bernstein (1964, apresentada em Jacquemin et al., 2003), foi revisada, visando ressaltar objetos mais específicos e seu caráter passivo ou ativo, além de adicionar outras categorias, cuja escassez foi descrita anteriormente (Scaduto, 2010). A lista de necessidades assim proposta se encontra no Apêndice 1.

Murray (1943/2005) propõe uma classificação da força das necessidades do herói numa escala de 1 a 5, considerando critérios de “*intensidade, duração, frequência e importância no enredo*” (grifos do autor; Murray, 1943/2005, p. 27). Para a revisão do sistema morvaliano aqui proposta, as necessidades do herói foram categorizadas usando essa escala, cujos níveis são descritos na Tabela 1.13. Por fim, como parte dos objetivos do presente estudo, foram descritas as necessidades *Primária* (ou principal) e *Secundária* (quando existente) nas histórias do grupo normativo, como forma de atender às recomendações de Morval (1982), Murray, (1943/2005) e Jacquemin et al. (2003), que apontam para a existência de mais de uma necessidade em vários casos, cuja descrição permite uma compreensão mais aprofundada da história.

Tabela 1.13. Categorias referentes à Força das necessidades do herói no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Força da necessidade	<p>Classificação da necessidade, considerando critérios de intensidade, duração, frequência e importância no enredo, pontuado de acordo com a seguinte escala:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 1: Mera presença da necessidade, sem a descrição de quaisquer tipos de esforços do herói para sua satisfação;</li> <li>- 2: Presença de necessidade e algum tipo de tensão vivenciada pelo herói, sem, contudo, a descrição de ações específicas para sua satisfação;</li> <li>- 3: Presença da necessidade e de esforços para satisfazer a mesma, ainda que a tensão gerada não pareça ser sentida como intensa pelo herói;</li> <li>- 4: Presença da necessidade e de esforços intensos do herói para satisfazer a mesma;</li> <li>- 5: Presença de necessidade pungente e de alta importância para o herói, motivando ações intensas e no limite do mesmo, tais como em ações dos personagens de narrativas épicas ou sobrenaturais (por exemplo, prolongamento das necessidades do herói no além-vida).</li> </ul>

### 1.5.12. Conduta do herói – Nível evolutivo e Eficácia da conduta

Morval (1982) propõe, a partir do estudo de Ombredane (1969), a categorização das condutas do herói, entendidas por essa autora e por Jacquemin et al. (2003) como as ações do herói em relação à necessidade principal. As categorias para tais ações se referem ao seu Nível evolutivo (entendido como o grau de socialização das condutas, ou seja, o quanto as mesmas são mediadas pelo pensamento e/ou pelo aprendizado social anterior) e o Nível de performance (aqui descrito como Eficácia da conduta – vide adiante), que se refere ao grau com que a conduta satisfaz a necessidade do herói.

Para o *Nível evolutivo*, Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003) propõem as categorias de *Conduta instintiva* (referente às ações do herói que não necessitam de aprendizagem prévia, tais como comer, dormir, agredir ou comportamentos sexuais, por exemplo) e *Conduta de Aprendizagem social* (referente às ações do herói resultantes da socialização anterior ou de controle dos impulsos). Ainda, os mesmos autores ressaltam a importância de se considerar a presença de mais que um tipo de conduta ao longo da história, bem como de sua alternância (por exemplo, condutas inicialmente instintivas e depois de aprendizagem social). Para a revisão do sistema morvaliano aqui apresentada, foi proposta uma *escala do Nível evolutivo* da conduta, em termos do seu predomínio ou tipo de mudança ao longo da história, a qual é descrita na Tabela 1.14.

Para o Nível de performance, Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003) propõem as categorias de *Conduta afetiva* (reações imediatas e predominantemente emotivas em relação a um evento ou à satisfação da necessidade), *Conduta fictícia* (no qual a satisfação da necessidade ocorre apenas ao nível do pensamento ou da imaginação), *Conduta suspensiva*

(ações de interrupção ou não relacionadas à satisfação da necessidade), *Conduta preparatória* (ações orientadas para a satisfação da necessidade, ainda que indiretamente ou como uma etapa anterior a tanto) e *Conduta consumativa* (ações diretamente relacionadas à satisfação da necessidade). Na revisão aqui proposta, tais categorias foram ordenadas em termos de uma *escala de Eficácia da conduta* (neste caso, em relação à satisfação da necessidade), a qual pode ser vista na Tabela 1.14. Por fim, nas histórias da amostra normativa, foram categorizadas as condutas *iniciais* (ou seja, descritas num primeiro momento da história) e  *finais* (no caso de mais de um tipo de conduta ter sido descrito pelas pessoas examinadas).

Tabela 1.14. Categorias referentes à Conduta do herói (Nível evolutivo; Eficácia da conduta) no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Nível Evolutivo	<p>Tipo de conduta do herói durante a história, ou tipo de alternância das mesmas, pontuado de acordo com a seguinte escala:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 1: Conduta(s) puramente instintiva(s);</li> <li>- 2: Conduta inicialmente de aprendizagem social e, posteriormente, instintiva;</li> <li>- 3: Conduta inicialmente instintiva e, posteriormente, de aprendizagem social;</li> <li>- 4: Conduta(s) puramente de aprendizagem social.</li> </ul>
Eficácia da Conduta	<p>Grau com que a conduta do herói permite a satisfação da conduta, pontuado de acordo com a seguinte escala:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 1: Conduta afetiva;</li> <li>- 2: Conduta fictícia;</li> <li>- 3: Conduta suspensiva;</li> <li>- 4: Conduta preparatória;</li> <li>- 5: Conduta consumativa.</li> </ul>

### 1.5.13. Conduta do herói – Estilo da conduta e Tipo de Vivência afetiva do herói

Como complemento às categorias descritas na subseção anterior, Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003) propõem categorias referentes ao estilo da conduta, enquanto a categorização do tipo de vivências afetivas do herói ao longo da história foi inicialmente proposta por Scaduto (2010; um conceito semelhante pode ser encontrado nos estudos de Ávila-Espada, 2000 e Eron, 1950, 1953).

O *Estilo da conduta* se refere, segundo Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003), a características das mesmas em termos de seis pares de categorias opostas entre si, os quais são apresentados na Tabela 1.15. Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003) asseveram que essas categorias não se aplicam a todas as condutas; desta forma, para fins do presente estudo, foi feita a cotação de no mínimo um até o máximo de três categorias.

Tabela 1.15. Categorias referentes ao Estilo da conduta do herói no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Iniciativa/Passividade	Nível de autonomia do herói (ou de dependência/submissão ao meio) para a satisfação da necessidade.
Controle/Impulsividade	Nível de controle do herói sobre suas vivências afetivas; nível de planejamento do herói sobre suas condutas.
Força/Fraqueza	Nível de motivação geral do herói para a satisfação da necessidade.
Coordenação/Descoordenação	Nível de organização das condutas do herói para a satisfação da necessidade.
Tenacidade/Labilidade	Nível de persistência do herói para a satisfação da necessidade.
Plasticidade/Rigidez	Nível de flexibilidade das condutas do herói para a satisfação da necessidade.

Já o *Tipo de Vivência afetiva do herói* se refere à descrição, pela pessoa examinada, de tais vivências ao longo da história. Scaduto (2010) propôs esta categoria ao analisar protocolos do TAT de usuários abusivos de substâncias psicoativas em tratamento numa Comunidade Terapêutica, tecendo relações entre tais relatos e a percepção e expressão de emoções nas situações suscitadas pelos cartões. Como já referido, a preocupação em categorizar estados afetivos está presente em outros sistemas de codificação do TAT, como os propostos por Ávila-Espada (2000) e Eron (1950; 1953) e alguns dos sistemas apresentados em Jenkins (2008). Nesses sistemas, a chamada tonalidade afetiva das histórias se refere ao tipo de emoção predominante na história, em termos do tipo de eventos, ações do herói e desfecho, a qual, não necessariamente, inclui a descrição de estados afetivos. Desta forma, a tonalidade afetiva não se refere a especificamente a tais estados dos personagens, mas a um juízo do tipo de vivência expressa pela narrativa (por exemplo, histórias dramáticas, cômicas ou de aventura).

A classificação das vivências afetivas do herói na revisão do sistema morvaliano aqui proposta se justifica pela ausência de categorias nessa direção no sistema original. Ainda, conforme proposto por Teglassi (2010), as emoções são importante parte do que a autora denominou integração cognitivo-experiencial, por sua vez relacionada à complexidade e eficácia dos *schemas* cognitivos. Desta forma, propõe-se que a presença de descrições de estados afetivos dos personagens nas histórias do TAT permite compreender o comportamento aperceptivo suscitado pelos cartões de forma mais aprofundada, em especial no que concerne à compreensão e expressão de emoções em situações sociais complexas. As categorias criadas para tais vivências e sua definição operacional (incluindo exemplos citados por participantes da amostra normativa, entre aspas) são apresentadas na Tabela 1.16. Assim como para a classificação da conduta do herói, foram cotadas as vivências *Inicial* e *Final* (no caso de descrições de alterações de tais vivências ao longo da narrativa) nas histórias da amostra normativa aqui estudada, como forma de compreender o desempenho da mesma com maior detalhamento.

Tabela 1.16. Categorias referentes ao Tipo de Vivência afetiva do herói no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Vivência confusional	Descrição, por parte da pessoa avaliada, de vivências do herói como, por exemplo, estar em choque, aturdido, “sem palavras”, embriagado ou com a consciência alterada.
Vivência impulsiva	Descrição, por parte da pessoa avaliada, de vivências do herói como, por exemplo, estar irritado, agressivo, excitado, exaltado ou “agir sem pensar”.
Vivência ansiógena	Descrição, por parte da pessoa avaliada, de vivências do herói como, por exemplo, estar curioso, com medo, preocupado, inquieto ou “sem conseguir tirar algo da cabeça”.
Vivência disfórica	Descrição, por parte da pessoa avaliada, de vivências do herói como, por exemplo, estar triste, desmotivado, decepcionado, em luto ou deprimido.
Vivência compensada	Descrição, por parte da pessoa avaliada, de vivências do herói como, por exemplo, estar tranquilo, concentrado, alegre, satisfeito ou “certo de si”.

#### 1.5.14. Conjunto ou Meio – Tipo de meio e de Pressão sobre o herói

Morval (1982) e Jacquemin et al. (2003) definem o conjunto ou contexto como o entorno em relação ao herói, podendo se referir tanto a personagens secundários como a circunstâncias ou características do ambiente que tenham importância para a história como um todo. Tal conceito é derivado do sistema de Murray (1943/2005), que propõe a análise das “forças do ambiente sobre o herói”, em termos de sua “singularidade, intensidade e frequência” (grifos do autor; p. 29).

Morval (1982) propõe a classificação do meio em duas categorias. O contexto Físico “pode ser um acontecimento específico (guerra, divórcio, tempestade) ou um objeto particular (revólver, violão) cuja presença ou falta constitui um obstáculo ou favorece a ação do herói” (Jacquemin et al., 2003, p. 27, traduzido de Morval, 1982). Já o contexto social se refere aos personagens secundários da história; em relação aos quais Morval (1982) recomenda considerar o tipo de relacionamento e ações que estes exercem sobre o herói, bem como seus atributos. Para a classificação das forças do ambiente, Murray (1943/2005) propõe uma escala do efeito de tais forças sobre o herói, definido conceitualmente na Personologia como *pressão*. Além de sugerir tipos específicos de pressão, Murray (1943/2005) propõe uma escala de 1 a 5 pontos para a força desta, considerando os mesmos critérios para a classificação da intensidade da necessidade do herói (vide subseção 1.5.11).

Para a revisão do sistema morvaliano aqui apresentada, adotou-se tanto as categorias criadas por Morval (1982) como a escala proposta por Murray (1943/2005). Desta forma, o contexto ou as forças do ambiente passaram a ser denominados como *Conjunto ou Meio*, classificado com relação ao *Tipo de Meio* e o *Tipo de Pressão*. O tipo de meio se refere às categorias de Morval (1982), cuja definição foi revisada (em especial, a categoria de Meio Físico – vide tabela abaixo), enquanto o tipo de pressão amplia a escala proposta por Murray

(1943/2005), de forma a considerar tanto a intensidade como a direção da pressão (favorável ou contrária ao herói). Tais categorias são apresentadas na Tabela 1.17. Assim como discutido para as categorias referentes ao herói (subseção 1.5.10), as categorias aqui propostas se prestam à análise dos dados ao nível nomotético, não excluindo a importância de, ao nível qualitativo, considerar outros detalhes sobre o Conjunto ou Meio, conforme citados por Murray (1943/2005).

Tabela 1.17. Categorias referentes ao Conjunto ou Meio (Tipo de Meio e Tipo de Pressão sobre o herói) no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Tipo de Meio	<p>Classificação das características predominantes do entorno do herói, considerando critérios de intensidade, duração, frequência e importância no enredo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Meio inexistente: A pessoa examinada não descreve quaisquer características do entorno relevantes para a história (por exemplo, conta sobre pensamentos do herói, sem fazer referência a circunstâncias externas ou outras pessoas);</li> <li>- Meio Físico: A pessoa examinada faz referência, como aspecto relevante para a história, a objetos (por exemplo, violino ou rifle), condições climáticas (por exemplo, neve, desmoronamento de pedras) e/ou outras características do contexto concreto no entorno do herói (por exemplo, o local de residência ou onde o personagem se localiza);</li> <li>- Meio Social: A pessoa examinada faz referência, como aspecto relevante para a história, a personagens secundários e circunstâncias sociais (por exemplo, guerra, desemprego, “vida difícil”). Esta categoria deve ser preferida à categoria acima, caso ambas sejam relevantes para história como um todo.</li> </ul>
Tipo de Pressão	<p>Classificação do tipo e intensidade da influência do meio sobre o herói. Para o tipo de pressão, considera-se a escala descrita abaixo com valores <i>positivos</i> (no caso de a influência do meio ser <i>favorável</i> ao herói, ou seja, lhe ser benéfica, prazerosa ou de apoio) ou <i>negativos</i> (no caso de a influência do meio ser <i>desfavorável</i> ao herói, ou seja, lhe ser prejudicial, frustradora ou limitadora). Para a intensidade da pressão, considerar os valores (independente se positivos ou negativos) da escala abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 0: O meio não exerce qualquer tipo de pressão sobre o herói. Comumente, esse nível se aplica quando o meio é inexistente (vide categorias do Tipo de Meio);</li> <li>- 1: Mera presença de pressão do meio sobre o herói, sem que, contudo, a mesma seja relevante (por exemplo, a presença de um personagem secundário a quem o herói se refere);</li> <li>- 2: Presença de pressão ativa do meio sobre o herói, ainda que pouco intensa (por exemplo, o herói está em um local frio, mas está agasalhado);</li> <li>- 3: O meio exerce influência ativa sobre o herói, com consequências importantes para a trama da história (por exemplo, um personagem secundário interfere ativamente nas ações do herói);</li> <li>- 4: O meio exerce pressão intensa sobre o herói; nesse nível, a pressão é maior que as ações do herói para história como um todo (por exemplo, o herói é preso, ou curado de uma doença grave);</li> <li>- 5: A pressão sobre o herói se sobrepõe a quaisquer ações possíveis do herói, tais como situações de morte de um personagem secundário, ou a interferência de personagens épicos ou sobrenaturais. Deve-se ressaltar que esse nível não necessariamente se aplica a histórias que incluam personagens fantásticos (por exemplo, dragão, monstro), já que, no contexto geral da narrativa, a pressão que tais personagens exercem sobre o herói pode ser pouco intensa, apesar de tais personagens serem fantasiosos.</li> </ul>

### 1.5.15. Tipo de Desfecho da história

O desfecho da história se refere à solução dada pela pessoa avaliada para o conflito descrito na história, ou mais especificamente, se refere à satisfação ou não da necessidade do herói. Morval (1982) propôs categorias para o tipo de desfecho, enfatizando a descrição da satisfação da necessidade (tais como desfecho ambivalente, provável ou contraditório). Scaduto (2010) e Scaduto e Barbieri (2013) propuseram, baseados na experiência didática com o TAT dos pesquisadores do Centro de Pesquisa em Psicodiagnóstico (CPP), categorias referentes ao grau de satisfação da necessidade e sua relação com as ações do herói e/ou do meio.

A revisão do sistema morvaliano aqui apresentada aproveita tais categorias, além de incluir a categoria de desfecho em suspenso, a qual sintetiza a proposta de Morval (1982), descrita acima. Visando à síntese de tais dados, as categorias resultantes da revisão foram ordenadas como uma escala de *Sucesso e Autonomia do herói*, a qual é apresentada na Tabela 1.18.

Tabela 1.18. Categorias referentes ao Desfecho da História (Escala de Sucesso e Autonomia do Herói) no sistema morvaliano revisado.

Categoria	Definição operacional
Sucesso e Autonomia do Herói	<p>Classificação do desfecho da história, aqui compreendido como o grau de satisfação da necessidade do herói (categorias <i>Sucesso-Fracasso</i> e <i>Total-Parcial</i>), bem como o nível com que as ações desse último determinam tal satisfação (categoria <i>Voluntário-Involuntário</i>), de acordo com a seguinte pontuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- (-4) (Fracasso Total Involuntário): A necessidade do herói não é satisfeita (Fracasso Total), com a predominância de ações do conjunto ou meio para tanto (Involuntário);</li> <li>- (-3) (Fracasso Parcial Involuntário): Apesar de a necessidade do herói ser parcialmente satisfeita, o desfecho enfatiza a não satisfação da mesma (Fracasso Parcial), com a predominância de ações do conjunto ou meio para tanto (Involuntário);</li> <li>- (-2) (Fracasso Total Voluntário): A necessidade do herói não é satisfeita (Fracasso Total), apesar das ações deste para tanto (Voluntário)</li> <li>- (-1) (Fracasso Parcial Voluntário): Apesar de a necessidade do herói ser parcialmente satisfeita, o desfecho enfatiza a não satisfação da mesma (Fracasso Parcial), com a predominância das ações do herói para tanto (Voluntário);</li> <li>- 0 (Desfecho em suspenso): Não fica claro se a necessidade do herói é satisfeita, seja por ausência de descrições nessa direção, por hesitação da pessoa avaliada em fazer tal descrição, ou por uma descrição vaga do desfecho (por exemplo, “agora, ele [herói] terá que se esforçar para conseguir o que quer”);</li> <li>- (1) (Sucesso Parcial Involuntário): A necessidade do herói é parcialmente satisfeita, com o desfecho enfatizando tal satisfação (Sucesso Parcial) e a predominância de ações do conjunto ou meio para tanto (Involuntário);</li> <li>- (2) (Sucesso Total Involuntário): A necessidade do herói é completamente satisfeita (Sucesso Total), com a predominância de ações do conjunto ou meio para tanto (Involuntário);</li> <li>- (3) (Sucesso Parcial Voluntário): A necessidade do herói é parcialmente satisfeita, com o desfecho enfatizando tal satisfação (Sucesso Parcial) e a predominância de ações do herói para tanto (Voluntário);</li> <li>- (4) (Sucesso Total Voluntário): A necessidade do herói é completamente satisfeita (Sucesso Total), com a predominância de ações do herói para tanto (Voluntário).</li> </ul>

### **1.5.16. Observações gerais e Grau de preferência pelo cartão**

Pela riqueza dos dados idiográficos que o TAT permite obter (Jacquemin et al., 2003; Morval, 1982; Murray, 1943/2005; Tavares, 2003), diversos autores recomendam o registro de observações ao final da classificação das histórias, independente do sistema adotado para tanto. Jacquemin et al. (2003), por exemplo, recomendam o registro de “todo aspecto relevante de cada história que não pode se encaixar nas outras categorias de análise” (p. 29), além de hipóteses acerca da personalidade da pessoa avaliada a partir do contato com o material. Devido a sua natureza puramente qualitativa, cuja síntese por procedimentos de medida ou categorização objetiva levariam a um empobrecimento dos dados (Conde, 1995), tais observações não foram consideradas na amostra normativa aqui apresentada.

Como já referido na subseção referente às instruções de aplicação do teste, foi solicitado que os participantes da amostra normativa escolhessem o cartão que mais gostaram e o cartão que menos gostaram, além de descrever suas razões para tanto. As frequências de escolha de cada cartão (seja como cartão favorito ou preterido) foram contabilizadas no presente estudo, enquanto as razões para tanto foram sintetizadas por meio de uma análise de conteúdo (Navarro & Dias, 1995).

### **1.5.17. Considerações finais sobre a revisão do sistema morvaliano**

As categorias da revisão do sistema morvaliano aqui propostas são apresentadas de forma sintetizada na Tabela 1.19, incluindo as escalas criadas e categorias nominais descritas nas subseções anteriores. Como já referido no início desta seção, o objetivo dessa revisão foi permitir uma análise nomotética dos dados da amostra normativa usando o sistema morvaliano. Deve-se ressaltar que uma análise aprofundada das histórias deve considerar características qualitativas das mesmas, cuja sistematização em categorias fechadas levaria a um empobrecimento de tais informações.



Tabela 1.19. Categorias do sistema morvaliano revisado.

Categoria principal	Subcategorias	Escalas/Categorias nominais	
Tema			
Análise formal	Atitude durante a tarefa	Nível de participação Fenômenos especiais	
	Adaptação ao estímulo	Omissão(omissões) de detalhe(s) do cartão Distorção(distorções) de detalhe(s) do cartão	
	Adaptação às instruções	Autonomia para a tarefa Atendimento às instruções	
	Análise formal da história		Índices formais básicos Qualidade da linguagem
			Complexidade Temporal Integração da narrativa
			Qualidade geral da história
	Herói	Tipo de herói	Categorias específicas (vide subseção 1.5.10)
Atributos do herói		Complexidade do herói Idealização do herói	
Necessidade(s) do herói		Categorias específicas (vide Apêndice 1); Força da necessidade.	
Conduta do herói	Nível evolutivo	Nível Evolutivo da Conduta	
	Eficácia da Conduta	Categorias específicas (vide subseção 1.5.12)	
	Estilo da Conduta	Categorias específicas (vide subseção 1.5.13)	
	Vivências afetivas dos heróis	Categorias específicas (vide subseção 1.5.13)	
Conjunto ou meio		Tipo de meio Tipo de pressão	
	Desfecho	Sucesso e autonomia do herói	
Observações	Observações		
	Grau de preferência pelo cartão	Cartão escolhido como favorito ou como preterido	

Como já discutido acima, as histórias do TAT são passíveis de análise usando diversas estratégias investigativas, mostrando-se suscetível a diferentes leituras teóricas e metodológicas. No Brasil, a escassez de pesquisas sobre as propriedades desse instrumento levanta a necessidade de conhecer seus alcances e limites, estabelecendo níveis de interpretação nomotéticos e idiográficos. A partir das preocupações de diversos autores sobre a importância de tal integração (Anzieu, 1965/1981, Herzberg, 2000; Pasian & Loureiro, 2010, Tavares, 2003), é possível afirmar que a caracterização normativa do desempenho no TAT permitiria conhecer mais especificamente quais fenômenos psicológicos podem ser estudados através desse instrumento. Dessa forma, seria possível oferecer auxílio tanto para profissionais da área aplicada como para pesquisas posteriores com o instrumento.

Nesse sentido, a descrição de normas num modelo teórico próximo ao descrito no manual atualmente aprovado para uso no país (Murray, 1943/2005) permitiria maior rapidez na apropriação das mesmas por profissionais, ao mesmo tempo em que pesquisadores

poderiam tirar proveito dos dados obtidos, visto que as variáveis do sistema morvaliano podem ser apropriadas por outros sistemas, preocupação também apontada por Rosenzweig (1949). Dessa forma, o presente projeto se constitui numa iniciativa visando facilitar a integração entre pesquisa e prática, um dos maiores desafios atuais da Psicologia brasileira e internacional (Barbieri, 2008; Holtz, 1999, Jenkins, 2008).

## **2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DA PESQUISA**

A partir das preocupações de diversos autores sobre a importância da integração entre interpretações nomotéticas e idiográficas para as técnicas de autoexpressão (Anzieu, 1965/1981, Herzberg, 2000; Pasian & Loureiro, 2010, Tavares, 2003), é possível afirmar que a caracterização normativa do desempenho no TAT permitiria conhecer quais fenômenos podem ser estudados por meio desse instrumento, contribuindo para sua utilização na área aplicada e em pesquisas posteriores. Nesse sentido, a criação de normas num modelo teórico próximo ao descrito no manual atualmente aprovado para uso no país (Murray, 1943/2005) permitiria maior rapidez na apropriação das mesmas por profissionais, ao mesmo tempo em que pesquisadores poderiam tirar proveito dos dados obtidos.

Desta forma, os objetivos da pesquisa são:

### **2.1. Objetivo Geral**

Descrever dados normativos sobre o desempenho no TAT em uma amostra não clínica de adultos brasileiros, nas categorias do sistema desenvolvido por Monique Morval (1982), revisado por Scaduto e Barbieri (2012) no presente estudo.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- Caracterizar o desempenho no TAT de adultos de ambos os sexos, diferentes níveis socioeconômicos (NSE) e de escolaridade.
- Investigar se há diferenças de desempenho no TAT na amostra estudada relacionadas ao sexo, NSE e/ou de escolaridade.



### 3. MÉTODO

O presente estudo fez uso de uma metodologia do tipo Modelo Multinível, dentro do contexto maior dos Métodos Mistos de Pesquisa (*Mixed Method Research*, MMR), conforme apresentados por Gelo, Braakmann e Benetka (2008). Neste tipo de estudo, métodos de pesquisa quantitativos e qualitativos são usados em conjunto, visando descrever diferentes níveis do fenômeno estudado. Neste sentido, o presente estudo, ainda que predominantemente quantitativo/nomotético, também adotou metodologias qualitativas de análise dos dados obtidos (vide adiante).

#### 3.1. Local

O estudo foi realizado na região oeste da cidade de Ribeirão Preto/SP. Localizada na região nordeste do estado, a cidade tem população de aproximadamente 615 mil habitantes, predominantemente urbana (taxa de urbanização de 99,72%) e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM<sup>22</sup>) 0,855 (Muito Alto), segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE (2012). Essa região foi escolhida devido a sua diversidade de extratos socioeconômicos, englobando bairros de classes altas médias e baixas no mesmo território. A escolha por essa região também se justifica por sua proximidade do campus da Universidade de São Paulo, fato que se presumiu ser facilitador para o contato com os participantes e para a apresentação da pesquisa.

#### 3.2. Participantes

Foram selecionadas 100 pessoas para a composição da amostra normativa, com diferentes níveis socioeconômicos (NSEs) e de escolaridade, residentes em Ribeirão Preto (SP). Inicialmente, foi planejada a seleção de 230 pessoas; contudo, em virtude da dificuldade para conseguir voluntários, o tamanho da amostra foi reduzido a fim de tornar a coleta de dados viável no prazo estabelecido pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Nível: Doutorado) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de

---

<sup>22</sup> O IDH consiste, segundo o SEADE, num “indicador que sintetiza três aspectos do desenvolvimento humano: vida longa e saudável, acesso a conhecimento e padrão de vida, traduzidos nas dimensões de longevidade, educação e renda”.

Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. No total, foram entrevistadas 113 pessoas que apresentaram critérios de inclusão na amostra (vide abaixo). Dessa amostra, foram usados 100 casos, a fim de manter a mesma proporção de homens e mulheres. Tal amostra corresponde a aproximadamente 0,06% da população adulta do município, com base em estimativas da Fundação SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados (2011).

Apesar da baixa representatividade estatística dessa amostra, trabalhos recentes de adaptação de técnicas aperceptivo-temáticas para o contexto brasileiro usaram amostras normativas de tamanho semelhante, quais sejam, o Teste de Apercepção Temática para crianças – figuras de animais (CAT-A; Bellak & Abrams, 2010/1998), cujos estudos normativos, de validade e fidedignidade empregaram amostras entre 40 a 100 crianças, e o SAT – Técnica de Apercepção para Idosos (Bellak & Abrams, 2012/1998), cuja amostra normativa foi composta por 129 pessoas idosas.

Foram incluídos na amostra apenas os participantes que apresentaram critérios para caracterização de populações não clínicas, ou seja, que não apresentavam quaisquer dos seguintes indicadores no momento da entrevista de convite para o estudo: sofrimento psíquico severo e/ou persistente nos últimos 12 meses; histórico de tratamento psicológico, psiquiátrico e/ou neurológico nos últimos 12 meses; déficits cognitivos e/ou sensoriais significativos, que impedissem a aplicação do instrumento; histórico de tentativas de suicídio e/ou uso abusivo de álcool e/ou drogas. No caso em que pessoas que apresentaram tais critérios foram avaliadas (situação que veio a ocorrer por omissão de dados durante a entrevista de triagem – vide adiante), elas foram encaminhadas para serviços de atenção em saúde mental da rede pública e de extensão universitária do município, quando ainda não estavam em tratamento.

### **3.3. Material**

*Carta de apresentação do projeto de pesquisa (Apêndice 2).* Essa carta explica os objetivos e procedimentos da pesquisa, convidando os participantes para integrá-la. A carta também inclui questões sobre o interesse em participar do estudo e caracterização dos moradores. A redação desse documento foi feita considerando as dificuldades reportadas por Pasian (1998) para contatar participantes de NSE alto.

*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes (TCLE; Apêndice 3).* Descreve os procedimentos empregados na pesquisa, a não obrigatoriedade da participação, a

garantia do sigilo quanto às informações oferecidas e a possibilidade de obter informações sobre os resultados, caso o(a) participante deseje.

*Roteiro de Entrevista (Apêndice 4).* Contém informações sobre a caracterização do(a) participante, tais como dados demográficos, NSE (utilizando para tanto os critérios da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP, 2012), composição da família de origem e atual (se houver) e nível de escolaridade, bem como perguntas sobre o histórico pessoal (desenvolvimento e saúde física gerais) e de saúde mental dos participantes (presença de queixas nessa direção, referência a tratamentos psicológico, psiquiátrico ou neurológico). Este roteiro também inclui o *Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20)*, descrito abaixo.

Todos os documentos mencionados acima (Apêndices 1 a 3) foram elaborados a partir de modelos apresentados em Pasian (1998) e Scaduto (2010).

*Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20).* Como complemento ao roteiro de entrevista (Apêndice 3), incluiu-se as perguntas do SRQ-20, em sua adaptação brasileira, realizada por Mari e Williams (1986). O SRQ-20 é uma escala de rastreamento de transtornos mentais sem sintomas psicóticos, apresentando propriedades psicométricas adequadas. Gonçalves, Stein & Kapczinski (2008), por exemplo, reportaram índices de 86,33% de sensibilidade e 89,31% de especificidade, além de um índice de poder discriminativo de 0,9 para triagem psiquiátrica e alfa de Cronbach igual a 0,86. Já Santos, Araújo & Oliveira (2009) reportaram 59,6% da variância dos dados explicada por uma solução de quatro fatores por meio de análise fatorial, além de um índice de consistência interna geral de 0,80 para os itens da escala.

A SRQ-20 vem sendo usada recentemente em estudos de saúde pública (Costa et al., 2002; Paixão et al., 2009) e de validade de técnicas de autoexpressão (Pianowski & Villemor-Amaral, 2010).

*Teste de Inteligência Geral Não-Verbal (TIG-NV).* Desenvolvido para avaliação do potencial intelectual por Tosi (2006) e aprovado para uso pelo SATEPSI, apresenta vantagens como

rapidez de aplicação, normas atuais para a amostra estudada no presente estudo, além de propriedades psicométricas adequadas<sup>23</sup>. Foram incluídos no estudo apenas os participantes que apresentaram desempenho cognitivo preservado (ou seja, QI acima de 80) neste instrumento.

*Teste de Apercepção Temática (TAT)*. O TAT foi aplicado em sua forma completa (20 cartões, aplicados em duas sessões), sendo os cartões pré-selecionados de acordo com o sexo e idade dos participantes (Murray, 1943/2005). Os cartões aplicados são apresentados na Tabela 3.1. A aplicação dos cartões foi feita de acordo com as instruções descritas na seção 1.5 (referente à revisão do sistema morvaliano), a partir das recomendações de Jacquemin et al. (2003) e Murray (1943/2005). Conforme descrito na seção citada anteriormente, as instruções de apoio foram fixadas, como forma de manter a homogeneidade da aplicação do teste. Tais instruções são apresentadas na Tabela 3.2.

Devido a um erro de procedimento, 24 das 50 participantes do grupo de mulheres que compuseram a amostra aqui estudada responderam ao cartão 13MF e não o cartão 13HF, conforme recomendado por Murray (1943/2005). Apesar desse erro, os casos foram mantidos na amostra, em virtude de os outros cartões terem sido aplicados corretamente. Foram feitas análises estatísticas em busca de possíveis diferenças estatisticamente significantes entre os dois subgrupos (vide adiante a seção sobre análise dos resultados).

Tabela 3.1. Cartões aplicados aos participantes do presente estudo.

	Primeira sessão	Segunda sessão
Participantes do sexo masculino	1, 2, 3RH, 4, 5, 6RH, 7RH, 8RH, 9RH e 10.	11, 12H, 13HF, 14, 15, 16, 17RH, 18RH, 19 e 20.
Participantes do sexo feminino	1, 2, 3MF, 4, 5, 6MF, 7MF, 8MF, 9MF e 10	11, 12F, 13HF*, 13MF**, 14, 15, 16, 17MF, 18MF, 19 e 20

Legenda: Cartões universais (aplicados a ambos os sexos, sem letras), para adultos do sexo masculino (RH), feminino (MF) ou ambos (HF). Fonte: Murray (1943/2005); \*Aplicado a 26 participantes; \*\*Aplicado a 24 participantes.

23 Alfa de Cronbach (n = 2517) = 0,89; Precisão Teste-reteste (n = 51) = 0,93; Correlação com D70 (n = 34) = 0,73.



Tabela 3.2. Aplicação do TAT – instruções para os participantes.

Tipo de instrução	Instrução
Apresentação da atividade	Vou lhe mostrar algumas figuras e pedir que você invente uma história para cada uma delas. Peço que você me conte o que está acontecendo na figura, o que aconteceu antes e como a história termina, ou seja, uma história com começo, meio e fim. Também peço que você me conte o que as pessoas na história estão pensando e sentindo; enquanto isso, vou anotar tudo o que você disser; também irei anotar o tempo que você leva para contar cada história. São 10 figuras; peço que você tente levar 5 minutos para cada uma delas, mas fique à vontade para levar o tempo que quiser. Você tem alguma dúvida? (Em caso negativo) Então esta é a primeira figura.
Ao final de cada história	Agora, gostaria que você inventasse um título para a história que você contou.
Intervenções de apoio ou encorajamento durante a aplicação dos cartões	O que aconteceu antes na história? O que acontece depois? Como a história termina? O que ele(a)(s) está(ão) pensando? O que ele(a)(s) está(ão) sentindo? Gostaria que você contasse um pouco mais sobre isso (o que aconteceu antes, depois, o final da história, o que os personagens estão pensando ou sentindo). Você gostaria de contar algo mais sobre essa história?
No caso de dúvidas do examinando sobre a tarefa	Você pode fazer do jeito que você preferir. Você pode terminar a história do jeito que preferir.
No caso de dúvidas sobre detalhes dos cartões	Pode ser qualquer coisa, o que você preferir. O importante é o que você está vendo.
Para o cartão 16 (cartão em branco)	Diga o que você pode ver sobre este cartão branco. Imagine que aí tenha uma imagem e descreva-a para mim em detalhes. (Após o examinando descrever a imagem) Agora, conte uma história sobre essa imagem.
No caso de dificuldades para criar uma imagem no cartão 16	Feche os olhos e represente qualquer coisa, uma cena.
No caso de histórias muito curtas (ou compridas) nos três primeiros cartões	Peço que você tente contar histórias um pouco mais longas [curtas].
Ao final da segunda entrevista	Agora, eu vou lhe mostrar todos os cartões que nós usamos. Gostaria que você escolhesse o cartão que você mais gostou e o cartão que você menos gostou. (Após o examinando ter escolhido os cartões) Agora me conte por que esse foi o que você mais/menos gostou.

### 3.4. Procedimento

*Seleção dos participantes.* Os participantes foram selecionados usando a mesma metodologia descrita por Pasion (1998), em virtude da semelhança dos objetivos e do público-alvo de ambas as pesquisas. Foram escolhidos bairros na zona oeste da cidade de Ribeirão Preto, na qual foram encontrados participantes de nível de escolaridade e NSE conforme pretendidos para a pesquisa (baixo e alto). Os quarteirões desses bairros foram inicialmente numerados e sorteados. Em seguida, fazia-se o sorteio de uma face do quarteirão e uma casa nesta face.

A casa assim sorteada era a primeira a ser visitada pelo pesquisador, que apresentava a Carta de Apresentação da Pesquisa (Apêndice 2) ao(s) morador(es) da mesma. No caso de haver pessoas que preenchessem os critérios de inclusão na amostra, eram combinadas

entrevistas de acordo com sua disponibilidade e conveniência, realizadas na própria residência ou em sala do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA) da FFCLRP. Ainda no momento da anuência dos(as) participantes em fazer parte do estudo, os(as) mesmos(as) recebiam cópia do TCLE (Apêndice 3) e do Roteiro de Entrevista (Apêndice 4), que eram preenchidos pelo(a) próprio(a) participante e checados pelo pesquisador na primeira entrevista (vide abaixo). Após o contato com essa residência, o mesmo procedimento foi realizado na casa vizinha à esquerda, em sentido horário, até que todas as casas desse quarteirão fossem contatadas.

Quando nenhum morador da casa era encontrado, deixava-se cópia da Carta de Apresentação da Pesquisa aos participantes (Apêndice 2), com o questionário para sua caracterização, anexado a ela, sendo recolhido após dois dias, em nova tentativa de contato.

Para a composição da amostra para o presente estudo, foram visitadas 2888 residências, tendo-se deixado convite para a pesquisa em 2298 delas; nas residências restantes, os moradores recusaram a participação ou não apresentavam critério de idade para inclusão na pesquisa ao primeiro contato realizado. Desse total, 261 pessoas manifestaram interesse em participar da pesquisa, das quais 113 foram incluídas na amostra normativa, 38 foram excluídas por não apresentarem critérios para tanto (apesar de sua avaliação ter sido realizada, tendo-se observado critérios para a exclusão durante a avaliação), 30 declinaram de sua participação após a realização da primeira entrevista (vide abaixo) e o restante (80 pessoas) apresentou critérios de exclusão no momento da primeira entrevista, de forma que sua avaliação não foi realizada. Para esse último grupo, foram feitos encaminhamentos para serviços de atenção em saúde mental, após o pesquisador discutir as razões para não realizar a avaliação proposta. Das 150 pessoas avaliadas, cinco delas foram entrevistadas por auxiliares de pesquisa treinados pelo autor do presente estudo.

O procedimento acima foi executado entre junho de 2012 a julho de 2014; nesse período, 49 homens apresentaram critérios para inclusão na amostra normativa. A fim de se obter mais um voluntário do sexo masculino, a entrega de convites para participação na pesquisa (vide abaixo) foi feita em locais de trabalho na mesma região onde a pesquisa foi realizada, entre Fevereiro e Março de 2015, até se conseguir o voluntário em questão.

*Entrevistas de Avaliação Psicológica.* Os participantes selecionados para a amostra passaram por duas entrevistas individuais, na seguinte ordem:

- *Primeira entrevista:* Checagem do TCLE (Apêndice 2) e do roteiro de entrevista (Apêndice 3) junto com o participante para *rapport* inicial; aplicação dos 10 primeiros cartões do TAT.
- *Segunda entrevista.* Aplicação dos cartões restantes do TAT e do TIG-NV; encerramento do trabalho, agendando-se entrevista devolutiva, caso solicitada pelo participante.
- *Terceira entrevista (caso solicitada pela pessoa avaliada).* Apresentação e discussão dos resultados obtidos durante a avaliação (entrevista devolutiva).

### 3.4.1. Análise dos resultados

Os dados obtidos através da entrevista e do TIG-NV foram usados para a avaliação da inclusão dos participantes na amostra a ser estudada. Para os participantes que compuseram a amostra normativa, os dados da entrevista foram usados para sua caracterização nas variáveis pré-definidas para comparações entre grupos para os indicadores do TAT, ou seja, sexo, escolaridade e NSE. Os protocolos do TIG-NV foram codificados de acordo com as instruções de seu manual (Tosi, 2006), para os mesmos fins de inclusão dos participantes na amostra apenas nos casos de resultado maior que o correspondente a QI 80 nesse instrumento.

Os protocolos do TAT foram codificados usando as variáveis descritas na revisão do sistema morvaliano (vide seção 1.5). Tal codificação gerou variáveis de três tipos, cuja presença foi contabilizada, quais sejam, frequências simples de cada indicador, dados em escala ordinal (para o caso das escalas descritas na seção 1.5) e variáveis puramente qualitativas, por sua vez reduzidas a categorias definidas *a posteriori* via Análise de Conteúdo (Navarro & Dias, 1995). Para os temas das narrativas (vide seção 1.5.1), os resultados da análise de conteúdo foram usados como base para a criação de histórias típicas para cada cartão (Murray, 1943/2005; Schwartz e Caride, 2004a; 2004b), as quais, por sua vez, consistem numa descrição sintética dos histórias mais frequentes nas amostras estudadas.

As variáveis quantitativas passaram por análises estatísticas, em busca de possíveis diferenças entre homens e mulheres, assim como entre os dos de escolaridade e o NSE entre si. Para fins de simplificação da exposição, foram agrupados os resultados das análises nos cartões com versões diferentes para homens e mulheres (no caso, 3RH/3MF, 6RH/6MF, 7RH/7MF, 8RH/8MF, 12H/12F, 17RH/17MF e 18RH/18MF), referindo-se aos mesmos apenas pelo número e fazendo-se as observações sobre suas especificidades quando

necessário. Ainda, para os cartões 13HM e 13MF, foram feitas comparações estatísticas entre os grupos de mulheres para os quais tais cartões foram aplicados, em virtude do erro de procedimento descrito anteriormente.

Como já referido, foram derivados dois tipos de dados quantitativos da análise das histórias, quais seja, frequências simples de cada variável do sistema morvaliano revisado e 17 escalas ordinais para algumas dessas variáveis. Para as frequências simples, foram feitas comparações entre os sexos usando o Teste Qui-quadrado. Quando as frequências esperadas em cada célula das comparações 2x2 foi menor que 5, foram feitas comparações usando o Teste Exato de Fisher. Para as comparações das frequências simples por nível de escolaridade e o NSE, foi usado o teste de Fisher–Freeman–Halton (um caso especial do Teste Exato de Fisher para tabelas maiores que 2x2; Sprent e Smeeton, 2000).

Para as escalas derivadas dos dados, testou-se inicialmente a normalidade das distribuições obtidas usando o teste de Kolmogorov-Smirnov. Conforme referido na próxima seção, a maioria dessas análises levou à rejeição da hipótese nula, ou seja, não foi possível afirmar que a distribuição dos dados é normal (Field, 2009; Siegel & Castellan, 2006). Desta forma, as comparações estatísticas foram realizadas usando testes não paramétricos.

Para as comparações entre os sexos, foi usado o Teste de Mann-Whitney para duas amostras independentes. Nos casos em que houve diferenças estatisticamente significantes entre homens e mulheres, foi calculada a correlação efeito-tamanho de Pearson ( $r$ ). Para as comparações das escalas por nível de escolaridade e NSE, foi utilizado o teste Kruskal-Wallis para  $k$  amostras independentes e o Teste de Mann-Whitney (com a correção de Bonferroni – vide adiante) para análises *post-hoc* (Field, 2009). Ainda, foram realizadas comparações entre os dois subgrupos de mulheres com relação ao desempenho no terceiro cartão aplicado na segunda entrevista do TAT (13MF para 24 participantes, 13HF para as restantes do grupo feminino).

Para todas as comparações estatísticas realizadas, adotou-se o nível de significância  $p < 0,05$ . No caso das comparações *post-hoc* (referentes a diferenças estatisticamente significantes relativas à escolaridade ao NSE), o nível de significância adotado foi  $p < 0,0167$ , usando a correção de Bonferroni, conforme a recomendação de Field (2009). Tal correção consiste em dividir o valor do nível de significância pelo número de comparações *post-hoc* efetuadas, como forma de reduzir o risco de erros do Tipo I (ou seja, o de incorretamente rejeitar a hipótese nula do teste estatístico utilizado para a comparação). Desta forma, o nível de significância adotado se refere ao valor  $p < 0,05$ , dividido por 3, ou seja, o número de comparações possíveis entre os níveis de escolaridade e NSE da amostra estudada.

### **3.5. Aspectos Éticos**

O projeto foi submetido para avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da FFCLRP-USP, tendo sido aprovado em junho de 2012 (vide fac-símile da aprovação no Anexo 1). Após a aprovação por esse Comitê, a coleta de dados teve início, adotando os procedimentos acima descritos. Como já exposto anteriormente, os participantes receberam todas as informações sobre a pesquisa verbalmente e na forma de um TCLE a eles dirigido (Apêndice 3), ressaltando a não obrigatoriedade de sua participação e a possibilidade de desistência sem qualquer ônus e de conhecer os resultados de sua avaliação em entrevista devolutiva posterior à avaliação, caso solicitassem. Participaram do estudo apenas as pessoas que concordaram com os termos do TCLE.



## 4 RESULTADOS

A Tabela 4.1 mostra a distribuição da amostra aqui apresentada, de acordo com o sexo, nível de escolaridade e NSE. A maior parte dos participantes tem ao menos 10 anos de estudo (Ensino Médio Completo e Ensino Superior; 83%) e está na classe B de NSE (61%). O nível de NSE A será doravante descrito como Alto, enquanto os restantes (B e C) serão, respectivamente, descritos como Médio e Baixo. Foi encontrada uma correlação positiva, média e significativa entre NSE e escolaridade ( $r = 0,489$ ;  $p < 0,01$ ), indicando que, para a amostra estudada, há uma tendência de o NSE ser mais alto conforme aumenta a escolaridade. Tal correlação era esperada, já que uma das variáveis para o cálculo do NSE consistia no nível de escolaridade do(a) chefe da família, em muitos casos a própria pessoa avaliada. Apesar disso, a comparação entre os grupos masculino e feminino usando o teste de Mann-Whitney não apresentou diferenças estatisticamente significantes quanto ao nível de escolaridade ( $m =$  Ensino Médio para ambos os grupos;  $U = 1114$ ;  $r = -0,18$ ; n. s.), assim como para o NSE ( $m =$  Nível Médio para ambos os grupos;  $U = 1020$ ;  $r = -0,10$ ; n. s.).

Tabela 4.1. Caracterização da amostra por sexo, escolaridade e nível socioeconômico (NSE), segundo a frequência absoluta e percentual.

		Total da amostra (n = 100)		Sexo Masculino (n = 50)		Sexo Feminino (n = 50)	
		f = %		f	%	f	%
Escolaridade	EF	17		11	22	6	12
	EM	42		20	40	22	44
	ES	41		19	38	22	44
NSE	A (Alto)	8		2	4	6	12
	B (Médio)	61		29	58	32	64
	C (Baixo)	31		19	38	12	24

Nota: f = Frequência; % = Porcentagem; EF = Até Ensino Fundamental; EM = Ensino Médio; ES = Ensino Superior.

Nos próximos tópicos, são apresentados os resultados obtidos quanto ao desempenho da amostra nos cartões apresentados aos participantes. Inicialmente, serão apresentados os resultados das comparações estatísticas realizadas com relação ao sexo, escolaridade e NSE nos diferentes indicadores e escalas derivadas da revisão do sistema morvaliano, anteriormente apresentada. Ainda na análise quantitativa dos dados, são apresentados os resultados das comparações entre os dois grupos de mulheres aos quais foram aplicados os cartões 13HF e 13 MF (vide seção anterior). Em seguida, são apresentados os resultados referentes à análise de conteúdo dos temas.

#### **4.1. Desempenho da amostra nas variáveis do sistema morvaliano – análise quantitativa**

##### **4.1.1. Testes de normalidade para as variáveis ordinais**

A análise estatística do desempenho nas escalas do sistema morvaliano e nos Índices Formais Básicos permite afirmar que os dados não se distribuíram normalmente, com algumas exceções dispersas ao longo dos cartões, sem, contudo, se constituir num padrão (e, portanto, sem significado teórico relevante).

Das 23 variáveis analisadas para cada um dos 20 cartões aplicados a homens e a mulheres, não se obteve quaisquer resultados estatisticamente significantes em sete cartões (3, 4, 6, 10, 11, 16, 18). Em três cartões (8, 13 e 17), foram obtidos resultados maiores que  $p > 0,05$  (e que, portanto, rejeitam a hipótese nula de distribuição não-normal dos dados) para duas variáveis, enquanto que, nos dez cartões restantes, foram obtidos resultados estatisticamente significantes para apenas uma das variáveis. Deve-se ressaltar que as variáveis para os quais se obteve resultados estatisticamente significantes não se repetiram consistentemente ao longo dos cartões; além disso, tais resultados só foram obtidos para três dos cinco Índices Formais Básicos (vide seção 1.5.5).

Foram obtidos resultados estatisticamente significantes para o Índice de Velocidade de Expressão (IVE) nos cartões 1, 2, 5, 7, 17, 20, sendo que, à exceção do cartão 2, tais resultados se encontram num limiar inferior de significância estatística (ainda que maior que 0,05). Para o Número de palavras, foram obtidos resultados estatisticamente significantes para os cartões 8, 13 e 17, sendo que, para os cartões 8 e 13, tais resultados se encontram num limiar inferior de significância estatística. Para o Tempo Total, foram obtidos diferenças estatisticamente significantes para os cartões 9, 14, 15 e 19, além dos cartões 8, 12 e 13, nos quais esse resultado se encontra num limiar inferior de significância estatística.

Como não se obteve um padrão de consistente de tais resultados, além de não se ter encontrado resultados estatisticamente significantes para as escalas derivadas dos indicadores do sistema morvaliano, foram feitas análises não-paramétricas para todas as variáveis ordinais, as quais são apresentadas a seguir.

##### **4.1.2. Atitude durante a tarefa (Nível de Participação e Fenômenos Especiais)**

A Tabela 4.2 apresenta os valores das análises estatísticas do desempenho da amostra na escala Nível de participação. Uma descrição normativa desses dados pode ser vista na Tabela 4.3.





Foram observadas poucas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos para essa escala. Apesar de homens e mulheres terem apresentado os mesmos valores de mediana no Cartão 9 ( $m = 2$ ), o teste de Mann-Whitney informa que o posto médio do grupo de mulheres (53,5) foi maior que o do grupo de homens (47,5;  $U = 1100$ ;  $p = 0,03$ ;  $r = -0,12$ ). Nos outros cartões, não foram obtidas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de homens e mulheres. Para o nível de escolaridade, foram encontradas diferenças estatisticamente significantes nos cartões 3, 10 e 20 (vide mais detalhes adiante), enquanto que, para o NSE, não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes para essa escala.

Para o cartão 3, o teste de Kruskal-Wallis mostrou um efeito estatisticamente significativo de escolaridade [ $H(2) = 9,74$ ;  $p = 0,01$ ]. Comparações *post-hoc* dos níveis de escolaridade entre si usando o teste de Mann-Whitney com a correção de Bonferroni (ou seja, considerando-se como nível de significância estatística  $p < 0,0167$ ). Tais comparações mostram que não houve diferença estatisticamente significativa na comparação entre os participantes com Ensino Fundamental (EF) e os com Ensino Médio (EM;  $U = 272$ ;  $r = -0,22$ ) e na comparação de EF com Ensino Superior (ES;  $U = 331,5$ ;  $r = -0,09$ ). Entretanto, o grupo ES teve pontuação média maior que o grupo EM ( $U = 698$ ;  $r = 0,25$ ).

Para o cartão 10, o teste de Kruskal-Wallis mostrou um efeito estatisticamente significativo de escolaridade [ $H(2) = 8,68$ ;  $p = 0,01$ ]. Comparações *post-hoc* mostram que não houve diferença estatisticamente significativa na comparação EF com EM ( $U = 290$ ;  $r = -0,22$ ) e EM com ES ( $U = 841$ ;  $r = -0,06$ ). O grupo ES, contudo, teve maior pontuação média que o grupo EF ( $U = 275$ ;  $r = 0,26$ ).

No cartão 20, o efeito de escolaridade também foi estatisticamente significativo [ $H(2) = 6,37$ ;  $p = 0,04$ ]. As comparações *post-hoc* entre EF e EM ( $U = 311,5$ ;  $r = -0,11$ ) e entre EM e ES ( $U = 759,5$ ;  $r = -0,18$ ) não apresentaram diferenças estatisticamente significantes. Já a comparação entre ES e EF mostrou que o primeiro grupo teve maior pontuação média que o segundo ( $U = 263$ ;  $r = 0,26$ ).

Por fim, a comparação entre os grupos de mulheres aos quais se aplicou os cartões 13HF e o cartão 13MF não apresentou diferenças estatisticamente significantes nessa escala, tanto para o cartão aplicado como para o nível de escolaridade e o NSE.

Em síntese, a análise dos dados acima permite afirmar que, no cartão 9, as mulheres apresentaram um nível de participação maior que os homens (ou seja, tenderam a se mostrar mais colaboradoras), enquanto, que, para três cartões, houve um efeito do nível de escolaridade no nível de participação, ou seja, o grupo com mais anos de estudo tendeu a se

mostrar mais colaborador para criar histórias que os outros grupos. Apesar disso, a intensidade desse efeito é baixa ( $r < 0,3$ ). Em virtude de tais resultados, os dados normativos foram descritos para a amostra como um todo, sem distinção das variáveis estudadas.

Os dados referentes aos Fenômenos especiais são apresentados a seguir. As Tabelas 4.4 e 4.5 apresentam, respectivamente, os resultados das comparações estatísticas e os dados normativos referentes a tais fenômenos durante a aplicação dos cartões. O número total de fenômenos observados durante cada cartão foi contabilizado para a realização das comparações estatísticas, em busca de possíveis diferenças de sexo, escolaridade e NSE para sua presença em cada cartão. Contudo, como tais fenômenos diferem entre si em termos de seu significado e processos psicológicos subjacentes, foram montadas tabelas normativas para cada um deles, as quais são apresentadas na Tabela 4.6.

As comparações estatísticas demonstram diferenças entre os grupos de homens e o de mulheres em nível estatisticamente significativo em três cartões. No cartão 4, a mediana do grupo de homens ( $m = 0,5$ ) foi maior que a do grupo de mulheres ( $m = 0$ ),  $U = 979,5$ ;  $p = 0,034$ ;  $r = 0,21$ . O mesmo resultado foi observado no cartão 8, no qual a mediana do grupo de homens ( $m = 1$ ) foi maior que a do grupo de mulheres ( $m = 0$ ),  $U = 979,5$ ;  $p = 0,034$ ;  $r = 0,21$ . No cartão 9, apesar de as medianas dos dois grupos terem sido iguais ( $m = 0$ ), o grupo de mulheres teve maior posto médio (55,03) que o grupo de homens (44,97;  $U = 1023,5$ ;  $p = 0,042$ ;  $r = 0,20$ ).

Enquanto que para o nível de escolaridade, não foram encontrados efeitos estatisticamente significantes em nenhum dos cartões, o teste de Kruskal-Wallis mostrou um efeito estatisticamente significativo de NSE no cartão 6 [ $H(2) = 9,9$ ;  $p = 0,01$ ]. As comparações *post-hoc* mostram que não houve diferença estatisticamente significativa na comparação entre os grupos de NSE Baixo e Médio ( $U = 853$ ;  $r = -0,01$ ). O grupo de NSE Alto, contudo, teve maior pontuação média nessa escala em relação aos grupos de NSE Baixo ( $U = 53,5$ ;  $r = 0,30$ ) e Médio ( $U = 124$ ;  $r = 0,27$ ). Para os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, não foram encontradas quaisquer diferenças estatisticamente significantes.

Como pode ser observado nas Tabelas 4.5 e 4.6, os Fenômenos especiais como um todo apresentaram baixas frequências médias. A tabela 4.5 mostra que o cartão 16 é aquele com a maior média de fenômenos especiais (0,85 fenômenos por caso, ou seja, ocorrência de tais fenômenos em 85% da amostra), enquanto que, no cartão 17, a média de fenômenos especiais por caso foi igual a 0,28, ou seja, tais fenômenos foram observados em 28% dos casos da amostra nesse cartão.

A Tabela 4.6 mostra que o fenômeno mais frequente ao longo dos cartões foi o de Invasão Afetiva, com uma média de 2,68 ocorrências por caso (valor médio por cartão = 0,13). Já o fenômeno menos frequente foi o de Choque Afetivo, com uma média de 0,13 ocorrências por caso (valor médio por cartão = 0,01, arredondado para cima). Os cartões 11 e 16 foram os que apresentaram maior frequência de ao menos um fenômeno especial na amostra estudada (média de 0,8 ocorrências por caso), enquanto o cartão 17 foi o que apresentou a menor frequência de tais fenômenos (média de aproximadamente 0,3 ocorrências por caso).

A tabela 4.6 também mostra que, para todos os Fenômenos Especiais, a média e a mediana de suas ocorrências é bastante menor que o desvio-padrão, o que indica uma distribuição irregular das frequências de tais fenômenos, o que por sua vez permite afirmar que fenômenos apresentam uma característica predominantemente idiográfica.

(Tabelas 4.4 a 4.6 apresentadas na próxima página)

Tabela 4.4. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o número de Fenômenos especiais, por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1197,5	1106	1195,5	979,5	1242,5	1176	1206,5	922,5	1023,5	1064	1086	1117	1111	1092,5	1171,5	1205,5	1094	1169,5	1087	1144
Valor de z	-0,40	-1,16	-0,42	-2,12	-0,06	-0,63	-0,38	-2,55	-2,04	-1,48	-1,23	-1,11	-1,13	-1,35	-0,61	-0,33	-1,49	-0,67	-1,24	-0,93
Nível de p	0,69	0,25	0,67	0,03*	0,95	0,53	0,70	0,01*	0,04*	0,14	0,22	0,27	0,26	0,18	0,54	0,74	0,14	0,50	0,22	0,35
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	1,53	0,79	1,11	0,88	2,97	0,11	0,02	0,57	1,08	1,14	1,86	2,37	2,01	0,59	0,98	0,82	0,19	2,37	0,21	0,26
Nível de p	0,47	0,67	0,57	0,64	0,23	0,95	0,99	0,75	0,58	0,57	0,39	0,31	0,37	0,74	0,61	0,66	0,91	0,31	0,90	0,88
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,25	0,03	0,78	0,01	1,16	9,90	0,04	0,45	3,14	0,69	1,50	4,29	0,04	1,71	0,61	1,30	3,26	1,10	0,87	1,88
Nível de p	0,88	0,99	0,68	1,00	0,56	0,01*	0,98	0,80	0,21	0,71	0,47	0,12	0,98	0,43	0,74	0,52	0,20	0,58	0,65	0,39

Nota: \* = diferença estatisticamente significativa.

Tabela 4.5. Dados normativos para o número total de Fenômenos especiais no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	0,70	0,61	0,62	0,57	0,43	0,43	0,39	0,59	0,35	0,52	0,82	0,45	0,48	0,41	0,59	0,85	0,28	0,39	0,66	0,43	0,53
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,92	0,96	0,84	0,81	0,71	0,76	0,71	0,79	0,67	0,72	0,90	0,73	0,75	0,71	0,81	0,88	0,60	0,62	0,77	0,81	0,77
Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	4,00	4,00	3,00	4,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,00	5,00	3,00	3,00	3,00	3,00	4,00	3,00	3,00	3,00	4,00	5,00
Q1 (P25)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Q2 (P50)	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00	1,00	0,00	0,00
Q3 (P75)	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	0,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Tabela 4.6. Frequências médias de Fenômenos Especiais no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Comentário crítico sobre si mesmo																					
Média	0,14	0,09	0,05	0,08	0,04	0,02	0,04	0,04	0,01	0,07	0,06	0,10	0,06	0,03	0,04	0,05	0,00	0,01	0,04	0,07	0,05
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,35	0,29	0,22	0,27	0,20	0,14	0,20	0,20	0,10	0,26	0,24	0,30	0,24	0,17	0,20	0,22	0,00	0,10	0,20	0,26	0,21
Comentário crítico sobre o cartão (Antigo)																					
Média	0,05	0,12	0,01	0,08	0,05	0,08	0,05	0,07	0,05	0,00	0,00	0,03	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	0,03
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,22	0,33	0,10	0,27	0,22	0,27	0,22	0,26	0,22	0,00	0,00	0,17	0,14	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,14	0,13
Comentário crítico sobre o cartão (Escuro)																					
Média	0,01	0,00	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,02	0,00	0,01	0,02	0,01	0,00	0,02	0,01	0,00	0,00	0,00	0,02	0,04	0,01
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,10	0,00	0,10	0,00	0,00	0,00	0,00	0,14	0,00	0,10	0,14	0,10	0,00	0,14	0,10	0,00	0,00	0,00	0,14	0,20	0,06
Comentário crítico sobre o cartão (Difícil)																					
Média	0,06	0,10	0,08	0,09	0,05	0,05	0,04	0,07	0,08	0,06	0,45	0,05	0,05	0,05	0,04	0,10	0,07	0,05	0,25	0,11	0,10
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,24	0,30	0,27	0,29	0,22	0,22	0,20	0,26	0,27	0,24	0,50	0,22	0,22	0,22	0,20	0,30	0,26	0,22	0,44	0,31	0,27
Comentário crítico sobre o cartão (Triste)																					
Média	0,01	0,01	0,08	0,01	0,00	0,01	0,01	0,02	0,00	0,00	0,01	0,01	0,02	0,00	0,10	0,00	0,02	0,04	0,04	0,01	0,02
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,10	0,10	0,27	0,10	0,00	0,10	0,10	0,14	0,00	0,00	0,10	0,10	0,14	0,00	0,30	0,00	0,14	0,20	0,20	0,10	0,11
Confabulação																					
Média	0,13	0,07	0,10	0,06	0,04	0,09	0,03	0,05	0,04	0,09	0,04	0,06	0,06	0,06	0,06	0,09	0,03	0,02	0,03	0,02	0,06
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,34	0,26	0,30	0,24	0,20	0,29	0,17	0,22	0,20	0,29	0,20	0,24	0,24	0,24	0,24	0,29	0,17	0,14	0,17	0,14	0,23
Choque afetivo																					
Média	0,00	0,00	0,00	0,01	0,01	0,00	0,02	0,01	0,00	0,01	0,01	0,01	0,01	0,00	0,00	0,01	0,01	0,01	0,01	0,00	0,01
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,00	0,00	0,00	0,10	0,10	0,00	0,14	0,10	0,00	0,10	0,10	0,10	0,10	0,00	0,00	0,10	0,10	0,10	0,10	0,00	0,06

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Invasão Afetiva																					
Média	0,15	0,13	0,21	0,13	0,10	0,13	0,08	0,18	0,09	0,14	0,17	0,11	0,16	0,11	0,21	0,14	0,06	0,14	0,16	0,08	0,13
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,36	0,34	0,41	0,34	0,30	0,34	0,27	0,39	0,29	0,35	0,38	0,31	0,37	0,31	0,41	0,35	0,24	0,35	0,37	0,27	0,34
Projeção Direta																					
Média	0,14	0,08	0,07	0,07	0,09	0,04	0,09	0,06	0,04	0,07	0,04	0,06	0,05	0,06	0,05	0,42	0,04	0,07	0,08	0,05	0,08
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,35	0,27	0,26	0,26	0,29	0,20	0,29	0,24	0,20	0,26	0,20	0,24	0,22	0,24	0,22	0,50	0,20	0,26	0,27	0,22	0,26
História estendida																					
Média	0,00	0,01	0,00	0,04	0,04	0,01	0,03	0,05	0,01	0,05	0,00	0,01	0,02	0,05	0,05	0,02	0,03	0,05	0,03	0,03	0,03
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,00	0,10	0,00	0,20	0,20	0,10	0,17	0,22	0,10	0,22	0,00	0,10	0,14	0,22	0,22	0,14	0,17	0,22	0,17	0,17	0,14
Comentário positivo sobre o cartão (Elogio)																					
Média	0,00	0,05	0,00	0,00	0,01	0,00	0,01	0,02	0,00	0,01	0,01	0,00	0,00	0,03	0,01	0,05	0,02	0,00	0,02	0,02	0,01
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,00	0,22	0,00	0,00	0,10	0,00	0,10	0,14	0,00	0,10	0,10	0,00	0,00	0,17	0,10	0,22	0,14	0,00	0,14	0,14	0,08
Girar o cartão																					
Média	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,16	0,00	0,00	0,01	0,01	0,02	0,00	0,01	0,13	0,05	0,02
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,00	0,00	0,14	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,37	0,00	0,00	0,10	0,10	0,14	0,00	0,10	0,34	0,22	0,08
Lapso(s) de linguagem																					
Média	0,01	0,00	0,01	0,00	0,01	0,00	0,00	0,02	0,03	0,02	0,02	0,00	0,03	0,03	0,03	0,02	0,02	0,00	0,00	0,00	0,01
Mediana	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Desvio padrão	0,10	0,00	0,10	0,00	0,10	0,00	0,00	0,14	0,17	0,14	0,14	0,00	0,17	0,17	0,17	0,14	0,14	0,00	0,00	0,00	0,08

### 4.1.3. Adaptação ao estímulo (Omissões e Distorções aperceptivas)

A Tabela 4.7 apresenta as frequências das omissões e distorções aperceptivas descritas por Murray (1943/2005) em relação à descrição dos cartões apresentada pelo mesmo autor, bem como os resultados das comparações estatísticas para sexo, escolaridade e NSE. Como já referido anteriormente, as variáveis com frequências simples foram comparadas usando-se os testes Qui-quadrado, Teste Exato de Fisher e Teste Exato de Fisher-Freeman-Halton. Faz-se a ressalva de que as porcentagens totais de omissões e distorções para alguns dos cartões excedem 100%, visto que mais de uma omissão ou distorção ocorreram em alguns casos. Ainda, as porcentagens totais são menores que 100% para alguns cartões devido à ocorrência de recusas aos mesmos durante sua aplicação (vide a escala de Nível de participação, descrita na seção 1.5.2).

Tabela 4.7. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de *p*) por sexo, escolaridade e NSE das Omissões e Distorções aperceptivas nos cartões do TAT previstas por Murray (1943/2005).

Cartão	Omissão / Distorção	%			H x M	Escolaridade	NSE
		Total	Homens	Mulheres			
1	Omissão do Violino	15	12	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Omissão do Arco do Violino	97	100	94	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem omissões	2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Violino Quebrado	6	12	0	0,27**	n. s.	0,02* **
	Distorção: Violino faltando cordas	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Menino Cego	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra Distorção	11	16	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem distorções	78	66	90	0,00*	n. s.	0,02* **
2	Omissão: Mulher no segundo plano	19	24	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Omissão: Homem ao centro	15	12	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem omissões	75	72	78	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Mulher grávida	14	8	20	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra distorção	6	12	0	0,27**	0,03***	n. s.
	Sem distorções	78	76	80	n. s.	n. s.	n. s.
3	Omissão: Porta (3MF)			56		n. s.	n. s.
	Outra omissão (3MF)			0		n. s.	n. s.
	Distorção: Mulher como criança (3MF)			0		n. s.	n. s.
	Outra distorção (3MF)			2		n. s.	n. s.
	Omissão: Arma (3RH)		82			n. s.	n. s.
	Outra omissão (3RH)		0			n. s.	n. s.
	Distorção: Arma como outro objeto (3RH)		16			n. s.	n. s.
	Distorção: Criança como homem (3RH)		2			n. s.	n. s.



Cartão	Omissão / Distorção	%		H x M	Escolaridade	NSE	
		Total	Homens				Mulheres
	Distorção: Criança como mulher (3RH)		52			n. s.	n. s.
	Distorção: Criança como pessoa indefinida (3RH)		26			n. s.	n. s.
	Outra distorção (3RH)		4			n. s.	n. s.
	Sem omissões	31	18	44	0,00*	n. s.	n. s.
	Sem distorções	89	80	98	0,00*	n. s.	n. s.
4	Omissão: Mulher no segundo plano	82	80	84	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra omissão	0	0	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem omissões	17	18	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra distorção	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem distorções	99	100	98	n. s.	n. s.	n. s.
5	Outra omissão	0	0	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem omissões	100	100	100	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Mulher como Homem	0	0	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Mulher olhando para fora	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra distorção	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem distorções	97	94	100	n. s.	n. s.	n. s.
6	Omissão: Cachimbo (6MF)			70		n. s.	n. s.
	Outra omissão (6MF)			0		n. s.	n. s.
	Outra distorção (6MF)			4		n. s.	n. s.
	Omissão: Homem (6RH)		0			n. s.	n. s.
	Omissão: Mulher (6RH)		0			n. s.	n. s.
	Outra omissão (6RH)		0			n. s.	n. s.
	Outra distorção (6RH)		6			n. s.	n. s.
	Sem omissões	64	98	30	0,00*	n. s.	n. s.
Sem distorções	94	92	96	n. s.	n. s.	n. s.	
7	Omissão: Boneca (7MF)			20		n. s.	n. s.
	Omissão: Livro (7MF)			42		n. s.	n. s.
	Distorção: Boneca como bebê (7MF)			28		n. s.	n. s.
	Distorção: Criança como adulta (7MF)			4		n. s.	n. s.
	Outra distorção (7MF)			8		n. s.	n. s.
	Omissão: Jovem (7RH)		0			n. s.	n. s.
	Omissão: Homem (7RH)		2			n. s.	n. s.
	Outra distorção (7RH)		4			n. s.	n. s.
	Sem omissões	72	98	46	0,00*	n. s.	n. s.
Sem distorções	78	96	60	0,00*	n. s.	n. s.	
8	Outra omissão (8MF)			0		n. s.	n. s.
	Distorção: Mulher como Homem (8MF)			0		n. s.	n. s.
	Outra distorção (8MF)			0		n. s.	n. s.
	Omissão: Rifle (8RH)		34			n. s.	n. s.
	Outra omissão (8RH)		6			n. s.	n. s.
	Distorção: Jovem como Homem (8RH)		24			n. s.	n. s.
	Outra distorção (8RH)		14			n. s.	n. s.

Cartão	Omissão / Distorção	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
	Sem omissões	82	64	100	0,00*	n. s.	n. s.
	Sem distorções	81	62	100	0,00*	n. s.	n. s.
9	Omissão: Revista ou bolsa (9MF)			68		n. s.	n. s.
	Omissão: Uma das jovens (9MF)			2		n. s.	n. s.
	Outra omissão (9MF)			0		n. s.	n. s.
	Distorção: Jovens como gêmeas (9MF)			8		n. s.	n. s.
	Outra distorção (9MF)			18		n. s.	n. s.
	Omissão: Homem de costas (9RH)		52			n. s.	0,00* **
	Outra omissão (9RH)		2			n. s.	n. s.
	Outra distorção (9RH)		4			n. s.	n. s.
	Sem omissões	38	44	32	n. s.	n. s.	n. s.
Sem distorções	84	94	74	0,01*	n. s.	0,04* **	
10	Outra Omissão	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem omissões	98	96	100	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Casal idoso	22	10	34	0,00*	n. s.	n. s.
	Distorção: Jovem como rapaz	10	4	16	0,04*	n. s.	n. s.
	Distorção: Jovem como homem	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Jovem como mulher	35	52	18	0,00*	n. s.	n. s.
	Outra Distorção	22	24	20	n. s.	n. s.	n. s.
Sem distorções	12	12	12	n. s.	n. s.	n. s.	
11	Omissão: Dragão	44	50	38	n. s.	n. s.	n. s.
	Omissão: Figuras obscuras	16	18	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra omissão	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem omissões	47	46	48	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Fundo como castelo	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Fundo como cascata	31	28	34	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Figuras obscuras como insetos	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Dragão como outro réptil	16	4	28	0,00*	n. s.	n. s.
Outra Distorção	26	16	36	0,02*	n. s.	n. s.	
Sem distorções	25	38	12	0,00*	n. s.	n. s.	
12	Outra omissão (12MF)			0		n. s.	n. s.
	Distorção: Jovem como Homem (12MF)			6		n. s.	n. s.
	Outra distorção (12MF)			12		n. s.	n. s.
	Outra omissão (12RH)		2			n. s.	n. s.
	Distorção: Jovem como Mulher (12RH)		16			n. s.	n. s.
	Outra distorção (12RH)		6			n. s.	n. s.
Sem omissões	97	98	96	n. s.	n. s.	n. s.	
Sem distorções	79	78	80	n. s.	n. s.	n. s.	
13	Outra omissão (13MF)			0		n. s.	n. s.
	Distorção: Criança como mulher (13MF)			18		n. s.	n. s.
	Outra distorção (13MF)			10		n. s.	n. s.

Cartão	Omissão / Distorção	%			H x M	Escolaridade	NSE
		Total	Homens	Mulheres			
	Omissão: Mulher (13HF)	0,5	0	1	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra omissão (13HF)	0	0	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Mulher nua (13HF)	15,6	28	3,1	0,00*	n. s.	n. s.
	Outra distorção (13HF)	3	4	2,1	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem omissões	97	96	98	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem distorções	65	70	60	n. s.	n. s.	n. s.
14	Outra omissão	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem omissões	98	98	98	n. s.	0,02***	n. s.
	Distorção: Homem como Mulher	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra distorção	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem distorções	96	94	98	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra omissão	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
15	Sem omissões	96	98	94	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Homem como Mulher	19	24	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Objeto nas mãos do homem	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Homem como Assombração	7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra distorção	9	12	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem distorções	62	58	66	n. s.	n. s.	n. s.
16							
17	Omissão: Mulher (17MF)			0		n. s.	n. s.
	Omissão: Trabalhadores (17MF)			22		n. s.	n. s.
	Distorção: Mulher como Homem (17MF)			0		n. s.	n. s.
	Distorção: Ponte como sacada de casa (17MF)			6		n. s.	n. s.
	Outra distorção (17MF)			16		n. s.	n. s.
	Outra omissão (17RH)		0			n. s.	n. s.
18	Distorção: Ênfase na descrição do homem como estando nu (17RH)		8			n. s.	n. s.
	Distorção: Ênfase na descrição do homem como estando vestido (17RH)		2			n. s.	n. s.
	Outra distorção (17RH)		6			n. s.	n. s.
	Sem omissões	89	100	78	0,00*	n. s.	n. s.
	Sem distorções	82	86	78	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra omissão (18MF)			48		n. s.	n. s.
18	Outra omissão (18MF)			2		n. s.	n. s.
	Distorção: Mulher como Homem (18MF)			6		n. s.	n. s.
	Distorção: Agressão como ajuda/apoio (18MF)			72		n. s.	n. s.
	Outra distorção (18MF)			8		n. s.	n. s.
	Omissão: Mãos do agressor (18RH)		16			n. s.	n. s.
	Outra omissão (18RH)		0			n. s.	n. s.
18	Distorção: Agressão como ajuda/apoio (18RH)		52			n. s.	n. s.
	Outra distorção (18RH)		4			n. s.	n. s.

Cartão	Omissão / Distorção	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
19	Distorção: Agressão como ajuda/apoio (unificado – cartões diferentes para os dois grupos)	62	52	72	0,04*	n. s.	n. s.
	Sem omissões	68	84	52	0,00*	n. s.	n. s.
	Sem distorções	33	46	20	0,00*	n. s.	n. s.
	Omissão: Cabana	38	40	36	n. s.	n. s.	n. s.
	Omissão: Neve	46	54	38	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem Omissões	51	46	56	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Morcego ao fundo	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Neve como água ou ondas	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra distorção	44	42	46	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem distorções	50	48	52	n. s.	n. s.	n. s.
20	Omissão: Pessoa	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Omissão: Poste	43	50	36	n. s.	n. s.	n. s.
	Sem omissões	56	48	64	n. s.	n. s.	n. s.
	Distorção: Pessoa como animal ou inseto	0	0	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Outra distorção	21	10	32	0,01*	n. s.	n. s.
	Sem distorções	75	88	62	0,00*	n. s.	n. s.

Nota: \* = Nível de p obtido no Teste Qui-quadrado; \*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher; \*\*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher-Freeman-Halton.

A Tabela 4.7 mostra que não houve um padrão regular de diferenças estatisticamente significantes entre os grupos da amostra ao longo dos cartões. Em cinco deles (cartões 4, 5, 12, 15 e 19), não se encontrou quaisquer diferenças entre os grupos, enquanto que, no restante dos cartões, a maior parte das diferenças apareceu entre os grupos de homens e o de mulheres. Em síntese, os homens fizeram mais referência do que as mulheres ao violino no cartão 1 estar quebrado e apresentaram mais distorções não previstas no cartão 2, além apresentarem menos omissões e distorções do que as mulheres nos cartões 3, 8 e 18. É importante ressaltar que esses últimos cartões têm versões diferentes para homens e mulheres. Ainda, os homens apresentaram menos omissões nos cartões 6RH e 17RH do que as mulheres nos cartões 6MF e 17MF, respectivamente, enquanto as mulheres apresentaram menos distorções e omissões no cartão 7MF do que os homens no cartão 7RH. Os homens também apresentaram menos distorções nos cartões 9RH, 11 e 20 do que as mulheres nos cartões 9MF, 11 e 20, respectivamente. Ainda no cartão 20, as mulheres apresentaram mais distorções não previstas (vide próxima tabela) que os homens.

A Tabela 4.8 apresenta as omissões e distorções não previstas por Murray (1943/2005) para cada cartão. Tais alterações foram descritas na Tabela 4.7 como “outra omissão” e “outra distorção”. Apesar de a frequência de tais alterações ter sido baixa, e interessante notar que algumas das interpretações ilustram características do atual contexto sociocultural, como a presença de pessoas famosas, objetos tecnológicos e relacionamentos homoafetivos, por exemplo.

Os cartões 4 e 5 foram os que apresentaram o menor número de omissões e distorções não previstas, enquanto os cartões 10, 11, 19 e 20 apresentaram um alto número de tais alterações. A Tabela 4.8 também mostra que, em quase todos os cartões, houve um caso de omissão dos personagens no grupo de homens, que ocorreu em histórias contadas em primeira pessoa (projeção direta); ressalta-se que todas essas omissões ocorreram para o mesmo caso desse grupo.

Tabela 4.8. Porcentagens Totais e por Sexo das Omissões e Distorções aperceptivas não previstas em Murray (1943/2005).

Cartão	Omissão / Distorção	% Total	% Homens	% Mulheres
1	Distorção: Menino olhando para retrato / foto	2	2	2
	Distorção: Menino olhando para objeto indefinido	1	0	2
	Distorção: Menino olhando para instrumento musical indefinido	1	2	0
	Distorção: Menino olhando para <i>notebook</i>	1	2	0
	Distorção: Menino falando ao celular	2	4	0
	Distorção: Menino com o rosto machucado	1	2	0
	Omissão da cena (história com projeção direta)	1	2	0
2	Menção a pessoa no fundo da figura	4	2	6
	Menção a cavalo no fundo da figura	1	2	0
	Distorção: mulher no segundo plano de olhos fechados	1	2	0
	Distorção: homem negro	1	2	0
	Distorção: pessoas com livros	1	2	0
Omissão dos três personagens (história com projeção direta)	1	2	0	
3	Distorção: arma como chave de carro (cartão 3RH)		10	
	Distorção: arma como objeto indefinido (cartão 3RH)		2	
	Distorção: arma como drogas (cartão 3RH)		2	
	Distorção: arma como brinquedo (cartão 3RH)		2	
	Distorção: criança como adolescente (cartão 3RH)		2	
	Omissão do personagem (história com projeção direta; cartão 3RH)		2	
4	Distorção: Casal como pai e filha	1	0	2
5	Distorção: mulher em pose sedutora, com rasgo na saia	1	2	0
6	Distorção: cachimbo como charuto (cartão 6MF)			2
	Distorção: mulher com uísque ou bebida (cartão 6MF)			2
	Distorção: homem e mulher como casal da mesma idade (cartão 6RH)		2	
	Distorção: homem como criança (cartão 6RH)		2	
7	Distorção: mulher como criança/jovem (cartão 7 MF)			2
	Distorção: boneca como gatinho (cartão 7 MF)			2
	Distorção: duas cenas, como numa montagem (cartão 7 MF)			2
	Distorção: mulher como avó (cartão 7 MF)			2
	Distorção: homem velho como o ator Chico Anísio (cartão 7 RH)		2	
	Distorção: homem jovem ao computador, máquina de		2	

Cartão	Omissão / Distorção	% Total	% Homens	% Mulheres
	escrever ou TV (cartão 7 RH)			
8	Distorção: pessoa deitada como mulher (cartão 8RH)		2	
	Distorção: criança como advogado (cartão 8RH)		2	
	Distorção: criança como espírito (cartão 8RH)		2	
	Distorção: criança como adulto (cartão 8RH)		2	
	Distorção: pessoa ao fundo parecendo Joseph Stalin (cartão 8RH)		2	
	Distorção: pessoas ao fundo numa cela (cartão 8RH)		2	
	Omissão da criança (cartão 8RH)		2	
9	Distorção: jovens como mãe e filha (cartão 9MF)			8
	Distorção: jovens como adultas (cartão 9MF)			2
	Distorção: uma das jovens como adulta (cartão 9MF)			2
	Distorção: jovens como a mesma pessoa (cartão 9MF)			4
	Distorção: revista ou bolsa como artigos para piquenique (cartão 9MF)			2
	Distorção: apenas um personagem (cartão 9RH)		2	
	Distorção: homem de costas como menino (cartão 9RH)		2	
	Omissão dos personagens (história com projeção direta; cartão 9RH)		4	
10	Distorção: casal de pessoas adultas	3	2	4
	Distorção: jovem como criança	2	0	4
	Distorção: mãe e filho	4	2	6
	Distorção: casal homoafetivo (não define sexo)	1	0	2
	Distorção: duas amigas/mulheres	2	2	2
	Distorção: mãe e filha	1	2	0
	Distorção: jovem como adolescente do sexo masculino	1	2	0
	Distorção: homem como senhora	1	2	0
	Distorção: homem como pessoa jovem	1	2	0
	Distorção: casal deitado e dormindo/morto	2	2	2
	Distorção: duas pessoas (se sexo indefinido)	2	4	0
	Distorção: jovem com olho direito roxo	1	2	0
	Omissão dos personagens (história com projeção direta)	1	2	0
11	Distorção: Dragão como dinossauro	6	0	12
	Distorção: dragão como bicho indefinido	4	2	6
	Distorção: dragão como cobra	3	2	4
	Distorção: dragão como animal de grande porte/monstro	4	4	4
	Distorção: dragão como animal com pé de pato	2	2	2
	Distorção: dragão como casulo de borboleta	1	0	2
	Distorção: fundo da figura como outro universo	1	0	2
	Distorção: Tempestade	1	0	2
	Distorção: fundo da figura como caverna	2	2	2
	Distorção: precipício	1	0	2
	Distorção: paisagem natural destruída	3	4	2
Distorção: penhasco à beira do mar	1	2	0	

Cartão	Omissão / Distorção	% Total	% Homens	% Mulheres
	Distorção: fundo da figura como aldeia	1	2	0
	Distorção: figuras obscuras como animais	8	6	10
	Omissão do fundo da figura	3	4	2
12	Distorção: mulher velha como espírito/assombração (cartão 12MF)			12
	Distorção: duas mulheres de 60 ou 70 anos (cartão 12MF)			2
	Distorção: mulher jovem como pessoa (sexo indefinido)			2
	Omissão das personagens (cartão 12MF)			2
	Distorção: homem em pé como espírito bom (cartão 12RH)		2	
	Distorção: jovem deitado como garoto (cartão 12RH)		2	
13	Distorção: criança como homem jovem (cartão 13MF)			2
	Distorção: criança como pessoa acompanhada (cartão 13MF)			2
	Distorção: criança como boneca (cartão 13MF)			2
	Distorção: haste de navio (cartão 13MF)			2
	Distorção: homem como filha da mulher deitada (cartão 13HF)	1	2	0
	Omissão dos personagens (história com projeção direta; cartão 13HF)	1	2	0
14	Distorção: fundo da figura como fumaça de incêndio	1	0	2
	Distorção: homem como criança	2	4	0
	Distorção: homem como pessoa de sexo indefinido	1	2	0
	Omissão do personagem	1	2	0
15	Distorção: rosário e flor nas mãos do homem	1	0	2
	Distorção: arma nas mãos do homem	1	2	0
	Distorção: mãos em forma de rosto	1	0	2
	Distorção: homem como pessoa de sexo indefinido	3	4	2
	Distorção: homem como personificação da morte	1	0	2
	Distorção: homem como menina	1	2	0
	Distorção: cruces como mundo de pedra	1	2	0
	Distorção:	7	4	10
	Omissão das cruces	1	0	2
Omissão do personagem	1	2	0	
16				
17	Distorção: casa embaixo da ponte (cartão 17MF)			2
	Distorção: mulher como menina (cartão 17MF)			2
	Distorção: mulher como pessoa de sexo indefinido (cartão 17MF)			2
	Distorção: ponte como castelo (cartão 17MF)			4
	Distorção: tempestade se aproximando (cartão 17MF)			2
	Distorção: cena de uma fazenda (cartão 17MF)			2
	Distorção: trabalhadores como perseguidores de ladrão (cartão 17MF)			
	Distorção: trabalhadores reformando a ponte e a casa (cartão 17MF)			2
	Distorção: homem como criança (cartão 17RH)		2	

Cartão	Omissão / Distorção	% Total	% Homens	% Mulheres
	Omissão do personagem (ainda que citando cena de ambiente de circo; cartão 17RH)		2	
18	Distorção: mulher agredida como criança (cartão 18MF)			4
	Distorção: mulher agredida como jovem (cartão 18MF)			2
	Distorção: uma das mulheres como boneco (cartão 18MF)			2
	Omissão das personagens (cartão 18MF)			2
	Distorção: agressão como brincadeira (cartão 18RH)		2	
	Distorção: homem muito gordo (cartão 18RH)		2	
	Distorção: casaco como jaqueta pequena (cartão 18RH)		2	
19	Distorção: pintura abstrata	16	20	12
	Distorção: submarino	4	2	2
	Distorção: desenho feito por criança/aluno de escola	4	6	2
	Distorção: quadro de Cândido Portinari	1	0	2
	Distorção: casa do Papai Noel	1	0	2
	Distorção: coelhos e urso	1	0	2
	Distorção: barco no meio da fumaça	1	0	2
	Distorção: rosto humano	1	0	2
	Distorção: pinguim esperando para pular na água	1	0	2
	Distorção: neve como fumaça	1	0	2
	Distorção: figura como quebra-cabeça	1	0	2
	Distorção: casa como barco	1	0	2
	Distorção: caverna mal-assombrada com demônios	1	0	2
	Distorção: carro de corrida (com nuvens ou na chuva)	2	4	0
	Distorção: cachorrinho em história em quadrinhos	1	2	0
	Distorção: paisagem de praia com tempo agitado	1	2	0
	Distorção: paisagem no Saara	1	2	0
	Distorção: poste como árvore	3	0	6
	Distorção: pessoa como manequim/boneco horroroso	2	0	4
Distorção: pessoa como monstro	1	0	2	
Distorção: homem caído	1	0	2	
Distorção: cenário de bosque	1	0	2	
Distorção: árvore atrás do poste	1	0	2	
Distorção: presença de cachorro	1	0	2	
Distorção: incêndio	1	0	2	
Distorção: pessoa ao lado de rio	1	0	2	
Distorção: homem em varanda de casa	1	0	2	
Distorção: pessoa como garoto	1	0	2	
Distorção: pessoa como espírito	1	2	0	
Distorção: vulcão em erupção (com o cartão virado na horizontal)	1	2	0	
Distorção: vista do universo (com o cartão virado na horizontal)	1	2	0	
Distorção: pessoa como mulher	1	2	0	



Em síntese, o conjunto dos dados permite afirmar que os cartões com versões diferentes para homens e mulheres favorecem interpretações mais específicas, ainda que não pareça haver um padrão relevante de diferenças de desempenho entre os grupos (seja por sexo, escolaridade ou NSE) nos cartões universais.

#### 4.1.4. Adaptação às instruções

Os indicadores dessa categoria foram transformados em duas escalas (Autonomia para a tarefa e Atendimento às instruções). As Tabelas 4.9 e 4.10 apresentam, respectivamente, os valores das análises estatísticas e os dados normativos da escala Autonomia para a tarefa, enquanto as Tabelas 4.12 e 4.13 apresentam os valores das análises estatísticas e os dados normativos da escala Atendimento às instruções.

Para a escala Autonomia para a tarefa, foram obtidas diferenças estatisticamente significantes entre o grupo de homens e mulheres apenas para o cartão 18. Apesar de homens e mulheres terem apresentado os mesmos valores de mediana nesse cartão ( $m = 2$ ), o teste de Mann-Whitney informa que o posto médio do grupo de mulheres (56,96) foi maior que o do grupo de homens (44,04;  $U = 927$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = -0,24$ ).

Para o nível de escolaridade, foram encontradas diferenças estatisticamente significantes em doze dos 20 cartões, enquanto que, para o NSE, tais diferenças foram encontradas para quatro cartões. Os resultados de tais comparações *post-hoc* são apresentados na Tabela 4.11, onde pode ser observado que, apesar de não se ter encontrado significância estatística para todas as comparações, os resultados sugerem que, quanto maior o nível de escolaridade e quanto maior o NSE, maior a pontuação nessa escala. Já a comparação entre os grupos de mulheres no cartão 13 (13HF ou 13MF) mostrou que, apesar de ambos os grupos terem apresentado os mesmos valores de mediana ( $m = 2$ ), o teste de Mann-Whitney informa que o posto médio do grupo ao qual se aplicou o cartão 13MF (31,04) foi maior do que o do grupo ao qual se aplicou o cartão 13HF (20,38;  $U = 179$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,27$ ). Tal resultado sugere que o grupo que criou histórias para o cartão 13MF apresentou menor necessidade de intervenções do examinador do que o grupo ao qual se aplicou o cartão 13HF (cartão aplicado a homens e mulheres). Para os nível de escolaridade e o NSE, não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre esses grupos para essa escala.

Em síntese, a análise dos dados permite afirmar que quanto maior o nível de escolaridade, maior a tendência a criar histórias sem a necessidade de intervenções do examinador para tanto (ou seja, maior a pontuação na escala Autonomia para a tarefa).

(Tabelas 4.9 a 4.11 nas próximas páginas)

Tabela 4.9. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Autonomia para a tarefa, por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1174	1090	1218	1214	1165,5	1167	1175	1003,5	1127,5	1097	1059	1222	1173	1131,5	1101	1224,5	1070,5	927	1113	1027,5
Valor de z	-0,60	-1,26	-0,24	-0,27	-0,63	-0,61	-0,56	-1,86	-0,92	-1,17	-1,42	-0,21	-0,57	-0,88	-1,10	-0,20	-1,35	-2,39	-1,02	-1,66
Nível de p	0,55	0,21	0,81	0,79	0,53	0,54	0,57	0,06	0,36	0,24	0,15	0,84	0,57	0,38	0,27	0,85	0,18	0,02*	0,31	0,10
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	15,07	4,84	10,74	3,84	4,57	1,00	3,73	5,23	8,30	7,76	8,33	10,30	8,48	10,13	4,38	4,21	8,76	8,18	6,35	7,80
Nível de p	0,00*	0,09	0,00*	0,15	0,10	0,61	0,15	0,07	0,02*	0,02*	0,02*	0,01*	0,01*	0,01*	0,11	0,12	0,01*	0,02*	0,04*	0,02*
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	2,81	0,70	5,05	4,77	6,96	3,76	2,14	1,59	5,72	15,32	3,79	5,16	6,79	8,32	3,49	3,97	8,39	3,58	4,23	3,20
Nível de p	0,25	0,70	0,08	0,09	0,03*	0,15	0,34	0,45	0,06	0,00*	0,15	0,08	0,03*	0,02	0,17	0,14	0,02*	0,17	0,12	0,20

Nota: \* = diferença estatisticamente significativa.

Tabela 4.10. Dados normativos para a escala de Autonomia para a tarefa do TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	1,98	1,88	1,80	1,90	1,86	1,89	2,00	1,91	2,03	2,04	1,86	1,94	1,90	2,00	2,04	2,07	2,01	2,14	1,96	2,02	1,96
Mediana	1,50	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00
Desvio padrão	0,99	0,62	0,70	0,77	0,77	0,79	0,71	0,70	0,73	0,68	0,74	0,75	0,81	0,77	0,76	0,67	0,73	0,75	0,74	0,72	0,07
Mínimo	1,00	1,00	1,00	0,00	0,00	0,00	1,00	1,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	1,00	0,00	1,00	0,00
Máximo	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Q1 (P25)	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,25	1,00	2,00	2,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,25	2,00	2,00	2,00	1,00	1,25	1,00
Q2 (P50)	1,50	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00
Q3 (P75)	3,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,75	2,00	3,00	2,75	2,00	2,00	2,75	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,00	3,00	3,00

Tabela 4.11. Comparações *post-hoc* para o nível de escolaridade na escala Autonomia para a tarefa.

Comparação <i>post-hoc</i> para escolaridade	EF X EM	EF X ES	EM X ES
Cartão 1	EM > EF (U = 230; $p = 0,012$ ; $r = 0,26$ )	ES > EF (U = 152,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,39$ )	n. s.
Cartão 3	n. s.	n. s.	ES > EM (U = 561; $p = 0,00$ ; $r = 0,31$ )
Cartão 9	EM > EF (U = 224; $p = 0,015$ ; $r = 0,24$ )	ES > EF (U = 198; $p = 0,00$ ; $r = 0,28$ )	n. s.
Cartão 10	n. s.	ES > EF (U = 200,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,28$ )	n. s.
Cartão 11	n. s.	ES > EF (U = 194,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,28$ )	n. s.
Cartão 12	EM > EF (U = 215,5; $p = 0,011$ ; $r = 0,26$ )	ES > EF (U = 178,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,31$ )	n. s.
Cartão 13	n. s.	n. s.	ES > EM (U = 608,5; $p = 0,014$ ; $r = 0,24$ )
Cartão 14	n. s.	ES > EF (U = 185; $p = 0,00$ ; $r = 0,30$ )	n. s.
Cartão 17	n. s.	ES > EF (U = 205,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,26$ )	n. s.
Cartão 18	n. s.	ES > EF (U = 201,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,27$ )	n. s.
Cartão 19	n. s.	ES > EF (U = 218,5; $p = 0,016$ ; $r = 0,24$ )	n. s.
Cartão 20	n. s.	ES > EF (U = 201,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,27$ )	n. s.
Comparação <i>post-hoc</i> para NSE	Baixo X Médio	Baixo X Alto	Médio X Alto
Cartão 5	Médio > Baixo (U = 668; $p = 0,013$ ; $r = 0,25$ )	n. s.	n. s.
Cartão 10	Médio > Baixo (U = 682,5; $p = 0,015$ ; $r = 0,24$ )	Alto > Baixo (U = 29; $p = 0,00$ ; $r = 0,36$ )	Alto > Médio (U = 118; $p = 0,00$ ; $r = 0,26$ )
Cartão 13	n. s.	Alto > Baixo (U = 52; $p = 0,00$ ; $r = 0,27$ )	n. s.
Cartão 17	Médio > Baixo (U = 637; $p = 0,00$ ; $r = 0,28$ )	n. s.	n. s.

Com relação à escala Atendimento às instruções (Tabelas 4.12 e 4.13), foram obtidas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de homens e mulheres nos cartões 8 e 9. No cartão 8, a mediana do grupo feminino ( $m = 5$ ) foi maior do que a do grupo masculino (4; U = 859,5;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,30$ ). No cartão 9, o inverso foi observado, ou seja, a mediana do grupo masculino ( $m = 5$ ) foi maior do que a do grupo feminino (4; U = 867;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$ ).

Ainda no cartão 8, o teste de Kruskal-Wallis mostrou um efeito estatisticamente significativo de escolaridade [ $H(2) = 8,123$ ;  $p = 0,02$ ]. As comparações *post-hoc* mostram que

não houve diferença estatisticamente significativa na comparação EF X EM ( $U = 240$ ;  $r = 0,21$ ) e na comparação de EM X ES ( $U = 796$ ;  $r = 0,07$ ). Entretanto, o grupo ES teve pontuação média maior que o grupo EF ( $U = 196$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$ ). Desta forma, para este cartão, os resultados sugerem que as mulheres criaram histórias com mais elementos do que os homens, além de que o grupo com mais escolaridade ter criado narrativas com mais elementos do que o grupo com menor escolaridade.

Como mostra a Tabela 4.12, um efeito de escolaridade estatisticamente significativo também foi encontrado para o cartão 9 [ $H(2) = 6,623$ ;  $p = 0,04$ ]. As comparações *post-hoc* mostram que o grupo EF teve pontuação menor que os grupos EM ( $U = 224$ ;  $p = 0,015$ ;  $r = -0,24$ ) e ES ( $U = 198$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = -0,28$ ). Entretanto, a comparação entre os grupos ES e EM não apresentou diferença estatisticamente significativa ( $U = 806,5$ ;  $r = 0,05$ ). Os resultados das análises estatísticas sugerem, portanto, que os homens criaram histórias com mais elementos que as mulheres, além de o efeito de escolaridade ter sido mais amplo (e na mesma direção) do que foi obtido para o cartão 8, ou seja, quanto maior a escolaridade, maior a pontuação nessa escala.

Para os grupos de mulheres no cartão 13 (13HF ou 13MF), não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes, tanto para o tipo de cartão como para os nível de escolaridade e o NSE.

(Tabelas 4.12 e 4.13 na próxima página)



#### 4.1.5. Análise formal da história

As tabelas 4.14 a 4.36 apresentam os resultados das comparações estatísticas e os dados normativos para os indicadores desta categoria (Índices formais básicos, escalas de Qualidade da linguagem, Complexidade temporal, Integração da narrativa e Qualidade geral da história).

As tabelas 4.14 e 4.15 apresentam os dados referentes ao Tempo de latência. No teste de Mann-Whitney, foram detectadas diferenças estatisticamente significantes entre homens e mulheres para quatro dos vinte cartões. Nos cartões 3 e 4, as medianas do grupo de homens (respectivamente,  $m = 22$  e  $m = 26$ ) foram maiores do que a do grupo de mulheres (respectivamente  $m = 13$  e  $m = 16$ ),  $U = 868$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,26$  para o cartão 3 e  $U = 804,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,30$  para o cartão 4. O mesmo padrão foi observado nos cartões 8 e 13; as medianas do grupo de homens (respectivamente,  $m = 29$  e  $m = 26$ ) foram maiores do que a do grupo de mulheres (respectivamente  $m = 15$  e  $m = 17$ ),  $U = 712$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,37$  para o cartão 8 e  $U = 904,5$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,24$  para o cartão 13. Desta forma, pode-se afirmar que, nestes cartões, os homens levaram mais tempo para iniciar as histórias que as mulheres.

Já pelo teste de Kruskal-Wallis, foi encontrado um efeito de escolaridade no Tempo de latência apenas no cartão 14, enquanto que, para o NSE, não se encontrou quaisquer efeitos estatisticamente significantes nos cartões. Com relação à escolaridade, comparações *post-hoc* mostram que o grupo ES teve Tempo de Latência maior que os grupos EF ( $U = 202$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$ ) e EM ( $U = 557$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,28$ ). Tais resultados sugerem que a maior escolaridade aumenta a tendência a levar mais tempo para iniciar uma história para este cartão. A comparação entre os grupos de mulheres no cartão 13 (13HF ou 13MF), contudo, não mostrou quaisquer diferenças estatisticamente significantes, seja para o tipo de cartão, nível de escolaridade e o NSE.

(Tabelas 4.14 e 4.15 na próxima página)

Tabela 4.14. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Tempo de latência (em segundos), por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1038	1178	868	886	1020	1195,5	1176,5	712	1233	1122	1106,5	1227,5	904,5	1241	1058,5	1069	1171,5	965,5	981,5	1007,5
Valor de z	-1,46	-0,50	-2,64	-2,51	-1,59	-0,38	-0,51	-3,71	-0,12	-0,88	-0,99	-0,16	-2,38	-0,06	-1,32	-1,25	-0,54	-1,96	-1,85	-1,67
Nível de p	0,14	0,62	0,01*	0,01*	0,11	0,71	0,61	0,00*	0,91	0,38	0,32	0,88	0,02*	0,95	0,19	0,21	0,59	0,05	0,06	0,09
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,78	0,47	0,67	1,92	3,01	0,17	2,59	0,79	1,31	0,40	1,16	2,28	0,33	9,93	0,23	3,33	2,39	1,56	1,61	0,39
Nível de p	0,68	0,79	0,72	0,38	0,22	0,92	0,27	0,67	0,52	0,82	0,56	0,32	0,85	0,01*	0,89	0,19	0,30	0,46	0,45	0,82
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,04	0,16	4,58	0,09	3,58	1,96	0,57	0,99	0,94	0,03	0,36	3,56	0,98	0,74	0,04	0,35	1,89	1,12	1,36	0,24
Nível de p	0,98	0,92	0,10	0,95	0,17	0,37	0,75	0,61	0,62	0,99	0,84	0,17	0,61	0,69	0,98	0,84	0,39	0,57	0,51	0,89

Nota: \* = diferença estatisticamente significativa.

Tabela 4.15. Dados normativos para o Tempo de latência (em segundos) no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	20	25	23	27	22	25	23	30	29	24	47	23	31	24	26	36	25	29	41	28	28
Mediana	17	20	17	19	20	19	19	22	20	17	39	19	23	20	19	31	19	21	28	20	20
Desvio padrão	15	21	19	23	15	17	16	28	22	24	35	16	29	21	18	27	20	22	37	28	24
Mínimo	2	4	2	5	5	5	3	2	5	2	4	3	2	1	5	4	8	6	3	4	1
Máximo	78	156	133	145	74	110	113	192	112	154	228	120	164	158	110	155	143	151	207	181	228
Q1 (P25)	9	13	10	13	11	13	13	12	14	10	22	12	13	12	14	19	13	13	18	14	12
Q2 (P50)	17	20	17	19	20	19	19	22	20	17	39	19	23	20	19	31	19	21	28	20	20
Q3 (P75)	29	30	29	36	28	30	29	39	36	29	63	26	36	30	37	43	29	37	51	34	37

Os dados referentes ao Tempo total são apresentados nas Tabelas 4.16 e 4.17. Para este índice formal, foram obtidas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de homens e mulheres para cinco cartões, enquanto que um efeito de escolaridade estatisticamente significativo foi obtido para sete cartões; para o NSE, não se encontrou efeitos estatisticamente significantes. O teste de Mann-Whitney mostra que, nos cartões 4, 5 e 8, os homens apresentaram medianas maiores (respectivamente,  $m = 261$ ,  $m = 258$  e  $m = 275$ ) do que o grupo de mulheres (respectivamente,  $m = 212$ ,  $m = 220$  e  $m = 227$ ),  $U = 886$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$  para o cartão 4,  $U = 955,5$ ;  $p = 0,04$ ;  $r = 0,20$  para o cartão 5 e  $U = 834$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$  para o cartão 8. Tais resultados sugerem que, em geral, os homens levaram mais tempo que as mulheres para finalizarem as histórias nesses cartões.

Já para os cartões 9 e 17, o teste de Mann-Whitney mostra que as mulheres apresentaram medianas maiores (respectivamente,  $m = 267$  e  $m = 286$ ) do que o grupo de homens (respectivamente,  $m = 221$  e  $m = 234$ ),  $U = 784,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,32$  para o cartão 9 e  $U = 770$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,33$  para o cartão 17.

Os resultados das comparações *post-hoc* entre os grupos por nível de escolaridade é apresentado na Tabela 4.18. Como já referido, o teste de Kruskal-Wallis apresentou resultados estatisticamente significantes em sete dos 20 cartões. Em três destes, não se encontrou quaisquer resultados estatisticamente significantes nas comparações *post-hoc*, apesar do teste de Kruskal-Wallis ter apresentado resultados estatisticamente significantes, devido ao nível  $p$  definido pela correção de Bonferroni ser menor que 0,05. O conjunto dessas comparações permite afirmar que há uma tendência (ainda que baixa) ao aumento do tempo para finalizar as histórias nos cartões conforme aumenta o nível de escolaridade.

Ainda para o Tempo total, não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, tanto para o cartão aplicado, nível de escolaridade ou NSE.

(Tabelas 4.16 a 4.18 nas próximas páginas)



Tabela 4.16. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Tempo total (em segundos), por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1182	1193,5	1163,5	921,5	955,5	1224,5	1177	834	784,5	1213	1137	1101	1164,5	1197,5	1150,5	1086	770	1219,5	979,5	1091,5
Valor de z	-0,47	-0,39	-0,60	-2,26	-2,03	-0,18	-0,50	-2,87	-3,21	-0,26	-0,78	-1,03	-0,59	-0,36	-0,69	-1,13	-3,31	-0,21	-1,86	-1,09
Nível de p	0,64	0,70	0,55	0,02*	0,04*	0,86	0,61	0,00*	0,00*	0,80	0,44	0,30	0,56	0,72	0,49	0,26	0,00*	0,83	0,06	0,27
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,31	0,84	3,78	6,50	6,46	2,10	12,33	1,66	7,59	4,70	7,33	4,48	9,14	5,47	4,52	7,03	4,22	0,24	2,62	1,81
Nível de p	0,86	0,66	0,15	0,04*	0,04*	0,35	0,00*	0,44	0,02*	0,10	0,03*	0,11	0,01*	0,06*	0,10	0,03*	0,12	0,89	0,27	0,40
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,92	0,72	2,38	3,07	1,98	0,92	4,34	3,52	6,91	3,83	0,91	5,40	0,56	0,14	2,05	0,69	2,15	0,99	1,04	1,39
Nível de p	0,63	0,70	0,30	0,22	0,37	0,63	0,11	0,17	0,03*	0,15	0,63	0,07	0,76	0,93	0,36	0,71	0,34	0,61	0,60	0,50

Nota: \* = diferença estatisticamente significativa.

Tabela 4.17. Dados normativos para o Tempo total (em segundos) no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	236	277	246	250	251	259	259	261	252	232	270	250	265	239	255	256	272	251	260	263	254
Mediana	228	261	238	235	240	242	247	258	249	218	250	243	266	223	252	237	253	237	251	243	243
Desvio padrão	72	94	76	84	85	84	87	77	79	77	85	77	75	67	76	83	81	74	82	94	82
Mínimo	106	135	97	124	111	90	127	108	123	109	81	119	125	97	81	105	148	119	68	94	0
Máximo	473	581	429	726	598	570	651	496	508	507	557	549	473	422	492	577	495	525	601	583	726
Q1 (P25)	191	206	186	193	194	198	211	205	197	179	211	193	206	198	200	199	210	194	203	201	193
Q2 (P50)	228	261	238	235	240	242	247	258	249	218	250	243	266	223	252	237	253	237	251	243	243
Q3 (P75)	268	332	293	292	288	321	291	311	293	272	318	293	315	274	292	305	330	297	305	308	314

Tabela 4.18. Comparações *post-hoc* para o nível de escolaridade no Tempo Total.

	EF X EM	EF X ES	EM X ES
Cartão 5	n. s.	n. s.	n. s.
Cartão 7	n. s.	n. s.	ES > EM (U = 496,5; p = 0,01; r = 0,33)
Cartão 9	n. s.	ES > EF (U = 205; p = 0,01; r = 0,24)	n. s.
Cartão 11	EM > EF (U = 207; p = 0,01; r = 0,25)	ES > EF (U = 203,5; p = 0,01; r = 0,25)	n. s.
Cartão 13	n. s.	ES > EF (U = 177,5; p = 0,00; r = 0,29)	n. s.
Cartão 14	n. s.	n. s.	n. s.
Cartão 16	n. s.	n. s.	n. s.

As tabelas 4.19 e 4.20 apresentam os dados referentes ao Número de palavras por história. Foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre homens e mulheres e um efeito de escolaridade para quatro cartões, além de um efeito de NSE em dois cartões.

Nos cartões 5 e 8, as medianas do grupo de homens (respectivamente,  $m = 128$  e  $m = 127$ ) foram maiores do que a do grupo de mulheres ( $m = 103$  para ambos os cartões),  $U = 931$ ;  $p = 0,03$ ;  $r = 0,22$  para o cartão 5 e  $U = 855$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,27$  para o cartão 8. O inverso ocorreu para os cartões 9 e 17, nos quais as medianas do grupo de mulheres (respectivamente,  $m = 129$  e  $m = 147$ ) foram maiores do que a do grupo de homens (respectivamente  $m = 97$  e  $m = 118$ ),  $U = 693,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,38$  para o cartão 9 e  $U = 855$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,27$  para o cartão 17. Tais resultados sugerem que, para os cartões 5 e 8, os homens criaram histórias com mais palavras que as mulheres e, nos cartões 9 e 17, as histórias do grupo de homens tiveram menos palavras que as do grupo de mulheres.

Já pelo teste de Kruskal-Wallis, foi encontrado um efeito de escolaridade nos cartões 6, 7, 9 e 10 para o Número de palavras. No cartão 6, comparações *post-hoc* mostram que o grupo ES criou histórias com mais palavras que o grupo EF ( $U = 179,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$ ). No cartão 7, o teste de Mann-Whitney com a correção de Bonferroni mostra que o grupo ES criou histórias com mais palavras que os grupos EF ( $U = 198,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$ ) e EM ( $U = 490$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,34$ ). Para o cartão 9 (assim como para o cartão 6), as comparações *post-hoc* mostram que o grupo ES criou histórias com mais palavras que o grupo EF ( $U = 166,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,31$ ), enquanto que, para o cartão 10, nenhuma diferença estatisticamente significativa foi encontrada entre os grupos.

Com relação ao NSE, as comparações *post-hoc* mostram que, no cartão 9, o grupo de NSE Médio criou histórias com mais palavras do que o grupo de NSE Baixo,  $U = 633,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,26$ . Já no cartão 10, os grupos de NSE Médio e Alto criaram histórias com mais

palavras do que o grupo de NSE Baixo ( $U = 598$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$  para a comparação Médio x Baixo,  $U = 52$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$  para a comparação Alto x Baixo).

Assim como para os outros indicadores dessa categoria apresentados anteriormente, a comparação entre os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF não mostrou quaisquer diferenças estatisticamente significantes para o Número de palavras, seja para o tipo de cartão, nível de escolaridade e o NSE, o que sugere que o desempenho desses grupos foi bastante semelhante para tais indicadores, apesar de terem respondido a cartões diferentes.

(Tabelas 4.19 e 4.20 na próxima página)

Tabela 4.19. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Número de palavras por história, por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1138	1189	1097,5	1161	931	1244	1101	855	693,5	1214	1239,5	1015	1215,5	1059,5	1227	1126,5	855	1036	1009,5	1245
Valor de z	-0,77	-0,42	-1,05	-0,61	-2,20	-0,04	-1,03	-2,72	-3,84	-0,25	-0,07	-1,62	-0,24	-1,31	-0,16	-0,85	-2,72	-1,48	-1,66	-0,03
Nível de p	0,44	0,67	0,29	0,54	0,03*	0,97	0,30	0,01*	0,00*	0,80	0,94	0,11	0,81	0,19	0,87	0,39	0,01*	0,14	0,10	0,97
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	3,70	1,69	3,22	2,63	6,02	8,94	13,34	5,02	9,25	7,19	5,28	5,49	3,90	2,08	6,20	4,52	3,43	1,08	3,56	1,73
Nível de p	0,16	0,43	0,20	0,27	0,05	0,01*	0,00*	0,08	0,01*	0,03*	0,07	0,06	0,14	0,35	0,05	0,10	0,18	0,58	0,17	0,42
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,91	1,21	4,89	1,76	2,66	4,60	5,85	3,53	7,95	10,89	2,61	5,63	0,46	0,04	1,01	0,51	0,50	1,69	1,48	0,35
Nível de p	0,63	0,55	0,09	0,42	0,26	0,10	0,05	0,17	0,02*	0,00*	0,27	0,06	0,79	0,98	0,60	0,77	0,78	0,43	0,48	0,84

Nota: \* = diferença estatisticamente significante.

Tabela 4.20. Dados normativos para o Número de palavras por história no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	128	152	131	129	128	132	130	122	120	114	120	132	135	119	122	127	136	121	114	126	127
Mediana	119	136	116	117	118	129	120	119	109	110	118	122	131	116	116	122	130	117	104	116	118
Desvio padrão	49	63	48	52	53	49	48	44	45	41	52	47	41	43	46	52	52	46	49	49	48
Mínimo	47	55	57	0	0	7	58	0	53	35	0	52	54	0	0	19	47	0	0	42	0
Máximo	299	408	260	331	310	310	327	242	275	242	340	326	235	253	268	426	419	266	253	304	426
Q1 (P25)	95	108	94	96	92	93	96	95	85	80	88	99	104	93	96	97	99	92	89	91	91
Q2 (P50)	119	136	116	117	118	129	120	119	109	110	118	122	131	116	116	122	130	117	104	116	118
Q3 (P75)	152	188	161	154	153	157	154	144	144	141	142	159	162	140	146	146	167	144	140	152	159

Os resultados das comparações estatísticas e os dados normativos do Índice de Velocidade de Expressão (IVE) são apresentados nas Tabelas 4.21 e 4.22, respectivamente. Para este índice, a única comparação na qual se obteve significância estatística foi no teste de Kruskal-Wallis para o cartão 1, que identificou um efeito de escolaridade. Apesar disso, comparações *post-hoc* com a correção de Bonferroni não mostram diferenças estatisticamente significantes entre os grupos. Para os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, não se obteve quaisquer diferenças estatisticamente significantes nas comparações referentes ao IVE. Tais resultados sugerem que o IVE não apresentou variação relevante entre os grupos.

(Tabelas 4.21 e 4.22 na próxima página)

Tabela 4.21. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Índice de Velocidade de Expressão (IVE), por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1178	1175	1133,5	1172	1137	1246	1068	1046	1136	1217	1133	1199,5	1244	1059,5	1171	1146	1152	1213,5	1209,5	1100,5
Valor de z	-0,50	-0,52	-0,80	-0,54	-0,78	-0,03	-1,25	-1,41	-0,79	-0,23	-0,81	-0,35	-0,04	-1,31	-0,54	-0,72	-0,68	-0,25	-0,28	-1,03
Nível de p	0,62	0,61	0,42	0,59	0,44	0,98	0,21	0,16	0,43	0,82	0,42	0,73	0,97	0,19	0,59	0,47	0,50	0,80	0,78	0,30
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	7,23	3,47	2,15	2,58	0,63	6,16	0,11	1,02	2,42	1,93	1,49	0,95	0,87	2,08	1,94	0,90	1,22	0,85	2,21	0,88
Nível de p	0,03*	0,18	0,34	0,27	0,73	0,05	0,95	0,60	0,30	0,38	0,47	0,62	0,65	0,35	0,38	0,64	0,54	0,65	0,33	0,65
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	2,56	0,12	1,00	1,56	2,75	2,97	0,26	0,79	0,19	2,33	0,21	1,27	0,23	0,04	0,80	0,07	0,27	0,45	1,38	0,54
Nível de p	0,28	0,94	0,61	0,46	0,25	0,23	0,88	0,68	0,91	0,31	0,90	0,53	0,89	0,98	0,67	0,96	0,87	0,80	0,50	0,77

Nota: \* = diferença estatisticamente significante.

Tabela 4.22. Dados normativos para o Índice de Velocidade de Expressão (IVE) no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	0,60	0,60	0,64	0,61	0,56	0,57	0,56	0,53	0,55	0,56	0,53	0,59	0,58	0,58	0,54	0,58	0,55	0,54	0,52	0,54	0,57
Mediana	0,60	0,62	0,58	0,57	0,57	0,55	0,56	0,55	0,54	0,55	0,56	0,58	0,57	0,57	0,56	0,59	0,54	0,55	0,53	0,54	0,56
Desvio padrão	0,12	0,10	0,64	0,40	0,11	0,13	0,10	0,12	0,15	0,13	0,13	0,17	0,12	0,28	0,20	0,12	0,11	0,14	0,14	0,10	0,18
Mínimo	0,21	0,33	0,30	0,00	0,00	0,17	0,31	0,00	0,19	0,16	0,00	0,32	0,29	0,00	0,00	0,27	0,32	0,00	0,00	0,19	-0,69
Máximo	0,90	0,79	6,84	4,40	0,80	1,04	0,81	0,80	1,42	1,13	0,74	1,90	1,06	2,97	2,01	1,10	1,01	0,82	0,93	0,85	6,84
Q1 (P25)	0,53	0,54	0,49	0,51	0,51	0,49	0,50	0,46	0,46	0,48	0,48	0,52	0,52	0,51	0,47	0,51	0,49	0,49	0,47	0,48	0,48
Q2 (P50)	0,60	0,62	0,58	0,57	0,57	0,55	0,56	0,55	0,54	0,55	0,56	0,58	0,57	0,57	0,56	0,59	0,54	0,55	0,53	0,54	0,56
Q3 (P75)	0,68	0,67	0,64	0,63	0,63	0,65	0,62	0,61	0,61	0,61	0,62	0,65	0,63	0,63	0,62	0,65	0,61	0,63	0,59	0,61	0,64

As tabelas 4.23 e 4.24 apresentam os dados referentes ao Índice de Rapidez de Elaboração (IRE). Nas comparações estatísticas, obteve-se efeitos estatisticamente significantes de sexo para os cartões 3 e 8 e de NSE para o cartão 3.

Nos cartões 3 e 8, as medianas do grupo de homens (respectivamente,  $m = 8,5$  e  $m = 11,5$ ) foram maiores do que a do grupo de mulheres (respectivamente,  $m = 5,3$  e  $m = 6,6$ ),  $U = 863$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,27$  para o cartão 3 e  $U = 868$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,28$  para o cartão 8. Para o efeito de NSE encontrado para o cartão 3, comparações *post-hoc* mostram que o grupo de NSE alto teve apresentou IRE maiores que o grupo de NSE Médio ( $U = 95$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,28$ ). Na comparação dos grupos de mulheres nos cartões 13 HF e 13 MF, não foram encontradas quaisquer diferenças estatisticamente significantes.

(Tabelas 4.23 e 4.24 na próxima página)

Tabela 4.23. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para o Índice de Rapidez de Elaboração (IRE), por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1035,5	1212,5	863	1044,5	1123,5	1239	1206	848	1005	1101	1190	1113	982	1088	1004	1058	1066,5	965	1092,5	1058
Valor de z	-1,48	-0,26	-2,67	-1,41	-0,87	-0,08	-0,30	-2,77	-1,69	-1,03	-0,41	-0,94	-1,85	-1,12	-1,70	-1,32	-1,27	-1,96	-1,09	-1,32
Nível de p	0,14	0,80	0,01*	0,16	0,38	0,94	0,76	0,01*	0,09	0,30	0,68	0,35	0,06	0,26	0,09	0,19	0,21	0,05	0,28	0,19
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,83	0,17	0,10	0,67	0,49	0,41	0,09	1,65	4,13	2,38	0,05	0,08	0,66	2,50	1,45	0,95	0,56	1,65	0,95	0,35
Nível de p	0,66	0,92	0,95	0,72	0,78	0,81	0,95	0,44	0,13	0,30	0,97	0,96	0,72	0,29	0,49	0,62	0,76	0,44	0,62	0,84
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,18	0,15	8,49	0,76	1,32	2,22	2,27	2,39	0,34	0,60	0,01	1,26	0,57	0,32	0,90	0,37	0,96	1,93	0,98	0,41
Nível de p	0,91	0,93	0,01*	0,68	0,52	0,33	0,32	0,30	0,84	0,74	0,99	0,53	0,75	0,85	0,64	0,83	0,62	0,38	0,61	0,81

Nota: \* = diferença estatisticamente significante.

Tabela 4.24. Dados normativos para o Índice de Rapidez de Elaboração (IRE) no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	8,88	9,03	9,63	10,89	9,38	10,12	9,22	11,26	11,44	10,21	17,84	9,22	11,29	10,21	10,58	14,52	9,20	11,74	15,56	10,38	11,11
Mediana	7,99	7,80	7,25	8,44	7,13	8,65	7,97	9,33	9,96	8,15	16,33	7,79	8,52	8,33	8,18	11,96	7,44	8,83	11,41	8,56	8,43
Desvio padrão	5,97	5,88	8,49	8,32	5,72	7,93	5,67	7,59	7,78	8,24	12,07	5,85	8,13	7,00	7,73	11,06	5,74	8,49	11,70	7,46	8,31
Mínimo	0,78	1,16	0,74	1,85	1,32	1,40	1,06	0,64	1,66	0,88	1,81	2,03	1,06	0,47	1,71	1,08	2,99	1,83	1,47	1,82	0,47
Máximo	28,80	31,45	60,82	48,99	24,03	61,47	30,85	41,74	49,78	51,54	64,20	33,79	43,05	37,44	53,09	65,61	36,24	41,43	59,48	48,61	167,34
Q1 (P25)	3,84	4,47	4,66	5,84	5,33	5,95	5,20	5,80	6,40	5,22	8,32	5,16	5,96	5,52	5,92	7,73	5,38	6,03	7,02	5,79	5,21
Q2 (P50)	7,99	7,80	7,25	8,44	7,13	8,65	7,97	9,33	9,96	8,15	16,33	7,79	8,52	8,33	8,18	11,96	7,44	8,83	11,41	8,56	8,43
Q3 (P75)	12,72	12,35	11,81	12,77	13,49	11,85	12,00	16,41	13,44	12,50	22,63	11,81	15,01	12,97	14,40	16,68	11,72	14,73	20,86	12,55	14,94



Os dados referentes à escala de Qualidade da linguagem são apresentados nas Tabelas 4.25 e 4.26, respectivamente. No cartão 9, obteve-se um efeito estatisticamente significativo do sexo, no qual, apesar de os grupos de homens e mulheres terem apresentado a mesma mediana ( $m = 2$ ), o grupo de mulheres apresentou um posto médio (53,9) maior do que o do grupo de homens (47,1;  $U = 1081$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,24$ ).

O teste de Kruskal-Wallis mostrou um efeito estatisticamente significativo de escolaridade em quatro cartões (1, 5, 15 e 16). No cartão 1, as comparações *post-hoc* mostram que o grupo EM apresentou maior pontuação nessa escala do que o grupo EF ( $U = 275$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,26$ ) e menor pontuação que o grupo ES ( $U = 266,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,32$ ). No cartão 5, o grupo ES apresentou maior pontuação que o grupo EM, em nível estatisticamente significativo,  $U = 280$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,27$ . No cartão 15, as comparações *post-hoc* mostram que o grupo ES apresentou pontuação maior que a do grupo EM,  $U = 741$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,24$ . Por fim, no cartão 16, o grupo ES apresentou pontuação maior que a do grupo EF,  $U = 287$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,27$ . Tais resultados sugerem uma tendência (ainda que baixa) dos grupos com maior escolaridade a criarem histórias com linguagem mais rebuscada ou formal do que grupos com menor escolaridade nesses cartões.

Para o NSE, obteve-se um efeito estatisticamente significativo em seis cartões (2, 3, 7, 8, 9 e 10). Para os cartões 2 e 10, não se obteve diferenças estatisticamente significantes entre os grupos. Nos cartões restantes, as comparações *post-hoc* mostram que o grupo de NSE Médio teve pontuação maior que o grupo de NSE Baixo ( $U = 840$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$  para o cartão 3,  $U = 756,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$  para o cartão 7,  $U = 771,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,27$  para o cartão 8 e  $U = 753$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,31$  para o cartão 9).

Nos subgrupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, não se obteve quaisquer diferenças estatisticamente significantes, seja para o tipo de cartão, escolaridade ou NSE.

(Tabelas 4.25 e 4.26 na próxima página)



As Tabelas 4.27 e 4.28 apresentam, respectivamente, os resultados das comparações estatísticas e dos dados normativos para a escala de Complexidade temporal. Enquanto nas comparações entre os grupos de homens e mulheres não se encontrou diferenças estatisticamente significantes, obteve-se um efeito de escolaridade em treze cartões e um efeito de NSE em oito cartões.

Os resultados das comparações *post-hoc* são apresentados nas Tabelas 4.29 (comparações *post-hoc* por escolaridade) e 4.30 (comparações *post-hoc* por NSE). Os resultados permitem afirmar que, ainda que não se tenha obtido diferenças estatisticamente significantes em todas as comparações, quanto maior o nível de escolaridade e o NSE, mais complexa a descrição da ordem dos eventos na histórias criadas pelos grupos. Já nos subgrupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, não se obteve quaisquer diferenças estatisticamente significantes para essa escala.

(Tabelas 4.27 a 4.30 nas próximas páginas)



Tabela 4.29. Comparações *post-hoc* para o nível de escolaridade na escala de Complexidade temporal.

	EF X EM	EF X ES	EM X ES
Cartão 1	n. s.	ES > EF (U = 208,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,26$ )	n. s.
Cartão 2	n. s.	ES > EF (U = 192; $p = 0,00$ ; $r = 0,28$ )	n. s.
Cartão 4	n. s.	ES > EF (U = 213; $p = 0,01$ ; $r = 0,26$ )	ES > EM (U = 622; $p = 0,01$ ; $r = 0,24$ )
Cartão 5	n. s.	ES > EF (U = 209; $p = 0,01$ ; $r = 0,26$ )	n. s.
Cartão 7	n. s.	n. s.	n. s.
Cartão 9	n. s.	ES > EF (U = 154; $p = 0,00$ ; $r = 0,39$ )	n. s.
Cartão 10	n. s.	ES > EF (U = 212; $p = 0,01$ ; $r = 0,25$ )	n. s.
Cartão 12	n.s	ES > EF (U = 152,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,36$ )	n. s.
Cartão 13	n. s.	n. s.	n. s.
Cartão 14	EM > EF (U = 220; $p = 0,01$ ; $r = 0,26$ )	ES > EF (U = 177,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,31$ )	n. s.
Cartão 13	n. s.	ES > EF (U = 177,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,29$ )	n. s.
Cartão 17	n. s.	ES > EF (U = 213,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,25$ )	n. s.
Cartão 18	n. s.	ES > EF (U = 641; $p = 0,00$ ; $r = 0,33$ )	n. s.
Cartão 19	n. s.	ES > EF (U = 173,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,32$ )	n. s.

Tabela 4.30. Comparações *post-hoc* para o NSE na escala de Complexidade temporal.

	Baixo X Médio	Baixo X Alto	Médio X Alto
Cartão 1	n. s.	Alto > Baixo (U = 48; $p = 0,00$ ; $r = 0,29$ )	n. s.
Cartão 4	n. s.	n. s.	n. s.
Cartão 7	n. s.	Alto > Baixo (U = 756,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,29$ )	n. s.
Cartão 9	Médio > Baixo (U = 673,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,25$ )	Alto > Baixo (U = 53; $p = 0,01$ ; $r = 0,27$ )	n. s.
Cartão 10	n.s	n.s	n. s.
Cartão 12	Médio > Baixo (U = 670; $p = 0,01$ ; $r = 0,24$ )	n. s.	n. s.
Cartão 18	Médio > Baixo (U = 649; $p = 0,01$ ; $r = 0,26$ )	n. s.	n. s.
Cartão 19	n. s.	Alto > Baixo (U = 53,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,26$ )	n. s.

Para a escala de Integração da narrativa, as Tabelas 4.31 e 4.32 apresentam, respectivamente, os resultados das comparações estatísticas e os dados normativos. O teste de Kruskal-Wallis mostra efeitos estatisticamente significantes para escolaridade (dez cartões) e NSE (quatro cartões), enquanto que, para os grupos de homens e mulheres, foram obtidas diferenças estatisticamente significantes em apenas dois cartões. As diferenças entre sexo ocorreram nos cartões 7 e 9, nos quais, apesar de as medianas de ambos os grupos terem sido iguais ( $m = 4$ , para ambos os cartões), as mulheres apresentaram postos médios (56,8 para o cartão 7 e 58 para o cartão 9) maiores do que os grupo de homens (44,2 para o cartão 7 e 43 para o cartão 9) em ambos os cartões,  $U = 935,5$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,24$  para o cartão 7 e  $U = 874$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,28$  para o cartão 9. Desta forma, as mulheres criaram histórias com arranjos mais complexos entre seus elementos nesses cartões em relação ao grupo de homens.

A Tabela 4.33 apresenta os resultados das comparações *post-hoc* para os cartões em que se obteve um efeito de escolaridade estatisticamente significativo; as diferenças estatisticamente significantes ocorreram predominante na comparação ES X EF. Já os resultados das comparações *post-hoc* para os grupos por NSE são apresentadas a seguir. Nos cartões 4 e 7, o grupo de NSE Médio apresentou pontuação maior que o grupo de NSE Baixo em nível estatisticamente significativo, ( $U = 671,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$  para o cartão 4 e  $U = 641,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,28$  para o cartão 7). No cartão 9, os grupos de NSE Alto e Médio tiveram pontuações maiores que as do grupo de NSE Baixo ( $U = 625,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$  para a comparação Médio X Baixo,  $U = 45,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$  para a comparação Alto X Baixo. No cartão 10, o grupo de NSE Médio teve maiores pontuações que o grupo de NSE Baixo,  $U = 665,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$ .

Para os subgrupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, não se obteve quaisquer diferenças estatisticamente significantes, seja para o tipo de cartão, escolaridade ou NSE, sugerindo que, apesar de se ter aplicado cartões diferentes ao grupo de mulheres, seu desempenho não apresentou diferenças com relação à complexidade dos arranjos entre os elementos nas histórias.

(Tabelas 4.31 a 4.33 nas próximas páginas)

Tabela 4.31. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Integração da narrativa, por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1214,5	1215,5	1085,5	1165	1231,5	1130	935,5	1194,5	874	1025	1246	1217,5	1238,5	1132	1126	1109	1209,5	1063	1141,5	1237
Valor de z	-0,28	-0,25	-1,27	-0,66	-0,14	-0,92	-2,36	-0,41	-2,82	-1,70	-0,03	-0,24	-0,09	-0,92	-0,99	-1,10	-0,31	-1,44	-0,79	-0,10
Nível de p	0,78	0,80	0,21	0,51	0,89	0,36	0,02*	0,68	0,00*	0,09	0,98	0,81	0,93	0,36	0,32	0,27	0,76	0,15	0,43	0,92
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	8,54	11,60	8,28	2,10	7,88	5,59	3,45	5,59	11,94	11,77	7,05	12,79	10,07	3,14	2,85	0,47	3,99	4,62	10,90	3,55
Nível de p	0,01*	0,00*	0,02*	0,35	0,02*	0,06	0,18	0,06	0,00*	0,00*	0,03*	0,00*	0,01*	0,21	0,24	0,79	0,14	0,10	0,00*	0,17
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	4,67	4,85	4,99	6,68	4,47	8,25	2,34	5,05	12,80	6,57	4,43	4,04	4,40	1,48	0,00	0,35	2,50	2,97	0,99	5,41
Nível de p	0,10	0,09	0,08	0,04*	0,11	0,02*	0,31	0,08	0,00*	0,04*	0,11	0,13	0,11	0,48	1,00	0,84	0,29	0,23	0,61	0,07

Nota: \* = diferença estatisticamente significante.

Tabela 4.32. Dados normativos para a escala de Integração da narrativa no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	3,64	3,58	3,76	3,79	3,83	3,85	3,87	3,72	3,77	3,73	3,24	3,72	3,97	3,84	3,91	3,65	4,01	3,72	3,38	3,84	3,74
Mediana	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	3,50	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
Desvio padrão	0,80	0,87	0,84	0,74	0,78	0,85	1,02	1,02	0,93	0,90	1,33	0,90	0,76	0,81	0,91	1,18	0,87	1,00	1,17	0,91	0,93
Mínimo	0,00	2,00	0,00	2,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	2,00	0,00
Máximo	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Q1 (P25)	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,25	4,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	4,00	3,25	4,00	3,25	4,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Q2 (P50)	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	3,50	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
Q3 (P75)	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	5,00	4,00	4,00	4,00	4,00

Tabela 4.33. Comparações *post-hoc* para o nível de escolaridade na escala de Integração da narrativa.

	EF X EM	EF X ES	EM X ES
Cartão 1	n. s.	ES > EF (U = 210; $p = 0,00$ ; $r = 0,27$ )	n. s.
Cartão 2	n. s.	ES > EF (U = 163; $p = 0,00$ ; $r = 0,34$ )	n. s.
Cartão 3	n. s.	ES > EF (U = 200; $p = 0,00$ ; $r = 0,29$ )	n. s.
Cartão 5	n. s.	ES > EF (U = 204; $p = 0,00$ ; $r = 0,28$ )	n. s.
Cartão 9	n. s.	ES > EF (U = 163,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,35$ )	n. s.
Cartão 10	EM > EF (U = 218,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,25$ )	ES > EF (U = 167; $p = 0,00$ ; $r = 0,33$ )	n. s.
Cartão 11	EM > EF (U = 212; $p = 0,01$ ; $r = 0,25$ )	n. s.	n. s.
Cartão 12	n. s.	ES > EF (U = 159; $p = 0,00$ ; $r = 0,35$ )	n. s.
Cartão 13	n. s.	ES > EF (U = 191,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,30$ )	n. s.
Cartão 19	n. s.	ES > EF (U = 181; $p = 0,00$ ; $r = 0,30$ )	n. s.

As tabelas 4.34 e 4.35 apresentam os dados referentes à escala Qualidade geral da história. Nessa escala, também se encontrou um efeito estatisticamente significativo de escolaridade para vários dos cartões (dez ao todo), enquanto que, para o sexo (três cartões) e para o NSE (seis cartões), as diferenças estatisticamente significantes foram menos frequentes. Nos cartões 7, 9 e 18, as medianas do grupo de mulheres foram maiores ( $m = 3$ , nos três cartões) que as do grupo de homens ( $m = 2$  nos cartões 7 e 9 e  $m = 2,5$  no cartão 18),  $U = 874$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,28$  para o cartão 7,  $U = 892,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,27$  para o cartão 9 e  $U = 943,5$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,23$  para o cartão 18. Tais resultados sugerem que as mulheres criaram histórias de melhor qualidade que os homens nesses cartões.

Os resultados das comparações *post-hoc* para os grupos por escolaridade e NSE são apresentados na Tabela 4.36. Enquanto para o nível de escolaridade, as diferenças estatisticamente significantes foram encontradas predominantemente na comparação ES X EF, as comparações por NSE mostraram diferenças estatisticamente significantes para a comparação NSE Médio X NSE Baixo, sugerindo uma tendência (ainda que baixa) de aumento da qualidade geral das histórias conforme aumenta o nível de escolaridade.

Nos subgrupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, não se obteve quaisquer diferenças estatisticamente significantes, seja para o tipo de cartão, escolaridade ou NSE para esta escala.

(Tabelas 4.34 a 4.36 nas próximas páginas)





Tabela 4.36. Comparações *post-hoc* para o nível de escolaridade na escala de Qualidade geral da história.

Comparações <i>post-hoc</i> por escolaridade	EF X EM	EF X ES	EM X ES
Cartão 2	n. s.	ES > EF (U = 194; $p = 0,00$ ; $r = 0,28$ )	n. s.
Cartão 7	n. s.	ES > EF (U = 217; $p = 0,01$ ; $r = 0,24$ )	n. s.
Cartão 8	n. s.	ES > EF (U = 214,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,26$ )	n. s.
Cartão 9	n. s.	ES > EF (U = 193; $p = 0,00$ ; $r = 0,29$ )	n. s.
Cartão 10	n. s.	ES > EF (U = 177,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,31$ )	ES > EM (U = 608,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,25$ )
Cartão 11	n. s.	ES > EF (U = 192,5; $p = 0,00$ ; $r = 0,29$ )	n. s.
Cartão 12	n. s.	ES > EF (U = 202; $p = 0,00$ ; $r = 0,28$ )	n. s.
Cartão 13	n. s.	ES > EF (U = 206; $p = 0,00$ ; $r = 0,28$ )	n. s.
Cartão 14	n. s.	ES > EF (U = 204,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,27$ )	n. s.
Cartão 20	n. s.	ES > EF (U = 216; $p = 0,01$ ; $r = 0,25$ )	n. s.
Comparações <i>post-hoc</i> por NSE	Baixo X Médio	Baixo X Alto	Médio X Alto
Cartão 2	Médio > Baixo (U = 657,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,26$ )	n. s.	n. s.
Cartão 4	Médio > Baixo (U = 648; $p = 0,01$ ; $r = 0,27$ )	n. s.	n. s.
Cartão 5	n. s.	n. s.	n. s.
Cartão 8	Médio > Baixo (U = 666,5; $p = 0,01$ ; $r = 0,25$ )	n. s.	n. s.
Cartão 9	n. s.	n. s.	n. s.
Cartão 10	Médio > Baixo (U = 527; $p = 0,00$ ; $r = 0,38$ )	n. s.	n. s.

#### 4.1.6. Tipo de herói

A Tabela 4.37 apresenta as frequências do tipo de herói descrito pelos participantes nas histórias para cada cartão. As frequências dessas categorias foram comparadas usando-se os testes Qui-quadrado, Teste Exato de Fisher e Teste Exato de Fisher-Freeman-Halton. Deve-se ressaltar que foram cotadas de uma até três categorias de tipo de herói nas histórias, de forma que as porcentagens totais por cartão excedem 100% em alguns casos. Como pode ser observado, foram obtidas poucas diferenças estatisticamente significantes de relevância teórica, com a predominância de tais diferenças sendo relativas ao sexo do herói em cartões

universais (ou seja, aplicados tanto a homens como a mulheres) ou a diferenças importantes entre as duas formas de alguns cartões (por exemplo, os cartões 3RH e 7MF, que apresentam uma criança, enquanto suas versões para o outro sexo não o fazem).

Tabela 4.37. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de  $p$ ) por sexo, escolaridade e NSE dos Tipos de heróis nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	Tipo de herói	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
1	Herói com nome	11	8	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	3	6	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	46	92	0	0,00**	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	51	2	100	0,00**	n. s.	n. s.
	Criança	85	88	82	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	0	0	0	-	-	-
	Dupla de heróis	0	0	0	-	-	-
	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	0	0	0	-	-	-
2	Herói com nome	12	8	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	42	8	76	0,00*	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	32	62	2	0,00**	n. s.	n. s.
	Criança	0	0	0	-	-	-
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	0	0	0	-	-	-
	Dupla de heróis	4	6	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói Coletivo	19	20	18	n. s.	n. s.	n. s.
3	Herói com nome	13	12	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	56	18	94	0,00*	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	27	54	0	0,00**	n. s.	n. s.
	Criança	7	14	0	0,01**	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	12	22	2	0,00**	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	0	0	0	-	-	-
	Casal de Heróis	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói Coletivo	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
4	Herói com nome	10	8	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	51	54	48	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	25	22	28	n. s.	n. s.	n. s.
	Criança	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-

Cartão	Tipo de herói	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
5	Sexo indefinido (Pessoa)	0	0	0	-	-	-
	Dupla de heróis	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	14	14	14	n. s.	0,03***	n. s.
	Herói Coletivo	0	0	0	-	-	-
	Herói com nome	9	6	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	48	8	88	0,00*	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	46	84	8	0,00*	n. s.	n. s.
	Criança	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	0	0	0	-	-	-
	Dupla de heróis	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	0	0	0	-	-	-
6	Herói com nome	11	8	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	64	58	70	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	17	18	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Criança	0	0	0	-	-	-
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	10	14	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói Coletivo	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói com nome	12	8	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	80	66	94	0,00*	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	0	0	0	-	-	-
7	Criança	27	0	54	0,00**	n. s.	0,01***
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	0	0	0	-	-	-
	Dupla de heróis	15	28	2	0,00**	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói com nome	9	4	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	81	64	98	0,00*	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	11	22	0	0,00**	n. s.	n. s.
	Criança	8	16	0	0,00**	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	3	6	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-	
Herói Coletivo	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.	

Cartão	Tipo de herói	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
9	Herói com nome	8	4	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	41	20	62	0,00*	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	0	0	0	-	-	-
	Criança	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	18	0	36	0,00**	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	39	76	2	0,00**	n. s.	n. s.
10	Herói com nome	8	4	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	14	16	12	n. s.	n. s.	0,01***
	Sexo diferente do(a) participante	23	16	30	n. s.	n. s.	n. s.
	Criança	0	0	0	-	-	-
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	10	8	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	50	54	46	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói Coletivo	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
11	Herói com nome	3	0	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	19	32	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	12	0	24	n. s.	n. s.	n. s.
	Criança	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	28	24	32	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo indefinido (Pessoa)	12	12	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	4	6	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	27	30	24	n. s.	n. s.	n. s.
12	Herói com nome	10	6	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	4	2	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	71	66	76	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	10	14	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Criança	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	6	12	0	0,03**	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	7	2	12	0,05**	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.
13	Herói com nome	10	6	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	59	84	34	0,00*	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	33	8	58	0,00*	n. s.	n. s.

Cartão	Tipo de herói	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
	Criança	8	0	16	0,01**	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	0	0	0	-	-	-
	Casal de Heróis	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói Coletivo	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói com nome	10	6	14	n. s.	n. s.	n. s.
14	Projeção Direta	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	42	80	4	0,00**	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	47	2	92	0,00**	n. s.	n. s.
	Criança	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo indefinido (Pessoa)	6	10	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	0	0	0	-	-	-
15	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói com nome	9	6	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	39	54	24	0,00*	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	44	26	62	0,00*	n. s.	n. s.
	Criança	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
16	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	12	14	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói com nome	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	24	22	26	n. s.	n. s.	n. s.
17	Mesmo sexo que o(a) participante	24	24	24	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Criança	15	12	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo indefinido (Pessoa)	5	10	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	4	6	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	7	8	6	n. s.	n. s.	n. s.
17	Herói Coletivo	28	26	30	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói com nome	13	8	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	88	94	82	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Criança	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
17	Sexo indefinido (Pessoa)	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.

Cartão	Tipo de herói	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
18	Casal de Heróis	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói Coletivo	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói com nome	9	2	16	0,03**	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	87	88	86	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Criança	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	4	2	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
19	Herói com nome	3	0	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Mesmo sexo que o(a) participante	22	34	10	0,00*	n. s.	0,03***
	Sexo diferente do(a) participante	13	8	18	n. s.	n. s.	0,00***
	Criança	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Sexo indefinido (Pessoa)	16	16	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói Coletivo	31	28	34	n. s.	n. s.	n. s.
	Herói com nome	10	6	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Projeção Direta	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
20	Mesmo sexo que o(a) participante	43	80	6	0,00*	n. s.	n. s.
	Sexo diferente do(a) participante	38	4	72	0,00**	n. s.	n. s.
	Criança	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Animal	0	0	0	-	-	-
	Sexo indefinido (Pessoa)	8	10	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Dupla de heróis	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Casal de Heróis	0	0	0	-	-	-
	Herói Coletivo	8	4	12	n. s.	n. s.	n. s.

Nota: \* = Nível de p obtido no Teste Qui-quadrado; \*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher; \*\*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher-Freeman-Halton.

Com relação às comparações entre os grupos de mulheres dos cartões 13HF e 13MF, foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos para as categorias Herói com nome e herói do tipo Criança – ambas mais frequentes no cartão 13MF ( $p = 0,00$  pelo Teste Exato de Fisher, para ambas as categorias) – e Herói de Sexo diferente do(a) Participante, mais frequentes no cartão 13HF ( $\chi^2 (1) = 11,53$ ;  $p < 0,00$ ). Já pelo teste de Fisher-Freeman-Halton, foi encontrado um efeito de NSE na categoria herói do tipo Criança

( $p = 0,05$ ), para a qual, proporcionalmente, houve uma frequência maior no grupo com NSE alto. Deve-se ressaltar que eram esperadas diferenças de desempenho entre tais grupos para o tipo de herói, já que os cartões apresentam personagens diferentes: Enquanto o cartão 13HF apresenta um casal, o cartão 13MF apresenta um personagem descrito por Murray (1943/2005) como uma criança.

#### 4.1.7. Atributos do herói

As Tabelas 4.38 e 4.39 apresentam, respectivamente, os resultados das comparações estatísticas e os dados normativos da escala Complexidade do herói. Foram encontradas poucas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos ao longo dos cartões. No cartão 4, a mediana do grupo de homens ( $m = 3$ ) foi maior que a do grupo de mulheres ( $m = 2$ ),  $U = 986$ ;  $p = 0,04$ ;  $r = 0,20$ , enquanto que no cartão 9, o inverso ocorreu, ou seja, o grupo de mulheres apresentou mediana ( $m = 3$ ) maior que a do grupo de homens ( $m = 2$ ),  $U = 927$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$ . No cartão 16, apesar de as medianas terem sido iguais para os grupos de homens e mulheres ( $m = 2$ ), o posto médio do grupo de mulheres (56,4) foi maior do que o do grupo de homens (44,6),  $U = 954,5$ ;  $p = 0,03$ ;  $r = 0,22$ . Desta forma, pode-se falar que, nos cartões 9MF e 16, os heróis das histórias do grupo de mulheres foram descritos com mais detalhes do que os heróis das histórias do grupo de homens nos cartões 9RH e 16, respectivamente, enquanto que o inverso ocorreu no cartão 4.

No teste de Kruskal-Wallis, obteve-se um efeito de escolaridade para o cartão 2. As comparações *post-hoc* realizadas mostram que os grupos EM e ES tiveram pontuações maiores que o grupo EF ( $U = 216$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$  para a comparação EM X EF e  $U = 212,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,26$  para a comparação ES X EF). O teste de Kruskal-Wallis também mostrou um efeito de NSE estatisticamente significativo para o cartão 1, no qual as comparações *post-hoc* mostram que o grupo de NSE Médio teve maiores pontuações que o grupo de NSE Baixo,  $U = 680,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,26$ . Tais resultados sugerem que, nesses cartões, conforme aumenta a escolaridade ou o NSE, os heróis das histórias tendem a ser descritos com maior detalhamento; tal efeito, contudo, é de baixa intensidade. Já para os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13 MF, não foram encontradas quaisquer diferenças estatisticamente significantes, seja por tipo de cartão, escolaridade ou NSE.

(Tabelas 4.38 e 4.39 na próxima página)



Tabela 4.38. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Complexidade do herói, por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1244	1044	1152	986	1120,5	1147,5	1250	1205,5	927	1189	1202	1129	1014	1191	1248,5	954,5	1202	1127,5	1004	998
Valor de z	-0,05	-1,55	-0,73	-2,02	-1,00	-0,79	0,00	-0,34	-2,51	-0,48	-0,35	-0,92	-1,83	-0,47	-0,01	-2,20	-0,38	-0,95	-1,83	-1,92
Nível de p	0,96	0,12	0,46	0,04*	0,32	0,43	1,00	0,73	0,01*	0,63	0,73	0,36	0,07	0,64	0,99	0,03*	0,71	0,34	0,07	0,06
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	6,17	7,78	3,83	1,80	0,04	0,36	0,02	0,27	6,02	3,29	3,42	4,56	1,63	2,82	3,63	3,26	3,89	1,58	3,05	1,59
Nível de p	0,05	0,02*	0,15	0,41	0,98	0,84	0,99	0,88	0,05	0,19	0,18	0,10	0,44	0,24	0,16	0,20	0,14	0,45	0,22	0,45
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	6,44	2,35	1,62	1,29	0,09	3,44	0,14	0,88	2,56	4,85	1,16	0,93	0,03	3,08	1,96	1,24	0,64	0,98	0,03	2,26
Nível de p	0,04*	0,31	0,44	0,52	0,95	0,18	0,93	0,65	0,28	0,09	0,56	0,63	0,98	0,21	0,38	0,54	0,73	0,61	0,99	0,32

Nota: \* = diferença estatisticamente significativa.

Tabela 4.39. Dados normativos para a escala de Complexidade do herói no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	1,91	2,12	2,16	2,36	2,28	2,30	2,40	2,36	2,44	2,47	1,77	2,39	2,45	2,52	2,45	1,95	2,48	2,44	1,97	2,34	2,28
Mediana	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	3,00	2,00	2,50	2,50	2,00	2,50	3,00	3,00	3,00	2,00	3,00	3,00	2,00	2,00	2,00
Desvio padrão	0,67	0,74	0,73	0,64	0,62	0,72	0,72	0,73	0,62	0,56	0,96	0,68	0,61	0,63	0,70	0,80	0,61	0,69	0,86	0,76	0,70
Mínimo	0,00	0,00	0,00	1,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,00	0,00	1,00	1,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Q1 (P25)	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	1,00	2,00	2,00	2,00	2,00	1,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00
Q2 (P50)	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	3,00	2,00	2,50	2,50	2,00	2,50	3,00	3,00	3,00	2,00	3,00	3,00	2,00	2,00	2,00
Q3 (P75)	2,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,75	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00

As Tabelas 4.40 e 4.41 apresentam os dados referentes à escala Idealização do herói. Foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de homens e mulheres em quatro cartões. No cartão 6, a mediana do grupo de mulheres ( $m = 3$ ) foi maior que a do grupo de homens ( $m = 2$ ),  $U = 863,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,28$ . Nos cartões 8, 9 e 17, as medianas dos grupos de homens e mulheres foram iguais ( $m = 3$ ), ainda que os postos médios dos grupos tenham apresentado diferenças estatisticamente significantes.

Nos cartões 8 e 17, os postos médios do grupo de mulheres (respectivamente, 59,2 e 56) foi maior do que o do grupo de homens (respectivamente, 41,8 e 45),  $U = 814,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,32$  para o cartão 8 e  $U = 977,5$ ;  $p = 0,04$ ;  $r = 0,20$  para o cartão 17. No cartão 9, o posto médio do grupo de homens (58) foi maior do que o do grupo de mulheres (43),  $U = 876,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,27$ . Tais resultados sugerem que, nos cartões 6MF, 8MF e 17MF, os heróis das histórias do grupo de mulheres foram descritos com mais atributos positivos do que os heróis das histórias do grupo de homens para os cartões 6RH, 8RH e 17RH, respectivamente, enquanto o inverso pode ser dito quanto às histórias do cartão 9MF (grupo de mulheres) comparadas às do cartão 9RH (grupo de homens).

Para a escolaridade e o NSE, foram obtidos efeitos estatisticamente significantes em apenas um cartão para cada efeito. No cartão 5, o teste de Kruskal-Wallis mostrou um efeito de escolaridade; nas comparações *post-hoc*, o grupo ES teve pontuações maiores que o grupo EM em nível estatisticamente significativo ( $U = 510,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,34$ ). No cartão 11, o efeito de NSE foi estatisticamente significativo; as comparações *post-hoc*, contudo, apresentaram valores de  $p$  maiores do que 0,167 (nível definido pela correção de Bonferroni) e, portanto, não significativas.

Por fim, a comparação entre os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF foi estatisticamente significativa para o tipo de cartão; o grupo ao qual se aplicou o cartão 13MF criou heróis com mais atributos positivos do que o grupo ao qual se aplicou o cartão 13HF,  $U = 194$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,24$ .

(Tabelas 4.40 e 4.41 na próxima página)

Tabela 4.40. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Idealização do herói, por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1171	1156,5	1141,5	1185,5	1034	863,5	1209,5	814,5	876,5	1144	1194,5	1133,5	1162	1101	1233	1157	977,5	1023,5	1108,5	1206,5
Valor de z	-0,60	-0,71	-0,80	-0,48	-1,61	-2,82	-0,30	-3,25	-2,75	-0,80	-0,41	-0,91	-0,63	-1,15	-0,12	-0,67	-2,02	-1,67	-1,03	-0,33
Nível de p	0,55	0,48	0,42	0,63	0,11	0,00*	0,76	0,00*	0,01*	0,42	0,68	0,36	0,53	0,25	0,90	0,50	0,04*	0,09	0,30	0,74
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	1,19	4,33	0,29	3,23	12,36	0,79	2,58	0,65	1,02	2,43	1,29	4,30	0,09	1,15	1,01	0,25	1,52	1,35	2,50	0,36
Nível de p	0,55	0,12	0,87	0,20	0,00*	0,68	0,27	0,72	0,60	0,30	0,52	0,12	0,96	0,56	0,60	0,88	0,47	0,51	0,29	0,83
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,03	0,22	2,24	1,67	3,12	1,21	0,26	3,40	0,30	1,19	7,13	0,50	2,24	0,57	0,80	5,16	1,75	3,45	0,60	1,52
Nível de p	0,98	0,89	0,33	0,43	0,21	0,55	0,88	0,18	0,86	0,55	0,03*	0,78	0,33	0,75	0,67	0,08	0,42	0,18	0,74	0,47

Nota: \* = diferença estatisticamente significativa.

Tabela 4.41. Dados normativos para a escala de Idealização do herói no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	2,56	3,04	2,17	2,58	2,67	2,41	2,74	2,81	2,67	3,32	2,15	2,89	2,18	2,91	2,04	2,70	2,93	2,60	2,78	2,62	2,64
Mediana	3,00	3,00	2,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,00	3,00	2,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Desvio padrão	0,95	0,91	0,87	0,90	0,96	1,04	1,00	0,99	1,02	0,79	1,28	0,86	1,00	0,90	0,94	1,36	0,95	0,98	1,21	1,06	1,00
Mínimo	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Máximo	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
Q1 (P25)	2,00	3,00	1,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	3,00	1,00	3,00	1,00	3,00	1,00	2,00	2,25	2,00	2,00	2,00	2,00
Q2 (P50)	3,00	3,00	2,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,00	3,00	2,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Q3 (P75)	3,00	4,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	4,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	4,00	4,00	3,00	4,00	3,00	3,75

#### 4.1.8. Necessidades do herói

Na Tabela 4.42, são apresentados os dados referentes às necessidades dos heróis ao longo dos cartões. Para fins de síntese dos dados, são mostradas apenas as necessidades mais frequentes nas histórias (de um total de 47 categorias possíveis), tanto para a necessidade primária (ou principal) como para a secundária. Desta forma, são apresentadas apenas as categorias cotadas em no mínimo 5% dos casos. Como pode ser observado, as diferenças estatisticamente significantes entre os grupos foram pouco frequentes, tendendo a ocorrer nos cartões com versões para homens e mulheres.

Os participantes da amostra apresentaram uma alta frequência de histórias com necessidades secundárias; a maior frequência dessa categoria foi observada no cartão 9 (no qual 96% das histórias tinha uma necessidade secundária), enquanto o cartão 11 apresentou a menor frequência dessa categoria (69% das histórias com uma necessidade secundária).

Tabela 4.42. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de  $p$ ) por sexo, escolaridade e NSE das Necessidades do herói (Primária e Secundária) mais frequentes nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	Tipo de necessidade	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
1	(N. Prim.) Realização	53	58	48	n. s.	n. s.	n. s.
	Oposição Social	11	4	18	0,02*	n. s.	n. s.
	Conhecimento	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Curiosidade	5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Conformismo	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Sec.) Conhecimento	19	22	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Realização	15	14	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	11	16	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Conformismo	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Deferência	6	10	2	n. s.	n. s.	n. s.
2	(N. Prim.) Realização	59	56	62	n. s.	n. s.	n. s.
	Conhecimento	10	12	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Exercida	9	10	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Mudança	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Conjugal	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Sec.) Proteção Exercida	21	22	20	n. s.	n. s.	n. s.
	Conhecimento	12	10	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Passividade	9	6	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Realização	8	10	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Mudança	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
3	(N. Prim.) Resistência	30	26	34	n. s.	n. s.	n. s.
	Humilhação	17	20	14	n. s.	n. s.	n. s.

Cartão	Tipo de necessidade	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
	Proteção Reclamada	13	16	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Conjugal	7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Sec.) Humilhação	22	30	14	n. s.	0,02***	n. s.
	Resistência	14	10	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Conjugal	13	10	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	10	12	8	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Prim.) Afiliação Conjugal	33	30	36	n. s.	n. s.	n. s.
	Rejeição	11	18	4	0,02*	n. s.	n. s.
	Afiliação Reclamada	8	4	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Exercida	7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.
4	(N. Sec.) Afiliação Conjugal	21	18	24	n. s.	n. s.	n. s.
	Agressão Verbal	8	10	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Rejeição	8	8	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Mudança	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Familiar	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Humilhação	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Prim.) Curiosidade	31	24	38	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Exercida	19	22	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Resistência	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Reclamada	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Nutrição Exercida	5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
5	(N. Sec.) Curiosidade	11	12	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Realização	9	4	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Familiar	9	8	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	8	6	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Passividade	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Exercida	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Prim.) Resistência	15	22	8	0,05*	n. s.	n. s.
	Realização	10	10	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Oposição Social	9	4	14	n. s.	n. s.	0,02***
	Afiliação Conjugal	9	2	16	0,03**	n. s.	n. s.
	Curiosidade	7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Comunicação	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Sec.) Proteção Reclamada	8	8	8	n. s.	n. s.	n. s.
6	Comunicação	8	6	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Divertimento	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Humilhação	6	10	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Deferência	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Oposição Social	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Resistência	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Familiar	5	10	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Conjugal	5	0	10	n. s.	n. s.	n. s.
7	(N. Prim.) Divertimento	13	0	26	0,00*	n. s.	n. s.
	Proteção Exercida	12	14	10	n. s.	n. s.	n. s.

Cartão	Tipo de necessidade	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
8	Realização	9	18	0	0,00*	n. s.	n. s.
	Oposição Social	9	0	18	0,00*	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	8	16	0	0,00*	n. s.	n. s.
	Afiliação Reclamada	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Resistência	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Comunicação	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Sec.) Oposição Social	12	14	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Comunicação	10	14	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	8	6	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Familiar	8	4	12	n. s.	0,04***	n. s.
	Proteção Exercida	7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Resistência	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Conformismo	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Divertimento	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Realização	5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Prim.) Realização	18	10	26	0,04*	n. s.	n. s.
	Passividade	10	4	16	0,05*	n. s.	n. s.
	Agressão Física Antissocial	10	20	0	0,00*	n. s.	n. s.
	Proteção Exercida	10	20	0	0,00*	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	8	16	0	0,00*	n. s.	n. s.
Resistência	7	12	2	n. s.	n. s.	n. s.	
Afiliação Conjugal	7	0	14	n. s.	n. s.	n. s.	
Mudança	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.	
(N. Sec.) Passividade	10	0	20	0,00*	n. s.	0,04***	
Realização	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.	
Humilhação	7	14	0	n. s.	n. s.	n. s.	
Mudança	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.	
Afiliação Familiar	7	8	6	n. s.	n. s.	n. s.	
Resistência	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.	
(N. Prim.) Passividade	17	34	0	0,00*	n. s.	n. s.	
Realização	15	26	4	0,00*	n. s.	n. s.	
Divertimento	12	4	20	0,01*	n. s.	n. s.	
Curiosidade	6	0	12	0,01*	n. s.	n. s.	
Agressão Verbal/Emocional	6	0	12	0,01*	n. s.	n. s.	
Proteção Exercida	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.	
Liberdade	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.	
(N. Sec.) Realização	16	28	4	0,00*	n. s.	n. s.	
Passividade	16	30	2	0,00*	n. s.	n. s.	
Mudança	7	2	12	n. s.	n. s.	n. s.	
Afiliação Associativa	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.	
Afiliação Fraternal	7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.	
Conformismo	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.	
10	Afiliação Conjugal	47	50	44	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Familiar	14	14	14	n. s.	n. s.	n. s.

Cartão	Tipo de necessidade	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
11	Proteção Exercida	8	6	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Realização	7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Resistência	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Sec.) Divertimento	15	14	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Resistência	12	16	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Familiar	10	8	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Realização	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Conjugal	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Prim.) Realização	15	24	6	0,01*	n. s.	n. s.
	Liberdade	13	14	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Resistência	11	14	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Curiosidade	7	0	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	7	8	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Passividade	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Nutrição Reclamada	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	12	Proteção Exercida	5	6	4	n. s.	n. s.
(N. Sec.) Resistência		14	12	16	n. s.	n. s.	n. s.
Proteção Reclamada		6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
Proteção Exercida		6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
Liberdade		5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
(N. Prim.) Proteção Reclamada		21	42	0	0,00*	n. s.	n. s.
Proteção Exercida		19	34	4	0,00*	n. s.	n. s.
Afiliação Familiar		10	8	12	n. s.	n. s.	n. s.
Passividade		7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.
Realização		7	0	14	0,01*	n. s.	n. s.
Estética		6	0	12	0,03**	n. s.	n. s.
Resistência		5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
(N. Sec.) Resistência		15	14	16	n. s.	n. s.	n. s.
Proteção Exercida		7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.
Proteção Reclamada		7	8	6	n. s.	n. s.	n. s.
Passividade		7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.
Deferência		6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
Estética		6	0	12	0,03**	n. s.	n. s.
13	Afiliação Familiar	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Prim.) Proteção Exercida	15	16	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Resistência	12	12	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Agressão Física Antissocial	11	18	4	0,02*	n. s.	n. s.
	Realização	9	4	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Conjugal	9	2	16	0,01*	n. s.	n. s.
	Epicurismo	7	14	0	0,01*	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
Afiliação Familiar	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.	

Cartão	Tipo de necessidade	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE	
14	(N. Sec.) Humilhação	17	30	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Resistência	9	8	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Curiosidade	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Realização	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Proteção Exercida	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	(N. Prim.) Passividade	17	14	20	n. s.	n. s.	n. s.	
	Resistência	16	14	18	n. s.	n. s.	n. s.	
	Realização	13	18	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Aquisição Social	7	8	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	Estética	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Liberdade	7	8	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	Mudança	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	(N. Sec.) Passividade	16	20	12	n. s.	n. s.	n. s.	
	Realização	12	12	12	n. s.	n. s.	n. s.	
Mudança	11	8	14	n. s.	n. s.	n. s.		
15	Isolamento	10	10	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Proteção Exercida	7	8	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	Resistência	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	(N. Prim.) Resistência	28	30	26	n. s.	n. s.	n. s.	
	Deferência	13	14	12	n. s.	n. s.	n. s.	
	Curiosidade	7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Afiliação Reclamada	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Afiliação Conjugal	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Humilhação	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	(N. Sec.) Resistência	13	16	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Deferência	12	8	16	n. s.	n. s.	0,02***	
	Isolamento	9	10	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Humilhação	8	8	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Conformismo	7	14	0	0,01*	n. s.	n. s.	
Afiliação Focal	5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.		
16	(N. Prim.) Realização	21	28	14	n. s.	n. s.	n. s.	
	Divertimento	18	16	20	n. s.	n. s.	n. s.	
	Afiliação Familiar	10	6	14	n. s.	n. s.	n. s.	
	Proteção Exercida	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	Passividade	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	Afiliação Associativa	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	(N. Sec.) Afiliação Familiar	11	6	16	n. s.	n. s.	n. s.	
	Divertimento	10	8	12	n. s.	n. s.	n. s.	
	Realização	9	8	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Resistência	8	8	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Aquisição Social	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	Passividade	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	17	(N. Prim.) Realização	24	38	10	0,00*	n. s.	n. s.
		Curiosidade	11	4	18	0,03*	n. s.	n. s.



Cartão	Tipo de necessidade	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
18	Reconhecimento	7	14	0	0,01*	n. s.	n. s.
	Proteção Exercida	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Liberdade	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Sec.) Realização	19	22	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Reconhecimento	6	12	0	0,03**	n. s.	n. s.
	Proteção Exercida	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Passividade	5	0	10	0,02*	n. s.	n. s.
	(N. Prim.) Proteção Exercida	26	2	50	0,00*	n. s.	n. s.
	Resistência	14	16	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Proteção Reclamada	11	16	6	n. s.	n. s.	0,03***
	Realização	7	14	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Agressão Física Antissocial	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Sec.) Afiliação Familiar	9	0	18	0,00*	n. s.	n. s.
	Resistência	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Epicurismo	6	12	0	0,03**	n. s.	n. s.
19	Proteção Reclamada	5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Humilhação	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Afiliação Conjugal	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Prim.) Resistência	17	18	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Estética	17	16	18	n. s.	0,02***	0,04***
	Afiliação Familiar	9	4	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Realização	8	10	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Passividade	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Divertimento	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	(N. Sec.) Comunicação	12	14	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Realização	9	10	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Resistência	9	14	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Oposição Social	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Estética	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	20	(N. Prim.) Realização	15	22	8	0,05*	n. s.
Curiosidade		10	10	10	n. s.	n. s.	n. s.
Resistência		10	10	10	n. s.	n. s.	n. s.
Proteção Exercida		9	6	12	n. s.	n. s.	n. s.
Passividade		8	8	8	n. s.	n. s.	n. s.
Afiliação Conjugal		6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.
Afiliação Familiar		5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
(N. Sec.) Passividade		19	24	14	n. s.	n. s.	n. s.
Resistência		14	14	14	n. s.	n. s.	n. s.
Realização		8	6	10	n. s.	n. s.	n. s.
Conformismo		5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.

Nota: \* = Nível de p obtido no Teste Qui-quadrado; \*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher; \*\*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher-Freeman-Halton; (N. Prim.) = Necessidade Primária; (N. Sec.) = Necessidade Secundária.

Com relação às comparações entre os grupos de mulheres dos cartões 13HF e 13MF, foram obtidas diferenças estatisticamente significantes para o tipo de cartão aplicado nas necessidades primárias de Afiliação Conjugal, mais frequente no cartão 13HF ( $p = 0,00$  pelo Teste Exato de Fisher), Realização, mais frequente no cartão 13MF ( $p = 0,04$  pelo Teste Exato de Fisher) e Divertimento, também mais frequente no cartão 13MF ( $p = 0,04$  pelo Teste Exato de Fisher).

As Tabelas 4.43 a 4.46 apresentam os dados referentes às escalas de Força da necessidade (primária e secundária). Em ambas as escalas, foram encontradas poucas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos. As diferenças por sexo foram obtidas em três cartões para a Força da necessidade primária; nos cartões 8 e 17, as medianas do grupo de homens ( $m = 4$ , em ambos os cartões) foram maiores do que a do grupo de mulheres ( $m = 3$ , em ambos os cartões),  $U = 636$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,47$  para o cartão 8 e  $U = 940$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,24$  para o cartão 17. No cartão 18, apesar de as medianas dos dois grupos terem sido iguais ( $m = 3$ ), o posto médio do grupo de mulheres (55,5) foi maior do que a do grupo de homens (45,5),  $U = 1001$ ;  $p = 0,04$ ;  $r = 0,20$ . Tais resultados sugerem que os homens criaram histórias com necessidades primárias mais intensas nos cartões nos cartões 8RH e 17RH, comparados às histórias do grupo de mulheres nos cartões 8MF e 17MF, respectivamente, enquanto que, no cartão 18MF, as mulheres criaram histórias com necessidades primárias mais intensas do que os homens no cartão 18RH.

Na escala de Força da necessidade secundária, apenas o cartão 6 apresentou diferença estatisticamente significante entre homens e mulheres; nesse cartão, as medianas dos dois grupos também foram a mesma ( $m = 3$ ), o posto médio do grupo de homens (57,9) foi maior do que a do grupo de mulheres (43,1),  $U = 880,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$ .

(Tabelas 4.43 a 4.46 nas próximas páginas)

Tabela 4.43. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Força da necessidade primária, por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1098,5	1216,5	1162	1102,5	1242	1231	1094	636	1062,5	1152	1144	1094	1198	1144,5	1153	1133,5	940	1001	1198,5	1059
Valor de z	-1,53	-0,30	-0,81	-1,37	-0,07	-0,18	-1,37	-4,66	-1,59	-0,77	-0,82	-1,55	-0,40	-0,96	-0,74	-1,03	-2,45	-2,01	-0,46	-1,69
Nível de p	0,13	0,76	0,42	0,17	0,94	0,86	0,17	0,00*	0,11	0,44	0,41	0,12	0,69	0,34	0,46	0,30	0,01*	0,04*	0,64	0,09
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	1,92	3,18	0,92	0,63	2,17	1,41	0,22	0,90	0,67	4,65	2,57	2,95	1,66	3,63	0,16	0,30	1,63	1,74	4,59	4,32
Nível de p	0,38	0,20	0,63	0,73	0,34	0,49	0,89	0,64	0,72	0,10	0,28	0,23	0,44	0,16	0,92	0,86	0,44	0,42	0,10	0,12
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,03	0,54	1,60	1,19	5,75	7,32	0,58	0,91	2,73	7,30	1,35	2,24	2,47	1,80	2,60	1,91	2,18	0,60	2,20	6,66
Nível de p	0,99	0,76	0,45	0,55	0,06	0,03*	0,75	0,63	0,26	0,03*	0,51	0,33	0,29	0,41	0,27	0,38	0,34	0,74	0,33	0,04*

Nota: \* = diferença estatisticamente significante.

Tabela 4.44. Dados normativos para a escala de Força da necessidade primária no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	2,95	3,13	3,18	3,17	3,20	3,07	3,15	3,48	3,26	3,40	3,19	3,19	3,43	3,10	3,33	3,26	3,39	3,32	3,07	3,29	3,23
Mediana	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Desvio padrão	0,59	0,53	0,59	0,49	0,53	0,56	0,54	0,73	0,50	0,65	0,97	0,44	0,78	0,52	0,88	0,60	0,58	0,63	0,78	0,48	0,62
Mínimo	0,00	1,00	0,00	2,00	2,00	0,00	2,00	2,00	2,00	0,00	0,00	2,00	2,00	2,00	0,00	0,00	2,00	0,00	0,00	3,00	0,00
Máximo	4,00	4,00	5,00	5,00	5,00	4,00	5,00	5,00	4,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00
Q1 (P25)	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Q2 (P50)	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00
Q3 (P75)	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	4,00	4,00	4,00	4,00	3,00	4,00	3,00	4,00	4,00	4,00	4,00	3,00	4,00	4,00



Na escala de Força da necessidade primária, o teste de Kruskal-Wallis não mostrou um efeito estatisticamente significantes de escolaridade. Contudo, o mesmo teste mostra um efeito estatisticamente significativo de NSE em três cartões. No cartão 6, as comparações *post-hoc* mostram que o grupo de NSE Médio teve pontuações maiores do que o grupo de NSE Alto ( $U = 154$ ;  $p = 0,03$ ;  $r = 0,22$ ). No cartão 10, tanto o grupo de NSE Médio como de NSE Alto apresentaram pontuações maiores do que o grupo de NSE Baixo ( $U = 704$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,23$  para a comparação Médio X Baixo e  $U = 71,5$ ;  $p = 0,03$ ;  $r = 0,21$  para a comparação Alto X Baixo). No cartão 20, o grupo de NSE Médio apresentou pontuações maiores que o grupo de NSE Baixo ( $U = 722,5$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,23$ ). Tais resultados sugerem uma tendência (ainda que baixa) de os grupos com maior escolaridade criarem histórias com necessidades mais intensas para os cartões 10 e 20, enquanto que, para o cartão 6, tal tendência não foi observada.

Na escala de Força da necessidade secundária, o teste de Kruskal-Wallis mostrou um efeito estatisticamente significativo de escolaridade em três cartões. No cartão 3, tanto o grupo EM como o ES apresentaram pontuações maiores do que o grupo EF ( $U = 246$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,23$  para a comparação EM X EF e  $U = 212$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,28$  para a comparação ES X EF). No cartão 16, o grupo EM teve pontuações maiores do que o grupo EF ( $U = 192$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,30$ ) e o grupo ES ( $U = 586,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,29$ ). No cartão 19, o grupo ES teve pontuações maiores do que o grupo EF ( $U = 181,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,32$ ) e o grupo EM ( $U = 668,5$ ;  $p = 0,05$ ;  $r = 0,20$ ).

As comparações entre os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF mostraram diferenças estatisticamente significantes para o tipo de cartão aplicado para ambas as escalas. O grupo ao qual se aplicou o cartão 13MF criou histórias com necessidades mais intensas que o grupo ao qual se aplicou o cartão 13HF, tanto para a necessidade primária ( $U = 201$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,24$ ) como para a secundária ( $U = 160$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,32$ ). Para a escolaridade e o NSE, não foram obtidos diferenças estatisticamente significantes.

#### **4.1.9. Conduta do herói**

Para a categorização da conduta do herói, foram derivadas duas escalas (Nível evolutivo da conduta e Eficácia da conduta). As Tabelas 4.47 e 4.48 apresentam os dados referentes à primeira escala, enquanto as Tabelas 4.49 a 4.52 apresentam os dados referentes à segunda escala, usada para classificação tanto da conduta inicial como da conduta final dos heróis nas histórias.



Para a escala de Nível evolutivo da conduta, foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de homens e mulheres para três cartões; não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes para escolaridade e NSE.

No cartão 8, a mediana dos grupos de homens e mulheres foi a mesma ( $m = 4$ ); apesar disso, o posto médio do grupo de mulheres (60) foi maior do que o do grupo de homens (41),  $U = 778$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,41$ . Nos cartões 9 e 13, a mediana do grupo de mulheres ( $m = 4$  em ambos os cartões) foi maior do que a do grupo de homens ( $m = 3$  em ambos os cartões),  $U = 878$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,28$  para o cartão 9 e  $U = 982$ ;  $p = 0,04$ ;  $r = 0,20$  para o cartão 13. Tais resultados sugerem que, nesses cartões, as mulheres criaram mais histórias que os homens nas quais as condutas do herói foram mais evoluídas, ou seja, predominantemente de Aprendizagem social.

Os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF diferiram entre si em nível estatisticamente significativo para essa escala, com o grupo ao qual se aplicou o cartão 13MF tendo apresentado histórias com condutas mais evoluídas do que o grupo ao qual foi aplicado o cartão 13HF,  $U = 171$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,32$ . Deve-se notar que tal diferença é relativamente esperada, já que o cartão 13HF mostra uma cena predominantemente interpretada como trágica, comparada ao cartão 13MF (vide a seção 4.2 adiante, referente à análise dos temas das histórias, para mais detalhes). Para a escolaridade e o NSE, não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes nos grupos de mulheres para essa escala.

Com relação às escalas de Eficácia da conduta inicial (Tabelas 4.49 e 4.50) e Eficácia da conduta final (Tabelas 4.51 e 4.52), também foram encontradas poucas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos. Para a escala de Eficácia da conduta inicial, os grupos de homens e mulheres diferiram em nível significativo em dois cartões. No cartão 3, a mediana dos grupos de homens e mulheres foi a mesma ( $m = 1$ ); apesar disso, o posto médio do grupo de homens (56,6) foi maior do que o do grupo de mulheres (44,4),  $U = 943$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,24$ . No cartão 12, a mediana do grupo de homens ( $m = 5$ ) foi maior do que a do grupo de mulheres ( $m = 4$ ),  $U = 948$ ;  $p = 0,03$ ;  $r = 0,22$ . Tais resultados sugerem que os homens criaram mais histórias no cartão 3RH nas quais as ações dos heróis foram mais eficazes para a satisfação da necessidade (isto é, tendendo a ser consumativas) do que o grupo de mulheres no cartão 3MF, mas menos eficazes no cartão 12RH, comparadas às histórias do grupo de mulheres no cartão 12MF.

Na comparação entre homens e mulheres na escala de Eficácia da conduta final, a única diferença estatisticamente significativa foi obtida no cartão 8, no qual, apesar de a mediana dos dois grupos ter sido a mesma ( $m = 4$ ), o posto médio do grupo de mulheres (56,6) foi maior do que o do grupo de homens (44,4),  $U = 945,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,27$ .

Para a escala de Eficácia da conduta inicial, foi obtido um efeito estatisticamente significativo de escolaridade para o cartão 8; as comparações *post-hoc* mostram que o grupo ES teve maiores pontuações que o grupo EF ( $U = 214,5$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,24$ ). Desta forma, pode-se falar de uma tendência significativa, ainda que baixa, de o grupo com maior escolaridade criar histórias com condutas iniciais tendendo a consumativas nos cartões 8MF e 8RH.

Já para a escala de Eficácia da conduta final, o teste de Kruskal-Wallis mostrou um efeito estatisticamente significativo de escolaridade para o cartão 7 e de NSE no cartão 5. No cartão 7, as comparações *post-hoc* mostram que o grupo ES apresentou maiores pontuações que o grupo EM,  $U = 643$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,28$ . No cartão 5, as comparações *post-hoc* não atingiram valor estatisticamente significativo segundo a correção de Bonferroni.

Para os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, o teste de Mann-Whitney mostrou uma diferença estatisticamente significativa para a escala de Eficácia da conduta final. O grupo ao qual foi aplicado o cartão 13MF criou histórias nas quais as condutas finais do herói foram mais eficazes para a satisfação da necessidade do que o grupo ao qual foi aplicado o cartão 13HF ( $U = 218,5$ ;  $p = 0,03$ ;  $r = 0,22$ ). Por outro lado, não foram obtidas diferenças estatisticamente significantes para a escolaridade e o NSE nesses grupos, para ambas as escalas.

(Tabelas 4.49 a 4.52 nas próximas páginas)







A Tabela 4.53 apresenta as frequências das categorias usadas para a classificação do Estilo da conduta, bem como as comparações realizadas para sexo, escolaridade e NSE. As porcentagens totais por cartão de tais categorias foram maiores que 100% nos cartões, já que foram marcados de um a três itens. Assim como para resultados apresentados anteriormente, foram encontradas poucas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de homens e mulheres, que tenderam a aparecer nos cartões com versões diferentes para tais grupos. Já para a escolaridade e o NSE, as diferenças estatisticamente significantes foram muito pouco frequentes para estas categorias.

Os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF diferiram entre si quanto ao tipo de cartão para as categorias Impulsividade e Descoordenação, sendo ambas mais frequentes no cartão 13HF [ $\chi^2 (1) = 3,9; p < 0,05$  em ambas as categorias]. Para a escolaridade e o NSE nesse grupos, foi encontrado um efeito de NSE na categoria Passividade ( $p = 0,04$ ), no qual o grupo com NSE alto não apresentou qualquer pontuação.

Tabela 4.53. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de  $p$ ) por sexo, escolaridade e NSE das categorias referentes ao Estilo da conduta nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	Estilo da conduta	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
1	Passividade	29	28	30	n. s.	n. s.	n. s.
	Iniciativa	22	28	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Impulsividade	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Controle	8	4	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Fraqueza	15	16	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Força	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Descoordenação	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Coordenação	41	40	42	n. s.	n. s.	n. s.
	Labilidade	11	12	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Tenacidade	21	24	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Rigidez	4	2	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Plasticidade	9	14	4	n. s.	n. s.	n. s.
	2	Passividade	12	10	14	n. s.	n. s.
Iniciativa		30	42	18	0,01*	n. s.	n. s.
Impulsividade		1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
Controle		2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.
Fraqueza		5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
Força		6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
Descoordenação		1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
Coordenação		59	58	60	n. s.	n. s.	n. s.
Labilidade		2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.
Tenacidade		31	34	28	n. s.	n. s.	n. s.
Rigidez		1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.

Cartão	Estilo da conduta	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
3	Plasticidade	9	10	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Passividade	34	42	26	n. s.	n. s.	n. s.
	Iniciativa	12	2	22	0,00*	n. s.	n. s.
	Impulsividade	11	18	4	0,02*	n. s.	n. s.
	Controle	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Fraqueza	26	32	20	n. s.	n. s.	n. s.
	Força	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Descoordenação	14	22	6	0,02*	0,03***	n. s.
	Coordenação	23	20	26	n. s.	n. s.	n. s.
	Labilidade	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Tenacidade	11	6	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Rigidez	8	2	14	0,03*	n. s.	n. s.
	4	Plasticidade	39	46	32	n. s.	n. s.
Passividade		13	14	12	n. s.	0,01***	n. s.
Iniciativa		22	28	16	n. s.	n. s.	n. s.
Impulsividade		22	20	24	n. s.	n. s.	n. s.
Controle		20	20	20	n. s.	n. s.	n. s.
Fraqueza		5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
Força		10	10	10	n. s.	n. s.	n. s.
Descoordenação		11	10	12	n. s.	n. s.	n. s.
Coordenação		27	30	24	n. s.	n. s.	n. s.
Labilidade		10	14	6	n. s.	n. s.	n. s.
Tenacidade		18	20	16	n. s.	n. s.	n. s.
Rigidez		7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.
5		Plasticidade	36	38	34	n. s.	n. s.
	Passividade	20	26	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Iniciativa	41	46	36	n. s.	n. s.	n. s.
	Impulsividade	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Controle	14	16	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Fraqueza	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Força	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Descoordenação	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Coordenação	53	46	60	n. s.	n. s.	n. s.
	Labilidade	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Tenacidade	16	12	20	n. s.	n. s.	n. s.
	Rigidez	11	12	10	n. s.	n. s.	n. s.
	6	Plasticidade	18	18	18	n. s.	n. s.
Passividade		25	34	16	0,04*	n. s.	n. s.
Iniciativa		28	38	18	0,03*	n. s.	n. s.
Impulsividade		9	12	6	n. s.	n. s.	n. s.
Controle		22	16	28	n. s.	n. s.	n. s.
Fraqueza		5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
Força		10	8	12	n. s.	n. s.	n. s.
Descoordenação	12	18	6	n. s.	n. s.	n. s.	

Cartão	Estilo da conduta	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE	
7	Coordenação	32	28	36	n. s.	n. s.	0,02***	
	Labilidade	7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Tenacidade	13	12	14	n. s.	n. s.	n. s.	
	Rigidez	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Plasticidade	25	24	26	n. s.	n. s.	n. s.	
	Passividade	18	8	28	0,01*	n. s.	n. s.	
	Iniciativa	35	44	26	n. s.	n. s.	0,00***	
	Impulsividade	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Controle	17	12	22	n. s.	n. s.	n. s.	
	Fraqueza	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Força	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Descoordenação	12	14	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Coordenação	41	56	26	0,00*	n. s.	n. s.	
	Labilidade	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Tenacidade	16	16	16	n. s.	n. s.	n. s.	
8	Rigidez	11	8	14	n. s.	n. s.	n. s.	
	Plasticidade	26	26	26	n. s.	n. s.	n. s.	
	Passividade	19	24	14	n. s.	n. s.	n. s.	
	Iniciativa	34	46	22	0,01*	n. s.	n. s.	
	Impulsividade	9	16	2	0,01*	n. s.	n. s.	
	Controle	12	4	20	0,01*	n. s.	n. s.	
	Fraqueza	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Força	8	6	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Descoordenação	13	24	2	0,00*	n. s.	n. s.	
	Coordenação	46	32	60	0,00*	n. s.	n. s.	
	Labilidade	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Tenacidade	11	14	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Rigidez	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	Plasticidade	19	16	22	n. s.	n. s.	n. s.	
	9	Passividade	7	12	2	0,05*	n. s.	n. s.
Iniciativa		36	30	42	n. s.	n. s.	n. s.	
Impulsividade		14	2	26	0,00*	n. s.	n. s.	
Controle		15	20	10	n. s.	n. s.	n. s.	
Fraqueza		3	6	0	n. s.	n. s.	n. s.	
Força		5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
Descoordenação		20	14	26	n. s.	n. s.	n. s.	
Coordenação		46	66	26	0,00*	n. s.	n. s.	
Labilidade		2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.	
Tenacidade		11	12	10	n. s.	n. s.	n. s.	
Rigidez		5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
Plasticidade		22	10	34	0,00*	0,03***	n. s.	
10		Passividade	10	12	8	n. s.	n. s.	n. s.
		Iniciativa	20	32	8	0,00*	n. s.	n. s.
		Impulsividade	4	2	6	n. s.	n. s.	n. s.

Cartão	Estilo da conduta	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE	
11	Controle	14	12	16	n. s.	n. s.	n. s.	
	Fraqueza	4	6	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Força	23	16	30	n. s.	n. s.	n. s.	
	Descoordenação	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Coordenação	54	54	54	n. s.	n. s.	n. s.	
	Labilidade	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Tenacidade	27	24	30	n. s.	n. s.	n. s.	
	Rigidez	0	0	0	-	-	-	
	Plasticidade	15	18	12	n. s.	n. s.	0,03***	
	Passividade	11	18	4	0,02*	n. s.	n. s.	
	Iniciativa	31	34	28	n. s.	n. s.	n. s.	
	Impulsividade	3	6	0	n. s.	n. s.	n. s.	
	Controle	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Fraqueza	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Força	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Descoordenação	17	22	12	n. s.	n. s.	n. s.	
	Coordenação	44	34	54	0,04*	n. s.	n. s.	
	12	Labilidade	4	6	2	n. s.	n. s.	n. s.
Tenacidade		18	16	20	n. s.	n. s.	n. s.	
Rigidez		1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.	
Plasticidade		15	16	14	n. s.	n. s.	0,03***	
Passividade		27	34	20	n. s.	n. s.	n. s.	
Iniciativa		23	28	18	n. s.	n. s.	n. s.	
Impulsividade		3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.	
Controle		10	6	14	n. s.	n. s.	n. s.	
Fraqueza		4	2	6	n. s.	n. s.	n. s.	
Força		10	12	8	n. s.	n. s.	n. s.	
Descoordenação		6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.	
Coordenação		39	38	40	n. s.	n. s.	n. s.	
Labilidade		2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.	
Tenacidade		14	22	6	0,02*	n. s.	n. s.	
Rigidez		6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.	
Plasticidade		21	18	24	n. s.	n. s.	n. s.	
13		Passividade	34	36	32	n. s.	n. s.	0,02***
		Iniciativa	19	28	10	0,02*	n. s.	n. s.
	Impulsividade	27	34	20	n. s.	n. s.	n. s.	
	Controle	8	8	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Fraqueza	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Força	4	0	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Descoordenação	26	32	20	n. s.	n. s.	n. s.	
	Coordenação	29	24	34	n. s.	n. s.	n. s.	
	Labilidade	7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Tenacidade	10	6	14	n. s.	n. s.	n. s.	
	Rigidez	15	12	18	n. s.	n. s.	n. s.	

Cartão	Estilo da conduta	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE	
14	Plasticidade	26	34	18	n. s.	n. s.	n. s.	
	Passividade	15	18	12	n. s.	n. s.	n. s.	
	Iniciativa	40	50	30	0,04*	n. s.	n. s.	
	Impulsividade	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	Controle	12	10	14	n. s.	n. s.	n. s.	
	Fraqueza	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Força	2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Descoordenação	9	8	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Coordenação	44	48	40	n. s.	n. s.	n. s.	
	Labilidade	8	10	6	n. s.	n. s.	n. s.	
	Tenacidade	15	16	14	n. s.	n. s.	n. s.	
	Rigidez	6	10	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Plasticidade	27	22	32	n. s.	n. s.	0,04***	
	15	Passividade	29	36	22	n. s.	0,04***	n. s.
Iniciativa		26	40	12	0,00*	n. s.	n. s.	
Impulsividade		3	0	6	n. s.	n. s.	n. s.	
Controle		8	14	2	0,03*	n. s.	n. s.	
Fraqueza		14	16	12	n. s.	n. s.	n. s.	
Força		7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.	
Descoordenação		12	12	12	n. s.	n. s.	n. s.	
Coordenação		32	32	32	n. s.	0,04***	n. s.	
Labilidade		5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
Tenacidade		11	16	6	n. s.	0,01***	n. s.	
Rigidez		31	30	32	n. s.	n. s.	n. s.	
Plasticidade		14	8	20	n. s.	n. s.	n. s.	
16		Passividade	13	14	12	n. s.	n. s.	n. s.
		Iniciativa	21	22	20	n. s.	n. s.	n. s.
	Impulsividade	9	6	12	n. s.	n. s.	n. s.	
	Controle	11	12	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Fraqueza	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Força	15	20	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Descoordenação	13	16	10	n. s.	n. s.	n. s.	
	Coordenação	53	52	54	n. s.	n. s.	n. s.	
	Labilidade	2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Tenacidade	16	14	18	n. s.	n. s.	n. s.	
	Rigidez	4	8	0	0,04*	n. s.	n. s.	
	Plasticidade	20	14	26	n. s.	n. s.	n. s.	
	17	Passividade	17	12	22	n. s.	n. s.	n. s.
		Iniciativa	34	38	30	n. s.	n. s.	n. s.
Impulsividade		10	12	8	n. s.	n. s.	n. s.	
Controle		5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.	
Fraqueza		3	0	6	n. s.	n. s.	n. s.	
Força		4	6	2	n. s.	n. s.	n. s.	
Descoordenação		15	22	8	0,05*	n. s.	n. s.	

Cartão	Estilo da conduta	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
18	Coordenação	54	58	50	n. s.	n. s.	n. s.
	Labilidade	4	0	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Tenacidade	27	44	10	0,00*	n. s.	n. s.
	Rigidez	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Plasticidade	20	16	24	n. s.	n. s.	n. s.
	Passividade	29	28	30	n. s.	n. s.	n. s.
	Iniciativa	26	32	20	n. s.	n. s.	n. s.
	Impulsividade	13	14	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Controle	15	12	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Fraqueza	7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.
19	Força	11	10	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Descoordenação	19	24	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Coordenação	40	32	48	n. s.	n. s.	n. s.
	Labilidade	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Tenacidade	11	8	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Rigidez	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Plasticidade	24	30	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Passividade	17	18	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Iniciativa	31	42	20	0,02*	n. s.	n. s.
	Impulsividade	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
20	Controle	10	14	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Fraqueza	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Força	4	6	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Descoordenação	10	10	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Coordenação	54	58	50	n. s.	n. s.	n. s.
	Labilidade	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Tenacidade	10	12	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Rigidez	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Plasticidade	14	14	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Passividade	13	16	10	n. s.	n. s.	n. s.
20	Iniciativa	39	50	28	0,02*	n. s.	n. s.
	Impulsividade	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Controle	22	20	24	n. s.	n. s.	n. s.
	Fraqueza	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Força	7	8	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Descoordenação	16	18	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Coordenação	50	50	50	n. s.	n. s.	n. s.
	Labilidade	4	6	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Tenacidade	19	20	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Rigidez	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
Plasticidade	17	22	12	n. s.	n. s.	n. s.	

Nota: \* = Nível de p obtido no Teste Qui-quadrado; \*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher; \*\*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher-Freeman-Halton.



A Tabela 4.54 apresenta as frequências das categorias usadas para a classificação das Vivências afetivas do herói (inicial e final), bem como as comparações realizadas para sexo, escolaridade e NSE. Assim como para a tabela anterior, foram obtidas poucas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos, que tendem a ocorrer nos cartões específicos (ou seja, com versões diferentes para homens e mulheres).

Para os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, o grupo ao qual se aplicou o cartão 13HF apresentou maior frequência do que o grupo ao qual se aplicou o cartão 13MF na categoria Vivência Final Disfórica [ $\chi^2(1) = 16,1; p = 0,00$ ], enquanto o inverso ocorreu para a categoria Vivência Final Compensada [ $\chi^2(1) = 9,8; p = 0,00$ ]. Com relação à escolaridade e o NSE, não foram obtidos efeitos estatisticamente significantes.

Tabela 4.54. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de  $p$ ) por sexo, escolaridade e NSE das categorias referentes às Vivências afetivas do herói (inicial e final) nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	Categoria	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
1	Vivência inicial Confusional	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	60	62	58	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	24	20	28	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	0	0	0	-	-	-
	Vivência final Ansiógena	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	22	16	28	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	62	62	62	n. s.	n. s.	n. s.
2	Vivência inicial Confusional	0	0	0	-	-	-
	Vivência inicial Impulsiva	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	14	12	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	28	32	24	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	0	0	0	-	-	-
	Vivência final Impulsiva	0	0	0	-	-	-
	Vivência final Ansiógena	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	45	48	42	n. s.	n. s.	n. s.
3	Vivência inicial Confusional	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	14	16	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	5	0	10	0,02*	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	60	58	62	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	8	8	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	0	0	0	-	-	-

Cartão	Categoria	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE	
	Vivência final Impulsiva	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência final Ansiógena	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência final Disfórica	17	14	20	n. s.	n. s.	0,02***	
	Vivência final Compensada	64	60	68	n. s.	n. s.	n. s.	
4	Vivência inicial Confusional	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência inicial Impulsiva	35	42	28	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência inicial Ansiógena	16	14	18	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência inicial Disfórica	12	6	18	n. s.	n. s.	0,02***	
	Vivência inicial Compensada	19	22	16	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência final Confusional	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência final Impulsiva	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência final Ansiógena	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência final Disfórica	13	12	14	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência final Compensada	62	68	56	n. s.	n. s.	n. s.	
	5	Vivência inicial Confusional	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
		Vivência inicial Impulsiva	11	14	8	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência inicial Ansiógena		34	32	36	n. s.	n. s.	0,02***	
Vivência inicial Disfórica		6	10	2	n. s.	n. s.	n. s.	
Vivência inicial Compensada		16	12	20	n. s.	n. s.	n. s.	
Vivência final Confusional		3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.	
Vivência final Impulsiva		4	8	0	0,04*	n. s.	n. s.	
Vivência final Ansiógena		2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.	
Vivência final Disfórica		7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.	
Vivência final Compensada		55	56	54	n. s.	n. s.	n. s.	
6		Vivência inicial Confusional	9	8	10	n. s.	n. s.	n. s.
		Vivência inicial Impulsiva	13	18	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	28	24	32	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência inicial Disfórica	14	26	2	0,00*	n. s.	n. s.	
	Vivência inicial Compensada	24	8	40	0,00*	n. s.	n. s.	
	Vivência final Confusional	0	0	0	-	-	-	
	Vivência final Impulsiva	4	0	8	0,04*	n. s.	n. s.	
	Vivência final Ansiógena	7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.	
	Vivência final Disfórica	17	26	8	0,02*	n. s.	n. s.	
	Vivência final Compensada	59	48	70	0,02*	n. s.	n. s.	
	7	Vivência inicial Confusional	4	2	6	n. s.	n. s.	n. s.
		Vivência inicial Impulsiva	4	2	6	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência inicial Ansiógena		22	26	18	n. s.	n. s.	0,00***	
Vivência inicial Disfórica		21	6	36	0,00*	n. s.	0,03***	
Vivência inicial Compensada		27	36	18	0,04*	n. s.	n. s.	
Vivência final Confusional		1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.	
Vivência final Impulsiva		2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.	
Vivência final Ansiógena		0	0	0	-	-	-	
Vivência final Disfórica		9	6	12	n. s.	n. s.	n. s.	
Vivência final Compensada		66	62	70	n. s.	n. s.	n. s.	

Cartão	Categoria	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
8	Vivência inicial Confusional	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	12	20	4	0,01*	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	17	18	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	8	2	14	0,03*	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	33	24	42	n. s.	n. s.	0,02***
	Vivência final Confusional	0	0	0	-	-	-
	Vivência final Impulsiva	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	3	6	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	16	22	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	49	36	62	0,01*	n. s.	n. s.
9	Vivência inicial Confusional	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	19	6	32	0,00*	0,04***	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	26	10	42	0,00*	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	26	44	8	0,00*	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	9	4	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	55	58	52	n. s.	n. s.	n. s.
10	Vivência inicial Confusional	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	4	2	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	7	6	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	17	16	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	67	70	64	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	0	0	0	-	-	-
	Vivência final Impulsiva	2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	0	0	0	-	-	-
	Vivência final Disfórica	9	14	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	85	80	90	n. s.	n. s.	n. s.
11	Vivência inicial Confusional	3	0	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	31	24	38	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	0	0	0	-	-	-
	Vivência inicial Compensada	15	10	20	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	44	30	58	0,00*	n. s.	n. s.
12	Vivência inicial Confusional	8	6	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	20	18	22	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	15	16	14	n. s.	n. s.	n. s.

Cartão	Categoria	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
	Vivência inicial Compensada	32	36	28	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	68	66	70	n. s.	n. s.	n. s.
13	Vivência inicial Confusional	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	24	32	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	21	18	24	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	25	32	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	16	8	24	0,03*	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	4	6	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	35	44	26	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	44	36	52	n. s.	n. s.	n. s.
14	Vivência inicial Confusional	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	17	16	18	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	20	20	20	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	33	32	34	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	0	0	0	-	-	-
	Vivência final Disfórica	9	8	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	67	66	68	n. s.	0,04***	n. s.
15	Vivência inicial Confusional	3	6	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	5	2	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	48	46	50	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	13	14	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	35	28	42	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	35	36	34	n. s.	n. s.	n. s.
16	Vivência inicial Confusional	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	9	6	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	54	52	56	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	0	0	0	-	-	-
	Vivência final Impulsiva	3	6	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.

Cartão	Categoria	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
17	Vivência final Disfórica	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	59	56	62	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Confusional	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	8	10	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	18	6	30	0,00*	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	10	0	20	0,00*	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	34	52	16	0,00*	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	9	6	12	n. s.	n. s.	n. s.
18	Vivência final Compensada	59	56	62	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Confusional	5	8	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	16	16	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	15	14	16	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	18	10	26	0,04*	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	22	30	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	3	4	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	16	8	24	0,03*	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	50	60	40	0,05*	n. s.	n. s.
19	Vivência inicial Confusional	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Impulsiva	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Ansiógena	6	2	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Disfórica	10	12	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência inicial Compensada	38	40	36	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Confusional	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Impulsiva	0	0	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Ansiógena	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Disfórica	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Vivência final Compensada	53	52	54	n. s.	n. s.	n. s.
	20	Vivência inicial Confusional	7	6	8	n. s.	n. s.
Vivência inicial Impulsiva		6	4	8	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência inicial Ansiógena		21	24	18	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência inicial Disfórica		8	12	4	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência inicial Compensada		26	26	26	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência final Confusional		1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência final Impulsiva		2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência final Ansiógena		2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência final Disfórica		7	10	4	n. s.	n. s.	n. s.
Vivência final Compensada		56	58	54	n. s.	n. s.	n. s.

Nota: \* = Nível de p obtido no Teste Qui-quadrado; \*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher; \*\*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher-Freeman-Halton.

#### 4.1.10. Conjunto ou meio

Na Tabela 4.55 são apresentadas as frequências do Tipo de meio referido pelos participantes ao longo das histórias. Como pode ser observado, o meio social foi predominante ao longo das histórias (à exceção dos cartões 11, 19 e 20); já as diferenças estatisticamente significantes entre os grupos foram pouco frequentes.

Tabela 4.55. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de  $p$ ) por sexo, escolaridade e NSE das categorias referentes ao Tipo de meio nos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	Categoria	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
1	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	25	22	28	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	75	78	72	n. s.	n. s.	n. s.
2	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	9	8	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	90	90	90	n. s.	n. s.	n. s.
3	Meio inexistente	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio físico	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	95	96	94	n. s.	n. s.	n. s.
4	Meio inexistente	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio físico	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	96	96	96	n. s.	n. s.	n. s.
5	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	10	8	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	90	92	88	n. s.	n. s.	n. s.
6	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	98	96	100	n. s.	n. s.	n. s.
7	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	97	100	94	n. s.	n. s.	n. s.
8	Meio inexistente	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio físico	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	94	96	92	n. s.	n. s.	n. s.
9	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	11	8	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	89	92	86	n. s.	n. s.	n. s.
10	Meio inexistente	5	0	10	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio físico	9	2	16	0,03**	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	86	98	74	0,00*	n. s.	n. s.
11	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	42	36	48	n. s.	n. s.	n. s.

Cartão	Categoria	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
12	Ênfase no meio social	58	64	52	n. s.	n. s.	n. s.
	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	9	0	18	0,00*	n. s.	n. s.
13	Ênfase no meio social	89	98	80	0,00*	n. s.	n. s.
	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	5	0	10	n. s.	n. s.	n. s.
14	Ênfase no meio social	95	100	90	n. s.	n. s.	n. s.
	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	30	30	30	n. s.	n. s.	n. s.
15	Ênfase no meio social	69	70	68	n. s.	n. s.	n. s.
	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	7	4	10	n. s.	n. s.	n. s.
16	Ênfase no meio social	92	96	88	n. s.	n. s.	n. s.
	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	20	14	26	n. s.	n. s.	n. s.
17	Ênfase no meio social	80	86	74	n. s.	n. s.	n. s.
	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	17	18	16	n. s.	0,00***	n. s.
18	Ênfase no meio social	83	82	84	n. s.	0,00***	n. s.
	Meio inexistente	0	0	0	-	-	-
	Ênfase no meio físico	3	0	6	n. s.	n. s.	n. s.
19	Ênfase no meio social	96	98	94	n. s.	n. s.	n. s.
	Meio inexistente	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio físico	49	38	60	0,03*	n. s.	n. s.
20	Ênfase no meio social	46	56	36	0,04*	n. s.	n. s.
	Meio inexistente	0	0	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio físico	41	42	40	n. s.	n. s.	n. s.
	Ênfase no meio social	59	58	60	n. s.	n. s.	n. s.

Nota: \* = Nível de p obtido no Teste Qui-quadrado; \*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher; \*\*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher-Freeman-Halton.

Os grupos aos quais se aplicou os cartões 13HF e 13MF diferiram entre si para algumas das categorias acima. O grupo ao qual foi aplicado o cartão 13MF apresentou maior frequência que o grupo ao qual foi aplicado o cartão 13 HF para a categoria Ênfase no meio físico ( $p = 0,02$  no Teste Exato de Fisher), enquanto o inverso foi observado para a categoria ênfase no meio social ( $p = 0,02$  no Teste Exato de Fisher).

As Tabelas 4.56 e 4.57 mostram os dados referentes à escala de Tipo de pressão sobre o herói. Nessa escala, à exceção do cartão 12, os valores médios das pontuações dos participantes foram negativos (vide a Tabela 4.57), indicando que a pressão do meio foi descrita como predominantemente desfavorável ao herói.

Tabela 4.56. Resultados das comparações estatísticas (diferenças entre sexo, escolaridade e NSE) para a escala de Tipo de pressão do meio, por cartão do TAT.

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Diferenças por sexo (Teste de Mann-Whitney)																				
Valor de U	1219	1161,5	809	1231,5	1085,5	1005,5	1022,5	740	1216,5	1209	1065,5	852,5	960	1169,5	1070,5	1183,5	1246	625,5	1116,5	1080
Valor de z	-0,22	-0,62	-3,10	-0,13	-1,15	-1,72	-1,60	-3,56	-0,23	-0,29	-1,32	-2,85	-2,04	-0,56	-1,43	-0,47	-0,03	-4,39	-0,94	-1,19
Nível de p	0,83	0,53	0,00*	0,90	0,25	0,09	0,11	0,00*	0,81	0,77	0,19	0,00*	0,04*	0,57	0,15	0,64	0,98	0,00*	0,35	0,23
Diferenças por nível de Escolaridade (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	0,92	0,32	0,97	1,28	3,97	7,36	1,02	1,38	2,33	0,70	1,55	0,42	4,54	1,22	0,94	0,67	3,55	0,03	2,17	1,20
Nível de p	0,63	0,85	0,61	0,53	0,14	0,03*	0,60	0,50	0,31	0,70	0,46	0,81	0,10	0,54	0,62	0,71	0,17	0,99	0,34	0,55
Diferenças por NSE (Teste de Kruskal-Wallis)																				
Valor de H	4,26	0,56	0,65	0,02	2,37	0,88	0,78	1,60	0,24	1,71	2,26	0,49	2,24	0,45	0,26	0,81	0,28	2,45	2,15	2,01
Nível de p	0,12	0,76	0,72	0,99	0,31	0,65	0,68	0,45	0,89	0,43	0,32	0,78	0,33	0,80	0,88	0,67	0,87	0,29	0,34	0,37

Nota: \* = diferença estatisticamente significativa.

Tabela 4.57. Dados normativos para a escala de Tipo de pressão do meio no TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Valor médio
Média	-0,84	-0,76	-1,35	-1,18	-0,77	-0,97	-0,20	-0,62	-0,79	-0,28	-2,07	0,82	-1,94	-0,42	-3,35	0,79	-0,36	-1,04	-0,98	-1,24	-0,88
Mediana	-2,00	-1,00	-3,00	-3,00	-2,00	-2,00	0,00	0,00	-2,00	0,00	-3,00	3,00	-3,00	0,00	-5,00	2,00	0,00	-2,00	-3,00	-3,00	-2,00
Desvio padrão	2,78	2,39	3,17	2,66	2,76	2,95	2,97	2,94	2,69	3,04	2,71	3,18	3,08	2,77	2,78	2,95	3,00	3,30	2,95	2,88	2,90
Mínimo	-5,00	-4,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00	-5,00
Máximo	4,00	4,00	5,00	5,00	4,00	4,00	4,00	5,00	5,00	4,00	4,00	5,00	4,00	4,00	5,00	5,00	4,00	4,00	5,00	4,00	5,00
Q1 (P25)	-3,00	-3,00	-4,00	-3,00	-3,00	-3,00	-3,00	-3,00	-3,00	-3,00	-4,00	-3,00	-5,00	-3,00	-5,00	-2,00	-3,00	-4,00	-4,00	-3,00	-4,00
Q2 (P50)	-2,00	-1,00	-3,00	-3,00	-2,00	-2,00	0,00	0,00	-2,00	0,00	-3,00	3,00	-3,00	0,00	-5,00	2,00	0,00	-2,00	-3,00	-3,00	-2,00
Q3 (P75)	2,00	0,00	3,00	1,50	2,00	3,00	3,00	3,00	2,00	3,00	0,00	3,00	0,00	2,00	-3,00	3,00	3,00	3,00	2,00	2,00	3,00



As comparações estatísticas realizadas mostram diferenças estatisticamente significantes entre os grupos de homens e mulheres em cinco cartões (3, 8, 12, 13 e 18), enquanto que, para a escolaridade e o NSE, o teste de Kruskal-Wallis detectou um efeito estatisticamente significativo de escolaridade apenas para o cartão 6.

No cartão 3, o grupo de homens apresentou uma mediana maior ( $m = -2$ ) que o grupo de mulheres ( $m = -3,5$ ) em nível estatisticamente significativo,  $U = 809$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,31$ . Apesar disso, tal resultado indica que as mulheres criaram histórias nas quais a pressão do meio foi mais intensa do que para o grupo de homens, já que a escala de Tipo de Pressão tem pontuações que vão de -5 a +5, com o sinal da pontuação indicando se a pressão foi desfavorável (valores com sinal negativo) ou favorável ao herói (valores com sinal positivo).

Nos cartões 12 e 18, os homens apresentaram uma mediana maior (respectivamente,  $m = 3$  no cartão 12 e  $m = 2$  no cartão 18) que as mulheres (respectivamente,  $m = 0$  no cartão 12 e  $m = -4$  no cartão 18),  $U = 825,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,28$  para o cartão 12 e  $U = 625,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,44$  para o cartão 18. Tais resultados sugerem que os homens criaram histórias nas quais a pressão do meio foi mais intensa (e favorável ao herói) nos cartões 12RH e 18RH do que as mulheres nos cartões 12MF e 18MF, respectivamente.

Nos cartões 8 e 13, as mulheres apresentaram um valor de mediana ( $m = 0$  no cartão 8 e  $m = -2$  no cartão 13) maior do que o grupo de homens ( $m = -3$  no cartão 8 e  $m = -3,5$  no cartão 13),  $U = 740$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,36$  para o cartão 8 e  $U = 960$ ;  $p = 0,04$ ;  $r = 0,20$  para o cartão 13. Tais diferenças, contudo, devem ser interpretadas como indicativas de que o grupo de homens criaram histórias nas quais a pressão do meio foi mais intensa (e desfavorável ao herói) no cartão 8RH do que o grupo de mulheres no cartão 8MF, enquanto que, no cartão 13HF, os homens criaram histórias nas quais a pressão do meio também foi mais intensa e desfavorável ao herói do que o grupo de mulheres nos cartões 13HF e 13MF.

Para o efeito de escolaridade no cartão 6, as comparações *post-hoc* mostram que o grupo ES apresentou pontuações maiores do que o grupo EF,  $U = 203,5$ ;  $p = 0,01$ ;  $r = 0,25$ .

Para os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, o teste de Mann-Whitney mostra um efeito estatisticamente significativo de tipo de cartão para essa escala; o grupo ao qual foi aplicado o cartão 13HF ( $m = -4$ ) criou histórias nas quais a pressão do meio foi mais intensa (e desfavorável ao herói) do que o grupo ao qual foi aplicado o cartão 13MF ( $m = 2$ ),  $U = 104,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,41$ .

#### 4.1.11. Tipo de desfecho da história

As Tabelas 4.58 e 4.59 mostram, respectivamente, os resultados das comparações estatísticas e os dados normativos da escala de Sucesso e autonomia do herói, que descreve o tipo de desfecho das histórias. No cartão 8, a mediana do grupo de mulheres ( $m = 4$ ) foi maior do que a do grupo de homens ( $m = 3$ ),  $U = 929,5$ ;  $p = 0,02$ ;  $r = 0,24$ . No cartão 17, o inverso foi observado, ou seja a mediana do grupo de homens ( $m = 4$ ) foi maior do que a do grupo de mulheres ( $m = 3$ ),  $U = 982$ ;  $p = 0,04$ ;  $r = 0,20$ . Já no cartão 9, apesar de a mediana dos grupos de homens e mulheres ter sido a mesma ( $m = 4$ ), o posto médio do grupo de homens (55,31) foi maior do que o do grupo de mulheres (45,69),  $U = 1009,5$ ;  $p = 0,05$ ;  $r = 0,19$ . Desta forma, os resultados indicam que, nos cartões 8MF, as histórias do grupo de mulheres apresentaram mais desfechos do tipo Sucesso Total Voluntário do que as histórias do grupo de homens no cartão 8RH, enquanto o inverso ocorreu para os cartões 17MF e 17RH e os cartões 9MF e 9RH, respectivamente.

O teste de Kruskal-Wallis mostra um efeito estatisticamente significativo de escolaridade no cartão 15 e de NSE no cartão 11. No cartão 15, as comparações *post-hoc* mostram que o grupo EM apresentou maiores pontuações do que o grupo ES ( $U = 530,5$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,31$ ), sugerindo que as pessoas com Ensino Médio Completo criaram mais histórias nas quais o herói satisfaz suas necessidades graças a seu próprio esforço, comparado às histórias do grupo com maior escolaridade.

No cartão 11, as comparações *post-hoc* mostram que tanto o grupo de NSE Médio como o de NSE Alto apresentaram maiores pontuações que o grupo de NSE Baixo ( $U = 588$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,32$  para a comparação Médio X Baixo e  $U = 39$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,31$  para a comparação Alto X Baixo). Tais resultados indicam que, quanto maior a escolaridade, maior a tendência a criar histórias nas quais o herói satisfaz suas necessidades graças a seu próprio esforço, ainda que a força de tal tendência seja relativamente baixa.

Para as mulheres nos cartões 13HF e 13MF, houve um efeito estatisticamente significativo de tipo de cartão; o grupo ao qual foi aplicado o cartão 13HF criou mais histórias nas quais o herói satisfaz suas necessidades de forma autônoma ( $m = 4$ ) do que o grupo ao qual foi aplicado o cartão 13MF ( $m = -2,5$ ),  $U = 141$ ;  $p = 0,00$ ;  $r = 0,35$ . Para a escolaridade e o NSE, não foram obtidas diferenças estatisticamente significantes.

(Tabelas 4.58 e 4.59 na próxima página)



#### 4.1.12. Grau de preferência pelo cartão

A Tabela 4.60 apresenta as porcentagens referentes às escolhas de cada cartão como favorito ou preterido, bem como os resultados das comparações estatísticas realizadas entre os grupos. Como pode ser observado, foram obtidas poucas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos. O cartão 16 foi o mais escolhido como favorito pelos homens (18% desse grupo, ou 9 casos), enquanto o cartão 10 foi o mais escolhido como favorito pelas mulheres (28% desse grupo, ou 14 casos). O cartão 15 foi o mais escolhido como preterido por ambos os grupos (32% dos homens e 36% das mulheres). Os cartões 10 e 16 foram os escolhidos com maior frequência como favoritos (16% dos casos da amostra normativa, para ambos os cartões), enquanto o cartão 15 foi o escolhido com maior frequência como preterido (34% dos casos da amostra normativa).

Tabela 4.60. Porcentagens Totais e por Sexo e comparações estatísticas (valores de  $p$ ) por sexo, escolaridade e NSE das categorias referentes ao Grau de preferência pelos cartões do TAT (Sistema Morvaliano revisado).

Cartão	Categoria	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
1	Cartão escolhido como favorito	8	10	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
2	Cartão escolhido como favorito	13	14	12	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
3	Cartão escolhido como favorito	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	6	10	2	n. s.	n. s.	n. s.
4	Cartão escolhido como favorito	2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
5	Cartão escolhido como favorito	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	0	0	0	-	-	-
6	Cartão escolhido como favorito	0	0	0	-	-	-
	Cartão escolhido como preterido	4	4	4	n. s.	n. s.	n. s.
7	Cartão escolhido como favorito	8	8	8	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
8	Cartão escolhido como favorito	6	8	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	3	6	0	n. s.	n. s.	n. s.
9	Cartão escolhido como favorito	5	4	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	0	0	0	-	-	-
10	Cartão escolhido como favorito	16	4	28	0,00*	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	0	0	0	-	-	-
11	Cartão escolhido como favorito	5	6	4	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	12	10	14	n. s.	n. s.	n. s.
12	Cartão escolhido como favorito	6	12	0	0,03**	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	0	0	0	-	-	-

Cartão	Categoria	% Total	% Homens	% Mulheres	H x M	Escolaridade	NSE
13	Cartão escolhido como favorito	1	2	0	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	0	0	0	-	-	-
14	Cartão escolhido como favorito	6	6	6	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	3	2	4	n. s.	n. s.	n. s.
15	Cartão escolhido como favorito	0	0	0	-	-	-
	Cartão escolhido como preterido	34	32	36	n. s.	n. s.	n. s.
16	Cartão escolhido como favorito	16	18	14	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	2	0	4	n. s.	n. s.	n. s.
17	Cartão escolhido como favorito	2	2	2	n. s.	n. s.	n. s.
	Cartão escolhido como preterido	1	0	2	n. s.	n. s.	n. s.
18	Cartão escolhido como favorito	0	0	0	-	-	-
	Cartão escolhido como preterido	4	2	6	n. s.	n. s.	n. s.
19	Cartão escolhido como favorito	0	0	0	-	-	-
	Cartão escolhido como preterido	12	8	16	n. s.	n. s.	n. s.
20	Cartão escolhido como favorito	0	0	0	-	-	-
	Cartão escolhido como preterido	2	4	0	n. s.	n. s.	n. s.

Nota: \* = Nível de p obtido no Teste Qui-quadrado; \*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher; \*\*\* = Nível de p obtido no Teste Exato de Fisher-Freeman-Halton.

Para os grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF, não foram obtidas quaisquer diferenças estatisticamente significantes com relação às escolhas dos cartões como favorito ou preterido, seja para o tipo de cartão, escolaridade ou NSE.

A Tabela 4.61 apresenta as categorias resultantes da análise de conteúdo das razões para as escolhas dos cartões pelos participantes. As categorias mais frequentes ao longo das escolhas se referem a detalhes dos cartões, lembranças pessoais suscitadas pelos mesmos ou menção à história narrada.

Tabela 4.61. Razões para a escolha dos cartões do TAT como Favorito e como Preterido pelos participantes da amostra normativa.

Cartão	Razões para escolha do cartão como Favorito	Razões para escolha do cartão como Preterido
1	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gostou da história narrada (4 casos);</li> <li>- O cartão suscitou uma lembrança pessoal agradável (2 casos);</li> <li>- Gostou do personagem da história (1 caso);</li> <li>- Gostou de detalhe do cartão (música; 1 caso).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gostou da história (1 caso).</li> </ul>
2	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gostou de detalhe do cartão (ambiente rural, uma família; 5 casos);</li> <li>- Identificação com personagem (mulher com história de superação através dos estudos; 2 casos);</li> <li>- Gostou da história narrada (1 caso);</li> <li>- Gostou da personagem da história (mulher ao centro do cartão; 1 caso);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gostou da expressão das personagens (1 caso).</li> </ul>

Cartão	Razões para escolha do cartão como Favorito	Razões para escolha do cartão como Preterido
	- O cartão suscitou uma lembrança pessoal agradável (1 caso).	
3	- Gostou da história narrada (1 caso).	- Não gostou da personagem (descrita como triste e sofrendo; 3 casos); - O cartão suscitou uma lembrança pessoal desagradável (1 caso); - Não gostou da imagem (descrita como triste); 1 caso); - Não gostou da história (1 caso).
4	- Gostou das personagens (descrito como um casal bonito; 2 casos).	- Não gostou da personagem (homem; 1 caso); - Não gostou da história (1 caso).
5	- Gostou da história narrada (2 casos); - O cartão suscitou uma lembrança pessoal agradável (1 caso).	
6		- Não gostou da personagem (homem; 2 casos); - O cartão suscitou uma lembrança pessoal desagradável (1 caso); - Não gostou da história (1 caso).
7	- Gostou da imagem (descrita como passando inocência e amor de mãe e filha ou de pai e filho; 3 casos); - Identificação com personagem (pai preocupado com o filho; 2 casos); - O cartão suscitou uma lembrança pessoal agradável (2 casos).	- O cartão suscitou uma lembrança pessoal desagradável (1 caso).
8	- Gostou da história narrada (2 casos); - Identificação com personagem (descrita como mulher sonhadora; 2 casos); - O cartão suscitou uma lembrança pessoal agradável (2 casos).	- Não gostou de detalhe da imagem (espingarda, pessoa cortando alguém; 1 caso); - Não gostou da imagem (descrita como difícil; 1 caso); - Não gostou da história narrada (1 caso).
9	- Gostou da história narrada (3 casos); - Gostou da imagem (passa sensação de carinho e ternura; 1 caso); - Gostou de detalhe do cartão (praia; 1 caso).	
10	- Gostou da imagem (passa carinho e amor entre duas pessoas; 10 casos); - Gostou da história narrada (4 casos); - Identificação com personagem (viu a si e à esposa; 1 caso).	
11	- Gostou da imagem (passa sensação de liberdade; mostra natureza; é diferente; 4 casos); - Gostou da história narrada (1 caso).	- Não gostou da imagem (difícil, estranha; 12 casos).
12	- Gostou da imagem (passa sentimento de solidariedade; remete ao espiritismo; 3 casos); - Gostou da história narrada (2 casos); - O cartão suscitou uma lembrança pessoal agradável (1 caso).	
13	- Gostou da história narrada (1 caso).	- Não gostou da história narrada (7 casos); - Não gostou da imagem (violenta; 4 casos).

Cartão	Razões para escolha do cartão como Favorito	Razões para escolha do cartão como Preterido
14	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gostou da história narrada (4 casos);</li> <li>- Gostou da imagem (passa sensação de solidão alegre; 1 caso);</li> <li>- Identificação com personagem (rapaz pensativo; 1 caso).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gostou da imagem (triste, escura, parece prisão; 4 casos).</li> </ul>
15		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gostou da imagem (triste, mostra cemitério; 24 casos);</li> <li>- Não gostou da história narrada (descrita como triste; 6 casos);</li> <li>- O cartão suscitou uma lembrança pessoal desagradável (3 casos).</li> </ul>
16	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gostou da história narrada (6 casos);</li> <li>- Gostou da imagem (calma, livre para criar; 6 casos);</li> <li>- Identificação com personagem (contou a própria história; se viu com a família; 4 casos).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gostou da imagem (em branco, não tem nada; 1 caso)</li> <li>- Não gostou da história narrada (1 caso).</li> </ul>
17	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gostou da imagem (passou sensação de paz e conforto; 2 casos).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gostou da imagem (difícil de interpretar; 1 caso).</li> </ul>
18		<ul style="list-style-type: none"> <li>- O cartão suscitou uma lembrança pessoal desagradável (pensou na própria mãe; 2 casos);</li> <li>- Não gostou da imagem (difícil de interpretar; 2 casos);</li> <li>- Não conseguiu fazer história para esse cartão (1 caso).</li> </ul>
19		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gostou da imagem (muito abstrata, feia ou difícil; 9 casos);</li> <li>- Não gostou da imagem (triste, solitária; 2 casos).</li> </ul>
20		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não gostou da imagem (difícil de interpretar; 2 casos).</li> </ul>

#### 4.2. Desempenho da amostra nas variáveis do sistema morvaliano – análise qualitativa dos temas das histórias

Como já descrito anteriormente, os temas das histórias criadas pelos participantes foram submetidos a uma análise de conteúdo (para mais detalhes, vide seções 1.5.1 e 3.4.1), visando à definição de categorias temáticas posteriores à leitura do material (Navarro & Dias, 1995), cuja frequência (mínimo de 10% dos casos) foi considerada para a elaboração das histórias típicas (Schwartz e Caride, 2004a; 2004b; Murray, 1943/2005).

A fim de facilitar a leitura, a apresentação dos dados será feita inicialmente para os cartões universais (aplicados tanto a homens como mulheres) e, em seguida, para os cartões específicos a tais grupos.

#### 4.2.1. Histórias típicas dos cartões universais

Os cartões universais aplicados aos participantes da amostra foram os que se seguem: 1, 2, 4, 5, 10, 11, 14, 15, 16, 19 e 20. O cartão 13HF pode ser considerado universal, já que o mesmo foi planejado para adultos de ambos os sexos. Desta forma, a história típica para este cartão será apresentada nesta seção. Apesar disso, como já mencionado anteriormente, houve um erro de aplicação do cartão 13HF para o grupo de mulheres, para o qual o cartão 13MF foi aplicado a algumas participantes. A história típica referente a este cartão será apresentada na seção seguinte.

*No cartão 1*, a história típica se refere à relação da criança com o violino, para o qual esta apresenta interesse, concentração e curiosidade para tocar ou aprender a tocar. Em tais histórias, também é comum a presença de dificuldades para tocar o violino, seja pela complexidade para aprender sobre o mesmo ou por impedimentos externos (por exemplo, falta de condições financeiras para pagar aulas ou o violino estar quebrado). Variações desse tema incluem desmotivação para estudar violino, por pressão externa (por exemplo, obrigação dos pais para tanto), além da menção ao violino suscitar na criança lembranças de parentes ou o pai falecidos.

*No cartão 2*, a história típica aborda a relação da personagem ao centro da figura com os estudos. Tal relação é predominante descrita como se dedicar com afinco e enfrentar adversidades para completar os estudos, tais como vir de uma família pobre/humilde, viver num ambiente com condições precárias, morar longe da cidade ou ter que enfrentar preconceito e falta de incentivo para estudar. Nessas histórias, são comuns a menção tanto ao estudo como oportunidade para mudança do campo para a cidade, assim como para a superação de dificuldades econômicas e para ajudar a família de origem. A variação mais comum para essa história se refere à personagem no centro da figura como uma professora ou uma jovem que se planeja para tanto, que se dedica ao ensino das pessoas que moram na zona rural e/ou para seu desenvolvimento social. Uma segunda história típica para esse cartão consiste na descrição da rotina ou do cotidiano das três personagens no centro da figura, com as mesmas exercendo suas atividades isoladamente (trabalho, estudos) durante o dia e voltando para casa ao final da história.

*No cartão 4*, a história típica aborda situações de briga conjugal entre os personagens no primeiro plano da figura, descritos como um casal que, em mais de 20% dos casos, se separa ao final da história. Sobre esse tema, são comuns referências a situações de traição conjugal (predominantemente do homem), atitudes de desprezo deste pela mulher e esforços



desta para que o casal não se separe. Variações dessa história incluem a descrição do casal em situações românticas ou de diversão (sair para passear, estar juntos e/ou apaixonados) e esforços da mulher para conter ou amparar o parceiro, seja por ele ficar enciumado ou ter vivenciado uma perda familiar ou de emprego.

*No cartão 5*, o tema mais frequente das narrativas foi o cuidado de filhos ou do marido por parte da mulher apresentada na figura, descrita predominantemente como zelando pelo bem-estar destes ou lhes provendo atenção ou cuidados básicos (por exemplo, chamar para comer, trazer um lanche ou checar se os filhos/marido estavam dormindo). Outras duas narrativas também foram frequentes para esse cartão, quais sejam, a descrição da mulher como procurando por alguém em situações amenas (dar um recado, por exemplo), ou para pedir ajuda para uma pessoa doente ou em necessidade.

*No cartão 10*, a história típica se refere a situações românticas das pessoas abraçadas, descritas como um casal (em um quarto das narrativas da amostra, com um relacionamento de longa data), que se abraça como num momento cotidiano de carinho, como ilustração de sua relação ou, numa proporção menor de casos, para lidar com adversidades sofridas (separação por uma viagem, por causa da guerra ou devido ao trabalho; perda familiar ou de um dos membros do casal). Outra história típica para este cartão consiste na descrição de momentos de carinho entre pais e filhos, que se abraçam num reencontro ou em situações mais amenas como uma visita ou após uma conversa.

*No cartão 11*, o principal tema das narrativas consistiu na descrição de pessoas que enfrentam, fogem ou sentem medo do animal no canto inferior esquerdo da figura, predominantemente descrito como um dragão ou um dinossauro. Variações dessa história se referem a se aventurar na paisagem apresentada na figura, por curiosidade sobre o animal já mencionado ou pela paisagem em si. Nas narrativas sobre a relação de pessoas com a paisagem (sem a referência a animais, especificamente), os principais temas se referem a superar ou enfrentar obstáculos naturais (por exemplo, para voltar para casa) e explorar um lugar belo. Ainda, a paisagem por vezes foi tratada como o personagem da história, na qual se descreveu mudanças ocasionadas por um desmoronamento, a ação dos homens ou uma chuva. Por outro lado, um quinto das narrativas abordaram situações fantásticas ou oníricas, tais como pesadelos ou sonhos fantasiosos, narrativas épicas ou medievais (de enfrentamento do dragão, por exemplo) ou situações de animais (por vezes antropomorfizados) enfrentando perigos da paisagem ou o animal no canto inferior esquerdo da figura.

*No cartão 13HF*, a maior parte das narrativas se referiu à mulher deitada, descrita como morta; numa proporção semelhante de casos, a mulher foi morta pelo homem

apresentado na figura, ou este a encontrou morta; numa proporção menor de casos (10%), a mulher foi descrita como tendo se suicidado. Nas 16 narrativas em que a mulher foi morta, o homem é descrito como vivenciando sentimentos de arrependimento por tê-la agredido (chegando a matá-la) em 15 delas; nas narrativas em que a mulher é encontrada morta (15% dos casos), são descritas vivências de tristeza do homem pela perda da mulher em 11 histórias. Numa frequência menor de casos (11% das narrativas), a história se refere a um encontro sexual ou romântico dos dois personagens; contudo, nessas mesmas histórias, o relacionamento é descrito como difícil (por exemplo ambos são amantes num caso extraconjugal ou o homem procura uma prostituta para ter relações sexuais).

*No cartão 14*, a história típica se refere ao personagem da figura num momento pensativo ou mesmo disperso e perdido em pensamentos. Em 24% das narrativas da amostra, tais pensamentos se referem ao desejo da personagem de realizar mudanças em sua vida, seja planejando novas metas ou pensando sobre o que gostaria que fosse diferente. Nesse sentido, em 11% dos casos, a janela foi descrita como uma representação simbólica de tais mudanças, tais como oportunidades a serem aproveitadas ou a abertura a novas experiências. Em 30% das narrativas, o personagem consegue resolver os problemas após pensar sobre os mesmos, ou se sente motivado a agir com relação aos mesmos. Numa menor proporção, as histórias versam sobre sentimentos de solidão ou timidez da personagem, que se isola num quarto como defesa contra tais sentimentos ou para pensar sobre os mesmos.

*No cartão 15*, metade das narrativas aborda a visita de uma pessoa (predominantemente, um homem) ao túmulo de um ente querido no cemitério. Nessas histórias (predominantemente disfóricas), o personagem expressa ou vivencia sentimentos de saudade e tristeza pela perda; em 13% das narrativas, o personagem visita o túmulo frequentemente, seja para prestar homenagem ou como tentativa de lidar com a perda da pessoa enterrada. Em menor frequência, outras narrativas se referem ao personagem representada na figura como um coveiro que trabalha no cemitério, velando pelos túmulos ou pensando sobre sua própria morte no futuro, ou sobre personagens excêntricas e/ou que despertam medo de outrem, na maior parte dos casos atormentada pela perda de um ente querido.

*No cartão 16*, a história típica se refere a situações amenas e agradáveis, nos quais, em um quarto das narrativas do grupo amostral, os participantes descreveram a si mesmos junto de seus familiares em situações como um passeio ou encontro de família. Ainda nesse sentido, tais narrativas em projeção direta também versaram sobre realizações pessoais, de familiares ou de outrem, tais como conquistas de trabalho e/ou econômicas, méritos pessoais ou

superação de dificuldades. Outra história típica para esse cartão se refere à descrição de personagens e/ou eventos de forma idealizada, tais como narrativas em formato de fábulas morais ou religiosas ou referência a aspirações amplas de mudança da sociedade (políticas, por exemplo). O último tema mais frequente nesse cartão (13% das histórias) consistiu na descrição de eventos trágicos, tristes ou desagradáveis, tais como problemas de relacionamento, perdas familiares (por vezes, dos próprios participantes), e problemas sociais.

*No cartão 19*, os participantes criaram narrativas bastante distintas entre si, comparado aos outros cartões. Apesar disso, o tema mais frequente (em 24% dos casos) se referiu a personagens (predominantemente humanos) num lugar muito frio, contra o qual deveriam se proteger; em sete dessas narrativas, os participantes enfatizaram a casa no frio como um lugar de proteção e conforto. O segundo tema mais frequente foram histórias sobre uma pintura (na maior parte dos casos, abstrata), o qual é exposta numa galeria de arte, admirada (ainda que com estranheza em alguns casos) ou comprada; tal pintura também foi descrita como uma via de expressão de um artista ou mesmo de crianças/adolescentes que desenham a figura apresentada.

*No cartão 20*, o tema mais frequente das narrativas (19%) se referiu a um homem que deve sair no tempo frio, a trabalho ou por necessidade. Na maior parte dessas histórias, o homem é descrito como um guarda ou soldado, que observa ou vigia um local à noite, que frequentemente deseja estar próximo à família ou protegido do frio/da guerra. Numa proporção próxima de narrativas (18%), o personagem é descrito como uma homem que deseja se isolar para pensar sobre seus problemas ou para observar outras pessoas, como forma de lidar com a tensão ou a timidez. Por fim, dois outros temas foram frequentes em mais que 10% dos casos; o primeiro deles (comum às narrativas de 11 participantes) se refere ao personagem como indo embora para casa após o trabalho ou um passeio, ou aguardando transporte para tanto. Similarmente, em 11% dos casos, o tema das histórias consistiu na espera do homem por uma pessoa com quem ele havia combinado de se encontrar (um par romântico ou um amigo).

#### **4.2.2. Histórias típicas dos cartões específicos**

Os cartões aplicados especificamente aos grupos de mulheres e homens foram os que se seguem, respectivamente: 3MF/3RH, 6MF/6RH, 7MF/7RH, 8MF/8RH, 9MF/9RH, 12MF/12RH, 17MF/17RH e 18MF/18RH. Como já referido anteriormente, também foi incluída a história típica do cartão 13MF nesta seção.

*No cartão 3MF*, a história típica se refere a situações de vitimização da personagem, que passa por situações como uma perda amorosa ou familiar (por exemplo, brigas, separação conjugal ou a morte de um ente querido) ou a perda de um emprego. Nessas histórias, a personagem se vê frente à necessidade de enfrentar a decepção ou a tristeza, seja por meio do próprio esforço (na maioria dos casos) ou com a ajuda de outrem. *No cartão 3RH*, a história típica é a mesma, ainda que, nesse cartão, os sentimentos de tristeza da personagem sejam mais enfatizados do que no cartão 3MF, no qual as vivências afetivas da personagem, ainda que predominantemente disfóricas, foram mais variadas.

*No cartão 6MF*, o tema mais frequente foi a referência à mulher como assustada ou surpreendida pelo homem; os motivos principais dessas vivências se referem ao homem como uma figura impositiva/de autoridade (um chefe ou um pai, predominantemente), que se dirige à mulher com rispidez ou, numa variação de tais histórias, como alguém que corteja a mulher. Numa proporção menor de histórias, a mulher e o homem mantêm uma conversa amena ou agradável, ou mesmo fazem algo romântico como um casal, como saírem juntos para passear. Já no *cartão 6RH*, o tema mais frequente abordou as reações da mulher mais velha a uma notícia triste dada pelo rapaz (comumente descrito como seu neto ou filho). Tais notícias se referem a perdas familiares ou de alguém querido pela mulher, como uma amiga, por exemplo. Outra história típica para este mesmo cartão se refere a uma conversa entre mãe e filho, em que, predominantemente, este a contraria ou não concorda com sua opinião; em tais histórias, é comum a descrição de vivências do homem de culpa, vergonha ou ressentimento.

*No cartão 7MF*, a história típica se refere à menina no centro da figura como distraída ou desatenta, predominantemente em relação a ouvir uma história da mulher no lado esquerdo da figura (por sua vez, descrita como uma babá ou a mãe da menina). Outra narrativa comum para esse cartão consiste na descrição de situações de interação entre mãe e filha, seja com as mesmas passando tempo juntas (apesar da falta de interesse da menina para tanto) ou com a mãe falando sobre como cuidar de um bebê (nessa direção, vale lembrar que a interpretação da boneca nas mãos da menina como um bebê ocorreu em 14 dos 50 casos do grupo de mulheres, como pode ser visto Tabela 4.7. *No cartão 7RH*, a história típica (20% dos casos) se refere a uma conversa de pai e filho (ou entre amigos de diferentes idades), em que o primeiro (ou o amigo mais velho) orienta o segundo com relação a problemas predominantemente amenos ou cotidianos (uma mudança de emprego, planos para o futuro, discussões conjugais do filho). Nessas histórias, o filho (ou homem mais jovem) concorda com os conselhos dados na maior parte dos casos (17 das 20 histórias). Uma variação desse tema se refere ao encontro

agradável de pai e filho (ou, novamente, entre amigos), em histórias de tom ameno e enfatizado a relação de proximidade/amizade entre eles.

*No cartão 8MF*, a história típica consiste na descrição da mulher como perdida em pensamentos, predominantemente sobre planos futuros envolvendo realizações pessoais (mudança de rotina ou projetos profissionais, por exemplo); uma variação desse tema consiste na descrição da mulher pensando sobre seu relacionamento conjugal, seja em situações agradáveis como estar pensando com carinho e paixão no parceiro ou preocupações relacionadas a crises conjugais. Já no *cartão 8RH*, a história típica se refere a situações predominantemente tensas em que uma pessoa leva um tiro, seja numa guerra ou tendo sido vítima de um crime. Nessas histórias (criadas por 27% dos participantes da amostra), a pessoa alvejada morre em 10 histórias e sobrevive nas 17 restantes.

*No cartão 9MF*, a história típica consiste na descrição do relacionamento entre as duas jovens em situações agradáveis, como se encontrar para conversar, brincar na praia ou no parque e passear. As variações mais comuns desse tema na amostra foram histórias em que as duas jovens se antagonizam, seja por meio de intrigas entre si ou se espionarem; nessas últimas histórias, uma das jovens espiona a outra por iniciativa própria ou a pedido de outrem (por exemplo, uma governanta ou irmã acompanha a jovem de longe para saber se a mesma esconde um namoro dos pais). Por outro lado, *no cartão 9RH*, a história típica se refere a trabalhadores que descansam numa pausa de almoço ou como parte de uma trabalho de longa duração (por exemplo, transportar gado por longas distâncias). Nessas histórias, são comuns a descrição do relacionamento entre os trabalhadores como de amizade ou cumplicidade, e a omissão ou pouco destaque ao homem de costas apresentado no canto inferior esquerdo, que tende a ser descrito como mais um dos trabalhadores.

*No cartão 12MF*, o tema mais frequente consistiu no relacionamento entre mãe e filha, que se encontram para conversar sobre amenidades, ficarem juntas ou oferecerem apoio mútuo (conversar sobre problemas, ou oferecer cuidado à mãe idosa). A passagem do tempo foi o segundo tema mais frequente nesse cartão, em histórias que abordam o envelhecer na forma de reflexões da personagem mais jovem, por vezes temerosa sobre a perda da juventude, por vezes aspirando a envelhecer com qualidade de vida/dignidade. Uma variação desse tema, ainda que pouco frequente, foram histórias em que a personagem mais velha olha um retrato de si mesma quando mais jovem. Já no *cartão 12RH*, quase metade das narrativas se referiu a uma relação de ajuda a uma pessoa doente, nas quais a figura mais velha, descrita predominantemente como um pai ou uma figura religiosa como um pastor, padre, curandeiro ou adepto da religião espírita checa o estado de saúde ou cuida da doença da pessoa deitada.

Nessas histórias, foi dada ênfase ao poder ou importância da fé para curar doenças, ainda que, numa proporção menor dessas narrativas, os participantes também tenham dado importância a cuidados médicos formais.

*No cartão 13MF* (aplicado a quase metade do grupo de mulheres), foi encontrado apenas um tema com frequência mínima de 10 casos, o que pareceu relacionado ao baixo número de pessoas a quem se aplicou este cartão. Com essa consideração, os dois temas mais frequentes foram histórias amenas sobre uma mulher em uma escada a caminho do trabalho, passeio ou em visita a familiares (12 casos) e histórias em que uma criança está num parque de diversões ou sobe uma longa escada por desafio pessoal ou por estar perdida dos familiares (total de 6 casos).

*No cartão 17MF*, apenas um tema apresentou frequência maior que 10% dos casos, referente a histórias em que a mulher observa os trabalhadores por cima da ponte ou está procurando por algo/alguém. Nessas histórias, foi comum a referência à mulher estar perdida em pensamentos predominantemente disfóricos, sendo que, em 7 dessas histórias, a personagem apresenta pensamentos suicidas, que são levados a cabo em apenas uma dessas narrativas. Já no *cartão 17RH*, a história típica se refere a um artista de circo (predominantemente, um trapezista) que se apresenta após ter se preparado, obtendo aprovação do público e se sentindo realizado com sua vida e seu trabalho. O segundo tema mais frequente neste cartão foram histórias sobre um homem numa corda, em situações de perigo em que ele deve se salvar ou recebe ajuda para tanto. Tais situações consistiram ora em acidentes ou um incêndio num prédio, ora em situações como uma fuga após cometer um crime ou escapar da prisão.

Por fim, *no cartão 18MF*, a história típica se refere a uma mulher que cuida de uma pessoa idosa (a qual, à exceção de um caso, é descrita como uma mulher) que está doente. Predominantemente, a mulher é filha ou irmã da pessoa da idosa. Uma variação frequente desse tema foram histórias em que a pessoa idosa sofre um acidente doméstico (na maior parte dos casos, cair da escada ao fundo da figura) ou desmaia devido à doença ou ao mal-estar passageiro. Em aproximadamente metade dessas narrativas, a pessoa idosa vem a falecer, apesar dos esforços da mulher (diretos ou indiretos, buscando por ajuda, por exemplo). *No cartão 18RH*, o único tema comum a mais que 10% dos casos se referiu a um personagem embriagado, em histórias enfatizando os prejuízos advindos desse estado, tais como a personagem se afundar na bebida, se envolver em brigas ou passar mal (11 narrativas no total).

## 5 DISCUSSÃO

Nas seções seguintes, são discutidos os significados dos dados obtidos, em termos de seus potenciais e limitações explicativos (seção 5.1), além de uma descrição do desempenho normativo nas variáveis do sistema morvaliano revisado (seção 5.2). Na seção 5.3, são propostos direcionamentos para a pesquisa com o mesmo sistema, visando à continuidade de seu aprimoramento teórico-técnico e ampliação de seu suporte empírico. Na seção 5.4, são feitas considerações finais com relação ao presente estudo.

### 5.1. Considerações sobre as diferenças entre grupos obtidas e a distribuição dos dados

O conjunto dos dados obtidos mostra que os grupos de homens e mulheres, de diferentes níveis de escolaridade e socioeconômicos (NSE), apresentaram poucas diferenças sistemáticas de desempenho no TAT. Ainda que se tenham obtidos efeitos estatisticamente significantes dessas variáveis em todas as escalas e categorias discretas do sistema morvaliano revisado, tais efeitos não se constituíram num padrão consistente; além disso, os cartões nos quais tais resultados foram obtidos (bem como o número de cartões nos quais esses efeitos foram observados) não foram os mesmos ao longo das variáveis. Ainda, nos efeitos estatisticamente significantes obtidos, os valores das correlações efeito-tamanho de Pearson ( $r$ ) giraram ao redor de 0,30, indicando que sua intensidade foi média (e que, portanto, explicam apenas 9% da variância total dos resultados; Field, 2009). Em vista de tais resultados, recomenda-se a adoção das normas desenvolvidas no presente estudo sem distinção de grupo por sexo, escolaridade ou NSE, já que a análise do conjunto dos dados não mostrou diferenças constantes entre os mesmos que justifiquem a apresentação de normas de desempenho específicas.

Tal constatação não significa que as diferenças estatisticamente significantes obtidas sejam irrelevantes, tanto empírica como teoricamente. Sua relevância está em demonstrar a tendência de tais diferenças principalmente como resultado das *características dos cartões* aplicados (especialmente, no caso dos cartões específicos) e, ainda que em menor intensidade, devido às *características da amostra*.

Para as variáveis da Análise Formal relacionadas ao cumprimento da tarefa (ou seja, as subcategorias Atitude durante a tarefa, Adaptação ao estímulo e Adaptação às instruções e algumas escalas da Análise formal da narrativa), poucas diferenças estatisticamente significantes foram obtidas como um todo; para esses dados, essas diferenças estatisticamente

ocorreram para até cinco cartões, seja nas comparações entre sexo, escolaridade ou NSE. O mesmo pode ser dito para as categorias restantes (Herói, sua Conduta, Meio, Desfecho e preferência pelos cartões).

Por outro lado, nas escalas de Análise formal mais especificamente relacionadas à facilidade para elaboração das histórias e sua complexidade, foram encontradas diferenças de desempenho relevantes para o nível de escolaridade e/ou o NSE. Esse padrão foi observado para as escalas de Autonomia para a tarefa (na qual o efeito de escolaridade foi estatisticamente significativo para 12 dos 20 cartões aplicados), Complexidade temporal da história (na qual os efeitos de escolaridade e NSE foram significantes estatisticamente significantes em 13 e 8 cartões, respectivamente), Integração da narrativa e Qualidade geral da narrativa (nas quais se obteve um efeito estatisticamente significativo em 10 cartões, para ambas as escalas, além de efeitos de NSE para 6 cartões na última escala) e, em menor intensidade, na escala de Qualidade da linguagem, na qual o efeito de NSE foi significativo para 6 cartões.

Nas escalas em que os efeitos estatisticamente significantes foram obtidos para mais que cinco cartões, as análises *post-hoc* sugerem uma correlação positiva entre nível de escolaridade e/ou NSE e escores mais altos, indicando uma tendência de pessoas com mais anos de estudo e mais acesso a bens econômicos a apresentarem menor necessidade de intervenções e histórias mais detalhadas e complexas. Tal tendência, contudo, deve ser considerada com cautela, já que, ainda que tais efeitos tenham sido relativamente frequentes ao longo dos cartões, os valores de  $r$  obtidos (que indicam o tamanho do efeito identificado) foram baixos ou medianos; ainda nesse sentido, tais comparações tenderam a mostrar diferenças de desempenho entre os grupos extremos (ou seja, ES X EF e NSE Alto X NSE Baixo).

A análise do desempenho dos grupos de mulheres nos cartões 13HF e 13MF permite ilustrar essa hipótese com mais clareza, já que os grupos mantiveram entre si poucas distinções entre nível de escolaridade e NSE. As escalas nas quais os grupos de mulheres apresentaram diferenças estatisticamente significantes foram aquelas em que os cartões diferem em suas características intrínsecas (tais como as relativas ao Herói, suas necessidades e condutas, tipo de pressão do Meio e desfecho da história), enquanto que, para as características formais das histórias, não se obteve diferenças estatisticamente significantes, à exceção da escala de Autonomia para a tarefa, na qual o grupo ao qual foi aplicado o cartão 13HF apresentou maior pontuação do que aquele ao qual foi aplicado o cartão 13MF.

Por fim, as diferenças estatisticamente significantes observadas entre os grupos de



homens e mulheres também dão suporte hipótese aqui formulada de que as diferenças de desempenho são mais relacionadas às características dos cartões do que a padrões constantes de diferenças entre os grupos estudados. As únicas diferenças significantes entre homens e mulheres que ocorreram em mais de cinco cartões foram obtidas para os tipos de necessidades do herói e suas vivências afetivas, variáveis essas bastante relacionadas a características intrínsecas dos cartões específicos a homens e mulheres (como o tipo de cena apresentada, por exemplo), o que também é observado com relação às histórias típicas nesses cartões.

Deve-se ressaltar que, apesar de se ter aplicado oito cartões específicos a esses grupos (de um total de 20), as diferenças entre homens e mulheres sugerem padrões de diferenças estatisticamente significantes mais consistentes apenas nessas duas variáveis, o que é esperado num teste de personalidade fundamentado no pressuposto de que homens e mulheres não diferem em características psicológicas amplas como o nível de compensação das funções egoicas. Desta forma, os resultados dão suporte à validade teórica do sistema morvaliano (Villemor-Amaral, 2008), além de também servir como evidência de validade relacionada ao conteúdo das categorias do sistema e com relação ao processo de resposta ao teste (Urbina, 2004/2007).

Apesar de tais evidências, diversas ressalvas devem ser consideradas para que se pondere o peso das primeiras, o que também permite delimitar as lacunas a serem preenchidas em estudos posteriores (vide adiante). A primeira das ressalvas se refere ao fato de que, à exceção de resultados isolados, a distribuição dos dados obtidos não segue uma distribuição normal. Sendo a falta de regularidade que tais distribuições informam uma das grandes críticas à baixa qualidade psicométrica das técnicas de autoexpressão, entende-se como necessário apontar os *fatores relacionados à amostra* que permitem compreender os dados obtidos no presente estudo, assim como os *fatores relacionados ao construto* acessado por meio do TAT. Em especial, os últimos fatores permitem compreender em maior profundidade o padrão dos dados aqui obtidos, de forma a endossar o potencial do sistema morvaliano.

Os *fatores relativos à amostra* se referem à sua baixa representatividade estatística, além da distribuição irregular dos casos ao longo dos grupos – enquanto se obteve o mesmo  $n$  para o sexo, o número de casos em cada nível de escolaridade e NSE foi bastante diferente entre si (marcadamente, a amostra foi composta por poucos casos com apenas Ensino Fundamental e poucos casos com NSE Alto). Tal composição resultou do recrutamento aleatório e direcionado à população geral, procedimento que permite reduzir vieses amostrais; por outro lado, não se obteve o mesmo número de participantes em cada grupo, por limitações de tempo e de pessoal para a composição da amostra. Desta forma, os vieses de escolaridade e

NSE na composição da amostra devem ser levados em consideração para a interpretação das diferenças obtidas, e de sua distribuição não-normal. Ainda, outros estudos usando técnicas de autoexpressão não obtiveram uma distribuição normal dos dados, mesmo com amostras maiores que a do presente estudo (Nascimento, 2010; Pasian, 1998; Villemor-Amaral, 2012).

Estes resultados indicam, por um lado, que as características de personalidade dinâmicas, tais como as medidas por essas técnicas, não parecem se distribuir normalmente na população, o que entra em conflito com postulados de modelos de medida tais como a Teoria de Resposta ao Item (TRI; Pasquali, 2011). Desta forma, tais resultados podem ser compreendidos como um dos *fatores relativos ao construto*, acima aludidos. Ainda nessa direção, algumas variáveis apresentaram valores de desvio-padrão maiores do que a média e a mediana, indicando uma distribuição irregular dos dados, o que não sugere necessariamente problemas amostrais, mas sim que essas características remetem principalmente ao nível idiográfico e menos ao nível nomotético (Morval, 1982; Tavares, 2003). Portanto, não se trata de falta de regularidade da *presença* ou da *viabilidade teórico-empírica* de tais variáveis, mas da *ininteligibilidade* em prever a ocorrência de tais fenômenos por meio de estratégias exclusivamente nomotéticas, demandando metodologias mais complexas de tratamento dos dados.

Outros fatores relativos ao construto avaliado se referem à própria definição de personalidade, bem como dos pressupostos acerca de como esta se apresenta na população. Nesse sentido, como já abordado na introdução do presente estudo, as diferenças entre técnicas de personalidade de autoexpressão e de autorrelato (por vezes infertilmente tratadas como oposição) não devem ser entendidas apenas como relativas ao tipo de resposta ao instrumento, mas principalmente com relação aos processos de resposta suscitados pelos mesmos, ou, usando a terminologia proposta por McAdams (1995), dos níveis da personalidade que tais instrumentos melhor captam.

O mesmo problema é abordado por Pasquali (1997; 2011), ainda que de forma mais geral e no domínio da Psicometria tradicional. Para Pasquali, se a teoria psicológica subjacente à definição do construto for pouco desenvolvida, os recursos técnicos da Psicometria se tornam meros artifícios estatísticos sem qualquer significado. A diferença entre quais postulados derivam da teoria psicológica e quais da Psicometria pode ser aplicada aos dados aqui obtidos, permitindo uma compreensão mais aprimorada dos potenciais e limitações dos dados obtidos.

O primeiro dos postulados a ser considerado com cautela para a interpretação dos resultados obtidos é o de *unidimensionalidade* dos itens do instrumento ou seja, o de que apenas

um construto (ou traço latente) explica o desempenho no item ou conjunto de itens. Este postulado é uma das condições necessárias tanto para o cálculo da fidedignidade dos testes na Teoria Clássica dos Testes (TCT) como para os modelos derivados da TRI mais comumente usados na literatura recente (Pasquali, 2011). Desse mesmo postulado deriva que, se os itens de um instrumento informam sobre mais que um construto, sua fidedignidade (no sentido de homogeneidade da medida) é afetada pela covariância entre estes construtos. Subjaz a esse pressuposto uma concepção atomista de comportamento, no qual seria possível isolar construtos e acessá-los sem a interferência (leia-se, covariância) de outros traços latentes<sup>24</sup>.

Tal concepção vai na contramão do modelo de personalidade psicodinâmico, do qual se baseia o sistema morvaliano. Este modelo adota uma concepção molecularista de personalidade, no qual traços latentes isolados não são capazes de explicar uma alta variância do comportamento (como foi o caso dos efeitos estatisticamente significantes obtidos), já que o comportamento só pode ser explicado de forma multidimensional, com traços relacionados entre si (ou seja, covariantes). Desta forma, os dados obtidos são coerentes com os postulados de sua teoria de base, já que, apesar de não se ter obtido um padrão consistente de diferenças entre grupos nas escalas do sistema morvaliano isoladamente, conjuntos de dados mostraram tendências de diferença de desempenho, ainda que, como já referido, tais diferenças não justifiquem a adoção de normas específicas por escolaridade e NSE.

O segundo postulado da Psicometria a ser levado em consideração com cautela na interpretação dos dados aqui obtidos é o do *isomorfismo*, ou seja, o de que as propriedades do fenômeno e da linguagem numérica devem ser as mesmas, para que a representação do primeiro pela segunda seja pertinente (Pasquali, 2011). Deriva deste postulado que, se as propriedades do fenômeno não forem regulares da mesma forma que as propriedades da linguagem numérica o são, esta última não deve ser usada, a menos que se comprove as limitações das propriedades de um (fenômeno) ou de outro (linguagem numérica). Nas variáveis do sistema morvaliano, o isomorfismo é garantido ao nível de escalas ordinais, nas quais a representação pela linguagem numérica atende apenas aos axiomas de identidade e ordem. Desta forma, as escalas do sistema morvaliano só são passíveis de análise estatística por meio de técnicas estatísticas não-paramétricas, e não devem ser consideradas como quantidades absolutas de um determinado traço latente, além de não ser possível determinar

---

<sup>24</sup> Sobre esse postulado, Pasquali (2011) assevera que na TRI, é suficiente assumir a predominância de apenas um traço latente para a aplicação desse modelo de análise, apesar de haver clareza de que assumir a multidimensionalidade nos processos de resposta é mais condizente com a realidade.

sua ausência absoluta (ou zero natural; Pasquali, 2011). Como suporte a esse postulado, não foi possível realizar análises estatísticas paramétricas dos dados, apesar de um  $n$  considerado adequado para testes de normalidade (Field, 2009), já que tais testes rejeitaram a hipótese nula de que a distribuição daqueles dados seria normal.

Ainda com relação ao postulado de isomorfismo, é importante notar que algumas das variáveis do sistema morvaliano não têm sempre o mesmo significado com relação ao nível de preservação das funções egoicas. Este é o caso das variáveis que derivam do tipo de necessidade do herói, tais como as características da conduta deste e o desfecho da história. De acordo com o tipo de necessidade, o significado psicológico dos escores nas escalas destas categorias pode ser diferente, apesar de os escores serem os mesmos. Num exemplo hipotético nessa direção, suponha-se duas histórias, nas quais o herói apresenta uma necessidade de Autonomia antissocial em uma delas e na outra apresente uma necessidade de Proteção Exercida (vide Apêndice 1 para as definições operacionais destas necessidades). Suponha-se ainda que, em ambas as histórias, foram obtidos os mesmos escores nas escalas de Eficácia da conduta e Sucesso e autonomia do herói. Nesse exemplo, a interpretação do significado do escore acerca do nível da função egoica avaliada é o mesmo (ou seja, representações de alta Maestria e Competência). Apesar disso, a direção dessa atividade tem significado clínico bastante diverso em termos de outras funções egoicas como as de Julgamento e Relacionamentos Interpessoais (vide Tabela 1.3).

Desta forma, apesar de o postulado de isomorfismo ter sido atendido no exemplo, uma importante propriedade do fenômeno representado pelas escalas do sistema morvaliano não foi captada pela linguagem numérica. Deve-se ressaltar que tal limitação é facilmente transponível atribuindo-se às necessidades do herói códigos mais específicos, já que, na revisão aqui apresentada, sua codificação consiste apenas numa escala nominal (ainda que sua intensidade tenha sido transformada numa escala ordinal).

O exemplo acima ilustra a importância de garantir o postulado de isomorfismo, sem o qual as propriedades da medida proposta não podem ser avaliadas corretamente. Ainda, para construtos complexos como as funções egoicas (que se referem, em última instância, ao construto de personalidade conforme a teoria psicodinâmica), sistemas numéricos mais complexos do que adotado no presente estudo se fazem necessários, de forma a melhor representar as propriedades do fenômeno em questão (Cramer, 1999; 2004; Lundy, 1985; Pasquali, 2011). Desta forma, advoga-se pela necessidade de aprimoramento tanto das estratégias de análise psicométrica como das delimitações teóricas sobre como representar numericamente as variáveis de construtos como as características de personalidade.

## 5.2. O desempenho normativo nas variáveis do sistema morvaliano e suas implicações para a pesquisa e a prática

Apesar das ressalvas feitas na seção anterior, os dados obtidos constituem, em última instância, indicadores empíricos do desempenho de uma amostra não-clínica e aleatória de adultos que respondeu à forma completa do TAT, aplicado e categorizado de acordo com o sistema morvaliano. Nos próximos parágrafos, são apresentadas sínteses descritivas do desempenho da amostra nas variáveis desse sistema, a partir dos valores médios de tendência central das mesmas, ou seja, a média, mediana e o desvio-padrão agrupados dos 20 cartões.

O *Nível de participação* normativo é alto, ou seja, é esperado que pessoas com perfil semelhante ao da amostra não apresentem resistência para criar histórias a partir dos cartões. Ainda nessa direção, as recusas aos cartões são raras; em termos de frequências absolutas, as recusas ocorreram apenas uma vez na amostra para os cartões 6, 16 e 18, três vezes para o cartão 11, duas vezes para o cartão 15 e quatro vezes para o cartão 19. Ressalta-se que esta frequência (12 recusas a cartões) foi obtida em relação a um total de 2000 ocorrências (ou seja, 20 cartões aplicados a 100 pessoas). Ainda com relação à Atitude durante a tarefa, os *Fenômenos especiais* são no geral pouco frequentes, ainda que, conforme já apresentado, o fenômeno mais comum seja a Invasão Afetiva, e os cartões 11 e 16 sejam os que mais suscitam tais fenômenos.

Com relação às *omissões aperceptivas*, são banais (leia-se, com frequência na amostra normativa de mais que 16,7%, ou um sexto dos casos; Pasian, 1998) a omissão do arco do violino no cartão 1, da mulher em segundo plano (à direita da figura) no cartão 2, da porta no cartão 3MF e da arma no cartão 3RH, da mulher em segundo plano (ao fundo da figura) no cartão 4, do cachimbo no cartão 6MF, da boneca e do livro no cartão 7MF, do rifle no cartão 8RH, da revista ou bolsa da jovem no primeiro plano do cartão 9MF e do homem de costas no cartão 9RH, do dragão no cartão 11, dos trabalhadores embaixo da ponte no cartão 17MF, da escada no cartão 18MF, da cabana e da neve no cartão 19 e do poste no cartão 20. Já as *distorções aperceptivas banais* na amostra foram a interpretação da criança no cartão 3RH como uma mulher, a boneca no cartão 7MF como um bebê, o casal do cartão 10 como duas pessoas idosas e da jovem no mesmo cartão como uma mulher da mesma idade que o homem que a abraça, do fundo do cartão 11 como uma cascata e do dragão no mesmo cartão como outro animal, da criança no cartão 13MF como uma mulher<sup>25</sup>, do homem no cartão 15 como

---

<sup>25</sup> Deve-se ressaltar, mais uma vez, que o cartão 13HF deve ser aplicado em mulheres adultas, reservando-se o cartão 13MF para jovens do sexo feminino, conforme recomendação de Murray (1943/2005).

uma mulher, da agressão nos cartões 18MF e 18RH como a oferta de ajuda ou apoio e do cartão 19 como uma pintura abstrata.

A *Autonomia para a tarefa* da amostra normativa gira em torno da pontuação correspondente a poucas (ou seja, até três) intervenções do examinador para que os participantes da mesma criem uma história; as intervenções mais comuns do examinador foram solicitações para o desfecho da história e por pensamentos e sentimentos do herói. O valor médio da escala de *Atendimento às instruções* é alto, com as histórias do grupo normativo tendendo a apresentar ao menos quatro dos cinco elementos esperados (começo, meio e fim da história, pensamentos e sentimentos do herói), sendo o último destes o mais frequentemente omitido.

O *Tempo de latência* médio na amostra se localiza entre 28 (média) e 20 segundos (mediana), enquanto que o *Tempo total* para a elaboração das histórias é de pouco mais de 4 minutos (valor médio: 254 segundos; valor de mediana: 243 segundos). O *Número de palavras* das histórias criadas para os cartões gira em torno de 120 palavras (127 palavras em média; mediana: 118 palavras)<sup>26</sup>. A *Qualidade da linguagem* ao longo das narrativas é predominantemente clara, ou seja, se assemelhando a narrativas orais, ainda que com uso da norma culta da língua. A *Complexidade temporal* das histórias tende a ser lógica (mediana na escala = 4), ainda que sejam esperadas oscilações para histórias com ordem temporal literal às instruções nesse grupo (desvio-padrão na escala = 1). A *Integração da narrativa* ao longo dos cartões varia entre histórias medianas (ou seja, com interligações entre os elementos, ainda que simplificadas), com oscilações entre histórias superficiais e ricas (vide Tabela 1.10 para mais detalhes) sendo comuns na amostra normativa. Por fim, com relação aos aspectos formais das histórias, os escores normativos na escala de *Qualidade geral da história* oscilam entre histórias superficiais (ou seja, com pouco detalhamento dos seus elementos) e organizadas (ou seja, com coerência e detalhamento dos elementos).

Apesar de não fazer sentido falar em um *Tipo de herói* médio ao longo dos cartões, é importante ressaltar que o desempenho normativo nessa categoria apresenta variações relevantes apenas do sexo do herói nos cartões universais, considerando o sexo da pessoa examinada. Desta forma, o herói é predominante do sexo masculino nos cartões 1, 14, 13HF, 15 e 20, um casal nos cartões 4 e 10 e do sexo feminino no cartão 5. Como já referido com

---

<sup>26</sup> Os valores médios dos Índices de Velocidade de Processamento (IVP) e de Rapidez de Elaboração (IRE) não são apresentados nessa seção, já que o significado desses Índices é de difícil descrição sem o recurso a seus valores numéricos, os quais por sua vez são bastante contraintuitivos.

relação às distorções aperceptivas, são comuns e esperados heróis do sexo feminino nos cartões 3RH e 8RH. Os valores médios da escala de *Complexidade do herói* mostram que o mesmo tende a ser descrito com poucos detalhes ao longo dos cartões; por outro lado, o valor médio da escala de *Idealização do herói* fica em torno do escore 3, ou seja da descrição de atributos predominantemente positivos.

Também não faz sentido falar em um *Tipo de necessidade* média ao longo dos cartões, já que os dados confirmam a hipótese de que diferentes cartões suscitam a expressão de diferentes necessidades entre si (para mais detalhes, vide a Tabela 4.42). Apesar disso, ao longo dos cartões são esperadas histórias com ao menos uma necessidade primária e uma secundária (um indicador de complexidade das narrativas junto com a análise formal). Ainda, necessidades de caráter impulsivo e antissocial foram muito pouco frequentes na amostra normativa. Os valores médios das escalas de *Força da necessidade* (tanto primária como secundária) giraram ao redor do escore 3 (valor da mediana para ambas as escalas), indicando necessidades presentes e que suscitam ações do herói, ainda que estas não sejam descritas como intensas para o mesmo.

Com relação às condutas do herói, são esperadas altas pontuações na escala de *Nível evolutivo da conduta*, ou seja, as condutas do herói tendem a ser descritas como predominantemente de Aprendizagem Social. Já a *Eficácia da conduta* primária tende a se localizar no escore 4 (condutas preparatórias), enquanto que, para as condutas finais, a eficácia tenda a ser maior (predomínio de condutas consumativas). Assim como para o tipo e as necessidades do herói, não faz sentido falar em valores médios das categorias de *Estilo da conduta*, visto que esses três tipos de categoria só foram analisados em termos de suas frequências simples, além de serem altamente específicos a cada cartão. Com essa ressalva, a única consideração a ser feita com relação a esta categoria se refere à alta frequência do código Coordenação, que foi cotado mesmo em histórias pouco detalhadas, como forma tanto de obter ao menos um descritor nessa categoria, além de o mesmo se referir à organização das condutas do herói para a satisfação da necessidade, organização esta frequente e esperada na amostra normativa. O mesmo se aplica à descrição da *Vivência afetiva do herói*, tanto inicial, quanto final: Na ausência de descrições específicas de tais vivências (em especial, nas histórias sem sentimentos do herói, as quais foram frequentes na amostra), foi cotado o código de vivência Compensada, tanto para a inicial como a final, como forma de ilustrar a ausência de qualquer tensão vivenciada pelo herói que não fosse a gerada pela necessidade. Apesar dessa ressalva, um dado normativo importante para essa categoria é o predomínio de vivências afetivas finais compensadas em todos os cartões aplicados, à exceção dos cartões

13FH e 15, nos quais as vivências finais disfóricas também foram bastante frequentes.

Com relação ao *Tipo de Meio*, são esperadas histórias com a descrição de eventos externos ao herói envolvendo personagens secundários (predominantemente) ou circunstâncias sociais amplas, como condições econômicas ou a guerra, por exemplo. Apesar disso, nos cartões 11, 19 e 20, são esperadas histórias nas quais a ênfase do meio se volta para a natureza ou o frio (ênfase no meio físico). Como já apresentado anteriormente, o *Tipo de pressão* do meio sobre o herói é predominantemente contrária ao mesmo (média = -0,9; mediana = -2). Contudo, o valor do desvio-padrão médio para esse escala é maior do que o da mediana (2,9), indicando uma grande oscilação do tipo de pressão quanto à mesma ser favorável ou desfavorável ao herói, ainda que tenda a ser ativa e pouco intensa.

O desfecho das histórias tende a ser do tipo Sucesso Total Voluntário, ou seja, é esperado que, ao longo dos cartões, as histórias contenham descrições dos heróis como satisfazendo suas necessidades graças a seus próprios esforços, o que corresponde ao escore 4 (valor de mediana) na escala de *Sucesso e autonomia do herói*. Apesar disso, o valor do desvio-padrão médio e da média ao longo dos cartões foi o mesmo (2,37), indicando que são esperadas histórias nas quais a ação do meio é mais importante do que as do herói para a satisfação de suas necessidades. Por fim, é esperado em pessoas com perfil semelhante ao da amostra normativa uma tendência a escolher os cartões 10 ou 16 como favoritos e os cartões 15, 11 ou 19 como preteridos.

Frente a tais dados, uma ressalva deve ser levada em consideração: o desempenho da amostra normativa aqui estudada deve ser compreendido como uma referência de desempenho típico de pessoas que não referiram a necessidade de cuidados de saúde mental, assim como não apresentaram sintomatologia severa nessa direção para transtornos mentais comuns, conforme triados pelo SRQ-20 (vide Procedimento). Tal fato, contudo, não implica em afirmar que os participantes dessa amostra não tenham vivenciado sofrimento emocional, por vezes severo.

Durante a seleção dos participantes, foram incluídos cinco participantes (três homens e duas mulheres) que, apesar de não terem apresentado escores altos na SRQ-20 e nem terem relatado eventos estressantes ao longo de sua história de vida (que contraindicassem sua inclusão na amostra), apresentaram indicadores de anestruturação da personalidade (Bergeret, 1974/1998) no TAT. Essa configuração do aparelho psíquico é descrita por Bergeret (1974/1998) como subjacente aos atualmente denominados transtornos de personalidade, consistindo, ao nível descritivo, na presença de sintomas egossintônicos como vivências constantes de impulsividade, episódios de depressão e relacionamentos interpessoais instáveis ao longo da história de vida,



apesar de boa adaptação psicossocial superficial. Por um lado, os participantes que apresentaram tais características não fizeram referência a tais vivências no momento da avaliação. Contudo, isso não impediu que tais características aparecessem nas histórias do TAT, na forma de fenômenos especiais bastante frequentes ao longo dos cartões, histórias violentas e/ou trágicas e vivências afetivas dos heróis predominantemente descompensadas.

Apesar de poucos participantes terem apresentado este perfil (e outros não terem sido inclusos na amostra por terem apresentados tais indicadores durante a primeira entrevista), é importante notar que pessoas com transtornos de personalidade são um importante desafio para a teoria e a prática em saúde mental nas últimas décadas (Loureiro, 2001), e que a característica egossintônica de sua sintomatologia dificulta seu diagnóstico e avaliação (Carvalho e Primi, 2013). Por um lado, a falha do SRQ-20 em triar tais transtornos se refere a uma exigência para além do escopo deste questionário, por sua vez construído para a detecção dos chamados transtornos mentais comuns (quais sejam, transtornos não-psicóticos, depressão, transtornos de ansiedade e somatoformes). Por outro lado é necessário observar que a presença de pessoas que apresentam critérios diagnósticos para transtornos de personalidade sem tratamento são parte do que se pode chamar de “população normal” (no sentido de comumente observado), dada a prevalência crescente desse tipo de transtorno (American Psychiatric Association – APA, 2003). Desta forma, as normas aqui apresentadas se referem a representantes típicos da população adulta do interior do estado de São Paulo, e não necessariamente de pessoas sem sofrimento mental, o que é condizente com conceituações clássicas de compensação do funcionamento psicológico, tanto da teoria psicodinâmica (Bergeret, 1974/1998) como da Organização Mundial de Saúde (OMS; 2005).

Apesar dessa ressalva, as normas aqui descritas podem ser consideradas como um ponto de partida para novos estudos sobre o sistema morvaliano e, em última instância, sobre o TAT. No próximo tópico, são sugeridos enfoques para novos estudos nessa direção.

### **5.3. Futuras direções para o TAT no sistema morvaliano**

O título desta seção faz homenagem ao artigo de Cramer (1999), “Future Directions for the Thematic Apperception Test”, no qual a autora descreve as vantagens em potencial do *Defense Mechanisms Manual* (DMM) e da *Social Cognition and Object Relations Scale* (SCORS), brevemente discutidas na Introdução; Teglasi (2010) também usa essa expressão na seção final de um capítulo sobre forças e fraquezas das técnicas de avaliação baseadas em narrativas. A homenagem se refere ao mesmo desafio colocado por ambas as autoras no artigo

em questão: demonstrar que é possível desenvolver sistemas de codificação para o TAT que apresentem evidências sólidas de validade e fidedignidade, além de utilidade clínica comprovada empiricamente, de forma a superar o mito de que este seja inexoravelmente um teste de baixa qualidade psicométrica.

Com relação ao sistema morvaliano, são recomendadas duas direções a tomar em estudos posteriores ao aqui apresentado. A primeira dessas direções se refere a complementar as evidências de validade e fidedignidade do sistema morvaliano, enquanto a segunda se refere a avanços em questões pouco abordadas na pesquisa empírica e de interesse teórico e prático geral.

Apesar de se ter apresentado dados normativos para o sistema morvaliano no presente estudo, as propriedades psicométricas desse sistema não foram descritas. Ainda que se tenha proposto que os dados obtidos sugerem evidências de validade desse sistema, são necessários estudos com amostras maiores, a fim de realizar análises estatísticas mais robustas, que permitam obter evidências de validade baseadas no conteúdo dos itens através de análise fatorial, por exemplo. Nesse contexto, deve-se atentar para os limites de métodos da Psicometria tradicionais para aferir as propriedades de testes de autoexpressão. Devido a sua diferença em termos de postulados e complexidade em relação aos testes de autorrelato, as técnicas de autoexpressão demandam metodologias de apresentação de suas qualidades psicométricas diferentes das comumente adotadas para tanto (Anzieu, 1965/1981; Cramer, 1999; 2004; Fernstenseifer & Werlang, 2010; Keiser e Prather, 1990; Primi, 2010). Nessa direção, uma importante discussão sobre o cálculo de índices de fidedignidade no TAT é feita por Cramer (1999; 2004) e Lundy (1985), apontando como o uso do coeficiente alfa e de metodologias de teste-reteste informam resultados confusos e baixos, devido a erros de metodologia e definição das variáveis para seu cálculo, além do questionamento da viabilidade conceitual dessas estratégias para responder a perguntas sobre a qualidade dos dados oferecidos por esse instrumento.

Tais reflexões sugerem que não se trata de estabelecer se modelos psicométricos são ou não compatíveis com o tipo de dados que o TAT permite descrever, mas sim em delimitar *em quais condições* tais modelos auxiliam tanto na compreensão dos potenciais e limitações de sistemas de codificação como o morvaliano como na contextualização dos dados derivados da análise qualitativa. Sendo o TAT um teste psicológico, tal como proposto na introdução do presente estudo, o mesmo deve passar pelo escrutínio de métodos que descrevam suas propriedades psicométricas. Para tanto, são necessários modelos de medida e de personalidade *compatíveis entre si*, o que, em última instância, se trata do problema em buscar

evidências psicométricas para os testes de autoexpressão, e não sobre a viabilidade de tal estratégia. Desta forma, advoga-se no presente estudo pela defesa de métodos tanto quantitativos como qualitativos a fim de se descrever os potenciais do TAT que satisfaçam tanto ao clínico como ao estatístico, retomando a alegoria descrita por Vane (1981).

Apesar disso, para o caso do sistema morvaliano, mesmo o uso de metodologias consagradas na aferição das propriedades psicométricas dos testes de autoexpressão se faz necessário. Nessa direção, dados coletados durante a realização do presente estudo poderão servir para um estudo de codificação de juízes (em curso no presente momento) e da comparação do grupo não-clínico com grupos clínicos, o que permitirá obter evidências de fidedignidade e validade, respectivamente.

Ainda com relação às propriedades psicométricas do sistema morvaliano, são necessários estudos posteriores que mostrem como o mesmo apresenta semelhanças e diferenças com populações de contextos socioculturais diferentes do brasileiro. Tais estudos seriam possíveis mesmo entre sistemas de codificação diferentes do sistema morvaliano revisado, já que este contempla variáveis relativamente independentes da teoria psicodinâmica, tal como a frequência das omissões e distorções aperceptivas ao longo dos cartões, ou as histórias típicas dos mesmos. Nessa direção, Scaduto (2014) discutiu brevemente as semelhanças entre os temas típicos das histórias referidos por Murray (1943/2005) e Brelet-Foulard & Chabert (2003/2005) a partir dos resultados obtidos com uma amostra menor do que a apresentada no presente estudo, além dos possíveis significados psicopatológicos das omissões e distorções aperceptivas propostas por Brelet-Foulard & Chabert, mostrando diferenças tanto no conteúdo dos temas como da frequência das omissões e distorções e recomendando cautela na adoção das interpretações propostas por essas autoras para o contexto brasileiro, já que as mesmas se referem ao desempenho da amostra de um outro país, sem suporte empírico atualizado até o momento.

Ainda, Scaduto (2014) e Scaduto, Barbieri e Santos (2014b) realizaram comparações dos valores do IVE e do IRE com os de reportados por Ávila-Espada (2000), mostrando que a população espanhola apresenta valores maiores que a população brasileira para ambos os índices, ainda que se deva levar em consideração diferenças linguísticas que afetam o cálculo do IVE (que por sua vez, usa o número de palavras da história). Para o caso das histórias típicas, é possível fazer comparações com dados relativamente recentes disponíveis na literatura, tais como os apresentados por Schwartz e Caride (2004a; 2004b). Por fim, Scaduto (2014) e Scaduto, Barbieri e Santos (2014b) apresentaram um estudo preliminar do desenvolvimento de uma escala de afeto disfórico usando os códigos do sistema morvaliano,

demonstrando sua sensibilidade ao longo dos cartões 1, 3RH e 3MF agrupados e 16. Tal análise não foi retomada no presente estudo em virtude das limitações apontadas por esses trabalhos anteriores, que demandam um maior aprofundamento da análise dos dados, que por sua vez excede aos propósitos desta investigação.

Ainda que se deva ter cautela na comparação de variáveis específicas entre diferentes amostras (já que tais comparações devem levar em consideração outras variáveis relativas à aplicação do instrumento), tais estudos são exemplos da segunda direção a ser tomada para o sistema morvaliano, que se refere à possibilidade de o mesmo responder perguntas não apenas dentro da teoria psicodinâmica, mas também sobre os cartões do TAT enquanto estímulos em si mesmos. Na revisão aqui apresentada, uma das precauções tomadas de antemão foi a de criar categorias de análises que não fossem exclusivas das influências teóricas assumidas por Morval (1982). Deve-se ressaltar que uma das vantagens desse sistema é justamente a ênfase em códigos descritivos relativos ao comportamento da pessoa examinada durante a tarefa e à história; desta forma, é possível fazer inferências a partir de dados relativamente ateóricos (já que referentes ao comportamento manifesto durante a tarefa proposta), para daí serem interpretados com base em modelos teóricos sobre as características de personalidade que o instrumento é capaz de avaliar.

Devido a essa vantagem, os dados do presente estudo podem servir de base para pesquisas posteriores que permitam responder perguntas referentes não só ao sistema morvaliano, mas aos cartões do TAT, tais como quais cartões podem compor uma versão reduzida do teste (o que deve ser feito com suporte empírico atualizado e não apenas pressupostos de embasamento vago, como já discutido anteriormente), quais são os alcances e limites das categorias do sistema para informar sobre comportamentos que por sua vez permitam inferir o grau de integridade das funções egoicas ou mesmo propriedades intrínsecas aos cartões do instrumento.

Nesse sentido, uma questão a ser desenvolvida com mais detalhes foi a atualização da pergunta formulada por Silva, M. (1989), acerca da importância do efeito “antigo” dos cartões do TAT, que essa autora demonstrou ser pouco relevante na década de 80. Essa mesma questão foi atualizada por Parada e Barbieri (2011), enfatizando a importância de considerar como aspectos histórico-sociais podem alterar o tipo de processos psicológicos subjacentes às histórias do TAT. Como uma resposta provisória a essas questões, a frequência do fenômeno especial de Crítica ao Estímulo: Antigo ao longo de todos os cartões foi baixa, dando suporte ao trabalho de Silva (1989).

#### 5.4. Considerações finais

Os dados aqui apresentados demonstram a importância de desenvolver normas atualizadas para técnicas de autoexpressão (no caso específico deste estudo, para o TAT), a fim de permitir tanto interpretações nomotéticas do desempenho dos participantes, quanto a apreciação melhor contextualizada do nível idiográfico de análise, temas de interesse teórico e empírico com relação ao desempenho como um todo nesse instrumento.

Conforme referido anteriormente, os cartões do TAT são material fértil para a exploração predominantemente idiográfica, tendo se consagrado como uma técnica de investigação clínica e predominantemente (psico)dinâmica (Brelet-Foulard & Chabert, 2003/2005; Schneidman, 1999; Silva, M, 2011; Silva, E., 1984; Tavares, 2003; Telgasi, 2010 Telles, 2000). Ao mesmo tempo, aportes mais recentes para o instrumento permitiram o desenvolvimento de medidas com fundamentação teórico-empírica sólida, demonstrando o seu potencial como estratégia de avaliação da personalidade com boas qualidades psicométricas (Alvarado, 1994; Blankenship et al, 2006; Cramer, 1999; 2004; Ehrenreich, 1990; Hibbard, Mitchell e Porcerelli, 2001; Jenkins, 2008; Keiser e Prather, 1990; Lundy, 1985; Tuerlinckx, De Boeck e Lens, 2002). Tais aportes, longe de constituírem-se numa opção de superação da análise puramente idiográfica do TAT, devem ser considerados como complemento dessa abordagem, ao permitirem uma melhor contextualização dos dados obtidos, permitindo superar o estereótipo do TAT como um teste rico, mas pouco confiável e válido, conforme descrito por Vane (1981). Como já discutido anteriormente, a consideração dos níveis nomotético e idiográfico como uma oposição se mostra infértil e deve ser superada, assim como diferenças relativamente semelhantes (como qualitativo/quantitativo e autorrelato/autoexpressão) o têm sido na literatura científica atual<sup>27</sup>.

Ainda que tal debate possa parecer banal, é importante ressaltar as limitações do TAT e do sistema morvaliano como única estratégia de avaliação de características de personalidade. Apesar de antigo, o trabalho de Silva, E. (1984) aponta uma confusão ainda presente no debate sobre os alcances e limitações das técnicas de autoexpressão, que em última instância se refere à área maior da Avaliação Psicológica:

---

<sup>27</sup> Sobre a falsa oposição qualitativo/quantitativo, vide, por exemplo, Gelo, Braakman e Benetka, (2008); sobre a falsa oposição entre autorrelato/autoexpressão, vide Meyer e Kurtz (2006).

Estamos cômicos da unilateralidade de uma interpretação [das características de personalidade] baseada apenas na investigação de conteúdos latentes. (...)

Qualquer teste psicológico, observação ou entrevista devem ser utilizados em conjunto, para configurar uma imagem total da personalidade.

A interpretação dinâmica de uma personalidade recebe o nome de “exploração da personalidade”, sendo seus principais aspectos a utilização de uma grande variedade de técnicas, a confiança nas observações realizadas em circunstâncias não-estruturadas e a integração da informação em mãos de psicólogos experimentados. (p. 96)

Na mesma direção, Teglassi (2010) assevera que a inclusão de técnicas como o TAT na bateria de técnicas de avaliação oferece importantes vantagens para uma avaliação compreensiva, tais como permitir acessar os processos de pensamento e estratégias de solução de problemas (em contraste com as técnicas de autorrelato, que enfatizam o produto final de tais processos na forma de resposta aos itens), além de oferecer condições para avaliar a performance típica da pessoa avaliada, isto é, em situações pouco estruturadas (nas quais os processos acima citados são usados espontaneamente) e permitir uma generalização mais precisa do desempenho em contextos complexos e novos, envolvendo relacionamentos interpessoais a solução de problemas que dependem menos do aprendizado lógico-formal.

O presente estudo também advoga em defesa dessas afirmações, propondo que o uso do TAT, como qualquer instrumento de avaliação, deve ser feito em conjunto com outras técnicas, que permitam uma compreensão aprofundada e fundamentada das características de personalidade. Frente à impossibilidade de um instrumento isolado apreender todo o conjunto da personalidade, e mesmo das limitações da Psicologia do Ego (um dos modelos de base do sistema morvaliano) discutidas por Parada e Barbieri (2011) e Brelet-Foulard & Chabert (2003/2005), o TAT no sistema morvaliano oferece importantes vantagens para a pesquisa e prática do psicólogo, para o atual momento da Avaliação Psicológica no Brasil. Mesmo com 81 anos de idade do TAT (a contar do primeiro artigo sobre o instrumento), comemorados neste ano, persiste o desafio posto por Murray (1943/2005) de cuidar do desenvolvimento do examinador para o uso pleno dos potenciais do instrumento. Espera-se que o presente trabalho promova estratégias continuadas para a superação deste desafio nos tempos atuais.

## 6 REFERÊNCIAS

Ainsworth, M. D. (1951). Some problems of Validation of Projective Techniques. *British Journal of Medical Psychology*, 3, 252-261.

Alvarado, N. (1994). Empirical validity of the Thematic Apperception Test. *Journal of Personality Assessment*, 63(1), 59-79.

Alves, I. C. B. (2006). Considerações sobre a validade e precisão nas técnicas projetivas. In: Noronha, A. P. P., Santos, A. A. A. & Sisto, F. F. (orgs.) *Facetas do fazer em avaliação psicológica*, (pp. 173-190). São Paulo: Vetor.

Alves, I. C. B. (2009). Reflexões sobre o ensino da avaliação psicológica na formação do psicólogo. Em: C. S. Hutz (Org.), *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 217-242). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Alves, I. C. B & Esteves, C. (2004). *O teste palográfico na avaliação da personalidade*, 1ª ed., São Paulo. Vetor Editora.

Amaral, M. (2009). Percepção ou apercepção delirante? *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 58(1), 71-72.

American Psychiatric Association (APA) (2003). *DSM-IV-TR – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed.

Anderson, J. W. (1999). Henry A. Murray and the Creation of the Thematic Apperception Test In: Gieser, M. T. & Stein, M. I. (orgs.) *Evocative images: The Thematic Apperception Test and the art of projection* (pp. 23-38). Washington, DC: American Psychological Association.

Antúnez, A. E. A. & Santoantonio, J. (2008). Análise fenômeno-estrutural e o estudo de casos. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 28(1), 53-71.

Anzieu, D. (1981). Problemas de validação. In: *Os métodos projetivos* (pp. 227-241). Rio de Janeiro: Campus (3ª reimpressão). (Original publicado em 1965).

Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2012). *Critério de classificação econômica brasil – Base LSE 2010 – em vigor a partir de 01/02/2012*. Recuperado em 07 Janeiro de 2012 de <http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=301>

Ávila-Espada, A. (2000). Objective Scoring for the TAT. In: Dana, R. H. (Org.). *Handbook of Cross-Cultural and Multicultural Personality Assessment* (p. 465-480). Mahwah, New Jersey, EUA: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.

Bandeira, D. R.; Trentini, C. M.; Winck, G. E. & Lieberknecht, L. (2006). Considerações sobre as técnicas projetivas no contexto atual. In: Noronha, A. P. P.; Santos, A. A. A. & Sisto, F. F. (orgs.) *Facetas do fazer em avaliação psicológica* (p. 126-139). São Paulo: Vetor.

Bandeira, M. F. & Barbieri, V. (2007). Personalidade e Câncer de Mama e do Aparelho Digestório. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 295-304.

Barbieri, V. (2008). Por uma ciência-profissão: o Psicodiagnóstico Interventivo como método de investigação científica. *Psicologia em Estudo* (Impresso), 13, 575-584.

Barros, I. P. M. (2004). *Características psicológicas da primeira e da segunda gravidez: o uso do DFH e do TAT na assistência pré-natal*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Bellak, L. (1971). *The T.A.T. and the C.A.T. in clinical use*. Oxford, England: Grune & Stratton.

Bellak, L. (1999). My Perceptions of the Thematic Apperception Test in Psychodiagnosis and Psychotherapy. In: Gieser, M. T. & Stein, M. I. (orgs.) *Evocative images: The Thematic Apperception Test and the art of projection* (pp. 133-141). Washington, DC: American Psychological Association.

Bellak, L. & Abrams, D. M. (2010). *CAT-A: Teste de apercepção infantil: figuras de animais* (adaptado à população brasileira [por] A. Miguel; L. S. L. P. C. Tardivo; M. C. V. M. Silva & S. M. V. D. Tosi). São Paulo: Vetor. (Coleção CAT-A; v. 1). (9ª ed. do original publicado em 1998).

Bellak, L. & Abrams, D. M. (2012). *SAT: Técnica de apercepção para idosos* (M. C. V. M. Silva, trad. Ed. revisada). São Paulo: Vetor. (Coleção SAT; v. 1). (Original publicado em 1998).

Bergeret, J. (1998). *Personalidade normal e patológica*, (M. E. V. Flores, trad., 3ª ed.). Porto Alegre, RS: Artmed (Original publicado em 1974).

Bernstein, J. (1964). *Test de Apercepción Temática*. Manual para la aplicación (4ª ed.). Buenos Aires: Paidós.

Bigheti, A. (2005). *Compreendendo o ser-no-mundo do adolescente com câncer pela análise fenomenológica das histórias relatadas no Teste de Apercepção Temática*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Blankenship, V., Vega, C. M., Ramos, E., Romero, K., Warren, K., Keenan, K. et al (2006). Using the multifaceted Rasch model to improve the TAT/PSE measure of need for achievement. *Journal of Personality Assessment*, 86, 100-114.



Brelet-Foulard, F.; Chabert, C. (2005). *O Novo Manual do TAT: Abordagem Psicanalítica / sob a direção de Françoise Brelet-Foulard e Catherine Chabert, (A. J. Lelé, trad., 1ª ed.)*. São Paulo, SP: Vetor (Original publicado em 2003).

Brittain, H. L. (1907). A study in imagination. *The Pedagogical Seminary*, 14, 197-207.

Campos, E. M. P., Bach, C. & Alvares, M. (2003). Estados emocionais do paciente candidato a transplante de medula óssea. *Psicologia: teoria e prática*, 5(2), 23-36.

Carvalho, F. C. G. & Paiva, M. L. S. C. (2010). O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. *Boletim de Psicologia*, 59(131), 223-235.

Carvalho, L. F.; Primi, R. (2013). Classificação e diagnóstico dos transtornos de personalidade: panorama atual e perspectivas para o DSM-5. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). *Perspectivas em psicologia dos transtornos de personalidade: Implicações teóricas e práticas* (pp 24-46). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Castro, L. R. F. (2001) *A compreensão psicológica de ex-casais periciados em processos de disputa de guarda e regulamentação de visitas*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Catão, M. F. F. M. (2001). *Excluídos sociais em espaços de reclusão: As representações sociais na construção do projeto de vida*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos*. São Paulo: Vetor. (Original publicado em 1998).

Conde, F. (1995). Procesos e instancias de reducción/formalización de la multidimensionalidad de lo real: proceso de institucionalización/reificación social en la praxis de la investigación social. In: Delgado, J. M. & Gutiérrez, J. *Metodos y tecnicas cualitativas de investigación en ciencias sociais* (pp. 97-119). Madrid: Editorial Síntesis.

Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2001). *Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos – SATEPSI*. Disponível em <http://satepsi.cfp.org.br/>. Acesso em 30 Mar 2014.

Costa, J. S. D. C. et al. (2002). Prevalência de distúrbios psiquiátricos menores na cidade de Pelotas, RS. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 5(2), 164-173.

Cramer, P. (1987). The development of defense mechanisms. *Journal of Personality*, 55, 597-614.

Cramer, P. (1999). Future directions for the thematic apperception test. *Journal of Personality Assessment*, 72(1), 74-92.

Cramer, P. (2004). *Storytelling, Narrative and the Thematic Apperception Test*. New York: The Guilford Press.

Davila, A. (1995). Las perspectivas metodológicas cualitativa y cuantitativa en las ciencias sociales: debate teórico e implicaciones praxeológicas. In Delgado, J. M. & Gutiérrez, J. *Metodos y tecnicas cualitativas de investigación en ciencias sociais* (pp. 69-83), Madrid: Editorial Síntesis.

Davids, A. (1973). Projective Testing: Some Issues Facing Academicians and Practitioners. *Professional Psychology*, 4(4), 445-453.

Dornelles, L. M. N. (2001). *Da linguagem do soma às representações no psiquismo: psicodinâmica de pacientes cardíacos pré-implante valvar*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Ehrenreich, J. H. (1990). Quantitative studies of responses elicited by selected TAT cards. *Psychological Reports*, 67, 15-18.

Eron, L. D. (1950). A normative study of the Thematic Apperception Test [abstract]. *Psychological Monographs*, 64(9), i.

Eron, L. D. (1953). Responses of women to the Thematic Apperception Test [abstract]. *Journal of Consulting Psychology*, 17(4), 269.

Fensterseifer, L. & Werlang, B. S. G. (2008). Apontamentos sobre o *status* científico das técnicas projetivas. In: Villemor-Amaral, A. N. & Werlang, B. S. G. (orgs.) *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica*, (pp. 15-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS*, 3a Ed. Thousand Oaks (Califórnia): SAGE.

Frank, L. K. (1939) Projective Methods for the Study of Personality. *The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 8(2), 389-413.

Freitas, N. K. (2000). TAT – Teste de Apercepção Temática, conforme o modelo interpretativo de Murray. In: Cunha, J. A. et al. *Psicodiagnóstico-V* (pp. 399-408), 5ª Ed). Porto Alegre: Artmed.

Freud, S. (1996a) Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Freud*, Edição Standard Brasileira, v. IX. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1907).

Freud, S. (1996b) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Freud*, Edição Standard Brasileira, v. XII. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).

Fundação SEADE. *Dados sobre a população de Ribeirão Preto* (População entre 25 e 44 anos) em 2011. Disponível em <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em 30 Março 2011.

Gelo, O., Braakmann, D. & Benetka, G. (2008). Quantitative and qualitative research: Beyond the debate. *Integrative Psychology and Behaviour*, 42, 266–290.

Gieser, M. T. & Stein, M. I. (1999). Overview of the Thematic Apperception Test In: \_\_\_\_\_ (orgs.) *Evocative images: The Thematic Apperception Test and the art of projection* (pp. 3-11). Washington, DC: American Psychological Association.

Gonçalves, D. M., Stein, A. T. & Kapczinski, F. (2008). Avaliação de desempenho do *Self-Reporting Questionnaire* como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o *Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR*. *Cadernos de Saúde Pública* (Rio de Janeiro), 24(2), 380-390.

Hazboun, A. M. & Alchieri, J. C. (2013). Justificativas e concepções de psicólogos que não utilizam avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 361-368.

Herzberg, E. (2000). Use of TAT in multicultural societies: Brazil and The United States. In: Dana, R. H. (Org.). *Handbook of Cross-Cultural and Multicultural Personality Assessment* (pp. 447-464). Mahwah, New Jersey, EUA: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.

Herzberg, E. & Mattar, A. (2008). Instrumentos clínicos utilizados no Departamento de Psicologia Clínica da USP: 10 anos depois. *Boletim de Psicologia*, 58(128), 39-54.

Hibbard, S. (2003). A Critique of Lilienfeld et al.'s (2000) "The Scientific Status of Projective Techniques". *Journal of Personality Assessment*, 80(3), 260–271.

Hibbard, S.; Mitchell, D.; Porcerelli, J. (2001). Internal Consistency of the Object Relations and Social Cognition Scales for the Thematic Apperception Test. *Journal of Personality Assessment*, 77(3), 408–419.

Hirada, C. (2008). Apercepção *versus* percepção: os espíritos na cosmologia leibniziana. *Princípios: Revista de Filosofia*, 15(24), 135-166.

Honda, H. (2004). Notas Sobre a Noção de Inconsciente em Wundt e Leibniz. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 275-277.

Holt, R. R. (1999). Empiricism and the Thematic Apperception Test: Validity Is the Payoff. In: Gieser, M. T. & Stein, M. I. Stein (orgs.) *Evocative images: The Thematic Apperception Test and the art of projection* (pp. 99-105). Washington, DC: American Psychological Association.

International Test Commission (ITC) (2003). *Diretrizes para o Uso de Testes: International Test Commission*. Versão em Português (Tradução autorizada pela International Test Commission para o Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica –IBAP). Mimeo, 37p. Disponível em <<http://www.ibapnet.org.br/DiretrizesITC.pdf>>. Acesso em 30 Mar 2004.

Iwata, H.; Rosa, H. R. & Valente, M. L. L. C. (2013). O desenho da figura humana e o TAT em adolescentes grávidas: um estudo no hospital geral. *Boletim de Psicologia*, 63(138), 65-80.

Jacquemin, A.; Barbieri, V. & Okino, E. T. (2003). Manual prático do teste de apercepção temática (T. A. T.) (revisão por Valéria Barbieri). *Mimeo*, 41p.

Jenkins, S. R. (2008) Introduction: Why “score” TATs, Anyway? In: \_\_\_\_\_. *A handbook of Clinical Scoring Systems for Thematic Apperceptive Techniques* (p. 3-38). New York: Taylor & Francis Group.

Keiser, R. E. & Prather, E. N. (1990). What is the TAT? A review of ten years of research. *Journal of Personality Assessment*, 55(3-4), 800-803.

Lago, V. M. & Bandeira, D. R. (2008). As práticas em avaliação psicológica envolvendo disputa de guarda no Brasil. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 223-234.

Laplanche, J. (1998). *Vocabulário de Psicanálise/Laplanche e Pontalis* (sob a direção de Daniel Lagache; trad. Pedro Tamen), 3ª ed.. São Paulo: Martins Fontes.

Libby, W. (1908). The imagination of adolescents. *The American Journal of Psychology*, 19, 249- 252.

Lilienfeld, S. O; Wood, J. M & Garb, H. N. (2000). The scientific status of projective techniques. *Psychological Science in the Public Interest*, 1, 27-66.

Loureiro, S. R. (2001). Transtornos de personalidade e avaliação psicodiagnóstica. In: Sisto, F. F.; Sbardelini, E. T. B.; Primi, R. (Orgs.). *Contextos e questões de avaliação psicológica* (pp. 51-61). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lukasova, K., Zanin, L. L., Chucre, M. V., Macedo, G. C. & Macedo, E. C. (2010). Analysis of exploratory eye movements in patients with schizophrenia during visual scanning of projective tests' figures. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(2), 119-125.

Lundy, A. (1985). The Reliability of the Thematic Apperception Test. *Journal of Personality Assessment*, 49(2), 141-145.

Mari, J. J. & Williams, P. (1986). A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of Sao Paulo. *The British Journal of Psychiatry*, 148, 23-26.

McAdams, D. P. (1995) What do we know when we know a person? *Journal of Personality*, 63(3), 365-396.

McClelland, D.C. (1966). Longitudinal trends in the relation of thought to action. *Journal of Consulting Psychology*, 30, 479-483.

Meissner, W. W. (2007). O inconsciente dinâmico: Determinismo psíquico, conflito intrapsíquico, fantasia inconsciente, sonhos e formação de sintomas. In: Person, E. S.; Cooper, A. M. & Gabbard, G. O. (Orgs.) *Compêndio de Psicanálise* (pp. 38-53). Porto Alegre: Artmed.

Mendes, L. S., Nakano, T. C., Silva, I. B. & Sampaio, M. H. L. (2013). Conceitos de avaliação psicológica: conhecimento de estudantes e profissionais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(2), 428-445.

Mengarda, C. F. (2002). *Homens que ultrapassam os obstáculos da idade: a vida além da expectativa de vida*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Meyer, J. M. (2004). The reliability and validity of the Rorschach and Thematic Apperception Test (TAT) compared to other psychological and medical procedures: An analysis of systematically gathered evidence. In: Hilsenroth, M. J. & Segal, D. L. (Eds.) *Comprehensive handbook of psychological assessment, Vol. 2: Personality assessment*, (pp. 315-342). Hoboken, NJ, US: John Wiley & Sons Inc.

Meyer, G. J. & Kurtz, J. E. (2006). Advancing personality assessment terminology: Time to retire "objective" and "projective" as personality test descriptors. *Journal of Personality Assessment*, 87(3), 223-225.

Millan, L. R. et al. (2005). What is behind a student's choice for becoming a doctor? *CLINICS*, 60(2), 143-150.

Monteiro, K. C. C. & Lage, A. M. V. (2004). O uso do teste de apercepção temática na análise da depressão no contexto da adolescência. *Revista da SBPH*, 7(2), 20-36.

Morgan, W. G. (1995). Origin and History of the Thematic Apperception Test Images. *Journal of Personality Assessment*, 65, 237-252.

Morgan, W. G. (1999). The 1943 Images: Their Origin and History. In: Gieser, M. T. & Stein, M. I. (orgs.) *Evocative images: The Thematic Apperception Test and the art of projection* (pp. 65-83). Washington, DC: American Psychological Association.

Morgan, C. D., & Murray, H. M. (1935). A method for investigating fantasies: The Thematic Apperception Test. *Archives of Neurology and Psychiatry*, 34, 289-306.

Morval, M. V. G. (1982). *Le T.A.T. et le fonctions du moi: Propédeutique à l'usage du psychologue clinicien* (2<sup>e</sup> Ed.). Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.

Murray, H. A. (Ed.). (1938). *Explorations in personality: A clinical and experimental study of fifty men of college age*. New York: Oxford University Press.

Murray, H. A. (2005). *T.A.T: Teste de apercepção temática*. Henry A. Murray e colaboradores da Clínica Psicológica de Harvard (adaptação e padronização brasileira: Maria Cecília Vilhena da Silva), 3<sup>a</sup> Ed. adaptada e ampliada. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1943)

Nascimento, R. S. G. F. (2010). *Sistema compreensivo do Rorschach: teoria, pesquisa e normas para a população brasileira*. 1<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Navarro, P.; Díaz, C. (1995). Análisis de contenido. In Delgado, J. M. & Gutiérrez, J. *Metodos y tecnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales* (pp. 481-491), Madri: Editorial Síntesis.

Noronha, A. P. P. (2002). Os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 135-142.

Oliveira, K. L.; Noronha, A. P. P.; Dantas, M. A.; Santarem, E. M. (2005). O psicólogo comportamental e a utilização de técnicas e instrumentos psicológicos. *Psicologia em Estudo* (Maringá), 10(1), 127-135.

Ombredane, A. (1969). *L'Exploration de la mentalité des Noirs*. Paris: Presses Universitaires de France.

Organização Mundial de Saúde (OMS) / World Health Organization (WHO) (2005). *Promoting mental health: concepts, emerging evidence, practice*. Genebra, Suíça: WHO Press.

Orti, A. (1995). La confrontación de modelos y niveles epistemológicos en la génesis e historia de la investigación social. In Delgado, J. M. & Gutiérrez, J. *Metodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales* (pp. 85-95), Madri: Editorial Sintesis.

Paixão, C. et al. (2009). Análise da prevalência dos transtornos psíquicos na região metropolitana do Recife. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(1), 261-266.

Pasian, S. R. (1998). *O psicodiagnóstico de Rorschach: Um estudo normativo em adultos*. Tese de doutorado, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Pasian, S. R. & Loureiro, S. R. (2010). Reflexões sobre princípios e padrões normativos do Rorschach. In: Pasian, S. R. (org.) *Avanços do Rorschach no Brasil*, (p. 31-54). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Parada, A. P. & Barbieri, V. (2011). Reflexões sobre o uso clínico do TAT na contemporaneidade. *Psico-USF*, 16(1), 117-125.

Pasquali, L. (1997). A medida psicométrica. In *Psicometria: Teoria e aplicações*, (pp 53-66). Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Pasquali, L. (2011). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*, 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Pianowski, G. & Villemor-Amaral, A. E. (2010). Localização e qualidade formal do Rorschach-SC no Brasil: validade com não-pacientes. *Psico-USF*, 15(3), 333-343.

Primi, R. (2010). Avaliação Psicológica no Brasil: Fundamentos, Situação Atual e Direções para o Futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(n. especial), 25-35.

Rietlzer, B. (2006). Aplicações culturais do Rorschach, testes de apercepção e desenhos de figuras. In Silva Neto, N. A. & Amparo, D. M. (Eds.) *Métodos Projetivos*. Instrumentos atuais para a investigação psicológica e da cultura (pp. 46-69). São Paulo: Vetor.

Rosenzweig, S. (1949). Apperceptive norms for the Thematic Apperception Test. I. The Problem of Norms in Projective Methods. *Journal of Personality*, 17(4), 475-482.

Rosenzweig, S. & Fleming, E. E. (1949). Apperceptive norms for the Thematic Apperception Test. II. An Empirical Investigation. *Journal of Personality*, 17(4), 483-503.

Rossini, S. R. G. (2001). *Estudo da relação entre insônia, equilíbrio adaptativo e Função Alfa*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Santos, K. O. B., Araújo, T. M., Oliveira, N. F. (2009). Estrutura fatorial e consistência interna do *Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20)* em população urbana. *Cadernos de Saúde Pública* (Rio de Janeiro), 25(1), 214-222.

Scaduto, A. A. (2010). *O tratamento de dependentes de substâncias psicoativas numa comunidade terapêutica: estudo através da avaliação psicológica*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Scaduto, A. A. (2014). O Teste de Apercepção Temática (TAT) em adultos: Dados normativos para o sistema morvaliano. *Relatório científico final FAPESP*, não publicado, 34p.

Scaduto, A. A. & Barbieri, V. (2012). Aportes ao sistema morvaliano de codificação do TAT: Possibilidades psicodinâmicas e objetivas In *VI Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos* (pp. 155), Brasília, DF.

Scaduto, A. A. & Barbieri, V. (2014). Em defesa do TAT: Uma revisão crítica das pesquisas sobre o teste no Brasil. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 299-305.

Scaduto, A. A.; Barbieri, V. & Santos, M. A. (2014a). Desenvolvimento de uma escala de afeto disfórico para o Teste de Apercepção Temática (TAT) – Sistema morvaliano: Evidências preliminares. In: Pasian, S. R.; Okino, E. T. K.; Amparo, D. M.; Freitas, F. R.; Osório, F. L. & Loureiro, S. R. (Org.). *Desafios para a prática ética da avaliação psicológica* (pp. 51-63), 1<sup>a</sup> ed. Ribeirão Preto: ASBRo.

Scaduto, A. A.; Barbieri, V. & Santos, M. A. (2014b). Normas para o Teste de Apercepção Temática (TAT) – Sistema morvaliano: Dados preliminares. In: Pasian, S. R.; Okino, E. T. K.; Amparo, D. M.; Freitas, F. R.; Osório, F. L. & Loureiro, S. R. (Org.). *Desafios para a prática ética da avaliação psicológica* (pp. 64-85), 1<sup>a</sup> ed. Ribeirão Preto - São Paulo: ASBRo.

Scaduto, A. A.; Barbieri, V. & Santos, M. A. (2014c). Comunidades terapêuticas para dependentes de substâncias psicoativas: avaliação dos resultados do tratamento. *Psicologia: Teoria e Prática*, 16(2), 156-171.

Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (2014). Fundação e desenvolvimento do Funcionalismo. In: \_\_\_\_\_. *História da Psicologia Moderna* (pp. 126-156), Tradução da 10<sup>a</sup> Ed. norte-americana. São Paulo: Cengage Learning.



Schwartz, L. A. (1932). Social-Situation pictures in the psychiatric interview. *American Journal of Orthopsychiatry*, 2, 124–132.

Schwartz, L.; Caride, M. R. (2004a). Test de Apercepción Temática: Actualización de los Clichés de las Láminas Universales. Similitudes y Diferencias. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 17(2), 107-121.

Schwartz, L. & Caride, M. R. (2004b). Clichés de las Láminas Específicas del TAT – Elaboraciones. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 18(1), 43-49.

Siegel, S. & Castellan, N. J., Jr. (2006). *Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento* (2ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.

Silva, E. F. (coord.) (1984). *O Teste de Apercepção Temática de Murray (TAT) na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas/ISOP.

Silva, M. C. V. M. (1988). *TAT: Aplicação e interpretação do Teste de Apercepção Temática*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Silva, M. C. V. M. (2011). *História dos testes psicológicos: Origens e transformações*. São Paulo: Vetor.

Silva, M. C. V. M. & Montagna, M. E. (2008). O teste de apercepção temática. In: Villemor-Amaral, A. N. & Werlang, B. S. G. (orgs.) *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica* (p. 133-146). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Schneidman, E. S. The Thematic Apperception Test: A paradise of psychodynamics. In: Gieser, M. T. & Stein, M. I. (orgs.) *Evocative images: The Thematic Apperception Test and the art of projection* (pp. 87-97). Washington, DC: American Psychological Association.

Souza, A. A. L. (2010). *A influência de atributos físicos na formação de primeiras impressões: uso do TAT e impacto no processo decisório de profissionais de recursos humanos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Sprent, P; Smeeton, N. C. (2000). *Applied Nonparametric Statistical Methods* (3ª ed.). Cleveland, OH: CRC (Taylor & Francis).

Stein, M. I. (1999). A personological approach to the Thematic Apperception Test. In: Gieser, M. T. & Stein, M. I. (orgs.) *Evocative images: The Thematic Apperception Test and the art of projection* (pp. 125-131). Washington, DC: American Psychological Association.

Stein, M. I. & Gieser, M. T. (1999). The zeitgeists and events surrounding the birth of the Thematic Apperception Test. In: Gieser, M. T. & Stein, M. I. (orgs.) *Evocative images: The Thematic Apperception Test and the art of projection* (pp. 15-21). Washington, DC: American Psychological Association.

Tavares, M. (2003). Validade clínica. *Psico-USF*, 8(2), 125-136.

Teglasi, H. (2010). *Essentials of TAT and other Storytelling Assessments* (2nd edition). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Telles, V. S. (2000). A desvinculação do TAT do conceito de "projeção" e a ampliação de seu uso. *Psicologia USP*, 11(1), 63-83.

Tomé, G. L. & Schermann, L. (2004). Padrasto, o novo pai – nova postura paternal. *Aletheia*, 19, 21-30.

Tosi, S. M. V. D. (2006). *TIG-NV – Teste de inteligência geral não-verbal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Tuerlinckx, F.; De Boeck, P.; Lens, W. (2002). Measuring needs with the Thematic Apperception Test: A psychometric study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(3), 448–461.

Urbina, S (2007). Fundamentos em validade. In: \_\_\_\_\_. *Fundamentos da testagem psicológica* (p. 155-212). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 2004)

Vane, J. R. (1981). The Thematic Apperception Test: A review. *Clinical Psychology Review*, 1 (3), 319-336.

Villemor-Amaral, A. E. (2006). Desafios para a cientificidade das técnicas projetivas. In: Noronha, A. P. P., Santos, A. A. A. & Sisto, F. F. (Orgs.) *Facetas do fazer em avaliação psicológica* (p. 163-171). São Paulo: Vetor.

Villemor-Amaral, A. E. (2008). A validade teórica em avaliação psicológica. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(1), 98-109.

Villemor-Amaral, A. E. (2012). *As Pirâmides Coloridas de Pfister*. 2ª. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Westen, D. (1991). Clinical Assessment of Object Relations Using the TAT. *Journal of Personality Assessment*, 56(1), 56-74.

Westen, D.; Lohr, N.; Silk, K.; Kerber & K; Goodrich, S. (2002). Social Cognition and Object Relations Scale (SCORS): Manual for Coding TAT Data. *Mimeo*, disponível em [http://www.psychsystems.net/Manuals/SCORS\\_Manual\\_for\\_TAT\\_1\\_3\\_03.pdf](http://www.psychsystems.net/Manuals/SCORS_Manual_for_TAT_1_3_03.pdf). Acesso em 30 Mar 2011.

Werlang, B. G. (2000). O TAT, conforme o Modelo de Bellak. In: Cunha, J. A. et al. *Psicodiagnóstico-V* (p. 409-415), 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed.

Winter, D. G. (1999). Linking personality and “scientific” psychology: The development of empirically derived Thematic Apperception Test measures. In: In: Gieser, M. T. & Stein, M. I. (orgs.) *Evocative images: The Thematic Apperception Test and the art of projection* (pp. 107-124). Washington, DC: American Psychological Association.



## APÊNDICES

### **Apêndice 1: Lista de necessidades do herói, adaptada a partir de Jacquemin et al. (2003)**

#### *Necessidades do herói em relação a objetos e situações*

- *Realização*: Trabalhar com energia e perseverança para alguma coisa importante; tentar realizar algo; ambição expressa em atos.
- *Aquisição*:
  - Aquisição social: Trabalhar por dinheiro, bens e/ou, propriedades; tentar conseguir algo valioso; negociar; pagar.
  - Aquisição antissocial: Roubar; enganar; obter dinheiro, bens ou objetos valiosos por meios ilícitos.
- *Mudança*: Ser incansável, sempre em movimento; anseio de contemplar novas paisagens; viajar para novos lugares; procurar aventuras; anseio por novas situações de vida, por discordar do contexto onde se vive.
- *Aventura*: Sonhar com aventuras, viagens e paisagens estranhas ou distantes; viajar; realizar uma exploração; buscar tesouros.
- *Curiosidade*: Ser curioso, observar, investigar; formular perguntas inquisitivas; procurar algo; explorar, atuar como detetive; ‘voyeurismo’.
- *Oposição*:
  - Oposição Social: Discordar de uma situação ou imposição através da argumentação e expressão de pensamentos e/ou sentimentos nessa direção; ser assertivo e se colocar contra situações indesejadas ou prejudiciais.
  - Oposição Antissocial: Discordar de uma situação ou imposição de forma agressiva ou burlando regras, de forma a impor o próprio ponto de vista ou anseio frente a situações indesejadas ou prejudiciais ao herói, mesmo que isso seja socialmente condenado.
- *Excitação*: Procurar por excitação emocional, tendendo a se mostrar audacioso ou mesmo impulsivo, como em viagens, aventuras com mulheres e/ou jogo; procura pelo perigo como forma de estimulação pessoal.
- *Autocontrole*: conter-se perante estresse ou excitação intensos; lidar com os pensamentos e sentimentos incômodos através da introspecção.
- *Nutrição*:
  - Nutrição procurada: Sentir fome ou sede; precisar de auxílio para se alimentar.
  - Nutrição exercida: Buscar ou preparar alimentos como trabalho ou cuidado a outrem.

- *Passividade*: Desfrutar de calma, relaxamento, descanso, sono; repousar; sentir-se apático, cansado depois de realizar pouco ou nenhum esforço; gostar da contemplação passiva, da reflexão; submeter-se aos outros por apatia e indiferença.
- *Divertimento*: Jogar, dedicar tempo à diversão; sair de casa para realizar atividades prazerosas; participar de festas, fazer piadas, rir.
- *Retenção*: Agarrar-se a um objeto, recusar-se a emprestá-lo, guardá-lo para evitar o seu roubo, escondê-lo das pessoas, colecionar ou conservar objetos, ser frugal e avaro.
- *Sensualidade* (no sentido de busca por sensações):
  - Epicurismo: Procurar e comprazer-se no conforto, na luxúria, nas sensações prazerosas, nos alimentos e bebidas; entregar-se à bebida e às drogas.
  - Estética: Ser sensível aos aspectos sensoriais da natureza; apreciar a arte, a música, a literatura; compor; redigir; criar; escrever.
- *Conhecimento*: Lutar para obter conhecimento e sabedoria; estudar com motivação na escola; obter educação; ler para aprender algo; viajar e procurar experiência com o objetivo de conhecer.
- *Autoconhecimento*: Esforçar-se por entender os próprios pensamentos e sentimentos, seja através da introspecção ou pedindo a opinião de outrem sobre si mesmo.
- *Isolamento*: Distanciar-se de outrem; buscar tempo ou situações em que se possa estar só; evitar o contato com outrem.

#### *Necessidades do herói com relação a outrem*

- *Afiliação*:
  - Afiliação Associativa: Estabelecer e manter relações amistosas e cotidianas (sem contato emocional profundo) com pessoas em geral.
  - Afiliação Focal: Buscar ou gozar da companhia de um amigo; ser leal, trabalhar e jogar juntos.
  - Afiliação Difusa: Gostar de toda classe de gente; ser gregário e sociável; trabalhar e jogar com um grupo.
  - Afiliação Conjugal: Buscar ou gozar de relacionamento amoroso com parceiro(a); conviver com parceiro(a) por laços afetivos ou matrimoniais.
  - Afiliação Fraternal: Buscar ou gozar de relacionamento de amizade e confiança profundo, seja por vínculo familiar ou interpessoal.
  - Afiliação Familiar: Buscar ou gozar de relacionamento com membros da família, seja a de origem ou a extensa.

- Afiliação Reclamada: Sofrer de saudades de outrem; estar carente por estar isolado ou afastado de pessoas a quem se quer bem.

• *Rejeição*: Afastar alguém de si, por discordância, desprezo, ofensa ou como evitação do contato interpessoal; anseio de ordem agressiva por evitar o contato com pessoas, ocupações e ideias estranhas aos próprios interesses.

• *Agressão*:

- Agressão verbal e/ou emocional: Odiar (podendo se expressar ou não em palavras), enfurecer-se, travar uma discussão verbal, criticar, menosprezar, reprovar, culpar, ridicularizar, rejeitar.

- Agressão física social: Lutar ou matar em defesa própria ou de alguém; punir uma ofensa que não foi provocada; lutar em defesa do seu país; perseguir, capturar ou encarcerar um culpado ou inimigo.

- Agressão física antissocial: Atacar, ferir ou matar alguém sem justa causa; iniciar uma briga ou ser agressivo sem motivos válidos; sadismo; vingar um insulto com uma brutalidade excessiva.

- Destruição: Atacar ou matar um animal; quebrar, esmagar, queimar ou destruir um objeto material.

• *Reconhecimento*: Procurar aplausos, elogios, prestígio, fama; gostar da aprovação e/ou ser estimulado pela apreciação de outrem; chamar a atenção; vangloriar-se; falar ou dramatizar em público, como forma de obter o apreço e atenção de outrem.

• *Dominância*:

- Dominância coercitiva: Tentar forçar alguém a fazer alguma coisa; dar ordens; usar argumentos de força; liderar de forma autoritária.

- Dominância proibitiva: Tentar impedir alguém de fazer algo, encarcerar; impedir a outrem de fazer algo que se discorda, tendendo a se mostrar firme ou mesmo agressivo.

- Dominância sedutora: Tentar influenciar alguém por persuasão, encorajamento, manobras hábeis ou sedução.

• *Comunicação*: Informar, fornecer notícias, explicar, instruir, ensinar.

• *Proteção*:

- Proteção exercida: Ajudar os outros, ser prestativo, proteger ou perdoar alguém; consolar e oferecer apoio a outrem.

- Proteção reclamada: Procurar por ajuda ou consolo; buscar ou esperar encorajamento, perdão, apoio, proteção; sentir-se isolado, solitário ou impotente em um momento crítico.

*Necessidades do herói em reação às ações de outrem*

- *Humilhação*: Criticar-se, recriminar-se, depreciar-se por um erro ou um fracasso; sofrer de sentimentos de inferioridade, remorso ou arrependimento.

- *Autonomia*:

- *Liberdade*: Escapar e evitar áreas de restrição e coerção; escapar de algum lugar de confinamento; fugir da prisão; abandonar a escola, o trabalho; desertar do exército por causa de restrições, obrigações e deveres; abandonar alguém para fugir das obrigações de relacionamento; determinação de permanecer independente; evitar qualquer tipo de alianças ou proibições que limitem.

- *Resistência*: Resistir à coerção ou a eventos estressantes ou desagradáveis; suportar as adversidades ou decepções vividas.

- *Autonomia antissocial*: Realizar algo não permitido, fortemente criticável ou castigável; comportar-se mal; ser desordenado; opor-se às normas morais ou sociais; mentir; enganar; jogar, beber, prostituir-se; cometer delitos diferentes do roubo.

- *Evitar a culpa*: Temer a recriminação, a culpa, o castigo; confessar-se; desculpar-se; arrepende-se para evitar uma culpa maior; transformar-se e converter-se num homem honesto.

- *Conformismo*: Aceitar condições ou situações para os quais não se tem controle ou possibilidade de contornar; submeter-se a outrem de forma passiva.

- *Respeito*:

- *Respeito exercido (deferência)*: Estar preocupado em agradar; cooperar, obedecer; aprovar os desejos, sugestões e solicitações de uma pessoa; aceitar voluntariamente a liderança de um sujeito admirado; expressar admiração e respeito na ação; reconhecer o mérito ou o talento de outrem; elogiar ou homenagear a outrem.

- *Respeito reclamado*: Lutar para manter ou reencontrar o respeito de outrem para si; o orgulho ferido ou ameaçado estimula o herói a redobrar seus esforços frente ao fracasso e a insistir em seus objetivos; superar a debilidade, a fraqueza, a inferioridade, a aflição ou timidez frente à execução de algo difícil, temido ou aversivo.



## Apêndice 2: Carta de Convite aos participantes

Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto  
Departamento de Psicologia

Ribeirão Preto, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Prezado(a) Senhor(a):

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre as características de personalidade de adultos da cidade. Esta pesquisa está sendo realizada pelo Psicólogo e doutorando em Psicologia Alessandro Antonio Scaduto (CRP 06/70471), sob orientação da Profa. Dra. Valéria Barbieri, ambos ligados ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

A pesquisa envolverá cerca de 210 pessoas entre 25 e 44 anos de idade de diferentes bairros da cidade. Após um sorteio de quarteirões a serem visitados (entre eles, o seu), estamos realizando visitas para convidar pessoas a participarem da pesquisa. Caso aceite colaborar, pedimos que preencha os dados abaixo. Esse formulário será recolhido pelo pesquisador dentro de dois dias.

A pesquisa consistirá na realização de uma avaliação psicológica através de duas entrevistas individuais. Caso desejem, os participantes da pesquisa poderão ter acesso aos resultados de sua avaliação numa entrevista posterior. Todas as informações serão confidenciais e utilizadas apenas para investigação científica, ou seja, nenhuma forma de identificação pessoal dos participantes será divulgada em qualquer momento.

Sua participação é valiosa para que se possa conhecer melhor as condições psicológicas de indivíduos adultos da cidade, o que pode auxiliar no planejamento de eventuais ações de saúde mental e no desenvolvimento de métodos de avaliação psicológica no Estado de São Paulo.

Esperamos poder contar com sua colaboração e, desde já, agradecemos pela atenção.

Cordialmente,

---

Alessandro Antonio Scaduto  
Psicólogo (CRP 06/70471)  
Mestre em Psicologia pela FFCLRP-USP

OBS.: Quaisquer dúvidas relativas a essa pesquisa podem ser solucionadas através dos telefones 3013 7782 (Alessandro) e 3602 3798 (Profª. Dra. Valéria), além dos emails [aascaduto@usp.br](mailto:aascaduto@usp.br) ou [valeriab@ffclrp.usp.br](mailto:valeriab@ffclrp.usp.br).

### **Por favor, preencha os dados abaixo:**

1. Você (ou alguma pessoa que more em sua casa) está disposto(a) a colaborar com a pesquisa?

- ( ) Sim                      ( ) Não. Por favor, diga-nos o motivo:  
                                   ( ) Falta de tempo                      ( ) Desinteresse ou discordância quanto ao trabalho  
                                   ( ) Receio de se expor                      ( ) Outro: \_\_\_\_\_

2. Caso você tenha respondido “sim” à questão acima, por favor, preencha a tabela abaixo. Esse formulário será recolhido pelo pesquisador em sua casa no prazo de dois dias.

Caracterização das pessoas que residem no domicílio

Nome da pessoa	Idade	Data de nascimento	Sexo	Estado civil	Grau de instrução

### Apêndice 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar como voluntário da pesquisa “O TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA (TAT) EM ADULTOS: DADOS NORMATIVOS PARA O SISTEMA MORVALIANO”, realizada pelo Psicólogo Alessandro Antonio Scaduto, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Barbieri, ambos ligados ao Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). A pesquisa consiste na aplicação de instrumentos de Avaliação Psicológica (conhecidos como Testes Psicológicos) em entrevistas individuais, a fim de descrever a forma como adultos se desempenham em geral nesses testes. Serão realizadas duas entrevistas em ocasiões diferentes, de acordo com minha disponibilidade.

Estou ciente de que:

- A participação na pesquisa é livre, sendo que, a qualquer momento, poderei retirar meu consentimento em participar dela, sem que isso acarrete qualquer ônus ou consequência para mim;
- A realização das entrevistas será feita em minha própria casa ou nas dependências da Clínica de Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, de acordo com minha disponibilidade, garantindo-se sempre local reservado para preservar minha privacidade;
- Os procedimentos da pesquisa consistirão na realização de três encontros com aproximadamente 1 (uma) hora de duração, durante as quais todas as informações dadas serão registradas por escrito pelo pesquisador. No primeiro encontro, serei solicitado(a) a responder a perguntas sobre minhas condições socioeconômicas e de saúde física e mental, além de ser solicitado(a) a responder a um teste psicológico de inteligência que consiste em solucionar problemas visuais abstratos. Na segunda e terceira entrevistas, serei solicitado(a) a criar histórias a partir de figuras que me serão mostradas uma a uma;
- A participação nessa pesquisa não envolve nenhum tipo de risco a mim, mas estou ciente de que poderei ficar emocionado em alguns momentos; caso isso aconteça, receberei prontamente o suporte do psicólogo responsável pela entrevista para que eu recupere meu bem-estar;
- Não terei benefícios diretos em participar desta pesquisa, mas estou ciente de que com minha participação, poderei contribuir para o aprimoramento de instrumentos de Avaliação Psicológica;
- Caso eu deseje, poderei ter acesso aos resultados de minha avaliação por meio de uma entrevista com o psicólogo responsável por essa pesquisa;
- Caso seja detectada qualquer situação de sofrimento emocional ao longo da atividade, poderei receber encaminhamento para atendimento psicológico se eu assim desejar;
- Meu nome será mantido em sigilo, assim como outras informações pessoais;
- Os resultados deste trabalho científico estarão sob o cuidado dos pesquisadores, podendo ser divulgados em congressos e artigos, resguardando-se o sigilo quanto a qualquer informação pessoal a meu respeito.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Alessandro Antonio Scaduto  
Psicólogo – 06/70471  
Fone: 16 3602 3798/ 16 3013 7782  
email: aascaduto@usp.br

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Voluntário  
Tel.:  
Endereço:

## Apêndice 4: Roteiro de Entrevista

### I. Dados Básicos

#### I. IDENTIFICAÇÃO:

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Endereço: \_\_\_\_\_
- Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Tel.: residencial \_\_\_\_\_ celular \_\_\_\_\_
3. Naturalidade (País onde nasceu): \_\_\_\_\_ 4. Procedência (Cidade onde nasceu): \_\_\_\_\_
- Há quanto tempo reside nesta cidade? \_\_\_\_\_ anos / \_\_\_\_\_ meses
5. Idade: \_\_\_\_\_ anos Data de nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 19 \_\_\_\_
6. Estado civil: ( ) solteiro ( ) casado ( ) amasiado ( ) viúvo ( ) divorciado ( ) separado
- 7a. Histórico Familiar. Como é (era) sua família de origem (pais, irmãos ou outros membros que tenham morado com você boa parte da sua vida)?

Nome	Parentesco	Idade	Estado civil	Escolaridade	Profissão

- 7b. (caso tenha constituído família ou não more com a de origem) Com quem você mora atualmente?

Nome	Parentesco	Idade	Estado civil	Escolaridade	Profissão

8. Por favor, assinale quais dos itens abaixo você possui e em que quantidade:

Itens/ Quantidade	0	1	2	3	4 ou mais
Televisão em Cores	0	1	2	3	4 ou mais
Rádio	0	1	2	3	4 ou mais
Banheiro	0	1	2	3	4 ou mais
Automóvel	0	1	2	3	4 ou mais
Empregada mensalista	0	1	2	3	4 ou mais
Máquina de Lavar	0	1	2	3	4 ou mais
Vídeocassete e/ou DVD	0	1	2	3	4 ou mais
Geladeira	0	1	2	3	4 ou mais
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	2	3	4 ou mais

9. Vida conjugal. Idade com que se casou/estabeleceu união estável: \_\_\_\_\_ anos.  
Tempo de união: \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ meses. Idade do cônjuge: \_\_\_\_\_ anos.
10. Como você considera sua vida conjugal atualmente?  
( ) Muito insatisfatória ( ) Insatisfatória ( ) Satisfatória ( ) Muito satisfatória
11. Religião atual: ( ) católica ( ) evangélica ( ) protestante ( ) espírita  
( ) judaica ( ) muçulmana ( ) outra: \_\_\_\_\_ ( ) sem religião
- Frequenta algum culto: ( ) não ( ) sim. Com que frequência? \_\_\_\_\_

#### II. EDUCAÇÃO

1. Qual é a sua escolaridade? ( ) 1.º grau ( ) 2.º grau ( ) 3.º grau ( ) Pós-graduação  
( ) completo ( ) incompleto Em que série parou de estudar? \_\_\_\_\_

#### III. TRABALHO

1. Você trabalha? ( ) não ( ) sim. Se sim, qual a ocupação principal atual: \_\_\_\_\_
- Condição da ocupação atual: ( ) empregado com carteira assinada  
( ) empregado sem carteira assinada ( ) por conta própria (autônomo)

#### IV. HISTÓRIA PESSOAL

1. Durante sua infância:  
Você teve algum atraso de desenvolvimento? ( ) sim ( ) não Que tipo de atraso? \_\_\_\_\_  
Você passou por alguma situação traumática? ( ) sim ( ) não Que tipo de situação? \_\_\_\_\_  
Como foi sua infância? ( ) Muito insatisfatória ( ) Insatisfatória ( ) Satisfatória ( ) Muito satisfatória
2. Durante sua adolescência:  
Você passou por alguma situação traumática? ( ) sim ( ) não Que tipo de situação? \_\_\_\_\_  
Como foi sua adolescência?  
( ) Muito insatisfatória ( ) Insatisfatória ( ) Satisfatória ( ) Muito satisfatória
3. Como você considera suas relações pessoais (amigos, família, pessoas em geral) atualmente?  
( ) Muito insatisfatórias ( ) Insatisfatórias ( ) Satisfatórias ( ) Muito satisfatórias

## V. HISTÓRICO DE SAÚDE GERAL

1. Como você avalia sua condição atual de saúde?  
 Muito insatisfatória  Insatisfatória  Satisfatória  Muito satisfatória
1. Tem algum defeito físico ou preocupação com a saúde ou o com o corpo que o incomode?  
 sim  não Que tipo de defeito ou preocupação? \_\_\_\_\_
5. Apresenta algum problema de visão, de audição ou outros que o atrapalham nas atividades cotidianas?  sim  
 não Que tipo de problema? \_\_\_\_\_
6. Tem alguma doença crônica?  sim  não Que tipo de doença? \_\_\_\_\_
7. Já teve alguma doença grave?  sim  não Que tipo de doença? \_\_\_\_\_
8. Já sofreu alguma cirurgia?  sim  não Que tipo de cirurgia? \_\_\_\_\_
9. Está usando algum remédio (medicação) por recomendação médica?  sim  não Qual (quais) remédio(s)? \_\_\_\_\_
10. Está usando remédio por conta própria?  sim  não Qual (quais) remédio(s)? \_\_\_\_\_
11. Como você está atualmente em relação:
- |                              |                                 |                                    |                                    |
|------------------------------|---------------------------------|------------------------------------|------------------------------------|
| ao sono:                     | <input type="checkbox"/> normal | <input type="checkbox"/> aumentado | <input type="checkbox"/> diminuído |
| ao apetite:                  | <input type="checkbox"/> normal | <input type="checkbox"/> aumentado | <input type="checkbox"/> diminuído |
| ao peso:                     | <input type="checkbox"/> normal | <input type="checkbox"/> aumentado | <input type="checkbox"/> diminuído |
| à libido (interesse sexual): | <input type="checkbox"/> normal | <input type="checkbox"/> aumentado | <input type="checkbox"/> diminuído |
12. Já passou por internação hospitalar?  sim  não Quando isso aconteceu? \_\_\_\_\_  
 Qual foi o motivo? \_\_\_\_\_

## VI. HISTÓRICO DE SAÚDE MENTAL

1. Você já passou por tratamento médico com psiquiatra ou neurologista nos últimos 12 meses?  
 sim  não Por qual motivo? \_\_\_\_\_
2. Você passou por tratamento psicológico nos últimos 12 meses?  
 sim  não Por qual motivo? \_\_\_\_\_
3. Você faz ou já fez uso de cigarro?  sim  não Com que frequência?  
 Não fumo mais  De vez em quando  Alguns dias por semana  Fumo todos os dias  
 Quanto fuma normalmente?  1 a 10 cigarros  10 a 20 cigarros  Mais de um maço de cigarros
4. Você faz ou já fez uso de álcool?  sim  não Com que frequência?  
 Não bebo mais  De vez em quando  1 a 3 vezes por semana  Mais de 3 vezes por semana  
 Quantas doses de álcool (1 dose equivale a um copo de cachaça ou uma lata de cerveja) bebe normalmente?  
 1 a 3 doses  3 a 6 doses  Mais de 6 doses
5. Você faz ou já fez uso de drogas?  sim  não Que tipo(s) de droga(s)? \_\_\_\_ Com que frequência?  
 Não uso mais  De vez em quando  Algumas vezes por semana  Uso drogas todos os dias  
 Qual é quantidade que você usa normalmente?  1 a 3 doses  3 a 6 doses  Mais de 6 doses
6. Por favor, responda às perguntas abaixo:
- |   |   |
|---|---|
| 1. Você tem dores de cabeça frequentemente?                 | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 2. Você tem falta de apetite?                               | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 3. Você dorme mal?  | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 4. Você se assusta com facilidade?                          | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 5. Tem tremores nas mãos?                                   | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 6. Você se sente nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)?     | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 7. Você tem má digestão?                                    | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 8. Tem dificuldade de pensar claramente?                    | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 9. Sente-se triste ultimamente?                             | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 10. Você chora mais que do que de costume?                  | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 11. Tem dificuldades de ter satisfação em suas tarefas?     | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 12. Tem dificuldade em tomar decisão?                       | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 13. O seu trabalho traz sofrimento?                         | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 14. Sente-se incapaz de desempenhar papel útil em sua vida? | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 15. Tem perdido o interesse pelas coisas?                   | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 16. Sente-se inútil em sua vida?                            | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 17. Tem pensado em dar fim à sua vida?                      | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 18. Sente-se cansado todo o tempo?                          | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 19. Você sente desconforto estomacal?                       | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| 20. Você se cansa com facilidade?                           | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Duração da Entrevista: \_\_\_\_\_ Local da Entrevista: \_\_\_\_\_

Observações: \_\_\_\_\_

## ANEXOS

## Anexo 1: Fac-símile da aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP

Saúde

BRASIL



Alessandro Antonio Scaduto - Pesquisador | V2.6

Cadastros

Sua sessão expira em: 33min 16

## DETALHAR PROJETOS DE PESQUISA

## Pesquisa

**Título da Pesquisa:** O Teste de Apercepção Temática (TAT) em adultos: Dados normativos para o sistema morviliano

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 00844712.6.0000.5407

**Submetido em:** 04/05/2012

**Instituição Proponente:** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP

**Situação:** Aprovado

## Documentos Postados do Projeto

Tipo Documento	Situação	Arquivo	Postagem
Parecer Consubstanciado do CEP	A	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_24205.pdf	21/05/2012 09:59:09
Interface REBEC	A	PB_XML_INTERFACE_REBEC.xml	04/05/2012 16:24:28
Projeto de Pesquisa	A	PB_RELATORIO_PESQUISA_8447.pdf	04/05/2012 16:24:27
TCLE - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	A	TCLE Pesquisa 8447 - novo texto após parecer.pdf	13/04/2012 17:03:58
Outros	A	Projeto de Doutorado A A Scaduto.pdf	10/02/2012 16:54:37
Folha de Rosto	A	Folha de Rosto.jpg	10/02/2012 16:44:23

[Listar Todos »](#)

## Tramitação:

CEP Trâmite	Situação	Data Trâmite	Parecer	Informações
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP	Submetido para avaliação do CEP	10/02/2012		
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP	Aceitação do PP	17/02/2012		
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP	Parecer liberado	27/03/2012		As observações contidas nas considerações finais.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP	Submetido para avaliação do CEP	04/05/2012		
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP	Aceitação do PP	04/05/2012		
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP	Parecer liberado	21/05/2012		De acordo com o parecer do relator.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP	Notificação enviada	30/05/2012		
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP	Aceitação do PP	01/06/2012		

Localização atual do Projeto: Pesquisador Responsável